FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



ANO 104 ★ Nº 34.787 | DOMINGO, 30 DE JUNHO DE 2024 | R$ 9,90

ilustrada ilustríssima

Jordan Peterson, ícone da direita, em SP espelha futuro político do Brasil C10

Instituto nos EUA pesquisa uso de psicodélicos contra a depressão C4

MÔNICA BERGAMO
Funk deixou as pessoas periféricas milionárias, diz Ice Blue, do Racionais C2



Elisandra Machado com a filha, na casa da família, em Porto Alegre; elas ficaram em abrigo e só voltaram para o imóvel na semana passada Carlos Macedo/Folhapress

Esporte B6
Com Olimpíadas cada vez mais quentes, calor será desafio em Paris

Governo Lula teme efeito Trump no bolsonarismo

O fortalecimento de Donald Trump após o debate presidencial nos EUA elevou o temor no Planalto acerca de um retorno do republicano à Casa Branca. Aliados de Lula (PT) avaliam que vitória de Trump poderia empoderar o bolsonarismo. Política A10

Macron pode ter premiê da oposição por três anos

Os franceses vão às urnas hoje para o primeiro turno das eleições legislativas. Após a dissolução do Parlamento, no começo do mês, pesquisas indicam coabitação entre governismo e ultradireita ou esquerda. Mundo A12

Pobres e negros são mais afetados por cheias no RS

Populações vulneráveis relatam mais perdas, aponta pesquisa Datafolha

Pesquisa Datafolha aponta que a população pobre, negra e com menor escolaridade sofreu mais perdas nas recentes enchentes históricas no Rio Grande do Sul. Nas cidades atingidas, 47% das famílias com renda de até dois salários mínimos relataram prejuízos econômicos.

Entre os que ganham de cinco a dez salários, 13% disseram ter perdido casa, eletrodomésticos, móveis, o emprego ou a empresa.

No recorte por cor, a parcela de afetados é maior entre os negros (52%) e entre os pardos (40%), ante 26% dos brancos, diz o Datafolha.

Os negros também foram os que mais tiveram de deixar suas casas por causa das enchentes (24%), contra 13% de pardos e 12% de brancos. No geral, 14% dos gaúchos ficaram fora de suas moradias.

A análise por escolaridade também demonstra a diferença do impacto das cheias.

Dos que estudaram até o ensino fundamental, 46% tiveram perdas nas chuvas. Os de nível superior, 26%.

O Datafolha também perguntou a expectativa de reconstrução dos gaúchos. A maioria (57%) estima em três anos o tempo para o estado se reerguer. Cotidiano B1

Cliente saca dinheiro em caixa eletrônico de banco no primeiro dia do real
Adauto Perin - 1.jun.94/Folhapress

Primeiro dia do real teve falta de troco e preços remarcados

Em 1º de julho de 1994, primeiro dia de vida do real, houve falta de troco. Clientes de bancos esperaram até a zero hora para sacar dinheiro nos caixas eletrônicos, mas muitos não tinham as novas cédulas. Em pedágios, faltaram moedas.

Comércios remarcaram preços, e gerentes de supermercados foram presos. A população aderiu e aprovou o plano, como mostrava Datafolha da época, mas também se confundiu com a conversão de cruzeiros para a URV. Mercado p.5 a p.8

Ex-executivos da Americanas conseguem se livrar de prisão

Suspeito de fraude, o ex-CEO da Americanas Miguel Gutierrez foi solto ontem após ter sido preso em Madri um dia antes. Ele, que tem cidadania espanhola, entregou o passaporte e terá que se apresentar às autoridades a cada 15 dias.

Já a ex-diretora Anna Saicali teve a prisão revogada e deve entregar o documento ao voltar ao Brasil, vinda de Portugal. Mercado p.1

Americanas instou bancos a mudarem dados de auditoria P.1

Base de Evo mostra seu papel para futuro da Bolívia

Mundo A14

EDITORIAL A2

Real, 30 anos, instituiu o respeito à moeda

Acerca de aniversário do plano que domou a inflação e impulsionou reformas ainda incompletas.

ATMOSFERA
São Paulo hoje



	Hoje	Amanhã
Rio	16° 21°	15° 20°
Brasília	13° 28°	15° 28°



Rubens Cavallari/Folhapress

FEIRA DO LIVRO COMEÇA EM SÃO PAULO COM MESAS SOBRE LUTO E SAMBA

Evento literário na praça Charles Miller, no Pacaembu, comoveu o público em sua abertura, neste sábado (29), com debates com o psicanalista Christian Dunker e o sambista Martinho da Vila, que cantou em homenagem a Machado de Assis Cotidiano B4

Samuel Pessôa

Voltamos a 2014 em déficit fiscal do governo Mercado p.3

Maioria no MPF infla salários com acúmulo de função

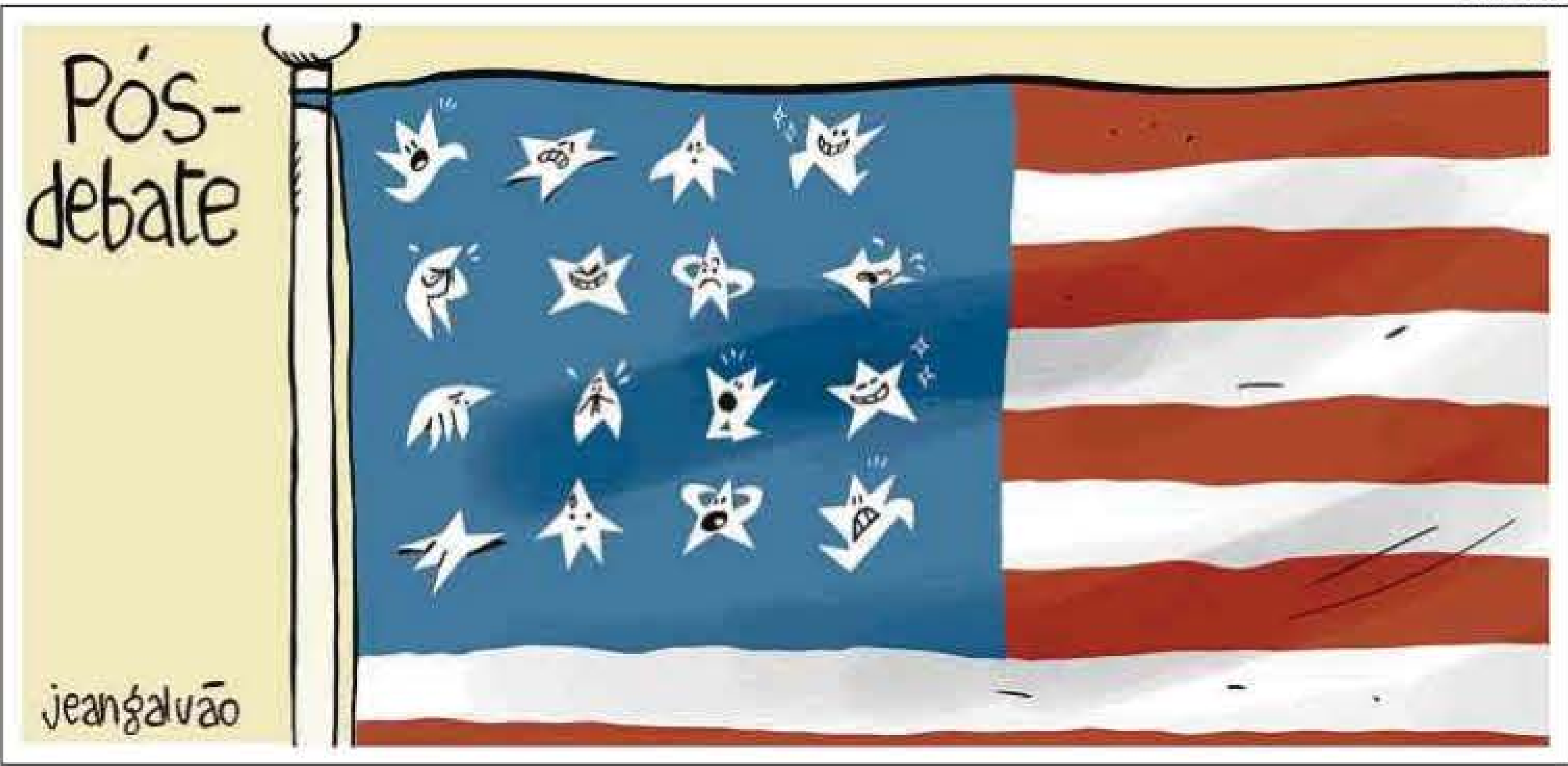
Dois terços dos procuradores do Ministério Público Federal engordam salários via acúmulo de funções. Valor médio pago a mais foi de R$ 11,6 mil em 2024. Há escassez de pessoal, diz associação. A PGR não se pronunciou. Política A4

ISSN 1414-5723
34787

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pérsio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, João Cestari *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Jean Galvão



EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Real, 30 anos, instituiu o respeito à moeda

Plano foi sustentado por avanços institucionais e reformas econômicas, ainda incompletas; repúdio à inflação se consolidou na sociedade brasileira

O passar do tempo acentua a importância histórica da reforma monetária que, há 30 anos, debelou a inflação galopante e abriu espaço para a modernização econômica ainda incompleta do país.

O bem-sucedido Plano Real demonstrou as possibilidades de avanço, mesmo em condições adversas, quando se combinam clareza de propósitos, competência técnica e liderança política.

O ambiente naquele momento, de fato, não parecia propício. A Presidência do instável Itamar Franco, resultante de um impeachment, e uma sucessão de três ministros da Fazenda em poucos meses não autorizavam otimismo.

Os rumos começaram a mudar com a ascensão ao comando da economia de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), que montou uma equipe coesa, com diagnóstico claro e capaz de aproveitar os aprendizados dos fracassos de planos anteriores. Com transparência, conquistou a confiança da sociedade e obteve maioria política.

O objetivo imediato do programa era o controle da inflação com a engenhosa Unidade Real de Valor (URV), que indexou preços e contratos em base diária e depois foi transmutada na nova moeda.

Naquele 1994, o país também concluiu a renegociação da dívida externa —que havia se tornado impagável na chamada década perdida de 1980, quando o modelo estatista de crescimento do Produto Interno Bruto entrou em colapso.

A troca da moeda se deu em consonância com um esforço de equilíbrio das contas públicas, que depois se mostrou insuficiente conforme foram sendo reveladas as mazelas do Orçamento antes obscurecidas pela inflação.

O mesmo ocorreu com o sistema financeiro, o que demandou grande esforço de ajuste e mesmo liquidação de bancos estaduais e, mais adiante, de instituições privadas.

A queda instantânea da inflação teve enorme impacto social ao proteger, depois de décadas, o poder de compra da população mais pobre —o que levou FHC ao Planalto.

Reformas importantes se sucederam, como o combate à indexação, a quebra de monopólios estatais e privatizações essenciais, casos de telefonia e setor bancário.

Novas dificuldades não tardaram a aparecer, porém. A piora do ambiente externo a partir de 1995 e a tentativa inglória de manter a todo custo o real sobrevalorizado ante o dólar, em meio a juros altos e déficit do Tesouro, levaram a um esgotamento da estratégia inicial de sustentação da moeda.

A partir de 1999, a política econômica ganhou contornos mais sólidos e duradouros, o que foi decisivo para que o país ingressasse no período de maior estabilidade monetária desde sua industrialização a partir do século 20.

A taxa de câmbio passou a flutuar com os movimentos de mercado, pondo fim à tradição de intervencionismo governamental que resultou em sucessivas crises de falta de divisas. Graças à bonança internacional dos anos 2000, acumularam-se fartas reservas em dólar.

Instituiu-se o regime de metas de inflação, que propiciou transparência e prestação de contas na política de juros. No Banco Central, criou-se o Comitê de Política Monetária; mais tarde, seus dirigentes viriam a ganhar autonomia formal.

Elevou-se a carga tributária até excessivos 33% do PIB e aprovou-se a Lei de Responsabilidade Fiscal, o que permitiu um período de relativo equilíbrio orçamentário até o início dos anos 2010. Remanescem, todavia, as distorções de um Estado perdulário e tomado por interesses de setores influentes.

Apesar dos avanços institucionais dos últimos 30 anos, é preciso apontar que a ambição maior pós-estabilização monetária —o crescimento econômico sustentado e a superação da pobreza— ainda não foi concretizada.

O fechamento ao mundo impede a modernização produtiva, e a fragilidade das contas públicas não permite afastar o risco de instabilidade. Redesenhar o Orçamento em prol dos mais carentes, contendo o excesso de gastos obrigatórios, é tarefa inconclusa.

Indiscutível é que o real instituiu o respeito à moeda na sociedade brasileira. Foram esvaziadas as velhas teses populistas favoráveis à tolerância com a inflação em nome de mais atividade econômica no curto prazo. Mesmo com idas e vindas, as reformas econômicas contam com um incentivo poderoso.



Como a Bíblia surgiu?

Hélio Schwartsman

Para os fundamentalistas, a Bíblia é a palavra de Deus e ponto final. Tal posição tem problemas. O que fazer das inúmeras contradições das Escrituras? Não sei se Jacob Wright é ateu, agnóstico ou crente, mas, como professor de estudos bíblicos, ele se inscreve numa tradição que teve início com religiosos que se interessaram em compreender como esse corpo literário surgiu e se organizou num cânon. Para fazê-lo, costumam utilizar, além da exegese do texto, elementos de história, arqueologia, filologia e religião comparada. É, se quisermos, o mais perto que a religião chega da ciência.

Em "Why the Bible Began", Wright oferece uma interpretação original para o surgimento da Bíblia Hebraica, por aqui chamada de Antigo Testamento. Como uma pequena comunidade que vivia numa região periférica do Oriente Médio da Antiguidade elaborou uma literatura que influencia o mundo até hoje? Para Wright, a resposta é: derrota, derrota acachapante. Num intervalo de cerca de 150 anos, os judeus viram os dois reinos que criaram, Israel, ao norte, e Judá, ao sul, serem arrasados. Não poderiam, como era costume na época, encetar uma canção da vitória.

A solução encontrada pelos escribas para tentar manter a comunidade como uma unidade política foi celebrar a derrota. Foram aos poucos juntando e reescrevendo um amplo corpo de histórias e lhes dando novos sentidos, que colocavam a ideia de um povo unido por um passado e um futuro comuns acima da de Estado, isto é, de reinos que não mais existiam.

No limite, os conquistadores não haviam vencido porque eram militarmente superiores, mas porque o Deus dos judeus quis que isso acontecesse, para punir violações pretéritas de seus eleitos.

O texto de Wight é deliciosamente erudito e muito elucidativo. Explica até como Eclesiastes e Jó, livros da Bíblia que caminham muito perto do niilismo e questionam abertamente Deus, foram incluídos no cânon.

helio@uol.com.br

Lula escolhe seu jogo

Bruno Boghossian

O falatório de Lula sobre economia nas últimas semanas revela mais que a tática para enfrentar as pressões por um corte nos gastos do governo. A maneira como o presidente enquadra esse conflito define seu jogo para o restante do mandato e aponta para um ajuste na base de eleitores com que ele pretende chegar a 2026.

Na campanha passada, o petista concorreu com um programa que reproduzia sua plataforma de redistribuição de renda. A disputa, no entanto, carregou outros fatores que ganharam relevo em grupos estratégicos, notadamente a repulsa à gestão Bolsonaro, o assalto ideológico daqueles anos e o risco à democracia.

Lula não abandonou esses últimos elementos, mas se mostra convencido a depositar uma quantidade crescente de fichas na clivagem socioeconômica. Em reação ao Banco Central e às oscilações do mercado, o presidente escolheu uma contraposição clara entre elite e povo.

São indícios prematuros de um caminho político que Lula já trilhou em mandatos anteriores. Agora, a rota está no discurso que acusa a Faria Lima de ganância excessiva e também norteia a delimitação do que poderia ser um ajuste nas contas do governo. A restrição vem na forma de um foco nos subsídios dados às empresas, na bronca aos que "não pensam" no povo e no veto a mudanças em benefícios sociais.

Há um punhado de explicações para o investimento nessa divisão. A principal talvez seja o risco de uma apatia do eleitorado com ganhos econômicos recentes. O presidente opta por um discurso de agitação para convencer uma fatia larga do país sobre o peso das ações do governo.

Lula também faz uma aposta para 2026. Ele busca ampliar a participação da baixa renda em sua coalizão de eleitores para uma disputa em que a ameaça de Bolsonaro talvez não tenha a ressonância que, em 2022, garantiu uma votação mais diversa. Para completar, o petista tenta soldar o vínculo com esse grupo a partir de uma liga econômica e reduzir o apelo conservador que facilitou o avanço da direita no território.

Mil vezes Bing Crosby

Ruy Castro

Um tesouro me chega às mãos, vindo das águas do Rio Grande: a coleção de 51 CDs, "The Chronological Bing Crosby", contendo todas as gravações de Bing Crosby, dia a dia, de 1926 até 1950 —ano em que os discos singles em 78 rpm deram lugar nos EUA aos de 33 e 45 rpm, o que dividiu a história da indústria fonográfica. Nenhum outro cantor gravou mais do que ele. Nenhum lançou tantas canções que se tornaram standards. E nenhum vendeu mais discos —até hoje.

A caixa foi presente de um médico gaúcho, dr. Renato Failace, que ainda não conheço pessoalmente, mas que, de alguma forma, viu em mim seu irmão em Bing. O próprio dr. Renato é detentor de uma rara marca: tendo descoberto o cantor aos 12 anos, em 1944, e estando agora com 92, tem o privilégio de escutá-lo há 80 anos. Entre os milhares de dedicados crosbyanos no mundo, não deve haver muitos com esse histórico.

A coleção é uma façanha do produtor John McNicholas, que, com a ajuda de oito colegas americanos e britânicos, conseguiu reunir as mais de mil faixas que Bing gravou naquele período de 24 anos. Os discos de 78 rpm são objetos frágeis, sujeitos a rachar, quebrar, apagar a ponto de ficar inaudíveis ou serem jogados fora. É um dos objetos com menor expectativa de vida.

Pois aqui estão não só as faixas de Bing, mas os encartes com informações como data e local das gravações, número do take e até a formação dos conjuntos que o acompanham. O outro milagre é a qualidade da reconstituição sonora dos fonogramas, muitos gravados há quase 100 anos. Nunca se escutou tão bem o insuperável jovem Bing.

A façanha só é comparável entre nós à do paulista Omar Jubran, que há 20 anos reuniu em caixas de CDs as gravações originais das centenas de composições de Noel Rosa e de Ary Barroso. E teria feito ainda mais se, no Brasil, ao contrário dos EUA, o passado não fosse feito para ser jogado fora.

Homens sem mulheres

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

"Homens sem mulheres, uma piada cruel", esta frase de história passada num campo de prisioneiros aliados na Segunda Guerra pode ser interpretada como machista. Seria mera queixa de carência sexual. No texto, porém, soa como aguda reflexão sobre a condição masculina entregue a si mesma, sem a alteridade feminina.

A democracia liberal e a vulgarização da psicanálise habituaram a consciência moderna a apostar na diferença genital como marca exclusiva de uma ética da alteridade sexual. No entanto, "há situações em que a diferença não é a priori recusa de similaridade" (Achile Mbembe em "La Domination Universelle"). Quer dizer, é preciso buscar além da genitalidade pontos comuns entre os sexos.

Esses pontos são recusados pelo patriarcalismo, dominação libidinal do corpo do outro (a mulher, o escravo), reduzindo-o à relação genital. Sabe-se que os escravistas islâmicos davam nomes femininos (Jasmine e outros) a seus escravos para melhor domínio dos corpos submetidos. Não existe colonialismo nem escravismo sem submissão corporal aos colonizadores. Vale residualmente para as esposas do período colonial, as sinhás.

Donde outro sentido para "homens sem mulheres". Na gaiola patriarcal elas são culturalmente anuladas, pois o feminino é princípio simbólico maior do que a reprodução. A comparação materialista da mulher ao operário por produzir humanidade ainda é uma redução cruel. A percepção disso nas lutas feministas intensifica-se com o sentimento de que a maternidade persiste como situação neocolonial.

Isso não acontece sem violência. A manutenção do patriarcado está na raiz da feroz política de Estado antifeminista. No Afeganistão, o Talibã apagou a figura da mulher na cena pública. Nas ditaduras petrolíferas, uma fálica arquitetura erige-se à sombra de tenebrosa opressão feminina. No Irã, velhos enforcam jovens por cabelos à mostra. O machismo, paixão moral pelo duplo anatômico de si mesmo, evidencia temor mítico e ódio ao feminino. Mas também expõe a conexão profunda do patriarcado com o racismo, na medida em que a diferença sexual termina concebendo mulher como raça além da masculina.

Só que nada impede as mutações orgânicas do sexo e do gênero, cujo horizonte é a autonomia corporal. Essa é a meta política de uma frente inovadora de luta, em que mudar o mundo implica reumanizar-se, mudar a si mesmo. Isso já transparece na reação social à leniência para com estupradores. Na memória coletiva ainda ressoa a permissão abjeta de um governador: "Estupra, mas não mata!" Entre nós, um sórdido projeto de lei antiaborto, leia-se defesa do estupro, retornou à cloaca. Espera-se que seus autores tenham o mesmo destino.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Pela constitucionalização do Sistema Único de Segurança Pública

É preciso modernizar o modelo concebido em 1988

Ricardo Lewandowski
Ministro da Justiça e da Segurança Pública, foi presidente do STF, do Conselho Nacional de Justiça e do TSE

A segurança pública, de há muito, deixou de ser um problema local para tornar-se uma questão nacional, considerada a criminalidade organizada, cuja atuação transcende as fronteiras estaduais e até mesmo as do próprio país. Por isso, seu enfrentamento exige um planejamento estratégico capitaneado pelo governo central. Também os estabelecimentos prisionais, hoje majoritariamente controlados pelos estados e o Distrito Federal, demandam um tratamento semelhante.

Para tanto, é preciso modernizar o modelo concebido pelos constituintes de 1988, ou seja, há mais de 35 anos, para adequá-lo à conjuntura atual, mediante uma emenda à Constituição que outorgue à União a competência de coordenar o Sistema Único de Segurança Pública (Susp), instituído por simples lei ordinária (lei 13.675, de 11 de junho de 2018), permitindo que ela estabeleça diretrizes vinculantes para todas as entidades federadas.

Ao par disso, conviria atribuir à União o poder de editar normas gerais sobre segurança pública e sistema prisional, objetivando uniformizar a atividade dos entes subnacionais nesses setores, sem prejuízo da competência destes de regularem seus interesses específicos.

Por outro lado, constata-se que os estados e o Distrito Federal atuam na segurança pública por meio de duas corporações distintas: uma polícia ostensiva e outra judiciária. Às polícias militares incumbe a preservação da ordem pública, cabendo às polícias civis a apuração de infrações penais, a qual, no plano da União, é feita pela Polícia Federal (PF).

A União, porém, não conta com uma polícia ostensiva propriamente dita, embora a Polícia Rodoviária Federal (PRF) venha sendo requisitada, com uma frequência cada vez maior, a dar apoio aos agentes de segurança locais, não raro extrapolando da sua missão constitucional.

Ao contrário de outros países, o governo central não possui uma força policial capaz de coibir eficazmente a criminalidade, que, de modo crescente, se espalha por todo o território nacional, a exemplo do roubo de cargas, do contrabando, do descaminho, da pirataria e do tráfico de drogas, de armas e de pessoas.

A PRF poderia cumprir esse papel. Trata-se de uma polícia civil —e não militar— que respeita a hierarquia e disciplina e tem uma gestão de excelência. É integrada por quase 13 mil agentes, que contam com veículos, armamentos e equipamentos modernos e sofisticados, comportando uma ampliação de atribuições, de modo a dotar a União de uma força apta a evitar e reprimir crimes cometidos em áreas de seu interesse e a prestar auxílio aos entes federados, de forma emergencial e temporária.

Já a PF, sabidamente, enfrenta limitações no combate à criminalidade organizada e à destruição do meio ambiente, tendo em conta a disciplina constitucional vigente. Conviria, pois, cometer a ela, de forma expressa e inequívoca, a atribuição de investigar e reprimir as facções criminosas e de combater a degradação das áreas de preservação ambiental, sem prejuízo da ação dos órgãos de segurança locais.

Para conferir funcionalidade ao sistema, valeria criar um Fundo Nacional de Segurança Pública e Política Penitenciária, cujos recursos seriam direcionados a programas, projetos e ações em benefício dos três níveis político-administrativos da federação, vedando-se o seu contingenciamento.

Sem uma mudança constitucional adequada, continuaremos a enfrentar uma criminalidade cada vez mais organizada, sem prover o Estado brasileiro dos instrumentos legais e materiais necessários para combatê-la.



Fido Nesti

O Real não foi só um plano econômico

A inflação foi derrotada, mas não se garantiu a retomada do crescimento

Aloizio Mercadante
Economista e presidente do BNDES, foi ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República e ministro da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação

O Plano Real teve sucesso em acabar com a alta inflação, diminuindo o grau de indexação da economia brasileira. A Unidade Real de Valor (URV) permitiu a saída de forma criativa e organizada da alta inflação inercial, sem congelamento de preços. Outro elemento crucial foi a renegociação e a securitização da dívida externa pelo Plano Brady.

Na preparação do Real, o governo renegociou a dívida externa velha, abriu a conta de capitais e elevou brutalmente o juro real, para evitar fuga de capitais domésticos e atrair capital de curto prazo, o que viabilizou a transição da URV para o Real.

A valorização inicial do câmbio foi essencial para a rápida redução da inflação, mas trouxe um alto custo: o início da era de elevados juros reais. De 1994 a 1999, a taxa básica média de juro real foi de 22% ao ano.

Para atrair recursos externos e promover o ajuste fiscal, o governo liquidou ativos estatais por preços reduzidos, sem o planejamento de uma política industrial e sem avaliação estratégica dos desdobramentos.

Depois de 30 anos, a história mostra que o Plano Real teve êxito ao reduzir a inflação, mas não em garantir a estabilidade macroeconômica e a retomada do crescimento. Para reeleger FHC, a âncora cambial foi prorrogada, com a apreciação do câmbio e a deterioração das contas externas, empurrando o país para grave crise cambial, econômica e social.

Do lado financeiro, o déficit em transações correntes aumentou de 2,5% do PIB, em 1995, para 4,5% do PIB, em 1999. Do lado social, o arrocho monetário e fiscal produziu alta no desemprego, de 4,6%, em 1995, para 7,6%, entre 1995 e 1999.

O governo FHC expôs o país a um ataque especulativo decorrente do desequilíbrio das contas externas, recorreu ao FMI e se submeteu ao chamado "Consenso de Washington". Mesmo assim, não evitou nova crise cambial e novo pedido de ajuda ao FMI (2002), selando o destino dos governos do PSDB, que não venceram mais eleições presidenciais e amargaram uma crise partidária, agravada pelo apoio ao golpe de 2016 e pela adesão de lideranças ao bolsonarismo.

A estabilização do Plano Real só se completou no governo Lula, quando o país quitou a dívida com o FMI e começou a acumular reservas internacionais, que até hoje nos dão autonomia de política econômica. Do lado fiscal, a estabilização está incompleta. Esgotaram-se as estratégias de queima de patrimônio público e de metas de resultado primário ambiciosas, que geraram uma política fiscal pró-cíclica que aprofundou as flutuações da economia.

Ao analisar o Plano Real, o PT reconheceu o mérito da desindexação da economia, mas denunciou a manutenção da âncora cambial, com a apreciação do câmbio e a deterioração das contas externas, e o elevado custo econômico e social, que precarizou a vida da população.

É preciso reconhecer a competência e a inovação da equipe técnica que criou o Plano Real, em particular Pérsio Arida e Lara Resende. Eles têm imensa responsabilidade pelas vitórias do PSDB, mas pressões eleitorais no ninho tucano impediram a saída organizada da âncora cambial e empurraram o país para grave crise cambial, desindustrialização, endividamento público elevado e recessão econômica prolongada.

A despeito das nossas divergências, o país sente saudade do tempo em que a polarização se dava entre o PT e o PSDB. Naquele período, havia disputa acirrada, mas qualificada, sem renunciarmos ao compromisso com o Estado democrático de Direito e com a cidadania.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Desempenho monetário

"Dólar dispara e fecha em R$ 5,59 com ruídos na política fiscal e disputa no mercado" (Mercado, 28/6). Partindo do princípio de que o Banco Central é uma instituição autônoma, das duas uma: ou o valor do dólar não assusta e é interessante para a economia e as exportações ou o Campos Neto age de forma político-partidária.
Fernando Palhares (Belo Horizonte, MG)

*

Lula não mudou o discurso que o elegeu. O mercado está bancando um ataque especulativo em tempos em que a economia americana é que dita os rumos. Isso acontece de tempos em tempos.
Luiz Marcelo Zerbini Pereira (Catalão, GO)

Eleições nos EUA

"Trump encurrala Biden em debate tenso na Geórgia" (Mundo, 27/6). São 330 milhões de habitantes e, entre eles, a maior democracia do mundo só consegue essas duas opções para representá-los.
Omar Assaf (São Paulo, SP)

Presidente vizinho

"Milei rejeita pedido de desculpas a Lula e diz que petista tem ego inflado de esquerdinha" (Mundo, 28/6). Milei não falou nenhuma mentira, e tampouco Lula pediu desculpas aos israelenses pelas barbaridades que disse.
Adriana Ramalho Flores (Campinas, SP)

*

Embora o comércio seja importante para ambos, o lado precário é o argentino. Lula deve dar uma gelada e deixar o falastrão aprender o que é diplomacia.
Olavo Antonio (São Paulo, SP)

População de rua

"Projeto de lei de SP que prevê multa para doações de comida é suspenso" (Cotidiano, 28/6). O bom é que esse tipo de personagem nem disfarça a natureza abjeta de suas intenções. Felizmente os eleitores são soberanos. Vamos esperar.
Dirce Maria de Jesus Barbosa (São Paulo, SP)

*

Aonde chegamos? Agora, ajudar o próximo se tornou um crime? Fica proibido estender a mão aos que passam fome!
Luciana Saddi Mennucci (São Paulo, SP)

Orgulho LGBTQIA+

"Casamentos homoafetivos e retificações de nome e gênero disparam no Brasil" (Cotidiano, 28/6). Quem é bem resolvido consigo mesmo não se incomoda com a felicidade alheia.
Felipe Carvalho de Oliveira (Niterói, RJ)

Debate polêmico

"Comissão da PEC das Drogas terá maioria de centro-direita, e revanche ao STF deve ser aprovada" (Cotidiano, 28/6). Os congressistas fingiram que não entenderam a contradição que o STF apontou: a Constituição proíbe que uma pessoa seja punida por algo que faça a si mesma. É cláusula pétrea.
Maria Angela Pecego Caetano (Rio de Janeiro, RJ)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

ESPORTE (29.JUN, PÁG. B7) Por erro da edição, a coluna "Por que alguns são melhores nos clubes que na seleção?", de Marina Izidro, foi publicada como sendo de Tostão.

ASSUNTO QUAL É SUA OPINIÃO SOBRE A DESCRIMINALIZAÇÃO DA POSSE DE MACONHA?

Sou a favor da legalização da maconha e da descriminalização do porte de todas as drogas, sendo estipulada uma quantidade de acordo com cada uma. Não há sentido em criminalizar o usuário de drogas que sofre, em alguns casos, de dependência química. A criminalização serve apenas como pauta política para oportunistas que atuam por interesses de poucos.
Rafael Louzada Saito (São Paulo,SP)

*

A descriminalização é um motivo a menos para jovens pobres, pretos e periféricos serem perseguidos pela polícia, pois é isso o que acontece. São presos por quantidades ínfimas de maconha e, uma vez no sistema prisional, ficam com suas fichas sujas e podem ser recrutados por facções do crime organizado, alimentando um ciclo sem fim. É o desperdício de muitas vidas.
Alessandra Cabral (São Paulo, SP)

*

Não podemos criminalizar uma planta. É inquestionável o efeito terapêutico e medicinal que ela tem. Além disso, a descriminalização pode diminuir o mercado ilegal.
Priscilla Gadelha (Recife, PE)

*

Trata-se do uso pessoal de uma erva que muitos usam. Junto com a descriminalização é necessário promover campanhas informativas e investir em pesquisas.
Josiane Cristina Martins (Belo Horizonte, MG)

*

A proibição de drogas não leva à diminuição do consumo. Basta ver as pesquisas sobre a quantidade de usuários em países como Holanda ou Uruguai e comparar com o Brasil. A proibição leva ao consumo de substâncias de péssima qualidade, de forma desassistida, sem monitoramento, além de aumentar as redes de tráfico. Precisamos falar com a juventude sobre os efeitos e os cuidados necessários quando se usa drogas, sem risco de censura.
Cristina Dunáeva (Brasília, DF)

*

A descriminalização se trata de uma medida elitista e burra. Claro que o rico que fuma maconha quer usar sem ter problemas. Mas pergunte para a família pobre, que mora perto de pontos de vendas, e para as crianças contratadas para vender.
Ronan Wielewski Botelho (Londrina, PR)

*

Para oferecer às pessoas a liberdade de escolha. Desde que não prejudiquem o próximo, o Estado não deve intervir. Para que as prisões recebam criminosos reais.
Jose Luis Pires dos Santos (Nova Era, MG)

*

Sou contra qualquer tipo de substância alucinógena. Além de fazer mal, causam danos permanentes e podem influenciar a utilização de substâncias mais pesadas.
Patrick Araujo de Lacerda (São Paulo, SP)

*

A descriminalização só levará a sociedade ao caos e ao consumo desenfreado de outras substâncias.
Antonio Morais (São Paulo, SP)

*

Não concordo com a descriminalização. É uma questão de lógica: se o cultivo e a comercialização são proibidos, a posse em si já é um crime. Descriminalizar o porte leva a descriminalizar o resto.
Denise Accurso (Porto Alegre, RS)

*

Sou contra a descriminalização, pois só quem perdeu uma pessoa querida para esse lixo sabe a dor que é.
Gabriela Cristina Caetano (São Paulo, SP)

*

Simples, o traficante tem quilos em algum lugar escondido, mas entrega porções aos distribuidores, que saem livremente pela cidade para vender. Depois, basta repor. Ou seja, facilita para o traficante e facilita o acesso a novos usuários.
José Sovierzoski (Guaratuba, PR)

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Vidas secas

O Ministério Público da Bahia acendeu o alerta para uso eleitoral da distribuição de tratores, cisternas e caixas d'água da Codevasf. Os promotores estão acionando prefeitos para que não façam doações no período anterior ao pleito municipal. Também houve recomendação para não haver pronunciamentos, citações, elogios e agradecimentos a políticos associados aos bens adquiridos em parceria com a estatal, comandada pelo centrão nos governos Bolsonaro e Lula.

EM CIMA Levantamento da Promotoria aponta que neste ano foram firmados 291 termos de doação de equipamentos da Codevasf, para 137 municípios baianos. Promotores já receberam denúncias de possíveis irregularidades no uso das máquinas. "Estamos fazendo um mutirão para este acompanhamento", diz o promotor Millen Castro.

UMA FESTA DANADA A prefeitura de Santana de Ipanema (AL), governada por Christiane Bulhões (MDB), irmã do líder do MDB na Câmara, Isnaldo Bulhões (AL), vai gastar R$ 2,6 milhões com artistas para a Festa da Juventude, entre 12 e 14 de julho. Isso equivale a 40% de todo o orçamento de cultura do ano. Os destaques são Gusttavo Lima (R$ 1,1 milhão), Mari Fernandez e Léo Santana (R$ 450 mil cada). Procurada, a prefeitura não respondeu.

DIVÓRCIO Um panfleto produzido pelo PT de Guarulhos escancarou a disputa do partido na cidade com o ex-prefeito Elói Pietá, que rompeu com a legenda para concorrer na eleição. O folheto mostra o candidato petista, Alencar Santana, com Lula. Ao lado, retrata Pietá, hoje no Solidariedade, com sua vice, Fran Corrêa (União Brasil). "Você, de que lado está?", pergunta.

VERSÕES A Justiça Eleitoral atendeu a ação de Pietá e recolheu o material, com argumento de ser campanha antecipada. O PT recorreu e diz que apenas expôs "fatos" à população.

PREVENÇÃO O programa Mapeia Risco SP, da Defesa Civil do estado, vai destinar R$ 3,2 milhões em ações de mapeamento e prevenção de deslizamento de terra e inundações. Em 2024, serão 52 cidades contempladas. O mapeamento permitirá aos gestores conhecerem as ameaças para adotarem políticas e obras para mitigá-los.

TIMONEIRO De volta à linha de frente da política, o ex-ministro José Dirceu fará um giro pela China no mês que vem para contatos com autoridades do país. Entre 16 e 18 de julho, ele vai se encontrar com representantes do Partido Comunista, participar de um seminário sobre esquerda latino-americana e dar entrevista a veículos locais. Ao final, encontrará a ex-presidente Dilma Rousseff, que preside o Banco dos Brics, com sede em Xangai.

MURALHA Dirceu irá a convite dos chineses e não vai oficialmente representando o PT, mas sua viagem consolida os laços do partido com os comunistas do país asiático. A relação entre as duas legendas acaba de completar 40 anos.

CONVERSA MOLE Responsável pelo plano de segurança de Guilherme Boulos (PSOL), Benedito Mariano critica a "linha-dura" defendida pelo prefeito Ricardo Nunes (MDB) e seu vice, Mello Araújo (PL). "Linha-dura é narrativa demagógica, populista e eleitoreira, que não muda em nada a segurança pública e carrega um preconceito histórico contra a população pobre das periferias", afirma.

ELAS Cerca de 170 parlamentares mulheres de 30 países participarão em Maceió (AL) de um encontro na segunda (1º) e terça (2). A iniciativa é do P20, o grupo dos legislativos do G20, cuja presidência atual é do Brasil. A abertura será do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL).

VAIVÉM Após reclamação da gestão Ricardo Nunes (MDB), o governo federal fez uma nova placa em que menciona o prefeito de São Paulo na obra do Instituto Federal de Cidade Tiradentes, que foi inaugurado neste sábado (29) pelo presidente Lula. O terreno da obra, de 30 mil metros quadrados, foi cedido pela administração municipal.

Três Poderes

VENCEDOR DA SEMANA
O ministro do STF **Gilmar Mendes**, que, apesar das críticas, conseguiu arrastar grande parte dos mundos político e jurídico para seu evento em Lisboa.

PERDEDOR DA SEMANA
O ministro das Comunicações, **Juscelino Filho**, que recebeu aviso prévio após acusação de desvio de emendas.

FIQUE DE OLHO
Câmara retorna do mini-recesso das festas juninas e do **Gilmarpalooza** e pode avançar na discussão da **reforma tributária.**

Com Guilherme Seto, João Pedro Pitombo e Victoria Azevedo

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
PLANO MENSAL	R$ 29,90	R$ 44,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF, SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO FOLHA (verificado por PwC)
834.898 - Fechamento 2º Semestre de 2023
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa. Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/



Fachada da sede da Procuradoria-Geral da República, em Brasília Gabriela Biló - 22.ago.23/Folhapress

Maioria dos procuradores do MPF engorda salários por acumular funções

Valor médio pago a mais com essa remuneração foi de R$ 11,6 mil em 2024; associação cita escassez de pessoal como justificativa

Lucas Marchesini e Matheus Teixeira

BRASÍLIA O Ministério Público Federal pagou em 2024 benefício financeiro por acúmulo de função a 64% dos procuradores. Em média, foram depositados neste ano R$ 11,6 mil na conta de 753 dos 1.167 integrantes da carreira —em uma ou mais parcelas.

A engorda no contracheque varia a depender do caso. O primeiro lugar na lista recebeu R$ 30,9 mil nos cinco primeiros meses de 2024.

O benefício sempre existiu e foi regulamentado em 2020, na gestão de Augusto Aras, que chefiou a PGR (Procuradoria-Geral da República) na gestão de Jair Bolsonaro (PL) e no início da de Lula (PT).

Na ocasião, Aras assinou uma portaria normatizando a remuneração extra de até um terço do salário para profissionais que acumulam funções dentro do órgão, chamado Gecos (Gratificação por Exercício Cumulativo de Ofício).

A medida foi editada sob o argumento de que juízes têm direito a esse benefício e que a paridade entre as carreiras justifica a criação do mesmo penduricalho para os integrantes do Ministério Público Federal.

A remuneração média paga aos procuradores neste ano foi de R$ 47 mil, montante superior ao teto constitucional do funcionalismo público, que é de R$ 41,6 mil.

O valor abrange, além do salário, outros itens, como o acúmulo de função, auxílio-alimentação, auxílio-creche, indenização de férias, entre outros.

Os profissionais costumam acumular função, por exemplo, na atuação perante mais de um setor do Judiciário ou em mais de um órgão interno do MPF, como em forças-tarefas intituladas de Gaeco (Grupos de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado).

O presidente da ANPR (Associação Nacional dos Procuradores da República), Ubiratan Cazetta, diz que a quantidade de pessoas recebendo o benefício se deve à falta de pessoal no MPF.

"Há um crescimento no número de processos e uma não reposição de membros", afirma. "A razão mais evidente é o teto de gastos. O aposentado continua contando no teto de gastos, ele só vai deixar de ser computado quando morrer sem deixar pensionista. Temos mais de 600 cargos criados em lei e não providos", disse.

A PGR não respondeu ao questionamento da reportagem.

A previsão na Constituição de paridade entre magistrados e integrantes do MPF é um dos fatos que induzem, na prática, uma elevação constante de salários nas duas categorias. Isso porque todo benefício criado por uma carreira pode ser automaticamente pleiteado pela outra.

Foi esta a justificativa de Augusto Aras para regulamentar a verba adicional por acúmulo de função. Também foi este o argumento do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) para editar uma regra em outubro do ano passado que abriu caminho para a criação de diversos penduricalhos a magistrados.

A resolução aprovada pelo conselho garantiu a equiparação de direitos e deveres de juízes e do Ministério Público e determinou que somente em situações controvertidas o Judiciário deverá definir o que é válido e o que não é.

Pouco depois desta norma, o CJF (Conselho da Justiça Federal) equiparou um benefício da PGR para viabilizar aos juízes federais um aumento de até um terço do salário.

Segundo essa medida, juízes que acumulem funções administrativas ou outras atividades "processuais extraordinárias" terão direito a uma "licença compensatória na proporção de três dias de trabalho para um de licença, limitando-se a dez dias por mês".

Os juízes que não desejam tirar essas folgas recebem por elas. O tribunal deve pagar esses valores por meio de indenização, sem incidência do Imposto de Renda.

Na prática, apontam pessoas que analisam a resolução, parte dos juízes federais poderá receber um valor de cerca de 30% do seu salário bruto mensal com esse penduricalho.

Têm direito a esse benefício magistrados que, por exemplo, coordenem conciliação, dirijam escola de magistratura ou fórum federal, sejam da cúpula dos Tribunais Regionais Federais ou que auxiliem a cúpula, sejam conselheiros do CNJ ou dirigentes de associação, entre outros.

> **"Há um crescimento no número de processos e uma não reposição de membros. A razão mais evidente é o teto de gastos. O aposentado continua contando no teto de gastos, ele só vai deixar de ser computado quando morrer sem deixar pensionista. Temos mais de 600 cargos criados em lei e não providos**
>
> **Ubiratan Cazetta**
> Presidente da ANPR (Associação Nacional dos Procuradores da República)

Na PGR, outra manobra para engordar o salário consiste na conversão em dinheiro da licença-prêmio. O penduricalho custou aos cofres públicos ao menos R$ 439 milhões de 2019 a 2022.

Os números indicam que o benefício —90 dias de folga remunerada a cada cinco anos de trabalho— foi transformado em pagamento em dinheiro para 85% dos procuradores que compõem o MPU: Ministério Público Federal, Ministério Público do Trabalho, Ministério Público Militar e Ministério Público do Distrito Federal e Territórios.

O valor, que por ser de caráter indenizatório não se submete às regras do teto salarial do funcionalismo, dá uma média de R$ 184 mil para cada um dos mais de 2.000 procuradores que recorreram ao benefício em dinheiro e representa 9% da soma de todas as remunerações líquidas pagas no período.

Benefícios e condutas de autoridades do Judiciário têm despertado críticas e debate sobre privilégios a essas carreiras no meio político nos últimos meses.

O Congresso tentou aprovar a chamada PEC do Quinquênio, que previa um aumento de 5% do salário a cada cinco anos para juízes e membros do Ministério Público, em iniciativa que foi chamada de "retrocesso" pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT).

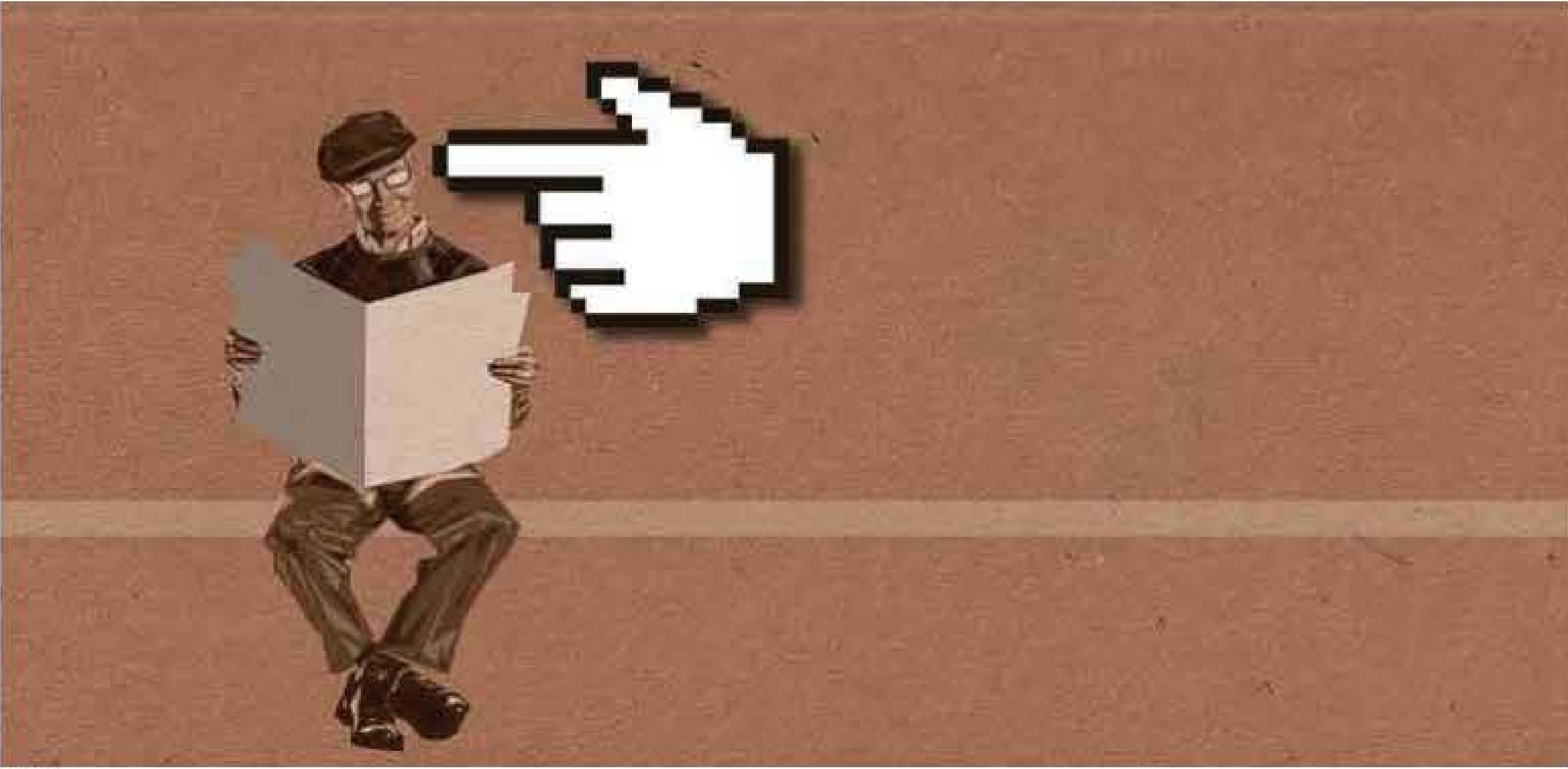
Gastos da cúpula das instituições também têm sido questionados. A PGR omitiu de seu Portal da Transparência informações de diárias e passagens do chefe do órgão, Paulo Gonet, e de subprocuradores gerais.

No início do mês, o Supremo pagou R$ 39 mil a um segurança do ministro Dias Toffoli em diárias por viagem ao Reino Unido que incluiu ida do magistrado à final da Champions League.

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895



Carvall

Quem quer sair, quem quer ficar

Problemas com assinatura motivam 20% das mensagens dos leitores

Alexandra Moraes

*"A **Folha** tem falhado na entrega do jornal com muita frequência. Falo com o atendimento ao leitor e a resposta é que acrescentarão um dia a mais no vencimento da assinatura para entregar o jornal. Isso não resolve. Quero receber o jornal e ler HOJE (que não entregaram de novo)."*

O desabafo é de Mouzar Benedito, um leitor da **Folha** de 77 anos que mora na capital paulista. Assim como ele, outros leitores recorrem à ombudsman para relatar problemas com a entrega do jornal.

O fenômeno não é novo nem recente. Há 25 anos, as reclamações relativas a assinaturas eram 25% das mensagens. Em 2000, 17%. Em 2001, elas haviam caído para 8%, segundo dados do então ombudsman, Bernardo Ajzenberg. Na época, circulavam diariamente em torno de 400 mil exemplares físicos do jornal. Hoje, a conta digital é maior, mas o papel é cerca de um décimo disso.

No primeiro semestre de 2024, um quinto das mensagens foi dominado pelas assinaturas. Os índices vêm em linha com o que se verificou em todo o 2023 (22,8%), mas aumentam ante 2022 (12,5%).

O ombudsman tradicionalmente se encarrega de aspectos editoriais e se dirige, internamente, à Redação. Mas a relação dos leitores com o conteúdo passa também por questões de formato e consumo.

As mensagens costumam ser respondidas prontamente pelo Serviço de Atendimento do Assinante com soluções caso a caso, mas é fato que as reclamações continuam a chegar —e, ainda mais para um produto como um jornal, cada dia perdido conta.

Compensações como vantagens digitais ou extensão da assinatura proporcional às falhas são encaradas com desânimo pelo leitor do papel. Bem menos numerosos do que os assinantes da versão apenas digital, hoje na casa dos 700 mil, os assinantes do papel pagam mais para ter o conteúdo da **Folha** entregue em casa.

"Nem adianta dizer que hoje existe a versão online, que não desperta interesse algum para uma pessoa nonagenária em ler numa tela, por maior que seja", resume outro leitor.

Há questões industriais envolvidas na entrega do produto. Eventuais atrasos na impressão podem ocasionar prejuízo nos horários de entrega. E pode haver falhas na distribuição, que começa na madrugada e depende de entregadores e carros. Qualquer problema no trânsito ou no veículo tem o poder de afetar o horário.

"A **Folha** está sempre em busca de garantir a melhor qualidade em seu processo de distribuição, com índices de falha compatíveis com o mercado", afirma o diretor-executivo de mercado leitor e estratégias digitais do jornal, Anderson Demian. "Pontualmente, alterações de roteiros podem ocorrer em determinada região, mas os ajustes são rapidamente realizados quando necessário", declara.

Em outra ponta, há leitores que procuram intervenção da ombudsman para cancelar a assinatura do jornal, e aí também os usos e costumes digitais causaram transformações.

"Assinar a **Folha** é fácil, fácil. Cancelar é dificílimo. Como moro em Belo Horizonte, tenho de usar o 0800, mas só tenho celular. Não completa a chamada. (...) O telefone fixo, para a Grande SP, claro, também não completa a ligação", diz uma leitora.

Outro dos que engrossam o coro: "Já faz um tempo que estou tentando um canal para interromper a assinatura gratuita de quatro meses (a oferta que me fizeram e aceitei). Ela está para vencer e não consigo falar com vocês por nenhum outro canal. Nem existe a opção cancelar a assinatura em nenhum botão (como Netflix, Apple e até o Globoplay)".

A **Folha** de fato não tem um botão "cancelar", o que tornaria esse desembarque mais simples. E não só a **Folha**: é comum no mercado de notícias no Brasil e no exterior que o pedido de cancelamento precise ser feito por telefone ou chat ao vivo, em horários limitados.

Entrar precisa ser fácil, e isso se tornou um mantra do marketing digital. Mas sair, ou desistir, são outros quinhentos. Nas lojas virtuais, o carrinho de compras que o consumidor largou cheio, mas não pago, pode assombrá-lo por meses. Nos serviços por assinatura, o fantasma é o botão "cancelar": às vezes escondido, às vezes inexistente.

Nos EUA, 41% das empresas de mídia americanas diziam "facilitar" o cancelamento da assinatura, segundo enquete feita pelo American Press Institute com 526 organizações em 2021. Para a maioria, portanto, nada de facilitar essa saída.

A atual competição pela atenção do leitor não se dá só com outros jornais, e sim com todo um ecossistema que mistura, além da informação, entretenimento e compras. Nele, a experiência do consumidor está longe de ser um detalhe.

"A **Folha** aplica as melhores práticas nesse processo e tem nas plataformas abertas de reclamação nota de reputação superior ao mercado. Está sempre em busca de melhorias no relacionamento com o assinante, avaliando ferramentas e ajustando processos", afirma Demian.



O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, inaugura a Casa da Mulher Cachoeirinha Paulo Guereta - 21.jun.24/Divulgação Prefeitura de São Paulo

Nunes faz maratona de inaugurações e aposta no controle da máquina

Prefeito tem até esta sexta-feira para participar do lançamento de obras públicas, segundo a lei eleitoral

Ana Luiza Albuquerque

SÃO PAULO O prefeito Ricardo Nunes (MDB) está mergulhado em uma maratona de entregas para aproveitar o que sua pré-campanha entende como sua maior vantagem em relação aos adversários na corrida pela Prefeitura de São Paulo: o controle sobre a máquina pública.

Segundo a legislação eleitoral, o emedebista tem até a próxima sexta-feira (5), três meses antes do pleito de outubro, para participar de inaugurações de obras. O desrespeito à proibição leva à cassação do registro ou do diploma eleitoral.

Nas últimas duas semanas, Nunes participou, em média, de duas inaugurações diárias, entre entregas de equipamentos da saúde, habitação e unidades do Descomplica SP, programa que prevê a descentralização do atendimento presencial da prefeitura. O ritmo está acelerado —nas semanas anteriores, o prefeito participava de uma inauguração por dia, em média.

O último mês foi de contratempos para a pré-campanha do prefeito, pega de surpresa pela entrada do influenciador Pablo Marçal (PRTB) na disputa eleitoral. Pontuando entre 7% e 9% em distintos cenários testados pelo último Datafolha, ao fim de maio, o empresário ameaçou roubar o apoio do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), com quem chegou a se reunir e posar para fotos.



> Estou inaugurando todo dia um monte de coisa, mas ninguém fala da inauguração, só fala do vice. Não estou preocupado com vice, estou preocupado em inaugurar esse monte de equipamento que a gente tem
>
> **Ricardo Nunes**
> prefeito de São Paulo, no último dia 21

Para manter Bolsonaro e o PL em sua coligação, Nunes teve que ceder a vice em sua chapa para o ex-comandante da Rota Ricardo Mello Araújo (PL), indicação direta do ex-presidente. Até então, o entorno do prefeito tinha a expectativa de definir o nome do vice apenas no período das convenções partidárias, ao fim de julho.

A campanha avaliava que o coronel da reserva da PM é um nome radical, que poderia afastar os eleitores moderados –o presidente Lula (PT) obteve 53% dos votos na capital no segundo turno de 2022.

Bolsonaro, porém, se manteve irredutível, e o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), preocupado em estancar a ascensão de Marçal entre a direita, passou a pressionar por uma definição rápida da vice. Nunes, então, teve que dar as mãos a Mello Araújo.

No último dia 21, em inauguração da UPA (Unidade de Pronto Atendimento) de Jardim Peri, na zona norte da cidade, o prefeito sinalizou descontentamento por ter ficado a reboque do tema, sem conseguir consolidar uma pauta mais positiva nas últimas semanas. Naquele dia, antes de Tarcísio confirmar publicamente o nome do ex-Rota para a vice do aliado, Nunes disse que o anúncio seria importante para virar a página.

"Toda hora está nesse tema. Estou inaugurando todo dia um monte de coisa, mas ninguém fala da inauguração, só fala do vice", disse o prefeito. "Não estou preocupado com vice, estou preocupado em inaugurar esse monte de equipamento que a gente tem."

Depois da tempestade, Nunes tem agora um prato cheio para aproveitar a visibilidade do cargo. A pré-campanha trata a aprovação da gestão municipal como seu principal cabo eleitoral, além de Tarcísio.

Segundo pesquisa Datafolha do fim de maio, a avaliação do prefeito é estável. Sua gestão é aprovada por 26% dos paulistanos e considerada regular por 45%. Naquele momento, Nunes aparecia com 23% das intenções de voto, empatado tecnicamente com seu principal adversário, o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL), que tinha 24%.

Aliados afirmam que a avaliação do emedebista entre o eleitorado caminha junto com a da prefeitura. Além disso, as inaugurações em bairros da periferia são tratadas como um ativo para abrir vantagem sobre Boulos. Por isso, o prefeito corre para participar do máximo de eventos até o dia 5.

Nas últimas semanas, Nunes intensificou as publicações nas redes sociais sobre as entregas. Essas postagens costumam acompanhar a hashtag "gestaobrunocovas", sinalizando a continuidade da administração encabeçada pelo ex-prefeito Bruno Covas. O emedebista, que era vice de Covas (PSDB), assumiu a prefeitura após a sua morte, em 2021.

"Para muitos, ter um lar seguro e confortável é um objetivo de vida, e agora, esse sonho está mais próximo de se tornar realidade graças ao Programa Pode Entrar, criado pela nossa gestão #gestaobrunocovas, o maior programa habitacional que a cidade já teve", escreveu o prefeito em uma das publicações, no sábado (22).

Até o dia 5 está previsto o início das obras de duplicação da ponte Jurubatuba, do corredor de ônibus Itapecerica e do túnel Sena Madureira, na zona sul, e do corredor Amador Bueno, na zona leste. Também devem ser entregues mais quatro unidades da Vila Reencontro, serviço de moradia transitória, duas do Armazém Solidário, programa que oferece alimentos com preços mais baixos, e três UPAs (Unidades de Pronto Atendimento). A UPA 21 de junho, na Freguesia do Ó (zona norte), deve ser inaugurada na terça-feira (2).


Pablo Marçal (PRTB), pré-candidato à Prefeitura de São Paulo Rafaela Araújo - 7.jun.24/Folhapress

Parte da União Brasil ainda resiste a Nunes e cogita Marçal

Ala do partido avalia que candidatura do prefeito corre risco de desidratar

Julia Chaib

BRASÍLIA Uma ala da União Brasil ainda resiste a apoiar o prefeito Ricardo Nunes (MDB) na disputa pela reeleição à Prefeitura de São Paulo e considera respaldar a candidatura do influenciador e empresário Pablo Marçal (PRTB).

O racha no partido ocorre mesmo após Nunes ter anunciado, na semana passada, o apoio da legenda ao nome do ex-chefe da Rota Ricardo Mello Araújo (PL) como vice na chapa do emedebista.

Além do incômodo com o nome do vice, que agregaria pouco à chapa na visão de um grupo do partido, outros fatores geram resistências na União Brasil à aliança com Nunes.

Segundo a **Folha** apurou, integrantes da cúpula nacional do partido gostariam que Nunes se comprometesse ou ao menos sinalizasse alinhamento com o projeto nacional da legenda para 2026. O governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), por exemplo, é pré-candidato à Presidência. O prefeito e o MDB, no entanto, não fizeram o gesto.

9%
das intenções de voto Pablo Marçal teve em um dos cenários da mais recente pesquisa Datafolha, na qual Ricardo Nunes teve 26%

11
milhões de seguidores tem Marçal no Instagram; presença nas redes é um trunfo de sua pré-campanha

Haveria ainda na União Brasil a demanda por mais espaço na prefeitura no ano que vem, o que também não teria sido garantido. Ficou acertado que o PL, partido de Mello Araújo, fechou um acordo para apoiar a União Brasil na eleição para a mesa diretora da Câmara Municipal em 2025. Integrantes da cúpula nacional do partido dizem que isso pode não ser suficiente para manter o apoio a Nunes.

Uma parte da legenda ainda avalia que há chances de a candidatura do prefeito desidratar, apesar de ele aparecer na liderança das pesquisas de intenção de voto.

No último Datafolha, divulgado em 31 de maio, Nunes tinha 23% das intenções de voto, empatado tecnicamente com Guilherme Boulos (PSOL), com 24%. Já Marçal tinha entre 7% e 9% das intenções de voto, dependendo do cenário pesquisado. E o deputado Kim Kataguiri (União Brasil-SP), pré-candidato do partido à capital paulista, aparecia com 4%. O apresentador José Luiz Datena (PSDB) aparecia com 8% das intenções de voto.

Pesquisa Quaest divulgada na quinta-feira (27) mostrou um empate técnico na liderança, diante da margem de erro de três pontos para mais ou para menos: Nunes com 22%, Boulos com 21% e Datena com 17% (a seguir aparecia Marçal, com 10%, apenas numericamente à frente de Tabata, com 6%).

Na leitura de um integrante da União Brasil, Marçal ainda pode ter a capacidade de atrair eleitores de direita que votariam em Nunes. Isso embora o emedebista tenha aceitado pelo ex-chefe da Rota como seu vice justamente para tentar cooptar uma parte desse eleitorado.

Na semana passada, Nunes anunciou o nome do seu vice durante um evento em São Paulo. O presidente da Câmara Municipal, Milton Leite (União Brasil), que resistia a apoiar Mello Araújo pela avaliação de que ele agregaria pouco à campanha, compareceu ao anúncio.

Mello Araújo foi indicado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Nunes e uma parte de sua campanha resistiam a aceitá-lo pelo temor de que ele fosse considerado radical e acabasse por afastar uma outra parcela de seus eleitores que rechaçam Bolsonaro.

Aliados do prefeito buscam encontrar o meio-termo entre não perder votos da direita sem afastar os demais que rejeitam o ex-presidente.

De acordo com o Datafolha, 61% da população paulistana afirma não votar de forma alguma em um candidato apoiado por Bolsonaro.

Membros da União Brasil acreditam que Datena ainda pode desistir da candidatura, como já fez em outras ocasiões, por isso trabalham com o ex-coach como segunda opção.

O cálculo é que o percentual de intenções de voto no influenciador, somado ao que tem Kim Kataguiri, poderia torná-lo competitivo. Mesmo a ala da União Brasil que discorda dessa leitura, e resiste a apoiar Marçal, admite ser essa uma hipótese ainda na mesa do partido.

O avanço das negociações e eventual debandada do apoio a Nunes dependerá da performance do ex-coach nas próximas pesquisas e de conversas entre dirigentes partidários.

Marçal tem dito em conversas reservadas querer ser prefeito para sair candidato à Presidência em 2026. Essa possibilidade tem mobilizado aliados de Bolsonaro, que temem pela popularidade do influenciador.

Como mostrou a **Folha**, o próprio presidente do PL, Valdemar Costa Neto, tem atuado para convencer Marçal a desistir da disputa e tentar se eleger ao Senado em 2026. A articulação acabaria tanto com a ameaça a Nunes como a quem Bolsonaro chancelar para ser candidato no próximo pleito nacional.

Um integrante da União Brasil avalia que, caso o partido se aproxime de Marçal, também poderia ser mais fácil construir um acordo para que ele não breque as intenções de Caiado de ser candidato ou que ele se filie ao partido posteriormente.

Dirigentes do MDB e outros partidos que apoiam o prefeito paulistano, como o PP, veem com ceticismo essa possibilidade e apostam que a União manterá o apoio a Nunes.

PL e PT reproduzem polarização em reduto bolsonarista no RJ

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO O PL e o PT se aliaram a lideranças da Baixada Fluminense para reproduzir, no reduto bolsonarista do Rio de Janeiro, a polarização nacional nas eleições municipais deste ano.

O partido do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) abriu espaço para parentes de lideranças políticas da região nas chapas para prefeito. A sigla do presidente Lula, por sua vez, resgatou antigos caciques para tentar frear o avanço bolsonarista na Baixada.

A região de 13 municípios com 2,9 milhões de eleitores é vista como termômetro do avanço do bolsonarismo no Rio de Janeiro. É uma das mais violentas do estado e com forte penetração de igrejas evangélicas.



Os pré-candidatos à Prefeitura de Duque de Caxias Netinho Reis (esq.), que é do MDB e sobrinho de Washington Reis, aliado de Bolsonaro, e o ex-prefeito José Camilo Zito (dir.), que disputará o cargo pelo PV com o apoio do PT Reprodução Facebook

O ex-presidente venceu em todas as cidades da região com cerca de 60% dos votos válidos. O PL pretende ampliar essa vantagem, enquanto o PT busca contê-la.

"O Rio de Janeiro é o berço do bolsonarismo, não só em termos cronológicos, mas também de conteúdo. É muito presente nele a pauta da segurança pública ligada ao punitivismo. O cotidiano violento do Rio e da Baixada Fluminense cria um espaço que permite a proliferação de um discurso de combate à violência com mais violência", diz a cientista política Mayra Goulart, coordenadora do Laboratório de Partidos, Eleições e Política Comparada da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), que estuda as relações políticas da região.

A relevância das eleições na Baixada se amplia em razão da projeção política conquistada pelas lideranças com base eleitoral na região, que têm estendido seu poder de influência por todo o estado. A principal delas é o deputado federal Doutor Luizinho, líder do PP na Câmara e citado como uma das opções para a sucessão do deputado Arthur Lira (PP) no comando da Casa.

Luizinho tem buscado manter equidistância de Bolsonaro e Lula nas eleições municipais em todo o estado, tentando evitar rusgas com os dois principais partidos do Congresso. Na capital, por exemplo, optou por lançar o deputado Marcelo Queiroz (PP) para evitar uma aliança com o prefeito Eduardo Paes (PSD) ou com o deputado federal Alexandre Ramagem (PL).

Em sua base eleitoral, porém, Luizinho se aliou ao PL. A irmã do deputado, Roberta Teixeira, se filiou à sigla do ex-presidente e será vice do pré-candidato Dudu Reina (PP), presidente da Câmara Municipal de Nova Iguaçu.

"Roberta é uma menina genial. Fez direito na Uerj, uma das primeiras colocadas na Emerj [Escola de Magistratura], e, agora, cursando medicina. Fui contra sua entrada na política enquanto não acabasse o curso, mas é da vontade dela desde a eleição de 2020 quando fez parte do [grupo] RenovaBR", diz o deputado.

A base bolsonarista também conseguiu atrair um aliado de Lula para a chapa em Duque de Caxias. O deputado Aureo Ribeiro (Solidariedade) emplacou a mulher, Aline Ribeiro, como vice na chapa de Netinho Reis (MDB), sobrinho de Washington Reis (MDB), forte aliado de Bolsonaro na Baixada.

Na cidade, que tem o maior eleitorado da região, o PT decidiu promover a volta do ex-prefeito José Camilo Zito por meio do PV. A decisão contrariou Aureo, que liderou o bloco na Câmara até meados de junho.

"Lula é de muito diálogo, muita escuta. Só que o PT atrapalha. Ajudei muito o Lula na Baixada. Mas agora inventa de pegar outra candidatura em Caxias. Como se fosse voltar a um passado que não funcionou. Esse erro é no Rio de Janeiro em todas as cidades", diz o deputado do Solidariedade.

13
municípios formam a Baixada Fluminense

22,3%
do eleitorado do estado do Rio de Janeiro está nessas localidades — 2,9 milhões de pessoas

60,5%
dos votos válidos no segundo turno em 2022 foram para o ex-presidente Jair Bolsonaro na região

O PT decidiu não apoiar o clã Reis em razão de seu forte endosso a Bolsonaro. A relação política se aprofundou no episódio da suposta fraude no cartão de vacina do ex-presidente, ocorrida na cidade, segundo a Polícia Federal.

A estratégia petista tem sido resgatar antigas lideranças nas cidades em que não há opções distantes do bolsonarismo. Foi o caso de Zito.

"O objetivo é solidificar em cada cidade um bloco de apoio ao presidente Lula para 2026. Também depende das relações dentro de cada município", afirma João Maurício, presidente do PT-RJ.

A mesma estratégia foi adotada em Nilópolis, onde o PT filiou para a disputa o ex-prefeito Sérgio Sessim, filho do ex-deputado pelo PP Simão Sessim. O adversário será o prefeito Abraão David Neto (PL), o Abraãozinho, num raro racha entre nomes ligados à escola de samba Beija-Flor, que sempre se reuniram no PP, do centrão.

Em Magé, o PT vai aderir ao prefeito Renato Cozzolino (PP), cuja família domina a política local há décadas.

A estratégia visa ampliar a aliança feita com o prefeito de Belford Roxo, Waguinho (Republicanos), cuja mulher, a deputada federal Daniela Carneiro, chegou a ocupar o Ministério do Turismo. Ela foi mantida mesmo após a divulgação da relação de seu grupo político com milicianos.

Nas eleições deste ano, o PT vai apoiar Matheus do Waguinho (Republicanos), sobrinho do prefeito. O PL vai se aliar ao deputado Márcio Canella (União Brasil), que rompeu com o atual mandatário.

A eleição presidencial de 2022 foi a primeira em que o PT ganhou sem ter maioria no Rio de Janeiro, onde Bolsonaro venceu com 56,5% dos votos válidos, puxados pelo resultado na Baixada.

"Lula e Dilma sempre tiveram boas votações na Baixada. O resultado em 2022 [na região] se deveu à desinformação, fake news por meio de algumas igrejas. Tenho certeza de que a partir dessas alianças e das ações do governo Lula isso vai mudar", diz João Maurício.

O secretário do PL-RJ, Bruno Bonetti, afirma que a Baixada deu uma "vitória esmagadora para Bolsonaro em 2022" e que o PL vai retribuir os apoios que teve "para manter essa predominância".

Brasil propõe taxar os riquíssimos

País faz o certo ao apresentar ao G20 ideia de taxação de bilionários globais

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História".

O mundo tem cerca de 3.000 pessoas com patrimônio superior a US$ 1 bilhão. Se esse número fosse o público pagante de um jogo de futebol, seria um dos menores do atual Brasileirão. Esse pequeno grupo tem abocanhando uma parte cada vez maior da riqueza mundial. Em 1987, os 0,0001% mais ricos do mundo controlavam cerca de 3% da riqueza do mundo. Em 2024, esse número subiu para 13%. É muito pouca gente controlando muito dinheiro.

Os números são do estudo encomendado pelo governo Lula ao economista francês Gabriel Zucman, um dos grandes estudiosos de desigualdade de renda do mundo. O estudo, "A blueprint for a coordinated minimum effective taxation standard for ultra-high-net-worth individuals" ("Proposta para um padrão de taxação efetiva mínima para os indivíduos de riqueza ultra-alta"), foi publicado nos últimos dias.

O governo brasileiro pretende apresentá-lo ao G20, o grupo dos 20 países mais ricos do mundo, que o Brasil atualmente preside.

Zucman propõe que todos os países concordem em taxar os bilionários em pelo menos 2% de sua riqueza. Um esforço coordenado ajudaria a contornar uma das grandes dificuldades dos impostos sobre grandes fortunas: o risco dos muito ricos enviarem seus recursos para fora do país, como aconteceu alguns anos atrás com a Colômbia. O economista francês estima que o imposto proposto arrecadaria algo entre US$ 200 bilhões e US$ 250 bilhões por ano.

Mas os ricos não parariam de investir? Bom, atualmente, sempre segundo Zucman, a riqueza detida pelos bilionários lhes rende, em média, 7,5% ao ano (7,2% após a cobrança de impostos). Com a nova alíquota, renderia 5,5% ao ano. Ainda é um bom trocado.

Notem que a iniciativa seria global, mas cada país arrecadaria seu próprio imposto e gastaria como quisesse. Em si, a proposta não implica em redistribuição de renda do norte para o sul global.

O governo brasileiro chegou a sondar os países ricos sobre uma outra proposta, a da Nobel de economia Esther Duflo, que poderia ser complementar à de Zucman. Duflo propõe que a grana arrecadada com o imposto de Zucman seja gasta para ajudar os países pobres a se adaptarem ao aquecimento global. Afinal, os países pobres contribuem pouco para o aquecimento global, mas sofrem muito com suas consequências.

Haveria algum grau de coordenação global para esse gasto, mas Duflo propõe que a burocracia envolvida seja mínima: a ideia seria que, por exemplo, se a temperatura atingisse um nível X em áreas sob risco (na África subsaariana, por exemplo), o sistema disparasse algo como um Pix para a população local, automaticamente.

Quando o Brasil trouxe a proposta de Duflo para a discussão, vários países ricos discordaram. Concordam que é imoral que os riquíssimos paguem menos imposto que o resto da população, mas preferem utilizar o dinheiro arrecadado com o imposto de Zucman para socorrer seus próprios pobres.

Por isso, o Brasil deve bancar apenas a proposta de Zucman diante do G20. A proposta de Duflo, como outras semelhantes, devem continuar na discussão. Como me disse a vencedora do Nobel em 2019 na semana passada, essa luta não é uma corrida de cem metros, é uma maratona.

Não sabemos se o Brasil conseguirá convencer os países ricos, mas é bom poder voltar a dizer que o Brasil está fazendo o certo.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | **SEG. Deborah Bizarria**, Camila Rocha | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Marcos Augusto Gonçalves | SÁB. Demétrio Magnoli

Lula reforça estratégia de Boulos no palanque

Após condenação por 1º de Maio, petista exalta Marta e critica ausência de Nunes e Tarcísio em evento do governo

Ana Gabriela Oliveira Lima


Boulos, Lula e Marta em evento no campus Zona Leste da Unifesp Marlene Bergamo/Folhapress

SÃO PAULO O presidente Lula (PT) dividiu palanque com Guilherme Boulos (PSOL) em dois eventos do governo federal neste sábado (29) em São Paulo, reforçou a estratégia eleitoral do seu aliado, mas evitou pedido de voto e disse não poder citá-lo após ter sido condenado por campanha antecipada no 1º de Maio.

Pela manhã, na zona leste, Lula exaltou a ex-prefeita e vice de Boulos, Marta Suplicy (PT), e disse haver preconceito contra quem adota políticas sociais a favor dos mais pobres. O discurso vai em sintonia com a tentativa do pré-candidato do PSOL à prefeitura de se contrapor ao ex-Rota e coronel da reserva Ricardo Mello Araújo (PL), escolhido para a vice de Ricardo Nunes (MDB).

À tarde, na zona sul, o presidente criticou a ausência de Nunes e do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) em evento sobre a expansão da linha 5 do metrô. Lula disse que gostaria de assinar a contratação da estação no Jardim Ângela, mas que "o prefeito, que nos deu o terreno, não veio", assim como o chefe do Executivo estadual.

"É importante a gente fazer isso junto com o governador e com o prefeito. Quando a gente quer fazer investimento, a gente não se preocupa de que partido é o governador", afirmou Lula, em referência ao aliado de Jair Bolsonaro (PL). Apesar da presença de Boulos no palanque, que ouviu gritos de "prefeito" do público em meio ao clima de campanha, o petista disse que não poderia citá-lo depois da condenação pelo 1º de Maio.

Tarcísio está em viagem, e Nunes afirmou que os eventos têm sido tratados pelo presidente como atos políticos.

De manhã, o presidente não citou Boulos e se referiu a Marta como "a mulher que criou os CEUs e transporte integrado" e que "fez uma gestão extraordinária". Disse que a ex-prefeita "cuidou muito das pessoas mais pobres" e que ela foi derrotada em sua tentativa de reeleição em 2004 em razão de preconceito.

"A única coisa que justifica [a derrota de Marta] é o preconceito contra as pessoas que fazem política dando preferência para os pobres", afirmou Lula. Na quinta (27), ao criticar Bolsonaro e a derrota do rival em 2022, ele afirmou que "quem está na Presidência [da República] só perde a eleição se for incompetente".

Apesar de destacar a "preferência" pelos pobres, Lula disse querer "governar para o povo brasileiro" de modo geral, inclusive "para que os empresários ganhem dinheiro". "Quero que a economia cresça, que todo mundo cresça", afirmou ele, dizendo que "vivemos um bom momento, as coisas estão indo muito bem".

Nos dois eventos, repetiu a expressão "não sou o pai dos pobres": "Sou um pobre que chegou à Presidência da República por causa dos pobres desse país que me elegeram".

Pela manhã, antes do discurso do presidente, Boulos, no mesmo palanque, deu recados indiretos a Nunes ao criticar o tratamento diferente dado a moradores da periferia e de bairros ricos.

Escolhido para a chapa de vice do atual prefeito, Mello Araújo defendeu em 2017 ao UOL diferença de tratamento em abordagens policiais nos Jardins e na periferia.

"É uma outra realidade. São pessoas diferentes que transitam por lá. A forma dele abordar tem que ser diferente. Se ele [policial] for abordar uma pessoa [na periferia], da mesma forma que ele for abordar uma pessoa aqui nos Jardins [região nobre de São Paulo], ele vai ter dificuldade. Ele não vai ser respeitado", disse Mello Araújo na época.

"Enquanto tem gente que acha que um morador da periferia tem que ser tratado diferente do morador dos Jardins, nós que estamos aqui temos a certeza e a convicção de que o morador de Itaquera e Cidade Tiradentes tem que ser tratado com o mesmo respeito que o morador dos Jardins, do Morumbi ou de qualquer bairro rico desta cidade. Esta é diferença. É isto que está em jogo", afirmou Boulos no palanque com Lula.

Além da contraposição à fala de Mello Araújo, Boulos criticou o modelo de escolas militares, defendido por Tarcísio e Nunes. "Papel de militar não é dentro de sala de aula. Lamentável que o atual prefeito de São Paulo cumpra de maneira descriteriosa a ideia de escolas militares que o governador está fazendo."

Em entrevista, o pré-candidato do PSOL também rebateu críticas de Nunes de que os eventos deste sábado seriam atos políticos, não de governo. "O atual prefeito se tornou refém de Bolsonaro. Tem medo de aparecer em evento do governo federal e ser atacado por bolsonaristas."

Lula e Boulos dividiram palanque em cerimônias de inauguração de novos campi de institutos federais e expansão do metrô em São Paulo.

Adotaram uma atitude mais comedida nos discursos, depois de condenação pela Justiça a pagamento de multa em razão de fala no 1º de Maio considerada propaganda eleitoral antecipada.

Na ocasião, Lula afirmou que a disputa paulista pela prefeitura seria uma "verdadeira guerra" e pediu que seus eleitores votassem em Boulos. "Vou fazer um apelo: cada pessoa que votou no Lula em 89, em 94, em 98, em 2006, em 2010, em 2018... 2022, tem que votar no Boulos para prefeito de São Paulo", disse no 1º de Maio.

O juiz eleitoral Paulo Sorci, da 2ª Zona Eleitoral de São Paulo, condenou Lula e Boulos ao pagamento de multas de, respectivamente, R$ 20 mil e R$ 15 mil por causa do discurso do presidente no 1º de Maio.

No palco de Lula pela manhã, além de Boulos, Marta e do vice-presidente, Geraldo Alckmin, estiveram ministros como Fernando Haddad (Fazenda), Camilo Santana (Educação), Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário) e Jader Filho (Cidades), além dos deputados petistas Jilmar Tatto e Rui Falcão e da primeira-dama Janja.

> A única coisa que justifica [a derrota de Marta em 2004] é o preconceito contra as pessoas que fazem política dando preferência para os pobres
>
> **Lula (PT)**

> Temos a certeza de que o morador de Itaquera e Cidade Tiradentes tem que ser tratado com o mesmo respeito que o morador dos Jardins. Esta é a diferença
>
> **Guilherme Boulos (PSOL)**
> pré-candidato

A cerimônia serviu de lançamento da pedra fundamental do campus Zona Leste da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e do campus Cidade Tiradentes do IFSP (Instituto Federal de São Paulo).

Na zona sul, a plateia puxou a frase "Lula, não admito, revoga o 95", em referencia à emenda constitucional que congela os investimentos públicos por 20 anos. Alckmin, nas vezes em que foi citado e quando discursou, recebeu um misto de vaias e aplausos.

O evento tratava da expansão do IFSP no Jardim Ângela e da vinda de recursos do Novo PAC para a expansão da linha 5-lilás do metrô.

Lula afirmou que sua gestão encontrou o país como a "Faixa de Gaza no estado Palestino", dizendo que encontraram o Brasil sem ministério, com rombo e sem governança. Afirmou também não estar "preocupado em quem é governador de São Paulo, mas com quem é o povo que necessita".

Governo se preocupa com efeito Trump sobre bolsonarismo

Após desempenho fraco de Biden em debate nos EUA, receio é de fortalecimento da extrema direita no Brasil

Ricardo Della Coletta e Renato Machado

BRASÍLIA O fortalecimento da candidatura de Donald Trump após o debate presidencial americano, na quinta-feira (27), aumentou a preocupação no Palácio do Planalto com as consequências para o presidente Lula (PT) de uma possível volta do republicano à Casa Branca.

A principal avaliação entre auxiliares do petista é que o eventual retorno de Trump significaria um empoderamento da extrema direita no Brasil e do bolsonarismo, com risco de impacto até mesmo sobre o STF (Supremo Tribunal Federal).

Na noite de quinta, Joe Biden e Trump se enfrentaram no primeiro debate das eleições presidenciais dos Estados Unidos, nos estúdios da emissora CNN, em Atlanta.

Em um embate tenso, Trump encurralou Biden de maneira enérgica em temas-chave para o eleitorado americano, como imigração, guerras nas quais os EUA se envolveram nos últimos anos, a gestão da pandemia da Covid-19 e o aborto. O desempenho ruim do democrata aumentou a pressão para que ele desista de concorrer.

Embora destaquem que ainda faltam meses para a eleição e que o próprio Trump tem desafios políticos e até judiciais em sua campanha, membros do governo opinam que Biden demonstrou fragilidade no encontro.

O debate aconteceu no mesmo dia em que Lula criticou Trump, lembrou o ataque ao Capitólio e disse que pessoas assim não são boa para a política. Ele também disse que Biden é a "certeza de que os Estados Unidos vão continuar respeitando a democracia" e que, por isso, torce pelo democrata.

"O Biden é a certeza de que os EUA vão continuar respeitando a democracia. O Trump já deu aquela demonstração quando ele invadiu o Capitólio. Fez lá o que se tentou fazer aqui no Brasil no 8 de janeiro. Como democrata, estou torcendo para que o Biden saia vitorioso. Tenho uma relação sólida com ele e pretendo manter", afirmou Lula, em entrevista à rádio Itatiaia.

Assessores no Palácio do Planalto minimizaram o impacto das declarações de Lula em apoio a Biden. Eles disseram que a fala se justifica pelo caráter de risco à democracia que Trump representa.

Disseram ainda que a relação com os EUA no caso de vitória trumpista não seria mais problemática do que é hoje, independentemente das declarações, por causa da proximidade de Trump com o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e o bolsonarismo.

Por outro lado, manifestaram preocupação de que o fortalecimento de Trump crie uma nova onda em favor da extrema direita nos EUA e em todo o mundo.

No Brasil, significaria combustível novo para o bolsonarismo, movimento que, na visão do Planalto, se enfraqueceu com as investigações sobre o 8 de janeiro de 2023 e a inelegibilidade de Bolsonaro decidida pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Assessores de Lula ouvidos pela **Folha** traçaram dois cenários para um hipotético relacionamento entre Lula e Trump a partir do ano que vem. No otimista, temas econômicos ganhariam precedência sobre a disputa ideológica e o governo petista conseguiria margem para conduzir a agenda bilateral com pragmatismo.

Mas há razões para uma previsão mais pessimista: os vínculos políticos do trumpismo com Bolsonaro e seus aliados.

Políticos americanos partidários de Trump denunciaram recentemente o que consideram perseguição e censura do STF contra bolsonaristas.

Além disso, o bilionário Elon Musk, apoiador de Trump e dono da rede social X (ex-Twitter), fez ataques nas redes sociais ao ministro do STF Alexandre de Moraes e o acusou de ter atuado para beneficiar Lula.

Esses episódios levaram assessores de Lula a temer que Trump e seus aliados, caso cheguem ao poder, adotem uma postura de hostilizar abertamente o governo brasileiro e o Supremo. Como principal economia do mundo, não faltariam instrumentos para isso.

Segundo um auxiliar de Lula, uma Casa Branca trumpista não seria o único foco de tensão para Lula no continente. Javier Milei, o ultraliberal presidente da Argentina, poderia se sentir mais empoderado para adotar uma estratégia mais ideológica na relação com o Brasil.

As dificuldades de Biden no debate da CNN têm sido exploradas por bolsonaristas nas redes. O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), filho do ex-presidente e articulador internacional do bolsonarismo, publicou em rede social vídeo do debate para dizer que Biden travou. Republicou ainda mensagem que ironiza a idade do democrata.

De acordo com pessoas que acompanham o tema no governo brasileiro, no momento é preciso aguardar para entender quais serão os próximos passos dos democratas nos EUA. O governo vai analisar primeiro se Joe Biden permanecerá candidato ou se cederá à pressão para ser substituído por alguém mais jovem.

Um assessor do Lula citou um tuíte desta sexta-feira (28) do ex-presidente Barack Obama, no qual ele afirmou que "noites ruins de debate acontecem" e defendeu Joe Biden na disputa contra Trump. "Essa eleição é ainda uma escolha entre alguém que lutou por pessoas comuns a sua vida inteira e alguém que se importa apenas consigo mesmo", escreveu.

O atual presidente americano, de 81 anos, chegou ao debate tendo sua capacidade de governar questionada por causa da sua idade avançada. Na avaliação de analistas, e de conselheiros de Lula que seguiram o debate, ele piorou essa percepção. Trump tem 78 anos.

STF condena a 17 anos homem que destruiu relógio de dom João 6º

O STF condenou na sexta-feira (28) a 17 anos de prisão o homem que destruiu durante os ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023 o relógio do Palácio do Planalto doado por dom João 6º. Antônio Cláudio Alves Ferreira respondeu, entre outros, por associação criminosa armada e abolição violenta do Estado democrático de Direito. O relator, Alexandre de Moraes, propôs 17 anos de prisão e foi acompanhado integralmente por outros cinco ministros em plenário virtual. Os demais também votaram por condenação, mas com penas menores.



Apoiador de Jair Bolsonaro com material de campanha de Donald Trump em Buenos Aires, na posse de Javier Milei, em 2023 Cezaro de Luca - 10.dez.23/AFP

Odebrecht recua e aceita termos da gestão Lula sobre multas

Ana Pompeu

BRASÍLIA A Novonor, antiga Odebrecht, reconsiderou a posição anterior e concordou com a proposta do governo Lula (PT) para a repactuação dos acordos de leniência da Lava Jato.

A empresa era a única que ainda tinha a adesão em dúvida, por discrepâncias com a oferta do governo federal. Caso o impasse persistisse, a empreiteira ficaria de fora da segunda fase da negociação.

A União entregou a petição com os termos finais ao ministro André Mendonça, do STF (Supremo Tribunal Federal), na quinta-feira (27). Segundo a **Folha** apurou, o documento, sigiloso, cita nominalmente a situação isolada da empreiteira.

Ao longo desta sexta-feira (28), representantes da construtora enviaram nova manifestação ao governo, com aceite mais explícito. Depois do movimento feito pela empresa, a AGU (Advocacia-Geral da União) também já enviou nova petição complementar ao relator do processo.

A Odebrecht afirmava ter aceitado os novos termos com ressalvas. Mas, diferentemente das outras empreiteiras, não recuou nas negociações sobre esses pontos. Depois da formalização da proposta com o seguimento dela em xeque, os representantes da empresa procuraram os técnicos que tocam a construção do acordo e informaram a concordância, "para evitar interpretações dúbias".

A AGU, que representa a União e é responsável por enviar a proposta ao relator no STF, e a CGU (Controladoria-Geral da União) haviam entendido que as considerações da empresa esticaram a corda.

A construtora celebrou a leniência, que é uma espécie de delação premiada das empresas, em julho de 2018, com valor de mais de R$ 2,7 bilhões. Entre os acordos feitos com a CGU, é o segundo maior. A Braskem fechou acordo em R$ 2,8 bilhões.

Na quinta, por meio de nota, a empresa reafirmou a resposta enviada à CGU no início da semana. Nela, disse concordar com a oferta enviada, mas acrescentou ponderações e sugestões, "pugnando pela sua incorporação aos termos da proposta apresentada, de modo a viabilizar-se um bom termo para a transação".

O prazo final dado pelo relator no STF acabava na quarta-feira (26). Mas as conversas com as empresas ainda seguiram depois do aceite, dado na segunda-feira (24). Para representantes do governo que participam das conversas, algumas declarações de concordância, diante das ponderações apresentadas, não foram claras o bastante.

Na formalização da proposta ao STF, AGU e CGU pediram também mais 30 dias a Mendonça. O objetivo é usar esse período para a conclusão do debate sobre cláusulas acessórias ao acordo, como prazo e valor de cada parcela, para cada empresa. Só depois disso a negociação será entregue para apreciação e homologação do ministro do Supremo.

Técnicos do governo esperavam que, nesse prazo, a Novonor ainda pudesse rever a posição, o que acabou ocorrendo antes do previsto.

Ao longo deste mês, as empresas esperam conseguir fazer ajustes que levem em conta também a capacidade de pagamento de cada uma.

As empresas em negociação são a Metha e a Coesa (antiga OAS), UTC, Engevix, Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa e a Odebrecht. Juntas, elas devem aos cofres públicos R$ 11,8 bilhões em valores corrigidos.

As maiores ressalvas das construtoras foram sobre o uso do prejuízo fiscal para quitar os débitos e o índice de correção da dívida.

A Odebrecht não foi a única a pedir essa alteração. Mas a empresa não havia recuado a respeito do aceite formal entregue. Segundo relatos ouvidos pela **Folha**, representantes de outras empreiteiras voltaram ao diálogo com o governo para dar a concordância considerada satisfatória antes do comunicado ao STF.

Os prejuízos fiscais são uma forma de pagamento. Eles são definidos contabilmente quando a empresa antecipa o pagamento de tributos sobre um lucro que depois não se realiza. Quando isso ocorre, o governo permite que compensem o valor em futuros pagamentos de tributos. O que restar a pagar depois do uso desse recurso deverá ser quitado da forma tradicional.

Para a CGU e a AGU, o pedido das construtoras não é factível. "De acordo com os critérios adotados, ficou estabelecido que a soma dos benefícios acima descritos não poderia, em qualquer situação, superar a quitação máxima de até 50% do saldo devedor atualizado de cada acordo de leniência", disse o governo.

Por ora, a posição da União é de que "a proposta é resultado de um intenso período de análise do pleito das empresas e da legislação aplicável".


Juliana Freire

A PF e o Ministério Público no teste das Americanas

Noves fora o teatro, a Federal é uma esperança

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Houve algo de teatral na operação da Polícia Federal para trazer de volta à vitrine o escândalo da rede varejista Americanas.

Depois do vexame da Comissão Parlamentar de Inquérito, que não identificou responsáveis por um calote de R$ 47,9 bilhões, é nela e no Ministério Público que se depositam as esperanças de que a maior fraude corporativa da história de Pindorama seja exposta ao público. É coisa de R$ 25,2 bilhões.

Na sua expressão mais simples, já se sabe o seguinte: Miguel Gutierrez, o CEO da Americanas por mais de uma década, tinha uma sala exclusiva no prédio da empresa, onde só ele entrava.

A partir de julho de 2022, quando soube que seria substituído no comando da empresa, começou a transferir bens para parentes e vendeu ações da Americanas no valor de R$ 171,8 milhões.

Com nacionalidade espanhola, Gutierrez deixou o Brasil em 2023. Na semana passada foi expedido um mandado de prisão contra o doutor.

No segundo semestre de 2022, quando a Americanas se apresentava ao mercado como um prodígio de gestão, diretores da empresa desfizeram-se de ações no valor de R$ 241,1 milhões.

Vinte dias antes do estouro, Anna Saicali, uma de suas diretoras, transferiu para um filho um patrimônio de R$ 13 milhões e vendeu ações da empresa no valor de R$ 59,6 milhões. Contra ela a PF também expediu um mandado de prisão. Saicali deixou o Brasil.

Outro diretor, José Timotheo de Barros desfez-se de ações da Americanas por R$ 20,7 milhões.

A investigação recente estimou que a fraude pode ter começado em 2007. Em agosto de 2022, diretores da Americanas começaram uma operação para escondê-la.

Tudo bem, aceitando-se que ninguém havia desconfiado. Mais: como seria possível esconder a inexistência de R$ 25,2 bilhões? Sobretudo se, de uma hora para outra, os diretores começaram a vender suas ações.

Para que um esquema desses ficasse de pé, seriam necessários milhões de otários dentro e fora da Americanas. Se isso pudesse ser possível, sabe-se agora que no dia 27 de dezembro de 2022 a nova diretoria foi informada do que se chamaria de "inconsistência contábil".

A Polícia Federal já localizou contubérnios entre a turma da Americanas e funcionários de bancos encarregados de analisar seus números, bem como acertos com dois bancos para direcionar aplicações. A PF e o Ministério Público foram além da superfície do caso.

A Americanas explodiu em janeiro de 2023. Passou-se mais de um ano e até agora ninguém havia sido responsabilizado. A Comissão de Valores Mobiliários abriu inquéritos que ainda não fulanizaram responsáveis. (Nos Estados Unidos, o escândalo da empresa de energia Enron estourou em 2001. Um ano depois seu gênio financeiro tornou-se réu e, em 2004, tomou uma cana de dez anos.)

No Brasil, até agora, só foram penalizados milhares de acionistas, centenas de funcionários que perderam os empregos e 8.000 credores.

Quem decidiu sacar R$ 800 milhões?

O país está assistindo ao funeral togado da Lava Jato. A ação da Polícia Federal e do Ministério Público pode impedir que aconteça o mesmo com a Americanas.

A turma da varejista era audaciosa. Remunerava-se regiamente e trocava mensagens explicitando a maquiagem de seus balanços. Se tudo isso fosse pouco, no dia 11 de janeiro de 2023 tentaram sacar R$ 800 milhões da conta da empresa no banco BTG Pactual. O BTG não pagou.

As investigações poderão revelar o processo decisório que instruiu essa iniciativa. Afinal, mesmo admitindo-a que ninguém sabia da fraude, está comprovado que o novo CEO, Sérgio Rial, soube do rombo no dia 2. (Seu diretor financeiro soube que havia gatos na tuba uma semana antes.)

No dia 4, começou-se a falar em "inconsistências contábeis". No dia 5, Rial contou o caso ao acionista de referência Carlos Alberto Sicupira, que, nas suas palavras, ficou "chocado". Sicupira era um dos astros do que se supunha ser um novo tipo de gestão.

No dia 11, horas depois da tentativa de saque, a Americanas explodiu.

A fraude da Americanas é o maior escândalo corporativo da história de Pindorama. Não envolve um só centavo de dinheiro público. Tudo coisa da iniciativa privada, com personagens que se apresentavam como modelares, meritocráticos e inovadores. (A rede varejista pagava em até 200 dias contas que devia ter pago em 90, mas essa é outra história.)

Desde 2023 o caso da Americanas inova também tecendo o grande tapete para debaixo do qual tenta-se varrer o escândalo.

A entrada da Polícia Federal e do Ministério Público na cena é uma esperança.

Valeria a pena que colocassem na operação um delegado e um procurador munidos de um mapa dos erros da Lava Jato. Eles teriam a tarefa de alertar os colegas para os riscos de ações teatrais e da manipulação da imprensa. No caso da Americanas, nada disso é necessário. Basta seguir o roteiro de fatos, cifras e golpes desprezados pela Comissão Parlamentar de Inquérito.

Política americana

O crescimento da candidatura presidencial de Donald Trump disseminou a mania global de se falar mal do Partido Republicano. É verdade que ele segue Trump com suas malfeitorias, mas pouca atenção se dá à decadência do Partido Democrata.

Os democratas carregam Joe Biden porque não conseguiram produzir nada melhor. Uma das raízes desse problema está na influência do casal Bill e Hillary Clinton com suas redes de alianças e interesses. Esse domínio explica, entre outras coisas, o afastamento do ex-presidente Barack Obama.

Lula 3.0

Lula acha que pode tudo, inclusive lidar com coincidências que refrescam a vida dos irmãos Joesley e Wesley Batista.

No segundo ano de governo, pode-se tudo. A conta só chega durante a campanha eleitoral.

Grande Ricupero

Os 30 anos do Plano Real foram comemorados com autoexaltações da equipe de economistas que, de forma brilhante, conceberam sua moldura teórica.

Infelizmente na segunda metade do segundo tempo reconheceu-se a importância do papel de Fernando Henrique Cardoso no Ministério da Fazenda.

Infelizmente deixaram como pitoresco coadjuvante o presidente Itamar Franco. Sem Itamar e sua decisão de tomar riscos, FHC estaria condenado a disputar uma cadeira de deputado e os professores continuariam redigindo trabalhos acadêmicos.

Dessa fogueira de vaidades escapou, com brilho, o embaixador Rubens Ricupero, que substituiu FHC na Fazenda. Foi um ministro correto e detonou-se dizendo que falava do que havia de bom e escondia o que havia de mau. Não sabia que estava sendo gravado e perdeu o cargo.

Relembrando esses tempos, disse ao repórter Luiz Guilherme Gerbelli: "Caí porque disse muita bobagem".

Ricupero completou 50 anos no serviço público sem ter dito outras bobagens e sem circular na porta giratória do mercado. Se as pessoas reconhecessem suas bobagens com a lisura de Ricupero, as coisas melhorariam bastante.

Presidente da OAB articula reeleição inédita e divide entidade

Recondução de Beto Simonetti tem apoio de grande parte da ordem, mas enfrenta resistência em SP e Minas

José Marques

BRASÍLIA A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) pode dar um segundo mandato inédito ao atual presidente nacional, Beto Simonetti, um precedente que tem apoio de parte significativa da entidade, mas também sofre resistência de importantes quadros da categoria.

Não há impedimento à reeleição de um presidente da OAB, mas tradicionalmente há um revezamento no posto.

Entre aliados de Simonetti, já é certa a sua reeleição, que é discutida com a maioria das seccionais nos estados. No entanto, uma oposição tenta se viabilizar para fazer frente a uma possível candidatura.

Simonetti, que é do Amazonas, foi eleito em chapa única pelo Conselho Federal da Ordem para um mandato que se iniciou em 2022 e que vai até o início do ano que vem.

Ele faz parte de um grupo que comanda a OAB desde 2013, quando houve a eleição do ex-presidente Marcus Vinicius Furtado Coêlho.

Quando Simonetti foi escolhido, a intenção era diminuir a inclinação da Ordem para questões políticas e focar mais na defesa de pautas classistas.

Isso porque os dois presidentes que antecederam Simonetti ficaram conhecidos pela oposição que fizeram ao governo federal. Em 2016, Claudio Lamachia apoiou o pedido de impeachment da então presidente Dilma Rousseff (PT).

O sucessor de Lamachia, Felipe Santa Cruz, foi um assíduo opositor de Jair Bolsonaro (PL), de quem também defendeu a cassação.


O presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Beto Simonetti Marcelo Camargo - 5.out.23/Agência Brasil

Ao contrário do que acontece nos estados, na OAB nacional a votação é indireta, feita pelos 81 conselheiros federais eleitos nos estados e no Distrito Federal.

O Conselho Federal é eleito nos estados e no DF, em votação direta, em conjunto com as escolhas das chefias das unidades locais. A ideia é dar peso igualitário, como no Senado, para estados que têm menos e mais representantes da advocacia.

O sistema de votação também é uma questão controversa histórica dentro da categoria, que divide os que apoiam a eleição direta dos que preferem a continuidade do atual modelo.

Simonetti desde o início adotou uma postura de discrição e distância das brigas políticas.

Gosta de dizer que mobilizou a Ordem tanto em defesa de Cristiano Zanin (que antes de ser ministro do Supremo Tribunal Federal era advogado do presidente Lula) como de Frederick Wassef (que advoga para Bolsonaro).

Nos últimos meses, se notabilizou por fazer críticas a medidas adotadas pelo ministro Alexandre de Moraes no Supremo contra advogados, mas, fora alguns episódios em que levantou o tom, não costuma bater de frente com os ministros do tribunal.

Desde 2023, o seu grupo no Conselho Federal tem discutido a possibilidade de Simonetti ocupar mais um mandato na chefia da Ordem.

A possibilidade aumentou porque o advogado que era tido como o seu sucessor não deve mais concorrer à presidência por questões pessoais.

A pessoas próximas Simonetti tem afirmado que não trabalha pela reeleição e que sua prioridade é a atuação como presidente da Ordem. Não rechaça a possibilidade de estar à frente dela por mais um mandato, porém.

Críticos à possibilidade dizem que a OAB domina os menores estados, que ficam dependentes da diretoria nacional, e que por isso não há alternância de poder.

Já seus aliados afirmam que existe preconceito e elitismo contra advogados de regiões menos populosas do país.

Atualmente, as maiores resistências a Simonetti vêm de representantes da Ordem de Minas Gerais e de São Paulo, que tentam viabilizar a candidatura de oposição.

O presidente da Ordem foi procurado para comentar a possibilidade de se reeleger. Em nota, a entidade respondeu que "a eleição para presidente nacional da OAB é tema a ser tratado após as seccionais da OAB nos estados fazerem suas eleições, previstas para novembro".

Abertamente, um dos ex-presidentes da OAB e influente membro da advocacia criminal paulista, José Roberto Batochio tem sido um dos críticos à possibilidade de reeleição.

"Na OAB (refiro-me ao seu Conselho Federal) jamais se admitiu reeleição à presidência. A consciência democrática e altamente politizada de suas lideranças maiores sempre soube afastar esse inconveniente, a despeito de não haver proibição legal expressa", diz ele.

Batochio afirma que nenhum presidente "ousou trair, até aqui, essa prática, conscientes todos eles de que a OAB é a caixa de ressonância dos anseios da sociedade civil e tem o dever pedagógico da exemplaridade". "Quem prega democracia há de praticá-la internamente, necessariamente e sempre."

Já Felipe Santa Cruz, que é oriundo da OAB do Rio de Janeiro, defende que Simonetti seja reeleito e tem feito publicações em suas redes sociais a favor de quem o sucedeu na presidência.

Na avaliação dele, a maior parte da advocacia é favorável a um novo mandato. "[A reeleição] é uma questão de liderança, não tem uma liderança madura para ocupar o lugar do Beto", diz.

mundo

Antecipado, pleito pode custar a Macron três anos com premiê da ultradireita

Após dissolução de Parlamento, eleição legislativa na França começa com oposição favorita

Guilherme Botacini

BOA VISTA "Um grande ponto de interrogação". Esse tipo de conclusão sem explicações tem sido a tônica de análises na França que tentam elucidar o que pode acontecer com o país caso o Executivo fique dividido entre forças políticas opositoras, como sugerem as pesquisas para a eleição legislativa que começa neste domingo (30), antecipada pelo presidente Emmanuel Macron.

O país foi da surpresa ao choque muito rapidamente no início do mês, quando a ultradireita venceu a eleição para o Parlamento Europeu. A reação de Macron foi dissolver a Assembleia Nacional e convocar novo pleito em seguida —uma medida constitucional e usada outras vezes na história da Quinta República, iniciada em 1958.

Sondagens indicam que o Reunião Nacional (RN), da ultradireita, sairá vitoriosa. Se será com a maioria absoluta que deixará o partido em posição de indicar o premiê, é mais um ponto de interrogação. O mandato de Macron vai até 2027, e ele já disse que não vai renunciar, qualquer que seja o resultado.

Levantamento do instituto de pesquisa Ipsos desta sexta (28) mostra a RN e aliados com 36% das intenções de voto, contra 29% da Nova Frente Popular, de esquerda, e 20% do bloco governista.

O cenário que se desenha, portanto, é o que ficou conhecido como coabitação, termo que descreve a situação de um Executivo composto pelo presidente de um partido e um primeiro-ministro da oposição.

Grosso modo, o regime político na França pode ser caracterizado como semipresidencialista, um modelo híbrido em que o presidente é chefe de Estado, mas tem poderes e se ocupa de questões principalmente externas e de Defesa, e o primeiro-ministro lidera o gabinete de governo.

É o presidente que nomeia o premiê, e a Assembleia Nacional pode derrubar o governo com um voto de desconfiança, razão pela qual a nomeação de um primeiro-ministro pelo presidente depende mais da composição da maioria parlamentar do que da vontade do chefe de Estado.

Coabitações ocorreram três vezes na história do país: de 1986 a 1988, com François Mitterrand, de esquerda, no Palácio do Eliseu (sede da Presidência) e Jacques Chirac em Matignon (sede do governo); de 1993 a 1995, de novo com Mitterrand, mas agora com Édouard Balladur como premiê; e de 1997 a 2002, com Chirac, agora como chefe de Estado, com o socialista Lionel Jospin de primeiro-ministro.

"Não é uma coisa que foi planejada pela Constituição de 1958. Sempre foi pensado que haveria uma mesma cor no Legislativo e no Executivo. Agora, o que é interessante é que a Constituição é muito plástica, no sentido de que ela se adapta a muitas situações", diz Gaspard Estrada, cientista político da universidade Sciences Po, em Paris.

As experiências anteriores poderiam indicar o que acontecerá após uma vitória da ultradireita? Ou mesmo do bloco unificado de esquerda, que pontua acima do macronismo nas pesquisas?

36%
das intenções de voto (na sexta-feira) tinha a Reunião Nacional (ultradireita) e seus aliados, sob a liderança de **Jordan Bardella**

29%
marcava a Nova Frente Popular, de esquerda, cujo candidato a primeiro-ministro é **Olivier Faure**

20%
da projeção de votos possuía o bloco governista de centro, representado pelo atual premiê, **Gabriel Attal**

Como funciona a disputa para a Assembleia

O pleito legislativo antecipado por Emmanuel Macron tem seu primeiro turno neste domingo (30), e o segundo turno ocorrerá no próximo domingo (7), nos distritos onde for necessário —em geral, na maioria deles.

O voto é direto para os candidatos a deputado da Assembleia Nacional em cada um dos 577 distritos eleitorais do país. Cada distrito elege um representante, cujo nome é indicado por partidos e coalizões em cada localidade.

O postulante é eleito em primeiro turno apenas se obtiver mais de 50% dos votos válidos, contanto que isso represente no mínimo 25% dos inscritos para votar. Geralmente, esses requisitos não são alcançados, o que força um segundo turno com os concorrentes que tiveram ao menos 12,5% dos votos no primeiro turno (ou com os dois que tiveram mais votos, caso ninguém atinja esse percentual). Quem for mais votado é eleito.

A resposta é um pouco mais complexa, porque cada coabitação apresentou uma dinâmica política muito particular, com impactos diversos nas decisões do Executivo. E o momento atual sugere mais ineditismo do que repetição de padrões.

Começando pelas forças em disputa. Os três arranjos anteriores opuseram forças tradicionais à esquerda e à direita, sem grandes partidos correndo por fora, algo diferente do cenário polarizado com um governo ao centro e enfraquecido como vemos hoje.

Pode-se apenas especular, portanto, como se comportará cada um dos blocos nesse novo quadro tripartite do Legislativo, em especial sem a noção completa do tamanho deles após o pleito. Pode haver acordos, ou a falta de qualquer consenso pode, na prática, paralisar o país.

"Tudo vai depender dos resultados", diz Estrada, reforçando que não é possível saber de antemão a forma como a coabitação vai se acomodar. "Mas é difícil ver um cenário em que Macron se recuse a assinar propostas [do governo], por exemplo. Ele sai disso tudo muito fraco", afirma.

De todo modo, há pistas na história. A primeira coabitação foi marcada por conflitos entre Mitterrand e Chirac e crise institucional, notadamente a rejeição do presidente de esquerda a assinar reformas feitas pelo governo direitista, inclusive privatizações.

Também foi um momento em que Mitterrand e Chirac estiveram na curiosa posição de dividir o Executivo e ao mesmo tempo disputar a Presidência, em uma espécie de pré-campanha alongada. No pleito de 1988, o chefe de Estado se valeu do desgaste do rival à frente do governo para se reeleger.

Transportada para hoje, a estratégia não funcionaria para Macron, que não pode tentar um terceiro mandato —uma reforma em 2002 limitou as tentativas. "Agora é a gestão do legado dele, mas está começando com o pé esquerdo", diz Estrada. Ministros têm se afastado de Macron desde que ele dissolveu a Assembleia, gesto até agora pouco compreendido mesmo por aliados do presidente.

Já na segunda coabitação, de 1993 a 1995, o clima era diferente. Com saúde debilitada, era evidente que Mitterrand não disputaria novamente a Presidência (ele morreu em janeiro de 1996). Seu premiê no período foi Édouard Balladur, que brigou mais com Chirac, seu companheiro de coalizão, do que com o socialista, com o qual buscou consensos.

A terceira coabitação foi a única fruto de uma dissolução do Parlamento, como no cenário atual, e não de uma eleição legislativa prevista. Enfim chefe de Estado, Chirac se antecipou ao pleito que seria em 1998 e convocou o escrutínio em 1997.

Mas o tiro saiu pela culatra. A coalizão de esquerda venceu, e Jospin foi escolhido premiê. Foi a mais longa coabitação, a primeira com a direita na Presidência, e com um relativo enfraquecimento dos poderes presidenciais como resultado. Exatamente o que pode ocorrer com Macron.



Da esq. p/ a dir., Jordan Bardella, 28, Olivier Faure, 55, e Gabriel Attal, 35, debatem às vésperas da eleição legislativa da França Dimitar Dilkoff - 27.jun.24/AFP

Debate de 'novinhos' na França contrasta com EUA

BOA VISTA As campanhas para a eleição legislativa na França e presidencial nos Estados Unidos vivem um cenário diametralmente oposto quando o assunto é a idade de seus protagonistas.

Enquanto nos EUA Joe Biden, 81, disputa com Donald Trump, 78, em pleito no qual a faixa etária de ambos é motivo de incerteza e chacota, na França, Jordan Bardella, 28, duelou com Gabriel Attal, 35, em debates em que foi difícil acompanhar as falas de cada um em meio a frases rápidas e tantas interrupções, acusações e trocas de farpas.

Na quinta-feira (27), o último evento do tipo na França antes do fim da campanha ocorreu no mesmo dia em que Biden, em Atlanta, teve desempenho vacilante, na qual reforçou dúvidas de eleitores sobre sua idade e foi encurralado por Trump.

O democrata inclusive reconheceu a má impressão deixada, mas se reafirmou como candidato. "Eu sei que não sou um homem jovem. Isso é óbvio. Eu não ando tão bem, não falo tão bem, não debato tão bem quanto eu debatia, mas sei como falar a verdade. Sei diferenciar o certo do errado, sei fazer esse trabalho", disse, sob aplausos de apoiadores.

Bardella, na França, tem feito o papel de moderar a imagem da Reunião Nacional (RN), partido da ultradireita do qual se tornou presidente sob as bênçãos de Marine Le Pen, que mira o pleito presidencial de 2027.

Ele é ainda um dos fatores responsáveis por fazer com que a legenda, até não muito tempo atrás pouco atraente para os mais jovens, chegasse com força a esse eleitorado.

Isso fica evidente na forma nativa como usa o TikTok, por exemplo, onde tem fama. Imagem e linguagem de Bardella são mais velozes, e seu perfil parece mais adequado à rede do que Biden e Trump, cujas tentativas de se posicionar na plataforma chinesa para atrair a juventude soam frequentemente forçadas.

Há, por outro lado, dúvidas sobre a inexperiência de Bardella, que nunca ocupou nenhuma cargo político além da estrutura partidária da RN.

Quando questionado em uma entrevista se tinha medo de assumir como primeiro-ministro da França aos 28, respondeu: "Fiz aos 28 o que deveria ter feito aos 45 ou 50. Penso que um líder seja também avaliado pela capacidade de que tem de se cercar [das pessoas certas]".

Já Attal se tornou o primeiro-ministro mais jovem da história do país, até Emmanuel Macron dissolver a Assembleia Nacional após derrota no pleito europeu. É ele que tem tomado a frente do bloco governista de centro nos debates.

Ele e Bardella se enfrentaram na quinta ao lado de Olivier Faure, 55, líder do Partido Socialista. Antes, na terça, foram acompanhados por Manuel Bompard, 38, da França Insubmissa, legenda da esquerda radical unida em bloco com os socialistas.

Há ainda outros personagens relevantes na política da França que evidenciam a diferença etária com os EUA, como Raphaël Glucksmann, 44, eleito eurodeputado à esquerda, Manon Aubry, 34, que encabeçou a lista de eurodeputados eleitos pela França Insubmissa, e Marion Maréchal, 34, ultradireitista e sobrinha de Marine Le Pen. **GB**

Desempenho de Biden gera crise entre doadores democratas

WASHINGTON E ATLANTA | THE NEW YORK TIMES Os principais doadores do Partido Democrata mergulharam em uma profunda inquietação na última sexta-feira (28). Naquele dia, enquanto lamentava o desempenho fraco do presidente Joe Biden no debate na noite da véspera, o grupo, que inclui algumas das pessoas mais ricas dos Estados Unidos, perguntava-se o que poderia fazer para mudar o rumo da corrida à Casa Branca.

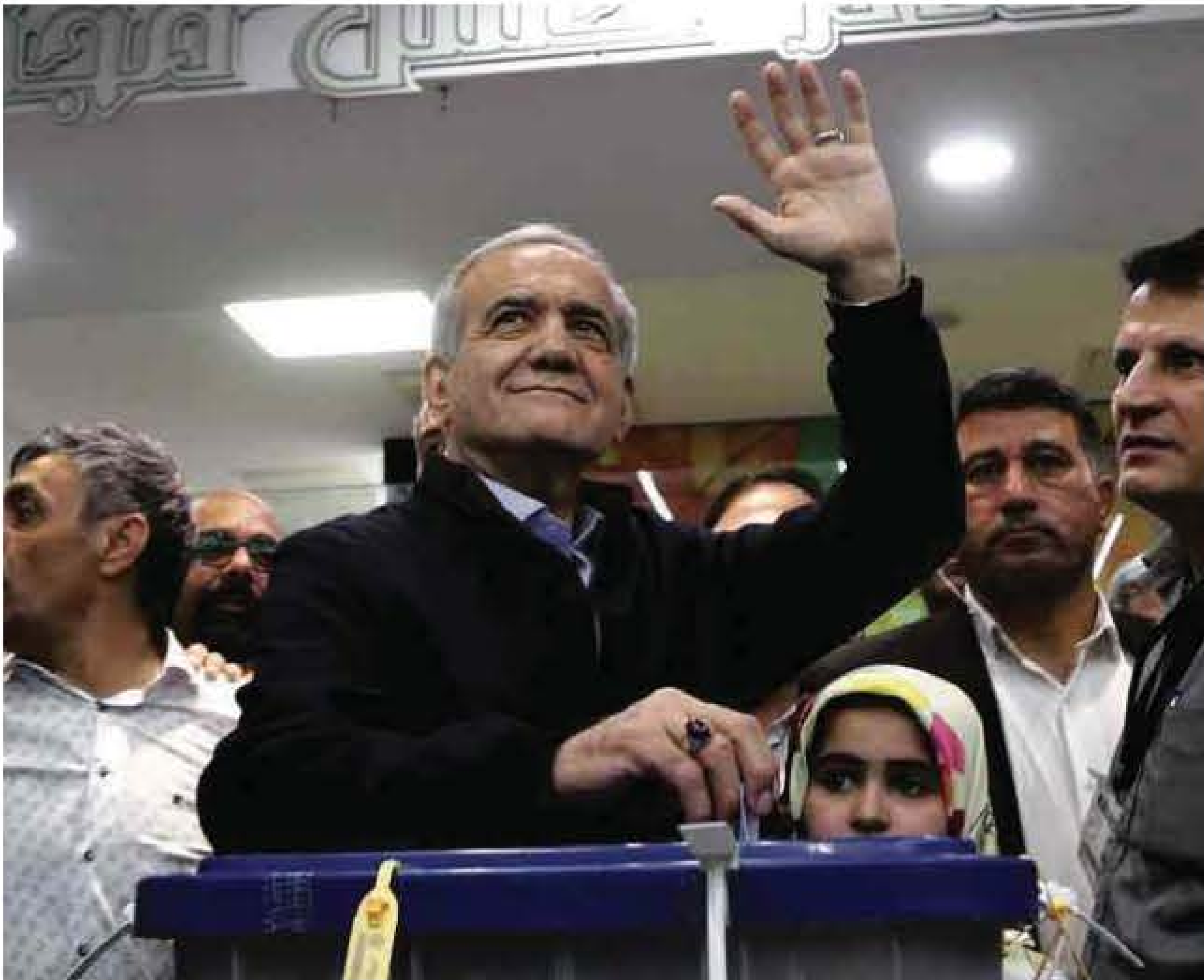
De acordo com uma pessoa com conhecimento do assunto, houve até discussões com assessores políticos sobre regras que poderiam remover Biden da chapa contra a sua vontade e substituí-lo antes ou durante a Convenção Nacional Democrata.

No Vale do Silício, alguns megadoadores, incluindo Ron Conway e Laurene Powell Jobs, telefonaram, mandaram mensagens e enviaram emails uns aos outros sobre a situação, que descreveram como uma possível catástrofe.

Eles se perguntavam com quem na equipe de Biden poderiam entrar em contato para chegar até Jill Biden, a primeira-dama, que por sua vez poderia persuadir seu marido a não concorrer, de acordo com uma pessoa familiarizada com as conversas.

A crise nesse grupo não poderia ter vindo em pior momento para Biden. O ex-presidente Donald Trump superou-o em arrecadação nos últimos dois meses, apagando a vantagem financeira do democrata.





O conservador Saeed Jalili (à esq.) vota em uma zona eleitoral de Teerã, assim como o moderado Masoud Pezeshkian; eles se enfrentarão em segundo turno no dia 5 Fotos Xinhua

Eleição no Irã terá 2º turno entre moderado e linha-dura

Em sinal de desaprovação ao regime, comparecimento é o menor da história

SÃO PAULO O moderado Masoud Pezeshkian, 69, e o conservador Saeed Jalili, 58, disputarão o segundo turno da eleição presidencial do Irã no próximo dia 5, de acordo com os resultados provisórios divulgados neste sábado (29) pelo Ministério do Interior, com mais de 24 milhões de votos apurados.

Nenhum dos candidatos obteve mais de 50% dos votos no primeiro turno, realizado nesta sexta-feira (28). Pezeshkian, médico que serviu como ministro da Saúde no governo de Mohammad Khatami (1997-2005), o mais reformista do ciclo pós-1989, tinha 10 milhões de votos (42%) na primeira parcial, à frente do diplomata linha-dura Jalili, com mais de 9,4 milhões de votos (38%).

Os demais concorrentes autorizados pelo regime —os também conservadores Mohammad Baqer Ghalibaf, presidente do Parlamento, e o clérigo xiita Mostafa Pourmohammadi— ficaram bem atrás, com 3,3 milhões de votos (13%) e 206 mil votos (0,8%), respectivamente.

A participação eleitoral foi a mais baixa desde que os radicais religiosos do aiatolá Ruhollah Khomeini tomaram o poder e fundaram a República Islâmica, em 1979 —dos 61 milhões de eleitores aptos para votar, apenas 40% compareceram às urnas, segundo a pasta do Interior. O voto é facultativo.

A mídia estatal reportou a ocorrência de pelo menos um incidente durante a votação. Ocorreu na província do Baluchistão (sudestes do país, que faz fronteira com Afeganistão e Paquistão), onde homens armados não identificados atacaram um veículo que transportava urnas eleitorais e mataram dois membros das forças de segurança.

A disputa se tornou imprevisível diante das circunstâncias, a começar pelo ineditismo de seu motivo: a morte do então presidente, o ultraconservador Ebrahim Raisi, em uma queda de helicóptero perto da fronteira com o Azerbaijão, no último 19 de maio. A inesperada vacância levou à antecipação da eleição em um ano.

Desde a Revolução de 1979, será apenas a segunda vez que os iranianos terão de ir às urnas em segundo turno. A primeira vez ocorreu em 2005, quando Mahmoud Ahmadinejad obteve o primeiro de seus dois mandatos ao vencer o ex-presidente Akbar Rafsanjani (1989-1997).

A morte de Raisi desencadeou uma confusa disputa por poder e atrapalhou os planos do aiatolá Ali Khamenei, desde 1989 substituto de Khomeini no posto de líder supremo. O presidente vitimado no mês passado vinha sendo preparado para ocupar a cadeira do atual chefe do regime, que tem 85 anos e uma saúde frágil.

O cargo de presidente não é, no sistema político peculiar do Irã, uma garantia de projeção futura. Dos cinco eleitos no voto popular até aqui desde 1989, quando as regras de governança atuais passaram a valer, apenas Raisi era visto como um futuro líder supremo, com voz sobre todos os assuntos da nação.

Isso não tira, contudo, a importância do chefe do Executivo. Ele tem papel central na condução do cotidiano do governo, da política externa e da manutenção dos pilares repressivos do regime fundamentalista.

A pouca participação no voto desta sexta é uma derrota para o regime, que contava com mais eleitores nas urnas para atenuar o desgaste de imagem com o descontentamento público diante da crise econômica e das já habituais restrições à liberdade política e social.

Em 2021, Raisi já havia sido eleito com o menor comparecimento até então, pouco menos de 49%, um sinal da desaprovação popular a um processo visto como um jogo de cartas marcadas.

Os 12 membros do Conselho de Guardiões, órgão que tem palavra final sobre todas as candidaturas no país, deram aval para apenas 5 postulantes conservadores e somente 1 moderado, entre 80 que se inscreveram —foram barrados inclusive ex-presidentes, como o linha-dura Ahmadinejad.

Agora, no segundo turno, Pezeshkian, o único mais moderado na disputa, seria um nome conveniente aos aiatolás para um arranjo de forças. Ele defende pontos que desagradam a Khamenei, como a volta das negociações nucleares com os Estados Unidos, mas não de forma agressiva. Jalili, por sua vez, era justamente o negociador das questões atômicas sob Ahmadinejad e conhecido pelo discurso duro contra o Ocidente.

Após a divulgação parcial dos resultados, Jalili obteve o apoio de Ghalibaf, que não conseguiu passar para o segundo turno. "Peço a todas as forças revolucionárias e a meus seguidores (...) para eleger o candidato da frente revolucionária", afirmou. Assim como ele, outros dois candidatos abandonaram a corrida na véspera da votação num esforço de última hora pela unidade do campo conservador.

O desfecho eleitoral em Teerã também tem peso regional, já que coincide com a escalada de tensão provocada pela guerra entre Israel e os aliados iranianos Hamas, na Faixa de Gaza, e Hezbollah, no Líbano.

O auge do envolvimento do Irã se deu em abril, quando o país lançou cerca de 200 drones e mísseis em direção ao território israelense, como retaliação ao ataque, atribuído a Tel Aviv, à embaixada iraniana em Damasco, na Síria, que matou membros da Guarda Revolucionária do Irã. A ofensiva foi um raro ato de agressão direta do Irã contra Israel.

Com Reuters e AFP

Raio-X do Irã

TURCOMENISTÃO
Teerã
IRAQUE
IRÃ
Golfo Pérsico
ARÁBIA SAUDITA
OMÃ
oceano Índico
200 km

Nome: República Islâmica do Irã

Forma de governo: teocracia islâmica

População: 89,8 milhões*

Língua: Persa e linguagens regionais

Moeda: Rial

PIB: US$ 464 bi*

PIB per capita: US$ 5.310*

IDH: - 0,780**

* Estimativa 2024
** Dado de 2022

Fontes: Banco Mundial, IBGE, ONU e Unesco

Dez anos após criar califado mais tarde extinto, EI segue ativo

Diogo Bercito

WASHINGTON De turbante negro e semblante sério, Abu Bakr al-Baghdadi subiu os degraus do púlpito de uma mesquita em Mossul, no Iraque, e anunciou que o Estado Islâmico —facção terrorista que chefiava— tinha estabelecido um califado em partes do Iraque e da Síria. Era 29 de junho de 2014, e o vídeo divulgado dias depois chocou a comunidade internacional.

O EI avançava rapidamente sobre o norte iraquiano e o leste sírio, regiões com frágil presença do Estado, e se tornava um dos grupos terroristas mais bem-sucedidos da história recente. O discurso de Baghdadi foi visto como uma declaração de guerra contra o mundo todo.

Uma coalizão internacional conseguiu, em alguns anos, frear os avanços da organização e expulsar seus seguidores de suas fortalezas nos dois países. Baghdadi foi morto por um ataque aéreo americano em 2019.

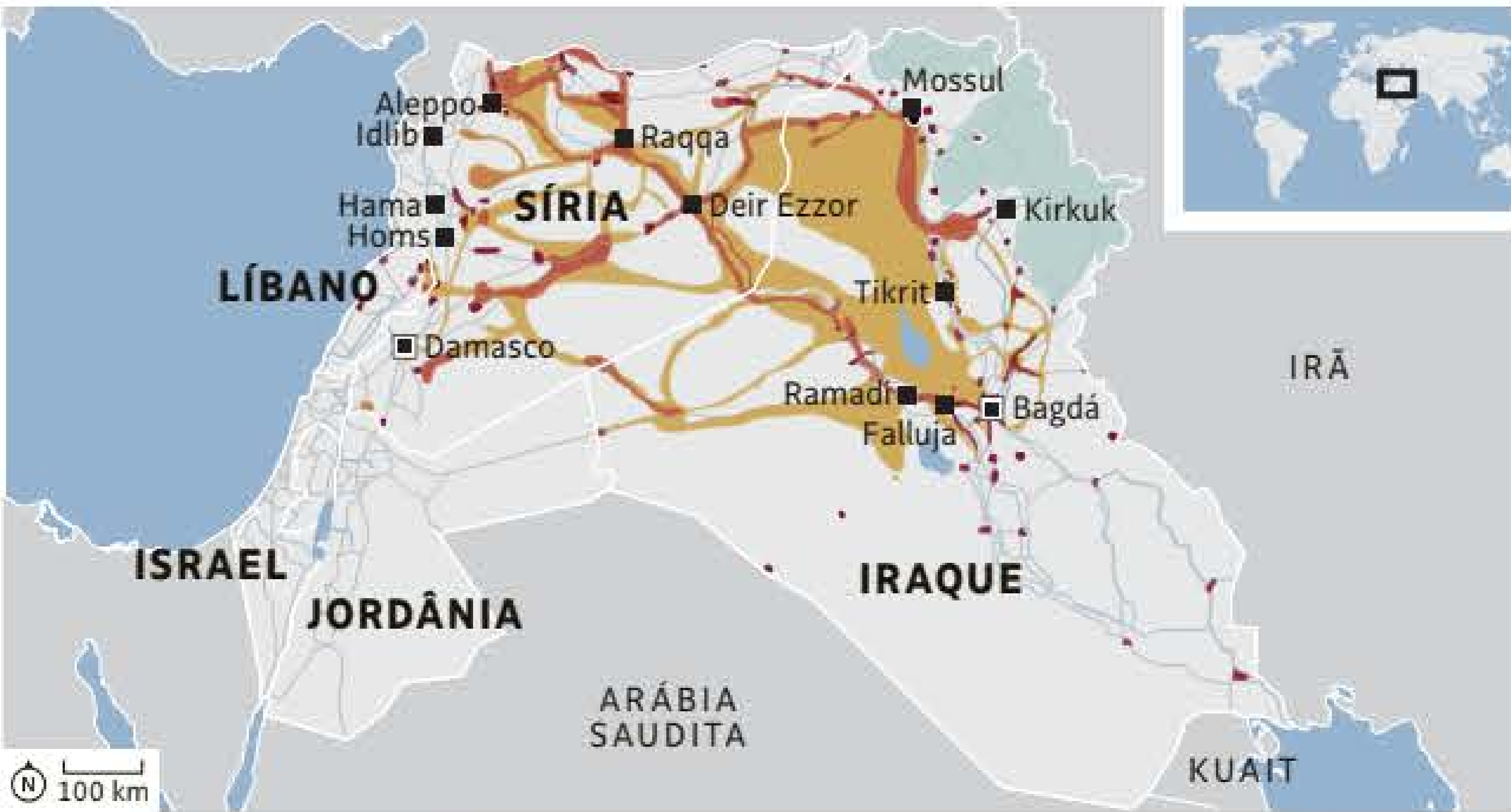
Dez anos depois, o EI está enfraquecido, mas não aniquilado. Sem seu autointitulado califado, espalhou-se por outras regiões. Analistas têm se preocupado, em especial, com os braços do grupo na Ásia Central, onde tem crescido. A facção chama sua versão asiática de Estado Islâmico na Província de Khorasan, usando o nome de uma região histórica que engloba partes do que são hoje o Afeganistão e o Paquistão. Sua sigla em inglês é ISIS-K.

Foi essa divisão que reivindicou os atentados de março deste ano na Rússia, que deixaram 145 mortos. Em junho, os Estados Unidos anunciaram ter desmontado os planos de um atentado no país. "Estão criando redes de contatos e abrindo caminhos para ataques", diz o diplomata americano Alberto Fernandez, coordenador de comunicação estratégica antiterrorismo no Departamento de Estado de 2012 a 2015.

De seu califado, no auge do EI, Baghdadi ordenou atentados em grandes cidades europeias. O mais marcante deles foi uma série de ataques em vários pontos turísticos de Paris, em novembro de 2015. Os terroristas do EI mataram 131 pessoas. Em menor escala, Bélgica, Alemanha e Reino Unido também foram alvos.

Área do califado do Estado Islâmico em 2015, um ano após sua criação

- Áreas que eram controladas pelo EI
- Áreas que estavam sob ataque pelo EI
- Regiões que davam apoio às forças do EI
- Curdistão iraquiano



Fonte: Institute for the Study of War

Um dos trunfos da organização, naquele período, foi o uso das redes sociais para divulgar suas ações. Seus membros chegaram a produzir revistas e vídeos em alta qualidade como forma de publicidade. Traduziram seu conteúdo para diversas línguas, atingindo grandes públicos fora do mundo árabe. Foi nesse contexto que homens armados filmaram a decapitação do jornalista americano James Foley, um dos momentos mais dramáticos do terror imposto pelo EI. "Eles foram revolucionários nesse sentido", afirma Fernandez.

Essas peças de propaganda foram essenciais para a radicalização de jovens muçulmanos ao redor do mundo, que decidiram viajar até a Síria e o Iraque para se unir ao Estado Islâmico na sua guerra apocalíptica. Foi o caso do brasileiro Kayke Luan Ribeiro Guimarães, detido em dezembro de 2014 na fronteira entre a Bulgária e a Turquia. Guimarães foi mais tarde condenado a oito anos de prisão na Espanha, onde vivia com a família.

Outro brasileiro, Brian de Mulder, conseguiu chegar à Síria e ganhou fama entre terroristas com o codinome Abu Qassem Brazili (Abu Qassem Brasileiro, em árabe). Mulder morreu em combate em 2015.

Por algum tempo, a propaganda do EI circulou em plataformas como o antigo Twitter e o YouTube. Organizações de combate ao terrorismo conseguiram, com os anos, eliminar o conteúdo. O problema, diz Fernandez, é que esse material continua disponível na chamada deep web. "Jovens ainda encontram esses vídeos e se radicalizam."

O EI busca recrutar, em especial, aqueles que se sentem esquecidos ou escanteados pelo Ocidente. Também estão no alvo aqueles que creem numa disputa religiosa entre muçulmanos e cristãos. "Circula essa ideia de que o Estado Islâmico está acabado", afirma Fernandez. "Podemos nos surpreender mais uma vez, como fomos em 2014."

Questão racial será chave na Bolívia

Não é hora de desistir do projeto de inclusão indígena iniciado por partido de Evo

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da **Folha** em Londres e em Buenos Aires, onde vive.

Uma vez, o ex-vice-presidente da Bolívia Álvaro García Linera, em seu exílio em Buenos Aires, me contou, passeando por um parque —ele odiava a cultura dos cafés portenhos, que de fato não é comum em La Paz—, qual a principal razão pela qual jamais tinha querido se candidatar ao cargo principal. Ele era o armador da candidatura de Evo Morales, um leal defensor de seus valores, vice em todos os seus mandatos e a pessoa que vigiava cada passo da administração.

A pergunta tinha lá sua razão de ser. Evo havia cumprido três mandatos, excedendo o que estava estabelecido pela Constituição e armado uma artimanha para convencer o Tribunal Constitucional a concorrer novamente em 2019. Nesse mesmo ano, após a votação, explodiu uma rebelião social que foi apoiada também por policiais e Exército. Corria sangue nas ruas de La Paz, e a cidade se viu cercada de barricadas e fogo. Evo e toda sua linha de sucessão renunciaram.

Se é tão complicado armar estratégias para burlar novamente a Carta (algo que Evo tenta fazer para o pleito de 2025), os juízes do Tribunal Constitucional e a própria população, a pergunta fazia sentido. "Por que nunca se apresentou García Linera para a Presidência?"

Neste momento, ele parou de andar e me olhou muito sério: "Nós lutamos demais para finalmente ter nosso primeiro presidente indígena, nós, o país mais indígena da América do Sul (62% da população). Um branco não poderá voltar tão cedo enquanto a Bolívia não tiver líderes indígenas na proporcionalidade de líderes brancos que já teve".

O racismo contra o indígena é o pano de fundo de tantas e tantas guerras e levantes do passado e de agora. Os sindicatos de mineiros, transportadores e produtores de coca são os mais combativos da região. E, para García Linera, um ex-guerrilheiro urbano de pele branca e matemático com diplomas do exterior, era inaceitável que se interrompesse a "fila de Evos" que ele imaginava vindo depois de Morales.

Não há que se deixar o racismo à parte para entender a tentativa de golpe de Estado da última semana. Num país com tamanha proporção de indígenas, eles continuam tendo as piores condições de estudos. Até outro dia havia trabalho forçado, e é contra as bolivianas que recai a maior parte do número recorde da região de mulheres atacadas e abusadas. Evo, porém, melhorou muito essa situação, e com isso levou indígenas a ocuparem cargos mais altos na sociedade.

García Linera tem convicções inquebrantáveis. Óbvio que, numa democracia, não há cor de pele preferencial para ser presidente. Mas, na prática, ele tem razão. Foram tantos brancos, por tanto tempo, com tantas armas e poder, tanto abuso, que não é hora de desistir do projeto transformador e de inclusão iniciado pelo MAS (Movimento ao Socialismo).

O que tentou de modo violento o ex-general do Exército Juan José Zúñiga Macías foi justamente intimidar esse processo de mudança. É claro que há um setor da sociedade que já não esconde mais seu cansaço com tanta "plurinacionalidade" e tanta "inclusão".

Vários nomes do MAS apostam suas fichas numa renovação do movimento. Ela estaria nas mãos de Andrónico Rodríguez, 35, líder cocaleiro desde muito jovem e que hoje lidera o Senado. Teve formação muito parecida à do ex-presidente, trabalhando nas plantações de coca da mesma região do Chapare até entrar na política. Estudou ciências sociais. Projetou-se na campanha de 2019. O ex-presidente já disse ver nele as qualidades de um sucessor, só não para agora.

| DOM. Sylvia Colombo | **TER. Mundo Leu** | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick

Reduto de Evo mostra peso de ex-presidente para futuro boliviano

El Alto, vizinha a La Paz e que agrupa indígenas aimaras, mantém-se bastião evista em meio a disputa com Arce



Vendedora de frutas em El Alto, Victoria diz que lucrava mais sob Evo Mayara Paixão/Folhapress

Mayara Paixão

EL ALTO (BOLÍVIA) A cerca de 40 minutos de La Paz, El Alto é a expressão de um conjunto de dilemas da Bolívia. A cidade, com alto índice de informalidade na economia e que vê o tráfico de drogas desafiar a segurança pública, é um dos mais importantes redutos políticos de Evo Morales.

Dois dias após a tentativa de golpe de Estado, o nome de Evo, que governou por três mandatos consecutivos, de 2006 a 2019, é o que mais aparece nas falas da população.

A grande dúvida é se ele concorrerá nas eleições do segundo semestre de 2025. A Justiça diz que não —em teoria, pela lei original, presidentes podem ficar no cargo por dois períodos, seguidos ou não. Evo já alterou a regra com seu terceiro mandato e afirma que concorrerá de novo, "por bem ou por mal".

A questão-chave é que a disputa entre Evo e Luis Arce, seu ex-pupilo e ex-ministro que chegou à Presidência, tem ajudado a drenar a popularidade do governo. O ex-sindicalista é visto como elemento definidor do que se passará na Bolívia nas próximas semanas e meses.

Analistas comentam que Evo pode escolher arrefecer sua oposição ao governo do ex-aliado e tornar as coisas mais fáceis. Ou pode —e é alta a aposta nessa opção, dados os seus genes de enfrentamento, como diz um especialista boliviano— voltar a chamar sua base às ruas para criticar Arce, como já o fez recentemente, com protestos e bloqueios.

Evistas têm capitalizado um período de dificuldades econômicas que vive o país andino. Expressão disso é El Alto, município de apenas 36 anos que, com o despejo de verba durante os anos de Evo, tornou-se atrativo econômico e a segunda cidade mais populosa do país, com 1 milhão de pessoas, atrás apenas de Santa Cruz de La Sierra (La Paz é a terceira na lista).

Reduto de indígenas aimara, a etnia de Evo, El Alto se baseia no comércio informal, de extensas avenidas com vendedores sentados no chão. No bairro 16 de Julio, são as mulheres aimaras com suas frutas e verduras às margens das ruas que chamam a atenção.

"Agora vendemos bem menos", diz Victoria, 45. Ela aponta para sua caixa de pitaias amarelas. "Antes cada uma saía por 5 bolivianos (R$ 4), agora tenho de cobrar 10 (R$ 8). A caixa, que antes comprava por 250 bolivianos (R$ 200) dos vendedores que importam, agora me sai por 550 ou 600 bolivianos (R$ 450 a R$ 500). E demoramos a vender. Às vezes o produto estraga. Com Evo não era assim."

Muitos importadores, como os atacadistas que compram frutas no Peru e no Chile, próximos a El Alto, têm dificuldade para comprar dólares, já que a moeda escasseou na Bolívia. No mercado paralelo, pagam muito mais caro. Por isso sobem o preço da revenda de seus produtos para pessoas como Victoria.

A vendedora de leite e iogurtes Mónica Eliana, 28, faz um relato semelhante. Quando questionada pela reportagem sobre o que achou da tentativa de golpe, diz não ter dúvidas de que o próprio Arce o tramou —ele nega a acusação, feita pelo general acusado de comandar a tentativa. "Como um golpe de verdade ia ser dado no meio da tarde? Qualquer militar escolheria a noite para isso, quando não há ninguém."

A alguns quarteirões está o bairro de La Ceja, um dos mais populosos e também perigosos. De madrugada, os moradores de La Paz sobem para lá —a diferença de altitude da capital para El Alto é de cerca de 800 metros— para comprar produtos e revender.

Outros dois comerciantes que falam em anonimato dizem que Evo os entende por ser indígena. O economista Arce estaria tentando resolver as coisas, mas sem saber o que a população passa.

As pesquisas locais de intenção de voto apontam que Evo tem uma base fiel de cerca de 30% dos eleitores, mas que é altamente rechaçado, também, por uma parcela de ao menos 50%. Não há um líder claro que faça oposição à esquerda, ainda que o prefeito de Cochabamba, Manfred Reyes Villa, venha ganhando relevância.

Elogiado ex-ministro da Economia de Evo, e justamente por isso escolhido para disputar a Presidência, Arce tem colhido as más consequências do pós-pandemia, da alta dos preços internacionais e da falha do próprio período evista em antever que o gás, o ouro da economia boliviana, começaria a escassear. Evo se descreve como um potencial salvador da economia nacional.

Enquanto isso, os dois protagonistas da política boliviana trocam farpas. Arce afirmou que a primeira pessoa para quem ligou quando confirmou que uma tentativa de golpe de Estado estava em curso foi Evo.

O ex-presidente confirmou, mas reforçou a versão do autogolpe neste sábado (29). "Lucho [Luis Arce] nos enganou, mentiu para nós e para o mundo inteiro. (...) Estou mais convencido de que é um autogolpe para levantar sua imagem ou deixar a Presidência para uma junta militar."

Em entrevista à **Folha**, concedida na sexta (28), Arce criticou o desejo do padrinho de retornar ao poder. "Para nós, como governo, o verdadeiro dono do instrumento político são as organizações sociais que o fundaram. Mas para ele [Evo], não: ele é o dono e quer construir com base em sua figura o instrumento. Essa é a nossa principal diferença."

Ainda há muitas perguntas pós-tentativa de golpe em aberto, mas uma certeza: a de que Evo Morales continuará a ser elemento-chave para definir os rumos da nação.





GENERAL À FRENTE DE GOLPE FRACASSADO É TRANSFERIDO PARA PRISÃO DE SEGURANÇA MÁXIMA
Juan José Zúñiga, acusado de liderar tentativa de derrubar o o presidente Luis Arce, é escoltado diante de repórteres a caminho de penitenciária perto de La Paz, por ordem de juiz que lhe impôs seis meses de prisão preventiva Aizar Raldes/AFP

Justiça absolve 28 acusados no caso dos Panama Papers

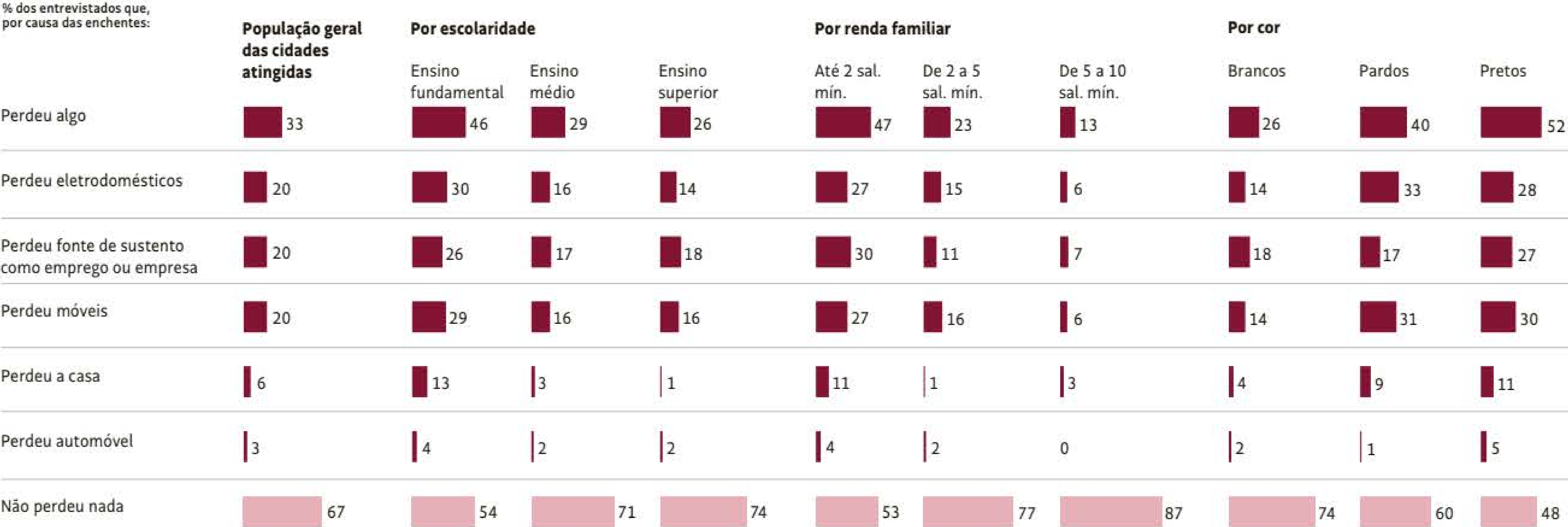
CIDADE DO PANAMÁ | AFP Um tribunal do Panamá absolveu nesta sexta-feira 28 pessoas acusadas de lavagem de dinheiro relacionadas ao extinto escritório de advocacia panamenho Mossack Fonseca, epicentro do escândalo internacional dos Panama Papers, informou o órgão judicial.

Entre as pessoas beneficiadas estão os fundadores do escritório, Jürgen Mossack e Ramón Fonseca —este morreu em 9 de maio.

Durante o julgamento, realizado na Cidade do Panamá, a promotoria pediu 12 anos de prisão para Mossack e Fonseca, a pena máxima por lavagem de dinheiro. No entanto, a juíza Baloisa Marquínez considerou que as provas coletadas nos servidores do escritório de advocacia não permitiram "ter certeza de sua autenticidade e integridade".

O escândalo dos Panama Papers veio à tona em abril de 2016, resultado de uma investigação do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos, o ICIJ. A série de reportagens analisou milhões de documentos e revelou que o Mossack Fonseca auxiliou líderes mundiais, celebridades e atletas a ocultar propriedades e lucros para sonegar impostos ou lavar dinheiro.

Entre os líderes envolvidos estavam o presidente da Rússia, Vladimir Putin; o então premiê do Reino Unido, David Cameron, e o ex-presidente da Argentina Mauricio Macri.



Enchentes do Rio Grande do Sul atingiram mais pobres e negros

Pesquisa Datafolha mostra que populações mais vulneráveis relataram perdas mais frequentes

Tulio Kruse e Felipe Prestes

SÃO PAULO E PORTO ALEGRE A população mais pobre, negra e com menor escolaridade é aquela que mais sofreu perdas de patrimônio e de renda nas enchentes dos últimos dois meses no Rio Grande do Sul. É o que mostra uma pesquisa Datafolha que ouviu gaúchos sobre os efeitos do que é considerado o maior desastre climático na história do estado.

Nas cidades atingidas pelas inundações, quase metade (47%) das famílias que ganham até dois salários mínimos respondeu ter perdido casa, móveis, eletrodomésticos ou o próprio sustento —na forma do emprego ou da própria empresa. Já entre aquelas que ganham de cinco a dez salários, só 13% relatam algum tipo de prejuízo.

Além disso, mais da metade (52%) dos pretos nos municípios afetados relata algum tipo de perda com as enchentes. Entre os pardos, 40% respondem que teve algum tipo de prejuízo. Entre a população branca dessas mesmas cidades, a proporção de entrevistados que relata alguma perda material ou de renda é de 26%.

O Datafolha reforçou as entrevistas no Rio Grande do Sul para conseguir um enfoque mais preciso na população atingida. Com 567 entrevistas no estado, a margem de erro máxima para essa amostra é de 4 pontos percentuais para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

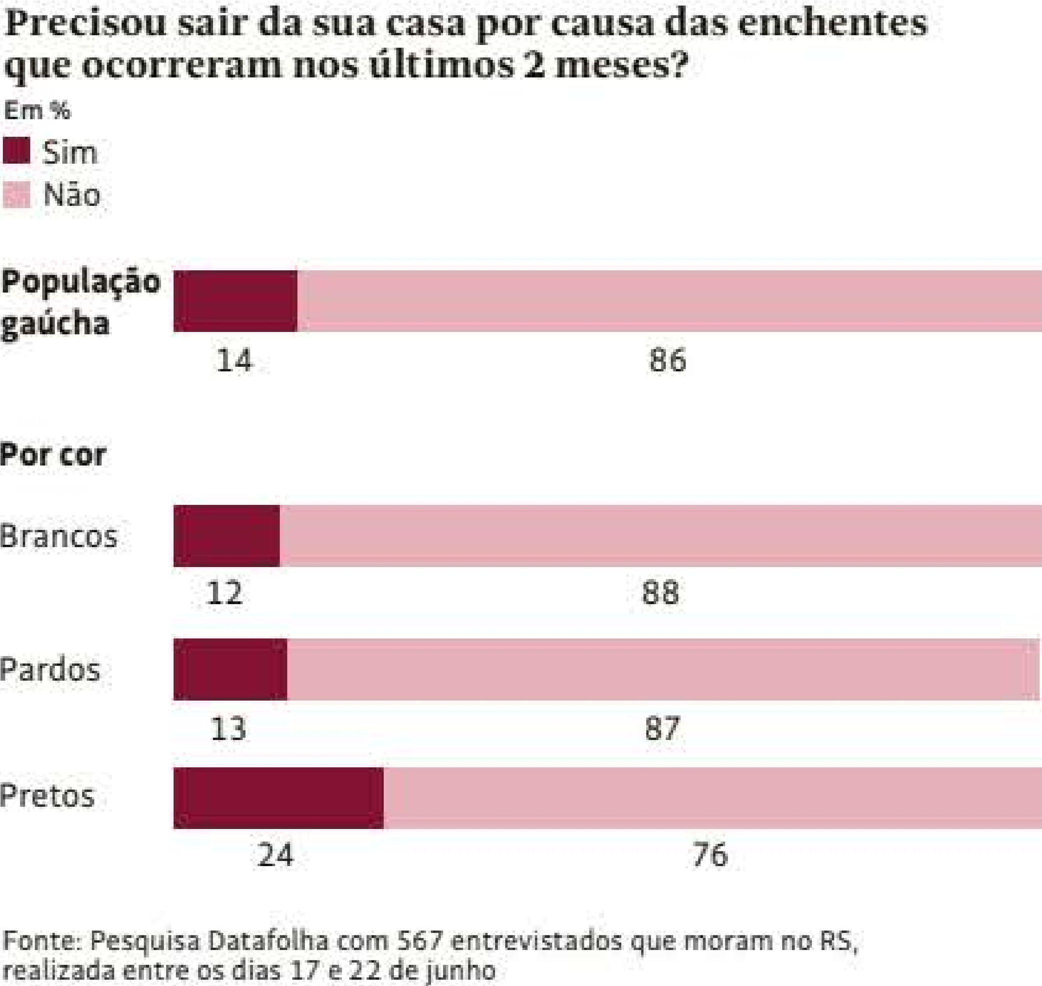
Para a região metropolitana de Porto Alegre a margem de erro é de 5 pontos, e nas cidades gaúchas do interior é de 7 pontos.

Em comparação com brancos e pardos, os pretos são o único grupo que destoa da média da população quando respondem se tiveram de deixar suas casas durante as enchentes. Enquanto 14% dos gaúchos dizem que foram expulsos pela cheia, entre os pretos essa proporção é de 24%, ou praticamente um em cada quatro.


Elisandra Machado e a filha Sophia em frente da casa que ficou alagada Carlos Macedo/Folhapress

Situação semelhante ocorreu entre os entrevistados com os menores níveis de escolaridade. Daqueles que estudaram até o ensino fundamental, 46% relataram prejuízo com as enchentes. É uma diferença de 20 pontos percentuais em relação àqueles que têm nível superior: entre estes, 26% dizem ter perdido algum patrimônio ou a fonte de sustento com a tragédia.

Os dados do Datafolha confirmam um aspecto já enfatizado em outras pesquisas científicas sobre as mudanças climáticas, que é a probabilidade maior de que eventos extremos atinjam mais as populações já vulneráveis do ponto de vista socioeconômico.



O arquiteto e urbanista William Mog, assessor técnico do Ministério Público gaúcho, diz que a proporção maior de pobres, pardos e pretos entre os afetados por tragédias climáticas é um padrão nacional pela dificuldade de acesso dessas populações à moradia formal.

"Essas famílias não poderiam estar nessas áreas, à beira de rios ou nas encostas de morros, pela legislação ambiental. E o fato de estarem ali é um indicativo de que elas não têm condição de entrar no mercado imobiliário formal, não têm dinheiro para isso", ele diz.

Entre os dados mais preocupantes está a perda do emprego ou da própria empresa, entre os mais pobres. É comum que o local ou instrumento de trabalho esteja diretamente ligado à residência no mercado informal. É o caso de costureiras que têm suas oficinas em casa, cozinheiras e confeiteiras que dependem da própria cozinha, ou entregadores e motoristas que perderam carros e motocicletas.

Entre aqueles que têm renda familiar de até dois salários mínimos, 30% disseram ter perdido a fonte de sustento. Já entre os entrevistados com renda de cinco a dez salários, 7% dizem ter perdido o emprego ou a própria empresa por causa da enchente.

A margem de erro na amostra do Rio Grande do Sul para recortes de renda varia de 7 a 18 pontos. Já no estrato racial varia de 6 a 12 pontos.

O Datafolha também mostra que moradores da capital e da região metropolitana foram mais afetados do que as cidades do interior. A diferença é de dez pontos percentuais: 36% na Grande Porto Alegre dizem ter perdido patrimônio ou renda, contra 26% nas demais regiões.

Além disso, na população gaúcha como um todo, mulheres relatam prejuízos com as enchentes em maior proporção. A diferença ocorre principalmente no caso da perda do emprego ou das bases de sustentação da própria empresa: 22% das mulheres gaúchas entrevistadas disseram ter perdido o próprio sustento, e 17% dos homens responderam o mesmo.

Elisandra Machado Silva, 42, que frequentou a escola apenas até a 5ª série, perdeu o trabalho que tinha, como babá de duas crianças, por conta da enchente e hoje não tem nenhuma renda.

"Eu não consegui mais ir para o trabalho. A gente teve que ir para um abrigo, que era longe da casa onde eu trabalhava. E também não podia deixar minha filha sozinha no abrigo. Então meu ex-patrão disse que teria que arrumar outra pessoa", disse.

Também moradora da Vila Nova Brasília, ela passou um mês em uma escola no Morro Santana, a cerca de oito quilômetro de onde morava.

Depois que o abrigo fechou, foi para um apartamento emprestado por um familiar. A volta de Elisandra e da filha para casa ocorreu há uma semana, convivendo com lodo e entulhos ainda não recolhidos no entorno, além da falta de estrutura dentro de casa.

Mog ressalta que, neste ano, as inundações não se restringiram a áreas de risco e atingiram vários bairros de ocupação formal, inclusive de classe média alta. Os maiores prejuízos, no entanto, se concentraram nas áreas mais pobres.

A legislação brasileira, ele lembra, já prevê que áreas de risco sejam desocupadas e ganhem novos usos e que novas moradias para grupos vulneráveis tenham acesso a infraestrutura de transporte e serviços, mas o poder público tem dificuldades de transformar essas regras em realidade.

"É preciso assegurar que essa população vá para áreas seguras, com acesso a infraestrutura, e a área desocupada pode ter seu uso alterado, pode se transformar num parque", diz. "Com isso, não só essas populações pardas, pretas e de baixa renda vão ser beneficiadas. Toda a população vai ser beneficiada."

Para 57% dos gaúchos, reconstrução vai demorar mais de 3 anos

SÃO PAULO Dois meses depois do início das enchentes no Rio Grande do Sul, e com inundações se repetindo a cada temporal ao longo desse período, mais da metade (57%) dos gaúchos estima que a reconstrução do estado levará ao menos três anos para se completar.

Os dados são de uma pesquisa Datafolha que entrevistou 567 pessoas com mais de 16 anos no estado, realizada entre os dias 17 e 22 de junho. A margem de erro é de 4 pontos percentuais, para mais ou para menos.

A maior parte dos gaúchos se coloca entre os mais pessimistas ao avaliar o tempo que será necessário para o estado se recuperar plenamente das chuvas. Quase quatro em cada dez (39%) diz que serão necessários mais de quatro anos para a reconstrução.

Em seguida, 25% dizem que a recuperação pode ser alcançada de um a dois anos. Outros 18% dizem que a tarefa deve levar entre três e quatro anos —que, somados aos mais pessimistas, tornam-se mais da metade dos entrevistados.

Só 5% dizem acreditar que a recuperação levará menos de seis meses, e outros 11% dizem que ela será feita no prazo de seis meses a um ano.

A mesma pesquisa Datafolha entrevistou 2.457 brasileiros em todo o país sobre suas percepções sobre as mudanças climáticas, mas apenas os moradores do Rio Grande do Sul foram questionados sobre os prazos para a reconstrução.

Há pouca variação entre as estimativas de moradores do interior do estado e da região metropolitana de Porto Alegre. Nos dois casos, a maior parte das respostas se concentra no prazo de um a mais de quatro anos. As respostas sobre a reconstrução da infraestrutura do estado, no entanto, contrastam com a opinião sobre a volta à normalidade em seu próprio dia a dia.

O total de 33% dos entrevistados dizem que um mês será suficiente. Em todo o estado, 74% dizem que será possível retornar à normalidade em no máximo um ano.

As estimativas são melhores nas cidades do interior gaúcho, onde 42% respondem que devem voltar à rotina em até um mês, e outros 29% entre um mês e um ano. Entretanto, duas em cada dez pessoas no interior não sabem quanto tempo será necessário.

Na região de Porto Alegre, 26% dos entrevistados dizem que devem voltar à normalidade dentro de um mês. Mais da metade (52%) dos moradores nessa região falam em retomar a velha rotina num prazo maior do que um mês e menor do que um ano, outros 13% estimam que será necessário um período de um a quatro anos. Neste caso, 7% não souberam responder.

Se entre negros e pobres há mais pessoas que relatam ter perdido patrimônio e renda por causa das enchentes, essa população também tem estimativas piores para o tempo de reconstrução.

Mais de três a cada dez (37%) entrevistados brancos respondem que sua família conseguirá voltar à rotina anterior às enchentes em até um mês. Entre os pretos, só 18% deram essa resposta. **TK**

Necropolítica nacional sentou praça no Congresso

Com decisão sobre maconha, STF se curva à amoralidade parlamentar

Marcelo Leite
Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

Após nove anos cozinhando o galo, o STF (Supremo Tribunal Federal) botou um ovo de serpente ao se pronunciar sobre o porte de Cannabis para uso pessoal. Policiais seguirão na função de juízes, decidindo na rua quem é traficante ou usuário.

O STF reconheceu, é verdade, que havia viés racial na prática anterior de quase sempre enquadrar pretos e pobres como traficantes, como bem celebrou Djamila Ribeiro. Talvez o arbítrio dos agentes resulte um pouco dificultado com o limite objetivo que rebaixou de crime para ilícito a posse de até 40 g da maconha. Talvez.

Já o advogado Cristiano Maronna, que representou o Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim) na ação de 2015 no Supremo, apontou à Monica Bergamo que a decisão favorece "apenas o playboy" consumidor da droga.

"A pressão que a extrema-direita fez sobre o STF funcionou", disse ele à colunista. "O STF se impôs uma autocontenção exagerada. Ficou aquém das decisões tomadas pelas Supremas Cortes de Argentina, Colômbia, México e África do Sul."

A premissa dos 40 g pode terminar posta de lado quando houver testemunho policial e provas ancoradas nele. Se PMs se investem do poder de matar jovens pardos a qualquer tempo, o que os impedirá de dar falso testemunho e forjar provas?

Maronna assinalou ainda que muitos dos alvos da violência policial são usuários de outras drogas, como o crack. Por prudência ou pusilanimidade (decida o leitor), o ministro Gilmar Mendes as excluiu de seu voto inicial. Abriu a porteira, e a carneirada passou.

Não existe motivo plausível, jurídico ou científico, para fazer essa distinção entre maconha e outras drogas, como observou Hélio Schwartsman. Ela deriva de puro cálculo político; melhor dizendo, do temor de que a decisão constitucional espicaçasse a húbris parlamentar.

Sobre as supremas cabeças paira a PEC das Drogas, desembainhada em setembro pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), após o STF ousar avançar na pauta. Na mesma terça-feira (25) da decisão tão protelada, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) oficializou a comissão especial que a analisará.

A comissão já havia sido formalizada uma semana antes por Lira, mas ele só a fez publicar quando a corte se pronunciou. Também na mesma data o deputado alagoano completou 55 anos, que comemorou em Portugal durante festa do grupo Esfera Brasil, um "esquenta" do Fórum Jurídico de Lisboa, vulgo "Gilmarpalooza".

Pela praxe da Câmara, a composição da comissão seguirá a proporcionalidade das bancadas. Em outras palavras, será dominada pela centro-direita com que cinco ministros do Supremo confraternizam sem corar no convescote lisboeta de Gilmar.

Nenhum dos comensais, juiz, empresário ou banqueiro, se incomoda com Pacheco e Lira brandirem a PEC das Drogas não por convicção, mas oportunismo. Para manter controle sobre a própria sucessão, querem adular a bancada da bala e da bíblia, que depende de realimentar pânico moral entre apoiadores para se reeleger.

Pouco importa se meninos e rapazes escuros forem mortos ou encarcerados injustamente, ao arrepio de garantias constitucionais. A necropolítica sentou praça no Congresso –eis o maior legado das trevas bolsonarianas com que o andar de cima e a Faria Lima voltam a flertar.

O que esperar, se não a mais abjeta amoralidade, de gente que propõe tratar como assassinas garotas estupradas que ultrapassam a 22ª semana de gravidez porque profissionais de saúde fundamentalistas se recusam a realizar abortos a que elas têm direito por lei?

| **DOM.** **Reinaldo José Lopes,** Marcelo Leite

Descriminalizar drogas pode afastar usuário de violência

Holanda e México debatem combate ao tráfico após relaxarem proibição

Lucas Lacerda

SÃO PAULO Quando os ministros da Suprema Corte do México decidiram, em 2021, descriminalizar o uso recreativo de maconha para adultos, a escolha deu fim a um julgamento de três anos. A vitória foi resultado da mobilização de ativistas que levaram à corte e conseguiram vencer cinco casos similares —regra do país para criar um precedente.

Até este ano, no entanto, o Legislativo mexicano não deu seguimento aos projetos de lei, emperrando a descriminalização dos usuários.

Já no Brasil, a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) que descriminalizou o porte de maconha para uso e definiu 40 gramas para compor a separação de usuário e traficante passou a valer a partir da última sexta (28), com a publicação da ata do julgamento.

A decisão coloca o Brasil no rol de países que aprovaram algum tipo de descriminalização para usuários, mas deve ser contestada no Congresso com a PEC das Drogas.


Participante durante Marcha da Maconha na Cidade do México Alejandro Ayala - 5.mai.18/Xinhua

Mas mesmo esse caso brasileiro de vai-e-volta em medidas para descriminalizar o uso também é uma experiência conhecida por vizinhos como a Colômbia, que teve sucessivos embates até a descriminalização definitiva.

Do outro lado do Atlântico, europeus como Malta, Luxemburgo e Alemanha (onde é permitido fazer uso recreativo desde abril) experimentam a descriminalização mais a fundo.

No caso alemão, a solução foi uma espécie de "jeitinho". Embora tenha cara de legalização parcial, o país optou por um "modelo avançado" da descriminalização, já que as regras da União Europeia dificultam a criação de um mercado regulado de uso recreativo da *Cannabis*.

É o que diz Steve Rolles, analista sênior de políticas da Transform Drug Policy Foundation, ONG britânica a favor da reforma da política de drogas. "O que fizeram junto com a descriminalização do porte foi permitir o cultivo doméstico em pequena escala [até três plantas por adulto] em casa. Então você pode acessar maconha e evitar o mercado ilegal."

Na Espanha, esse modelo foi além, com a criação de um modelo coletivo de descriminalização, segundo Rolles, por meio de disputas na Justiça. O resultado foram os clubes canábicos sem fins lucrativos, que permitem aos integrantes o cultivo de uma quantidade fixa de maconha para distribuição entre os membros.

O modelo também foi estabelecido entre os malteses e ganha espaço na Alemanha por não ferir as restrições comuns da União Europeia.

A preocupação com essa segurança é um dos aspectos comuns a países como México, Colômbia e Brasil, entre outros vizinhos latinos, segundo Diego Garcia, gerente de programas da Open Society Foundations especializado em políticas de drogas.

O problema se deve ao histórico de exposição de usuários às violências estatais (caso das polícias na América Latina) e do narcotráfico.

Este também é um debate na Holanda, que tem enfrentado violência relacionada ao mercado ilegal de drogas —especialmente o de cocaína— e deve tentar fomentar uma discussão internacional.

O país tem uma política de tolerância, mas não chegou a legalizar seu mercado.

A discussão posta não é por causa de falhas na atual política de tolerância (a Holanda não legalizou a maconha), segundo Martin Jelsma, diretor do programa de drogas e democracia do Transnational Institute em Amsterdã.

"A conclusão é que é preciso contra-atacar e oferecer uma política real para reduzir a violência. É discutir como tirar o mercado das mãos de organizações violentas."

Ao menos no caso da maconha, esse passo poderia ser a regulamentação e o controle do acesso. Mas é consenso que a experiência de descriminalização é particular, e não há como garantir que os passos no Brasil serão como os de outros países.

Uma das características apontadas pelos especialistas como positiva na decisão do Supremo foi a quantidade de 40 gramas, já que limites muito baixos podem facilitar a criminalização de usuários. Foi o que aconteceu no México, com os limites de cinco gramas para maconha e meio grama para cocaína.

No Brasil, a decisão do STF pode ser contestada, mas foi uma oportunidade para buscar caminhos diferentes da guerra às drogas, segundo Paulo Pereira, coordenador do Grupo de Pesquisas Internacionais sobre Políticas de Drogas da PUC-SP. "O Brasil se aproxima de uma orientação da ONU de que criminalizar usuário não é uma saída adequada para lidar com o tema das drogas."

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Morreu lutando pelos povos quilombolas do Maranhão

RAIMUNDO BERTOLDO CEARENSE (1955 - 2024)

Adriano Alves

JUAZEIRO (BA) O telefone de Raimundo Bertoldo não parava, sempre tinha alguém ligando para pedir uma ajuda. O líder presidiu durante muitos anos a associação do Quilombo Santa Cruz, atuando na defesa da comunidade contra loteamentos ilegais e articulando projetos para melhorar a qualidade de vida de seu povo. E sempre ajudava com documentações, até para certificação de outros quilombos do Maranhão.

"Era um líder muito querido da comunidade. Sempre defendia os de dentro da comunidade e não apoiava esses moradores irregulares que vinham de fora para comprar terreno em nossas áreas", afirma o filho Ronaldo Mota Cearense, 34, que perdeu as contas de quantas viagens o pai fez para buscar melhorias e regularizar atas de comunidades quilombolas.

Em seu quilombo, localizado em Capinzal do Norte (MA), foram muitos projetos implantados. Ele era o responsável por reunir a documentação das pessoas e auxiliar na execução. Este ano, garantiu o Minha Casa Minha Vida.

O líder também defendia a preservação das matas virgens, era contra o desmatamento e a caça de animais silvestres.

Raimundo Bertoldo Cearense nasceu em Caxias (MA), em 1955. Foi criado por pais adotivos, Antonio Bertoldo Cearense e Joana Teresinha de Jesus, junto aos seus dois filhos, em Coroatá (MA). Se dividia entre ajudar na roça pela manhã e ir para a escola à tarde.

Foi o trabalho que o fez chegar ao Quilombo Santa Cruz, onde se casou e morou o resto da vida.

Foram quase 50 anos de relacionamento com Lenilsan, com quem teve oito filhos. Um morreu ainda recém-nascido e outros dois já adultos, um em 2016 e outro em 2023.

Ele se divertia com os filhos e vizinhos jogando bola na comunidade. "Meu pai era muito divertido, conversava muito e dava conselhos. Falava que a gente tinha que sempre respeitar um ao outro. Ensinou a sermos respeitosos e trabalhadores", diz Ronaldo.

Um de seus braços era amputado. A causa foi um acidente de trabalho em 1972. Um incêndio atingiu a área da empresa onde ele estava e, ao correr carregando um botijão, um pedaço de árvore caiu sobre seu braço. Mesmo com levado ao hospital, não foi possível salvar o membro.

Raimundo trabalhou a vida toda, era lavrador e mantinha o costume de acordar muito cedo. Já aos 69 anos, ainda plantava na roça de feijão.

O líder quilombola foi assassinado em uma emboscada no dia 27 de maio de 2024, aos 69 anos, conforme denúncia da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais e Quilombolas (Conaq).

Deixa a esposa Lenilsa, 67, os filhos Reinaldo, Raimunda, Renato, Romário e Ronaldo, além de 11 netos e 2 bisnetos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Adams Carvalho

Chamem o Tiririca

Botassem Suassuna no fim da vida com Trump e não sobrava uma migalha

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Eu tinha uns vinte anos, era colaborador numa novela da Globo e não sei por que cargas d'água fui parar num almoço com uns executivos do canal. Havia muitos talheres, muitos copos, muitos chefes e uma TV ligada, sem volume, no fundo do restaurante, no Projac.

No meio da conversa um mandachuva, que provavelmente tinha pegado o Boni no colo, feito cafuné no Chacrinha e dado chupeta pro Renato Aragão, olha pra TV e se cala.

Tava passando, em "Vale a Pena Ver de Novo", uma cena com uma dessas grandes atrizes, não sei se a Renata Sorrah, a Laura Cardoso ou a Marília Pêra. Depois de uns segundos ele sorriu satisfeito, como um fazendeiro admirando sua lavoura. Aí disse um negócio que nunca esqueci. "Você reconhece boa atuação é assistindo TV sem volume".

De fato, sem sabermos o que a Renata Sorrah, a Laura Cardoso ou a Marília Pêra falavam, percebíamos sua genialidade, em contraste com a canastrice dos atores menores, que gritava na televisão muda.

Lembrei da cena nesta quinta, assistindo ao debate entre Trump e Biden. Coloquei na CNN, mas a TV estava sem volume e demorei a achar o controle certo. Por mais de um minuto, voltei àquele almoço de duas décadas atrás —e, infelizmente, não vi no Biden nem a Renata Sorrah, nem a Laura Cardoso e nem a Marília Pêra.

Que desastre, meus amigos. Que desastre. Qualquer estreante em "Malhação" teria feito melhor. Trump era Rocky Balboa socando um Dom Lázaro balbuciando "eu quero mamão". Era Arnold Schwarzenegger (em qualquer filme) contra Daniel Day Lewis em "Meu pé esquerdo".

Mano! O país mais poderoso do mundo, o único que tem alguma chance de liderar a luta contra a extrema direita, aos quarenta e cinco do segundo tempo no jogo do apocalipse climático, com mais de 300 milhões de habitantes, não conseguiu arrumar ninguém melhor pra concorrer à presidência do que a Velha Surda de "A praça é nossa"?! Biden parece ter sido escolhido a dedo— por um estrategista republicano.

A direita sempre tem a virilidade em alta conta. Até um homúnculo como Mussolini era vendido como um Hércules, fazendo com que todos os homúnculos da Itália reconhecessem como hercúleas suas existências medíocres.

Vivemos uma crise da masculinidade. O homem hétero não é mais o rei da cocada preta. A "defesa da família tradicional", conversa pra boi dormir e gado acordar, que vem de Trumps, Bolsonaros e que-tais, nada mais é do que a promessa de voltarmos à época em que o homem branco e hétero mandava na sua esposa, nos seus filhos, podia zoar o gay no trabalho e desprezar todos os negros.

O slogan "Make América Great Again" podia ser mais explícito e mudar para "Enlarge Your Penis". Um charuto pode ser apenas um charuto, claro, mas desconfio que esses fuzis não sejam apenas fuzis.

Essa virilidade tosca do século 20, rediviva no 21, é ridícula, claro, mas a virilidade, em si, não é. Queremos que um líder seja corajoso, enfático, forte. Nada disso requer, especificamente, testosterona. Margareth Tatcher, Angela Merkel, Marine Le Pen, Simone Tebet, Dilma, Michele Obama não são imagens da fragilidade.

Tampouco precisa ser jovem, um candidato: botassem o Ariano Suassuna no fim da vida pra debater com o Trump e não sobrava uma migalha craquelada daquele bronzeamento artificial. A Erundina arrancava aquela peruca com duas frases.

Por que, ó Deus, ó deusas, o Biden? Se não tem ninguém no partido democrata, não podiam treinar o Tom Hanks? O Ross, de Friends? A Phoebe! O Mickey Mouse? O Pateta? Eu? O Tiririca? Pior do que tá não fica.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Giovana Madalosso | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Bailes funk revivem nostalgia da década de 1990

Encontros reúnem ex-brigões que hoje levam famílias em clima amistoso, mas casos de pancadaria ainda acontecem

Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO Funkeiros da década de 1990 voltaram a se encontrar para matar a saudade. Alguns sentiam falta das danças e músicas que embalaram amizades e romances. Outros estavam com saudades da violência. Os bailes funk de corredor, famosos nos anos 1990 pelas brigas, voltaram a acontecer nos últimos três anos em ginásios e campos do Rio de Janeiro, especialmente nas zonas norte e oeste e na Baixada Fluminense.

A geração apaixonada por esses bailes envelheceu e se dividiu. A maioria deixou a pancadaria de lado e leva a família em reuniões em que tocam os mesmos funks daquela época, mas agora sem briga. São os bailes da antiga, criados para celebrar as amizades feitas na época — e a própria sobrevivência deles. Eventualmente, ex-oponentes se reencontram e passam a noite lado a lado.

"Na maioria dos eventos a gente coloca pula-pula para as crianças. Vai gente de todas as faixas etárias", afirma o DJ Júnior Costa, que discoteca desde 1992.

Mas os bailes de pancadaria seguem acontecendo secretamente. Muitos frequentadores, hoje nas casas dos 40 e 50 anos, continuam à procura do tumulto e se misturam aos jovens que desejam sentir a adrenalina do corredor. Os encontros são anunciados em grupos restritos nas redes sociais, para evitar que as autoridades sejam alertadas.

O Disque Denúncia afirma que não recebeu nos últimos anos relatos sobre bailes do tipo. A Polícia Civil do Rio também não localizou registros em delegacias.

Nestes bailes, o salão é dividido em dois grupos, separados por um ou mais seguranças que circulam por um pequeno espaço, o corredor, e tentam evitar tragédias maiores, como grupos inteiros batendo em uma só pessoa.

Como antigamente, os lados A e B dividem moradores de bairros e favelas do Rio. A divisão geográfica não é óbvia e localidades vizinhas podem ser adversárias. Há 30 anos, torcidas organizadas de futebol, grupos de bate-bola e academias de artes marciais levaram aos bailes outros tipos de rivalidades. Também havia rixas entre moradores de favelas dominadas por facções diferentes.

Nesses eventos, o DJ toca funks que exaltam as comunidades presentes, com letras repletas de intimidações ao rival. São as chamadas montagens. É famoso o refrão do grupo de Belford Roxo: "Baixada é cruel/Os sinistros são de Bel". Outro, de uma turma de Laranjeiras, dizia: "Nostradamus quem falou/O mundo vai se acabar/Zona sul chegou no baile/O terror vai começar".

"Tem gente que tem um hobby doido, como pular de bungee jump ou acampar em ambientes selvagens, até perto de urso. Ali é nosso hobby. Gostamos do 'mano a mano' rolando. Depois, quando acaba, nos abraçamos. Tenho amigos no outro lado", diz o youtuber Fernando Henrique, 28, frequentador da nova encarnação do baile de corredor.

A vontade de participar foi alimentada na infância e adolescência, quando ouvia de tios e primos histórias de brigas nos clubes de Madureira.

"Muita gente vê o baile como uma selvageria. Mas para quem vai é como se fosse uma luta, um esporte. A diferença é que não tem luvas. No máximo colocamos uma atadura na mão, um protetor bucal e vamos para cima."

Os bailes de corredor mais famosos da década de 1990 eram os da ZZ, equipe de som de José Carlos da Silva Braga, o Zezinho, morto em 2001. Personagem tão controverso quanto querido pelos fãs de funk, ele não evitava as brigas e até as estimulava: os seguranças do baile usavam chicotes e porretes para separar os lados quando a confusão saía do controle. Em alguns clubes havia uma sala para primeiros socorros, com maca e equipe de enfermagem.

Para os saudosos, a ZZ era a versão marginalizada da Furacão 2000 de Rômulo Costa e Verônica Costa, que no fim dos anos 1990 já tinha programa de televisão e rádio.

"Se o cara pegasse um ônibus e passasse em um bairro em que embarcassem três ou quatro caras da galera rival, a briga acontecia", diz Tripa, antigo DJ de Zezinho.

Tripa ainda toca em bailes, mas somente nos de ambiente familiar. "A emoção é a mesma de 1994, 1995. É muito gratificante a pessoa te ver e reconhecer depois de tanto tempo."

Os grupos que participavam dos bailes começaram a desmobilizar a partir de 1999, quando mortes por pancadas, pisoteamentos e até tiroteios fizeram a opinião pública pressionar autoridades.

O período deixou traumas em algumas pessoas, que sequer conseguem ouvir as músicas daqueles tempos.

Se antes os bailes eram anunciados no rádio, a discrição é a tática da nova fase do corredor. São chamados apenas aqueles comprometidos em não repassar a informação. Fotos e vídeos são divulgados na internet dias depois, jamais em tempo real.

Os bailes já não são em clubes recreativos em ruas movimentadas do Rio de Janeiro, mas em campos, galpões e ginásios, distantes de vizinhos e curiosos.

Alguns ex-frequentadores não veem com bons olhos a redescoberta do corredor. Argumentam que a expansão das facções, o surgimento das milícias e o crescimento das armas em circulação tornaram as brigas ainda mais perigosas. Durante a pandemia, um baile de corredor em Belford Roxo terminou com três mortos.

Frequentadores curtem 'Baile Funk das Antigas', no estádio Nilton Santos Eduardo Anizelli/Folhapress

ilustrada

Martinho da Vila critica a ABL na Feira do Livro

Primeiro dia de evento ainda teve como destaques painéis com Rubens Ricupero, Adriana Abujamra e Bernardo Carvalho

Maurício Meireles e Walter Porto

SÃO PAULO "Nunca pensei muito nisso, não", disse Martinho da Vila sobre entrar na Academia Brasileira de Letras, a um público de centenas de pessoas aglomeradas no Pacaembu, em São Paulo, que neste sábado recebeu o primeiro dia da Feira do Livro.

O sambista e escritor foi um dos destaques da programação inaugural. "Concorri uma vez, uns segmentos do movimento negro vieram e falaram que a ABL tinha sido fundada pelo Machado de Assis e só tinha um negro. Eu concorri, mas não recebi voto", contou.

"Você tem que primeiro frequentar a academia, ir lá ver palestras, torcer para ser convidado para o chazinho das cinco. Descobri que não adianta concorrer, a diretoria se reúne, uns quatro ou cinco escolhem um candidato e resolvem qual será. Vai ser o afilhado de quem dessa vez?"

"Se vier é bom, é uma honraria, mas não é um sonho, um sentido de vida, é uma coisa vaidosa. Meu sentido é ser referência para jovens da minha origem", afirmou ainda ao público, que se alegrou quando o cantor entoou um samba que homenageava justamente o fundador da casa centenária.

"Comecei a me interessar mais pelos livros por causa de um samba-enredo sobre a epopeia de Machado de Assis. Fui pesquisar sobre ele na biblioteca. Achava que era branco, mas todo negro que se destacava era embranquecido."

A conversa passeou por diversas lembranças da carreira do compositor, que lançou há pouco pela Planeta o livro "Martinho da Vida", uma espécie de autoficção em que dois homens batem papo num "diálogo-monólogo", como define.

Visitantes da Feira do Livro no gramado em frente ao Pacaembu, sede do evento Rubens Cavallari/Folhapress

O primeiro dia de feira debateu ainda o luto, em painel com a escritora Natalia Timerman e o psicanalista Christian Dunker, mediado por Tati Bernardi, colunista da **Folha**, que chorou em vários momentos.

Momentos emocionantes se intercalaram com risadas estrondosas, como é típico do transbordamento do luto.

Por exemplo, quando Dunker, autor de "Lutos Finitos e Infinitos", contou o périplo para se desfazer das cinzas da mãe, que levou numa viagem para Israel, num átimo. "Aí quando estava lá um amigo falou 'cara, isso é crime internacional, tá cheio de gente carregando Uzi nesse país'."

Timerman também escreveu sobre luto em "As Pequenas Chances", e a parte mais interessante da mesa revolveu em torno da elaboração da morte pela escrita. "Nos momentos de dor, é um alívio pelo menos pensar que vou escrever sobre aquilo", disse ela.

Outro destaque da Feira do Livro foi o ex-embaixador Rubens Ricupero, que disse que o futuro dos Estados Unidos é mais ameaçador do que o do Brasil e que lança, no evento, um livro de memórias pela Unesp. "O debate eleitoral outro dia [entre Joe Biden e Donald Trump] aprofundou essa preocupação", disse ele.

Já no palco principal, os jornalistas Adriana Abujamra e Bernardo Carvalho debateram a arqueologia —ela lançou uma biografia de Niéde Guidon e ele, "Admirável Novo Mundo", uma reconstituição da ocupação nas Américas.

A Feira do Livro vai até o próximo domingo, dia 7 de julho.

equilíbrio todas



A casa de Ubah Musa Kasim, 37, em Kano, a segunda maior cidade da Nigéria, onde mora com as três esposas e os 18 filhos Ahmad Sani Garko/Folhapress

Poligamia é legalizada em mais de 30 países, mas só para homens

Aceitação social ou permissão se concentram nas nações da África e do Golfo Pérsico

SÉRIES FOLHA
É TUDO AMOR

Thais Matos

AARHUS (DINAMARCA) Em uma casa pequena em Kano, no norte da Nigéria, o artesão Ubah Musa Kasim, 37, vive com três esposas e 18 filhos. "Normas culturais e crenças pessoais" guiaram sua decisão. "Na nossa comunidade, a poligamia é mais que aceita: é encorajada", diz. Ele conheceu cada uma das esposas em diferentes circunstâncias. "A primeira foi meu primeiro amor. A segunda foi por meio de um casamento arranjado pelos nossos pais. E a terceira também foi puramente por amor", diz o artesão.

Na região, a prática é comum de jovens a idosos. Embora não haja uma lei nacional que legalize a poligamia na Nigéria, a prática é reconhecida em 12 estados do norte do país, de maioria muçulmana e que seguem a sharia, a lei tradicional islâmica.

No mundo todo, mais de 30 países têm a poligamia legalizada. E, em mais de 40, a prática é aceita pela população ou vista como legal para um grupo específico de pessoas, de acordo com levantamentos feitos pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e pelo instituto de pesquisa norte-americano Pew Research Center.

Um relatório publicado pelo instituto em 2020, com análise de censos e pesquisas de 130 países, mostra que a poligamia, em geral, é rara e, mesmo nos lugares em que é legalizada, é uma prática minoritária, exceto em países da África subsaariana e alguns do Golfo Pérsico.

Além disso, as permissões variam entre países. Em alguns, como Gana e Guiné, apesar de ser proibida por lei, a prática é aceita na sociedade, segundo a OCDE. Em outros, embora não faça parte do código civil, ela é aceita por leis consuetudinárias (costumes de uma sociedade tomados como lei mesmo sem aprovação de um processo legislativo) ou práticas religiosas, como na Índia e na Nigéria.

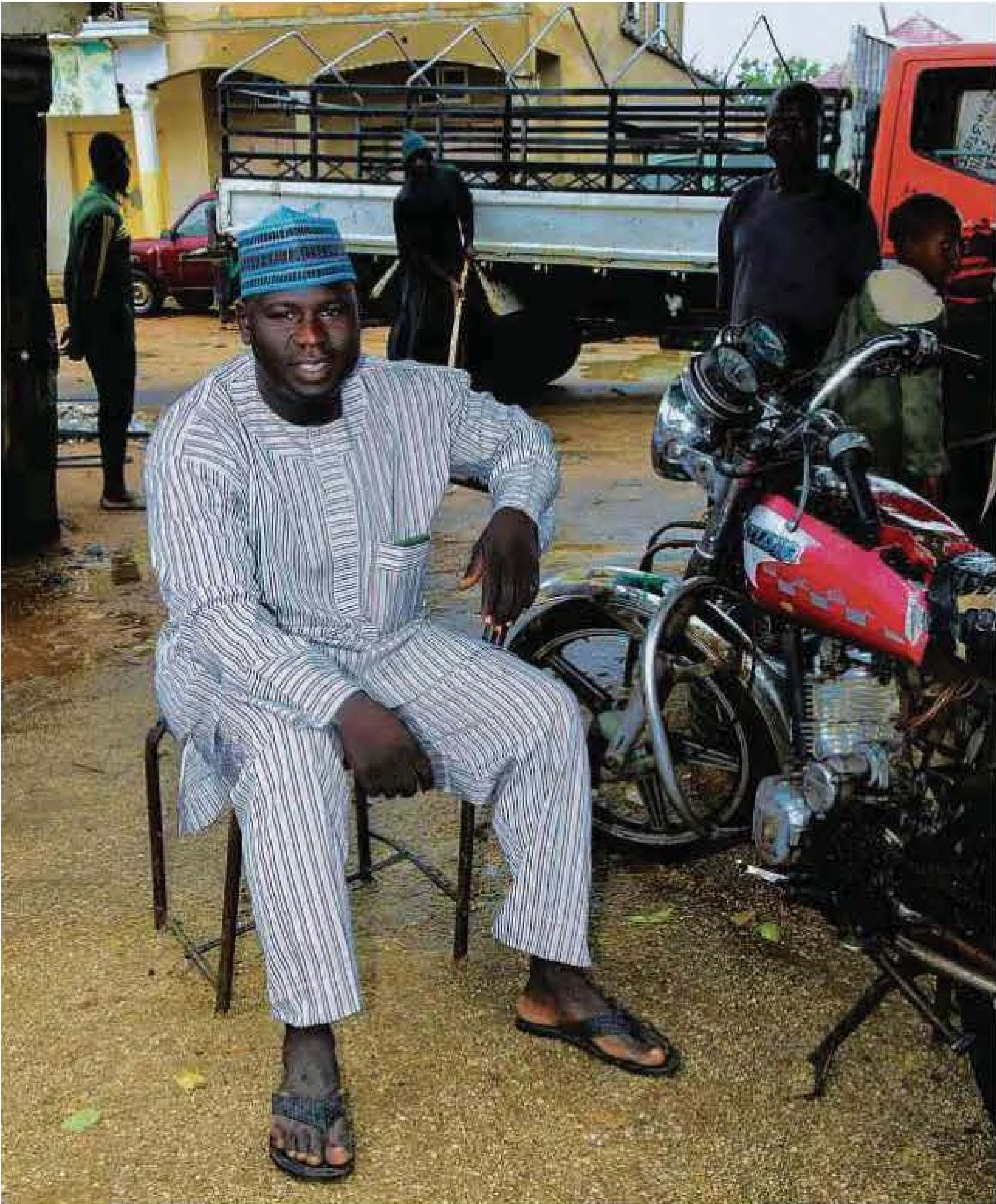
E, mesmo nos países em que a poligamia é legal, pode haver regras para regulá-la. É o caso de Burkina Fasso, onde as esposas precisam concordar legalmente com o segundo casamento do marido, e do Djibouti, onde um juiz decide se aprova ou não o segundo casamento baseado no depoimento das primeiras esposas e na investigação das condições socioeconômicas do marido, diz o Pew Research Center.

Esse arranjo familiar também está muito ligado à religião, já que as nações de maioria muçulmana são também as que aprovam a união. Mas ele não é uma exclusividade dos muçulmanos. Segundo o levantamento, em algumas nações, ele também é praticado por pessoas de religiões populares, cristãos, grupos dissidentes de mórmons e entre não religiosos, embora em menor escala.

Apesar de estar presente em vários países de maioria muçulmana, a poligamia é mais comum na África Ocidental e Central, classificada como "cinturão poligâmico" ou "poligínico", já que o costume é que um homem tenha várias mulheres, mas não o contrário. A média de pessoas em casamentos poligâmicos na região é de 11% da população, e as maiores concentrações estão em Burkina Fasso (36%), Mali (34%) e Nigéria (28%), segundo o instituto.

A poligamia é uma questão cultural e histórica "complicada" e as razões para a sua concentração nesta região são "numerosas e interligadas", diz a pesquisadora Stephanie Kramer, responsável pelo levantamento do Pew Research Center. Ela afirma que locais com altas taxas de poligamia tendem a ser os mesmos onde as pessoas, e especialmente os homens, vivem menos.

"Historiadores observam que a orientação islâmica sobre a poligamia foi emitida durante as guerras na Arábia e criou um sistema no qual um grande número de viúvas e órfãos poderia ser cuidado. Em locais onde os homens morrem jovens, as condições são difíceis, as mulheres normalmente não fazem parte do mercado de trabalho e as redes de segurança seculares são escassas, a poligamia ainda pode ser vista como uma boa solução para garantir que as mulheres e as crianças tenham apoio", diz Kramer.



Por costumes locais, a família preferiu que apenas Ubah Musa Kasim falasse e fosse fotografado

Na casa de Ubah, cada uma das mulheres tem um "papel", ele diz: a primeira cozinha, a segunda cuida das finanças e mantém a organização da casa e a terceira se concentra no cuidado e educação das crianças. Um dos maiores desafios da família é o sustento das 22 pessoas que a compõem. "Nós produzimos nossa comida em terras aqui perto. Às vezes a situação é crítica, por isso investi em negócios de artesanato."

O único julgamento que recebem, diz o artesão, é de pessoas de fora da comunidade e da religião. "A recriminação existe, às vezes, mas priorizo meus relacionamentos e a felicidade dos meus filhos", ele diz. A reportagem tentou conversar e fotografar as esposas, mas por costumes locais, a família preferiu que apenas Ubah falasse e aparecesse nas fotos.

Na Europa, assim como na maioria dos países ocidentais, a prática é ilegal. Os estados consideram que ela viola a dignidade das mulheres, já que não há igualdade de tratamento no direito à poligamia, e as Nações Unidas recomendam que os países membros a proibam.

A diferença de poder na relação foi observada por Anika Liversage, pesquisadora de imigração, gênero e identidade no Centro Dinamarquês de Pesquisa em Ciências Sociais, Vive, e Katharine Charsley, professora de estudos de migração na Universidade de Bristol. Elas se depararam com o assunto quando entrevistaram homens e mulheres de minorias étnicas sobre casamento e divórcio.

De acordo com Liversage, o fenômeno parece incomum entre eles. Além disso, muitas mulheres que fazem parte desse tipo de relação geralmente não estão satisfeitas ou não concordam com a situação. Embora algumas decidam pelo divórcio, muitas não estão "em posição de se opor porque são a parte mais fraca", diz.

Quando pessoas poligâmicas decidem migrar para o continente, elas enfrentam questões legais e sociais, além de problemas jurídicos relacionados ao duplo casamento, sendo o visto o maior deles. Quando uma família pede visto, residência ou mesmo asilo em um país europeu, o marido só pode trazer uma de suas esposas, já que apenas um casamento é legalmente reconhecido. A outra (ou outras) permanece em seu país de origem.

Um problema relacionado a isso é a "poligamia relacionada à migração", explica Liversage. Em alguns casos, homens mantêm dois casamentos em diferentes continentes sem que as esposas saibam uma da outra. Foi o que relataram Dilek, imigrante turca na Dinamarca, e Sumera, nascida no Reino Unido e com ascendência paquistanesa, em entrevista às pesquisadoras.

Segundo o Pew Research Center, é difícil fazer uma comparação temporal exata porque a sistematização de dados sobre o assunto é recente, mas há evidências de que a prática tenha diminuído nos últimos cem anos, principalmente em áreas que tiveram "muita atividade missionária cristã", já que os missionários "frequentemente priorizam a poligamia como alvo de reforma", diz Kramer.

"De um modo geral, a poligamia já não é incentivada pelos líderes das principais religiões, embora seja praticada por alguns muçulmanos, seitas mórmons fundamentalistas e cristãos na África. Os apoiadores muçulmanos da poligamia citam frequentemente o versículo 4:3 do Alcorão [o liro sagrado muçulmano], que permite a um homem casar com até quatro mulheres, mas encoraja-o a ser monogâmico se não puder ser justo com todas elas", diz a pesquisadora.

+ Onde a poligamia é legalizada ou aceita socialmente

- 1 - Afeganistão
- 2 - Argélia
- 3 - Arábia Saudita
- 4 - Bahrein
- 5 - Bangladesh
- 6 - Benin
- 7 - Brunei
- 8 - Burkina Fasso
- 9 - Butão
- 10 - Camarões
- 11 - Chade
- 12 - Costa do Marfim
- 13 - Djibouti
- 14 - Egito
- 15 - Emirados Árabes Unidos
- 16 - Gâmbia
- 17 - Gana
- 18 - Guiné
- 19 - Guiné-Bissau
- 20 - Índia
- 21 - Indonésia
- 22 - Irã
- 23 - Iraque
- 24 - Iêmen
- 25 - Libéria
- 26 - Líbano
- 27 - Malásia
- 28 - Mali
- 29 - Marrocos
- 30 - Mauritânia
- 31 - Níger
- 32 - Nigéria
- 33 - Paquistão
- 34 - Qatar
- 35 - República Centro Africana
- 36 - Senegal
- 37 - Serra Leoa
- 38 - Síria
- 39 - Somália
- 40 - Tanzânia
- 41 - Togo
- 42 - Uganda

esporte

Calor é preocupação nos Jogos Olímpicos de Paris

Edições olímpicas têm sido realizadas em condições cada vez mais quentes

DELTAFOLHA

SÃO PAULO No calor escaldante dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021, um juiz de cadeira perguntou ao tenista russo Daniil Medvedev se ele conseguiria continuar no jogo. “Eu posso terminar a partida, mas posso morrer”, respondeu. Os Jogos no Japão foram os mais quentes da história, e, desde então, o planeta não parou de se aquecer.

Na Europa, ondas de calor podem ter matado mais de 61 mil pessoas no verão de 2022. Em abril deste ano, partes da França registraram 30ºC, 10ºC acima do normal para o mês. As mudanças climáticas geram expectativa sobre as condições para os Jogos de Paris e sobre os riscos à saúde dos atletas.

As Olimpíadas estão cada vez mais cálidas, com recordes frequentes nas duas últimas décadas. É difícil, porém, que o evento do próximo mês fique entre os mais quentes da história, superando Tóquio, no Japão, em 2021, Roma, na Itália, em 1960 (um ponto fora da curva histórica), ou Atenas, na Grécia, em 2004.

Dados da NOAA (Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos) analisados pela **Folha** mostram que Tóquio teve uma temperatura média de 28,9ºC nos dias da competição. Roma registrou média de 28,8ºC.

Em seguida, no ranking de calor, aparecem Atenas (26ºC), Pequim (25ºC, em 2008), e Los Angeles (23ºC, em 1984). O Rio de Janeiro, que sediou os Jogos de 2016 no inverno do hemisfério sul, está em sexto lugar, com 22,2ºC.

Desde a década de 50, os dias mais quentes já presenciados em uma edição olímpica foram registrados em Tóquio e em Atenas: 31,8ºC. Na capital japonesa, a média da umidade relativa do ar era de 72%. Já na grega, era de 50%, a mais baixa já registrada em uma cidade olímpica —na ocasião, 33%, bem abaixo do mínimo recomendado para a prática esportiva, de 40%.

Entre julho e agosto, período dos Jogos, a temperatura média de Paris costuma ser de 21,7ºC, e a máxima, de 26,6ºC. Desde 1924, quando a capital francesa recebeu os Jogos pela última vez, a temperatura subiu 3,1ºC.

Embora Paris seja mais amena em relação a outras cidades olímpicas, a previsão do Météo-France, serviço de meteorologia do país, é de um verão mais quente do que o normal.

Kaitlyn Trudeau, analista do Climate Central, organização que pesquisa mudança climática, disse que é cedo para antever ondas de calor (aumento anormal da temperatura) sobre a França. Somente com esse fenômeno, presenciado 50 vezes na região de Paris desde 1947, as Olimpíadas podem ser piores nos termômetros do que a de Tóquio.

“Julho e agosto trouxeram ondas de calor mortais para Paris. Uma das piores levou a 15 mil mortes na França em 2003, e um artigo da Lancet de 2023 concluiu que Paris tinha o maior risco de mortes relacionadas com ondas de calor em comparação com todas as outras capitais europeias.”

A umidade média para Paris entre julho e agosto gira em torno de 66% —um índice adequado—, mas um aumento modesto já é capaz de amplificar os efeitos do calor no corpo dos atletas. Além disso, dias com céu claro e sem ventos calmos aumentam o ozônio de superfície, o que reduz a qualidade do ar.

O estudo “Rings of Fire”, da Associação Britânica para o Esporte Sustentável, elaborado por professores da Universidade de Portsmouth e pelo Climate Central, elenca riscos para competidores em Paris com base na experiência de Tóquio, um marco negativo para diversos atletas.

Esse estudo coletou depoimentos de 11 competidores de elite sobre as últimas Olimpíadas e competições. “Tóquio foi uma das piores experiências da minha vida, sem exagero”, disse o nadador Hector Pardoe. “Eu estava praticamente paralisado, não conseguia falar ou me mover e tive uma enxaqueca muito dolorosa. Sofri com vômitos, visão embaçada e fadiga muscular.”

Mike Tipton, um dos autores, defende a revisão de eventos olímpicos para que eles não coincidam com épocas de possíveis ondas de calor. “Patrocínios, geopolítica, períodos de férias serão forçados a ficar em segundo plano em prol dos atletas, dos espectadores e da qualidade das performances”, afirmou à **Folha**.

Mesmo para atletas brasileiros, acostumados a altas temperaturas, a questão tem sido uma preocupação.

“Nas classificatórias nos deparamos com condições bem severas de calor. Em Xangai, foi um pouco mais tranquilo, pois as pistas eram cobertas, mas em Budapeste foi realmente muito quente, e o sol colocou a resistência de todo mundo à prova”, disse Bernardo Villano, gerente da Confederação Brasileira de Skateboarding. Segundo ele, Tóquio ensinou quais alternativas de resfriamento funcionam de maneira melhor para cada um dos atletas, como coletes e banheiras de gelo.

Um dos recentes motivos de preocupação é a ausência de ar-condicionado nos quartos da Vila Olímpica. A organização de Paris tem como bandeira promover, tanto quanto possível, um evento livre de combustíveis fósseis.

O COB (Comitê Olímpico do Brasil), no entanto, decidiu alugar aparelhos para os dormitórios. “Não podemos correr o risco de os atletas não conseguirem descansar e estarem sujeitos a temperaturas elevadas nos quartos”, disse Joyce Ardies, responsável pela logística da delegação.

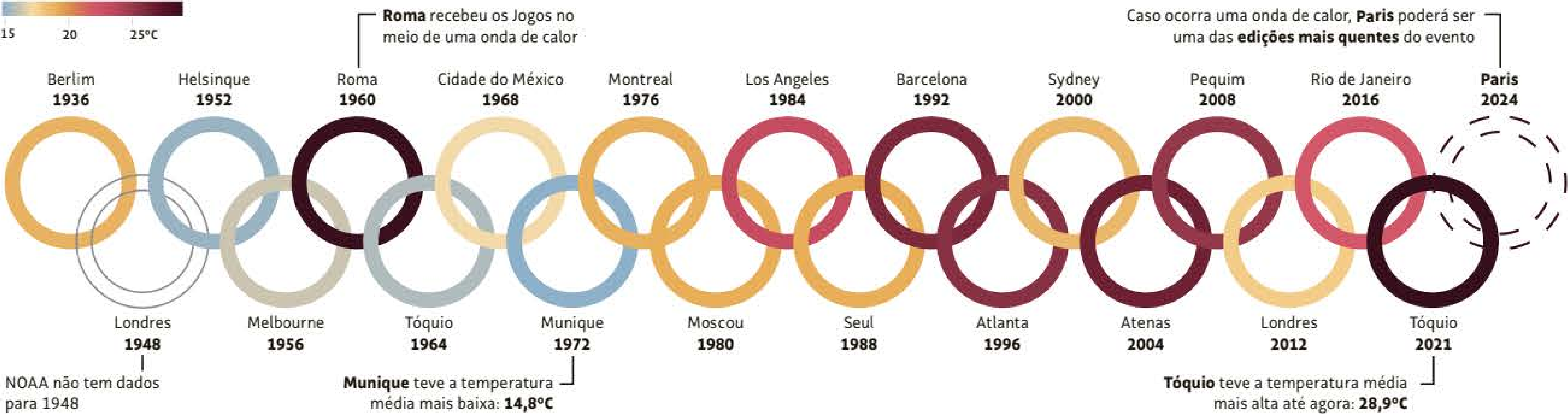
Os efeitos da temperatura elevada para a saúde de atletas são diversos, desde a confusão mental até problemas cardiovasculares.

Daniel Mariani, Paula Soprana, Nicholas Pretto e Luciano Trindade

Últimas três décadas concentram as Olimpíadas mais quentes da história

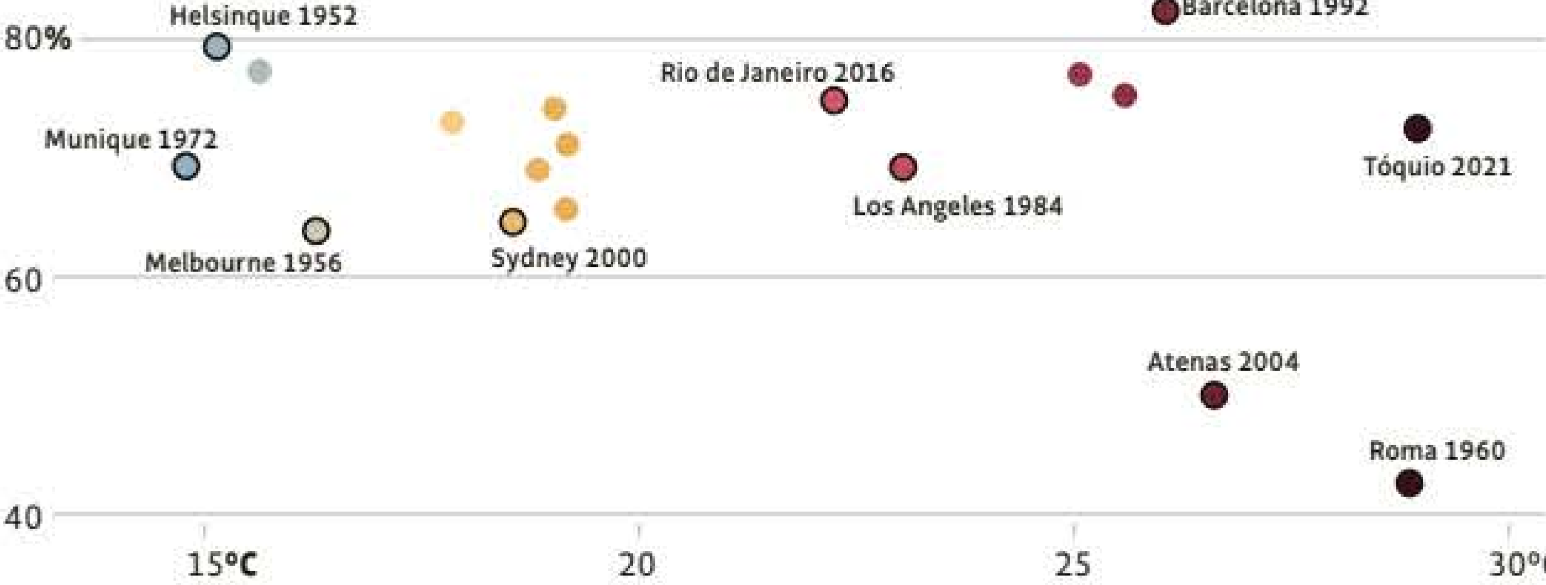
Temperatura média durante os Jogos Olímpicos de Verão

Em ºC, por edição do evento



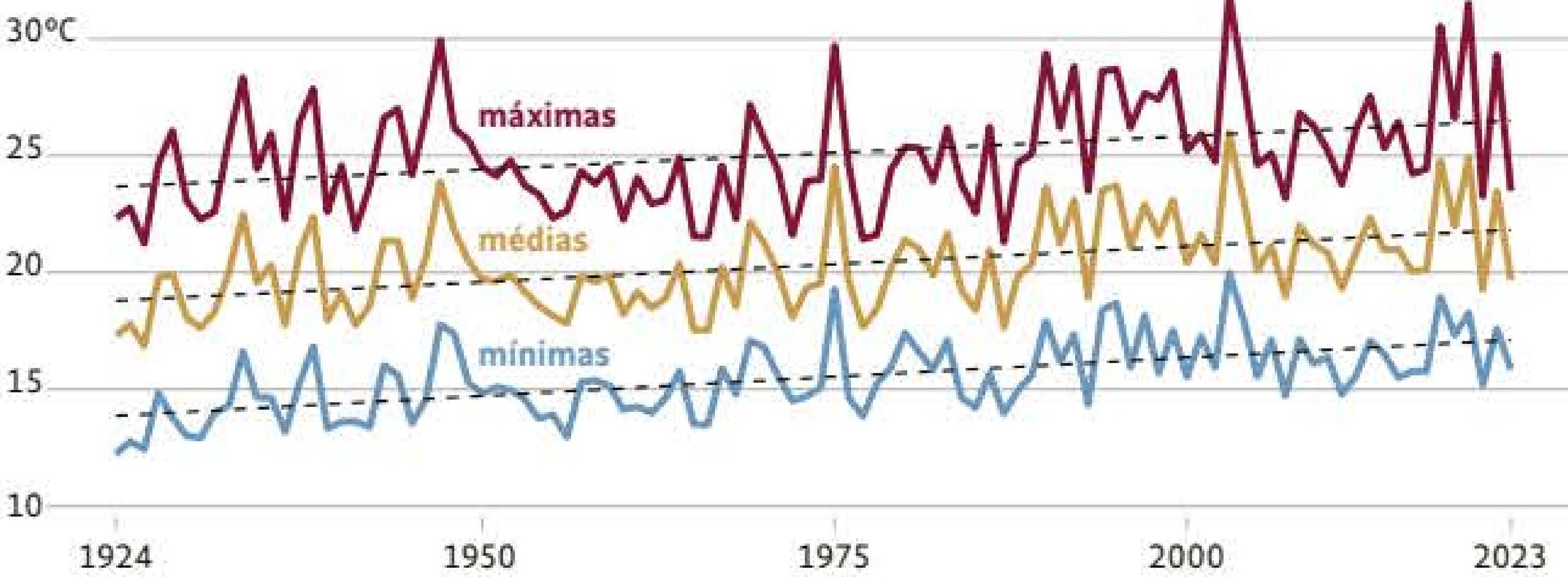
Comparativo de temperatura e umidade por edição do evento

Temperatura em ºC, umidade em %



Média das temperaturas em Paris no período de 26 de julho a 11 de agosto

Em ºC, estação meteorológica Paris-Montsouris



Fonte: Análise do DeltaFolha com base em dados da NOAA (Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos EUA). Dados sobre evolução da temperatura em Paris são de Tipton e Corbett (2024), com base em Météo-France

Já temos um time

Vinicius Jr. fez a melhor partida pela seleção e agora temos boas chances de ganhar

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Já temos um time, uma nova maneira de jogar, um caminho, embora haja sempre necessidade de criar variações de acordo com o momento e o adversário.

No dia seguinte ao empate decepcionante por 0 a 0 contra a Costa Rica, Vinicius Junior, que foi substituído durante a partida, disse que teve dificuldades porque joga no Real Madrid de uma maneira diferente da seleção. Muitos não deram bola e/ou não entenderam e/ou não concordaram e/ou acharam que foi uma desculpa para a má atuação.

Dorival Júnior, que sabe ver e escutar, mudou a maneira de jogar da equipe contra o Paraguai. Quando o time perdia a bola e não dava para pressionar, formava uma linha de quatro no meio campo com Savinho pela direita, Bruno Guimarães e João Gomes pelo centro e Paquetá pela esquerda. Os quatro marcavam, construíam as jogadas e avançavam.

A defesa ficou mais protegida e melhorou o ataque. Paquetá, que teve uma ótima atuação, em vez de atuar como um meia atacante próximo à área, como nos jogos anteriores, chegava de trás na área, como faz Bellingham no Real Madrid.

Vinicius Junior fez a melhor partida pela seleção, no nível das excepcionais quando atua no Real Madrid. A seleção, como faz o Real, atraía os paraguaios e quando recuperava a bola, aproveitava os enormes espaços na defesa adversária, como queria Vinicius Júnior.

Já temos um caminho, bons jogadores e um técnico que sabe trabalhar. Podemos ganhar a Copa América, mesmo que haja seleções fortes, como a Argentina, o Uruguai, dirigido por Bielsa, e a Colômbia, com um bom técnico, para nós equilibrados, como o de terça-feira (2) contra o bom time da Colômbia.

Gestão é fundamental

Depois da rodada do meio de semana do Brasileirão, Bahia e Cruzeiro são duas surpresas positivas. Quero ver ainda o Bahia jogar mais vezes para conhecer os detalhes da equipe.

O Cruzeiro, na vitória por 2 a 0 sobre o Athletico-PR adotou mais uma vez uma estratégia parecida com uma que, às vezes, o Real Madrid utiliza do meio para frente. O Cruzeiro jogou com um trio de meio-campistas, sem centroavante, dois pontas rápidos e com o brilhante Mateus Pereira adiantado pelo centro. Ele voltava para receber a bola e deixava espaços para os pontas entrarem em diagonal, como no primeiro gol marcado por Verón, após um belíssimo passe de primeira de Mateus Pereira.

No Real Madrid, algumas vezes, quem joga adiantado pelo centro é o meia Bellingham, que abre espaços para a entrada em diagonal de Vinicius Junior e Rodrygo. A outra maneira de jogar do Real, mais frequente, é com Bellingham mais recuado e com Vini e Rodrygo formando a dupla de atacantes, como fez a seleção contra o Paraguai. Nas duas formações, não há um centroavante fixo.

O Liverpool teve seu melhor momento sob o comando de Klopp quando o meia Firmino passou a jogar adiantado pelo centro. Ele recuava para receber a bola e os dois pontas, Salah e Mané entravam em diagonal para finalizar, como no gol do Cruzeiro marcado por Verón.

É um absurdo ocorrer ao mesmo tempo o Brasileirão, a Copa América e a Eurocopa. É jogo demais, não dá para acompanhar tudo e os principais times ficam desfalcados no Brasileirão de seus melhores jogadores. Esta insensatez acontece por causa da incompetência e da promiscuidade na troca de favores entre os dirigentes de clubes, das federações e da CBF.

As gestões no futebol e em todas as outras áreas precisam ser comandadas por profissionais sérios e competentes.

Correção

A coluna deste sábado, que é escrita pela colunista Marina Izidro, saiu publicada com meu nome. Gostaria que fosse.

Quando a renúncia é a única saída

Resta a Augusto Melo o caminho do pedido de demissão do Corinthians

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Ele ia ampliar o estádio de Itaquera, vender os direitos do nome do Centro Técnico do Corinthians, apresentar a semana da transparência no último dia 9 de maio com todos os malfeitos das gestões passadas, contratar Gabigol, tirar o clube do noticiário policial, montar um time competitivo e, em resumo, acabar com a farra dos rivais.

Acreditou quem quis.

Ou por ingenuidade ou por achar que o controlaria, como houve quem acreditasse que domaria Adolf Hitler e Jair Bolsonaro.

O estádio continua do mesmo tamanho, o CT tem o mesmo nome, a transparência ficou opaca, sem que nada fosse apresentado sobre a terrível herança, Gabigol permanece na reserva do Flamengo, o time está na zona do rebaixamento do Campeonato Brasileiro, a farra continua, e o Corinthians está permanentemente nas páginas policiais.

Sem se dizer que houve jogador, Matheuzinho, que treinou sem contrato, voltou para a Gávea e, pior, acabou contratado mesmo depois de ter mostrado quem era no treino.

Ou jogador como o equatoriano Diego Palacios, aprovado apesar de problema crônico no joelho.

Para não falar das categorias de base, que contrataram 40 jogadores sem consultar o então treinador Danilo, o ídolo Zidanilo, que acabou demitido.

Some a tudo isso cerca de R$ 600 milhões jogados fora em seis meses de gestão, aí considerados os dinheiros perdidos com patrocínio desfeito, com multa perdoada na rescisão com outro ídolo, o goleiro Cássio, com eventual multa a ser paga para o paraguaio Matías Rojas segundo decidiu a Fifa, e por aí afora.

Para não falar dos tristes personagens introduzidos na vida alvinegra, na administração do clube, no marketing ou na intermediação de negócios.

Igual ou até pior do que na gestão passada.

Daí não sobrar alternativa para Augusto Melo se não a da renúncia, que seria, enfim, um gesto de amor ao Corinthians, porque o impeachment, inevitável, custará tempo e sangria.

Melo perdeu o apoio que tinha de grande parte de seus eleitores, o da maioria de seus primeiros diretores, até o da Gaviões, que o apoiou e esteve perto de agredi-lo na última quinta-feira (27), dentro da sala da presidência no Parque São Jorge, onde se registrou a patética cena do cartola amedrontado mostrando o celular para o chefe da torcida organizada com suposta proposta de patrocínio máster.

Gaviões que morde e assopra sem pudor —e que, se acerta ao dizer que o Corinthians é do povo corintiano, erra redondamente ao imaginar que o representa. Até porque o povo não tem patrocinador nem no primeiro nem no último comando da capital.

Há duas portas para Melo ir embora: a da frente, com alguma dignidade, pela renúncia, ou a dos fundos, com o impeachment.

Ou sobrará a alternativa para que um grupo de corintianos vinculados ao clube peça intervenção da Justiça.

Goleada econômica

Só um chato exigente reclamará do 4 a 1 aplicado pela seleção brasileira no Paraguai. Aqui, portanto, não haverá reclamação, apenas a constatação de que ela nem precisou ser brilhante para aplicá-la.

Toda expectativa agora se volta para o jogo contra a Colômbia, na terça (2), na disputa pelo primeiro lugar e para evitar o Uruguai já nas quartas de final da Copa América.

Pelo que mostraram em duas rodadas, os colombianos são os favoritos.

Exagero? Medo? Zica reversa? A rara leitora e o raro leitor decidem.

Morre Dudu, ídolo do Palmeiras dos anos 1960 e 70, aos 84 anos

SÃO PAULO Morreu nesta sexta-feira (28) Olegário Tolói de Oliveira, o Dudu, ídolo histórico do Palmeiras, quarto atleta com mais jogos na história do clube, aos 84 anos. Tio de Dorival Júnior, atual treinador da seleção brasileira, ele atuou com a camisa alviverde nas décadas de 60 e 70, quando fez parte da chamada Academia.

Foram 615 jogos com a camisa palmeirense, com 29 gols marcados. Volante de qualidade, ele conquistou o Torneio Rio-São Paulo (1965), o Campeonato Paulista (1966, 1972 e 1974) e torneios que agora foram unificados como Campeonato Brasileiro (1967, de novo 1967, 1969, 1972 e 1973).

Nascido em Araraquara, no interior de São Paulo, ele defendeu a Ferroviária no início de carreira. No Palmeiras, além de jogador, Dudu também foi treinador, função na qual ele conquistou o Campeonato Paulista de 1976.

"Com o coração partido", em nota, o Palmeiras lamentou a morte de "um dos maiores ídolos de [sua] gloriosa história".

De acordo com o time paulista, Dudu estava internado havia cerca de um mês, após ter sofrido uma fissura na bacia, e morreu por consequência de infecção abdominal.



Olegário Tolói de Oliveira, o Dudu, ídolo do Palmeiras Reprodução/ @palmeiras no Instagram

"Dudu nos deixa um legado sem igual de amor", escreveu o clube. "Em respeito à memória de um dos maiores craques do alviverde em todos os tempos, a presidente Leila Pereira decreta luto oficial por sete dias. Durante esse período, as bandeiras do Palmeiras, do Brasil e do estado de São Paulo, localizadas em nossa sede social, permanecerão hasteadas a meio-mastro."

Dorival Júnior chorou ao falar sobre a morte do ex-jogador, em entrevista coletiva depois da vitória sobre o Paraguai pela Copa América. O técnico da seleção brasileira disse que Dudu foi como um "segundo pai" para ele.

"Para mim, ele representa muito porque, além da bela história que teve, foi um ser humano que talvez eu não tenha conhecido igual. Um segundo pai para mim, uma pessoa que praticamente me orientou em todos os momentos da vida, já que me dispus a seguir a mesma profissão que a dele."



Aizar Raldes/AFP

IMAGEM DA SEMANA

Militares das Forças Armadas da Bolívia tentaram dar um golpe de Estado no país nesta quarta (26) e ocuparam a praça onde fica o palácio presidencial.

A investida aconteceu em La Paz, com soldados liderados pelo general Juan José Zúñiga, que havia sido destituído do cargo de comandante do Exército na terça (25).

O presidente Luis Arce ordenou a retirada das tropas e substituiu os três chefes das Forças. Após horas de tensão, a polícia retomou o local e prendeu Zúñiga.

MARATONAR

Beatriz Izumino
newsletter.folha.com/maratonar



Cena da 2ª temporada de 'Heartstopper' Samuel Dore/Netflix

Cinco séries para comemorar o Dia do Orgulho LGBTQIA+

SÃO PAULO Um dos efeitos felizes da alta da maré televisiva conhecida como "peak TV" é que ela levantou todo tipo de barco. Hoje é possível ter acesso a histórias de muitos lugares, contadas a partir de inúmeras perspectivas, sobre experiências idênticas ou completamente opostas às nossas.

Essa diversidade contempla também cada vez mais histórias de todo o espectro das identidades e expressões de gênero e das orientações sexuais. O que se segue aqui é, portanto, mais uma lista mais do que incompleta de sugestões de séries com protagonistas LGBTQIA+ para manter o orgulho rolando muito além do fim de junho.

"Tipo Isso" (2021-24)
Sabi (Bilal Baig) —que cocriou a série com Fab Filippo— é uma pessoa não binária ainda descobrindo como conciliar sua identidade com as expectativas de sua família paquistanesa e suas próprias ambições. Sua vida se entrelaça cada vez mais com a da família de Bessy (Grace Lynn Kung), para quem trabalha como babá, quando um acidente traz revelações inesperadas à tona.
"Sort Of". Max, três temporadas, 24 episódios.

"Uma Equipe Muito Especial" (2022)
Fazia tempo que eu não indicava essa série, então cá está ela de volta a esta newsletter nesta lista muito apropriada.

Cocriada por Abbi Jacobson ("Broad City"), a minissérie transforma o subtexto do filme de Penny Marshall ("Quero Ser Grande"), de 1992, em texto claro e cristalino: tinha mais do que esporte rolando entre várias das mulheres que participaram da All-American Girls Professional Baseball League, uma liga que existiu de verdade de 1943 a 1954 nos EUA.
"A League of their Own". Prime Video, oito episódios.

"Heartstopper" (2022-)
O tímido Charlie Spring (Joe Locke) se apaixona por Nick Nelson (Kit Connor), um garoto popular na escola e jogador do time de rúgbi. Adaptado por Alice Oseman de sua própria graphic novel, é a definição de série que deixa o "coração quentinho". A terceira temporada chega à Netflix em 3 de outubro.
Netflix. Duas temporadas, 16 episódios.

"It's A Sin" (2021)
Cinco jovens se tornam amigos e vão morar juntos em uma casa em Londres, em 1981. Em meio à diversão e às descobertas surge a ameaça da Aids e a mordaça do thatcherismo, afetando diretamente as vidas de Ritchie (Olly Alexander), Jill (Lydia West), Ash (Nathaniel Curtis), Colin (Callum Scott Howells) e Roscoe (Omari Douglas) ao longo da década.

Foi a série mais assistida do serviço de streaming britânico Channel 4 e levou a um pico na testagem de HIV no Reino Unido.
Max, cinco episódios.

"Manhãs de Setembro" (2021-22)
Liniker vive Cassandra, uma mulher trans que se muda para São Paulo com o sonho de se tornar uma famosa cover da cantora Vanusa. Quando sua vida parece caminhar bem, com um novo apartamento alugado e um namorado apaixonado, Cassandra é surpreendida pelo aparecimento de Leide (Karine Telles), sua ex, e Gersinho (Gustavo Coelho), seu filho.
Prime Video. Duas temporadas, 11 episódios.

O QUE ESTÁ CHEGANDO
As novidades nas principais plataformas de streaming

"Abbott Elementary" (2021-)
Finalmente chegou ao Brasil a terceira temporada da série de Quinta Brunson, encurtada devido à greve dos atores e roteiristas do ano passado. A estreia, aliás, é parte do relançamento da Disney+ com o conteúdo da Star+ e da ESPN embutido num aplicativo só, que aconteceu na quarta-feira (26).
Disney+, 13 episódios (o primeiro é duplo).

APROVEITANDO: a terceira temporada de "O Urso" chega à nova Disney+ em 17 de julho, com todos os episódios. Cuidado com spoilers, porque ela já estreou nos EUA.

"But I'm A Cheerleader" (1999)
Joia satírica de Jamie Babitt sobre uma líder de torcida lésbica (Natasha Lyonne) internada pelos pais em um centro de tratamento para terapia de conversão onde meninas vestem rosa e meninos, azul. Com Clea Duvall, Melanie Lynskey, RuPaul e Cathy Moriarty.
Mubi, 85 min.

"Terra de Mulheres"
Eva Longoria é Gala, uma socialite que, devido a ações de seu marido, é forçada a fugir de Nova York com a mãe (Carmen Maura) e a filha (Victoria Bazúa) para a vila espanhola de onde a matriarca havia fugido há 50 anos.
"Land of Women". AppleTV+, seis episódios. Os dois primeiros já estão no ar, os demais estreiam às quartas.

"Minha Lady Jane"
Baseado em um romance fantástico, reimagina a história de Jane Grey, que foi rainha da Inglaterra por nove dias. E se Eduardo 6º, seu primo que a colocou na linha de sucessão ao trono, não tivesse morrido de tuberculose?
"My Lady Jane". Prime Video, oito episódios.

FRASES DA SEMANA

Nós detectamos nos nossos julgamentos e nas pesquisas que foram trazidas que a não fixação de um critério distintivo entre o usuário e o traficante fazia com que houvesse uma grande discriminação em relação às pessoas pobres

Luís Roberto Barroso
presidente do STF, na quarta (26), sobre decisão que descriminaliza porte de maconha para uso

Vejam o que aconteceu ontem. Quando eu terminei a entrevista [ao UOL], a manchete de alguns comentaristas era que o dólar subiu pela entrevista do Lula. E os cretinos não perceberam que o dólar tinha subido 15 minutos antes de eu dar entrevista. Quinze minutos antes!

Lula
presidente da República, na quinta (27), sobre influência de declarações no valor do dólar

Quem sabe do corpo da mulher é a mulher. É inadmissível que um homem queira decidir alguma coisa tão intrínseca como gerar e parir um filho. Sempre fui a favor do aborto

Luana Piovani
atriz, sobre PL Antiaborto por Estupro, em entrevista à Folha, na segunda (24)

Eu sei que não sou um homem jovem. Isso é óbvio. Eu não ando tão bem, não falo tão bem, não debato tão bem quanto eu debatia, mas sei como falar a verdade

Joe Biden
presidente dos EUA, na sexta (28), sobre mau desempenho em 1º debate da campanha eleitoral

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Um grande carnívoro do jogo do bicho / Apartamento **2.** Mercadoria em liquidação numa loja **3.** Amparar, apoiar **4.** Execução **5.** Lampião de querosene / As letras que precedem o valor dos dólares americanos **6.** Balaio / Código de Endereçamento Postal **7.** Cinco mais três / A da Guanabara banha o Rio de Janeiro e Niterói, dentre outras **8.** Abreviatura que precede o nome da médica e da advogada / O de France é uma famosa corrida de bicicletas **9.** Instituto Agronômico / Aquele que fala ocasionalmente em público **10.** A peça usada em torno do pescoço, complementando o terno **11.** Combate entre forças inimigas **12.** (Gír.) Denunciar / O símbolo químico do bismuto **13.** Importância / (Red.) Formação acadêmica oferecida àqueles que já concluíram um curso de graduação.

VERTICAIS
1. Pouco mais ou menos (fem.) / Norma, regra, princípio **2.** Mostrar alegria / Ter aproximadamente / Dante Alighieri (1265-1321), poeta italiano de "A Divina Comédia" **3.** Praticante do esporte que consiste em deslizar sobre prancha na crista de uma onda / (Bíbl.) Foi morto por seu irmão Caim **4.** Rancoroso / Da forma da bola de rúgbi **5.** Colega / Cuidar, manter **6.** Ferro esmaltado usado em pratos, panelas etc. / Propalar notícias infundadas **7.** O país sul-americano cuja capital é Lima / Da parte posterior do corpo **8.** Thiago Monteiro, tenista cearense / Que não para em casa e só fica passeando / Um canal de filmes da TV paga **9.** Escamas que se criam na superfície do couro cabeludo / Padrão monetário brasileiro (pl.).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1					■				
2									■
3								■	
4		■							
5	■						■		
6						■			
7					■				
8				■					■
9			■						
10								■	
11		■							
12	■						■		
13						■			

HORIZONTAIS: 1. Urso, Apto, **2.** Miudagem, **3.** Arrimar, **4.** Feitura, **5.** Binga, US, **6.** Cesta, CEP, **7.** Oito, Baía, **8.** Dra, Tour, **9.** IA, Orador, **10.** Gravata, **11.** Batalha, **12.** Dedar, Bi, **13.** Valor, Pós.

VERTICAIS: 1. Umas, Código, **2.** Rir, Beirar, DA, **3.** Surfista, Abel, **4.** Odiento, Ovado, **5.** Amiga, Tratar, **6.** Ágata, Boatar, **7.** Peru, Caudal, **8.** TM, Rueiro, HBO, **9.** Caspa, Reais.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

	4							1
				6	9		7	4
7		2	1					3
2	1							
		5				8		
							1	7
1					7	5		9
8	3		6	5				
5							6	

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

6	4	8	7	3	2	9	5	1
3	5	1	8	6	9	2	7	4
7	9	2	1	4	5	6	8	3
2	1	6	4	7	8	3	9	5
4	7	5	9	1	3	8	2	6
9	8	3	5	2	6	4	1	7
1	6	4	2	8	7	5	3	9
8	3	9	6	5	1	7	4	2
5	2	7	3	9	4	1	6	8

ACERVO FOLHA

Há 100 anos **30.jun.1924**

Italianos que vivem em SP protestam contra fascistas

O caso do desaparecimento do deputado italiano Giacomo Matteotti, que denunciou violências e fraudes eleitorais cometidas pelos fascistas, tem repercutido internacionalmente (ele foi sequestrado no dia 10 de junho em Roma).

Em São Paulo, um evento mostrou como viva tem sido a repulsa da colônia italiana pela obra de figuras preponderantes do fascismo naquele país. A reunião ocorreu no Theatro Olympia, neste domingo (29), e recebeu enorme público. Todos os oradores foram intensamente aplaudidos.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br


Folha da Noite
PELA POLITICA
Pela Sociedade

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 30 DE JUNHO DE 2024
C1

ilustrada
ilustríssima



Psicodélicos contra a depressão

O empresário americano Bill Linton cria instituto que desenvolve pesquisa mais avançada para o uso clínico de substância encontrada nos cogumelos 'mágicos' *C4 e C5*

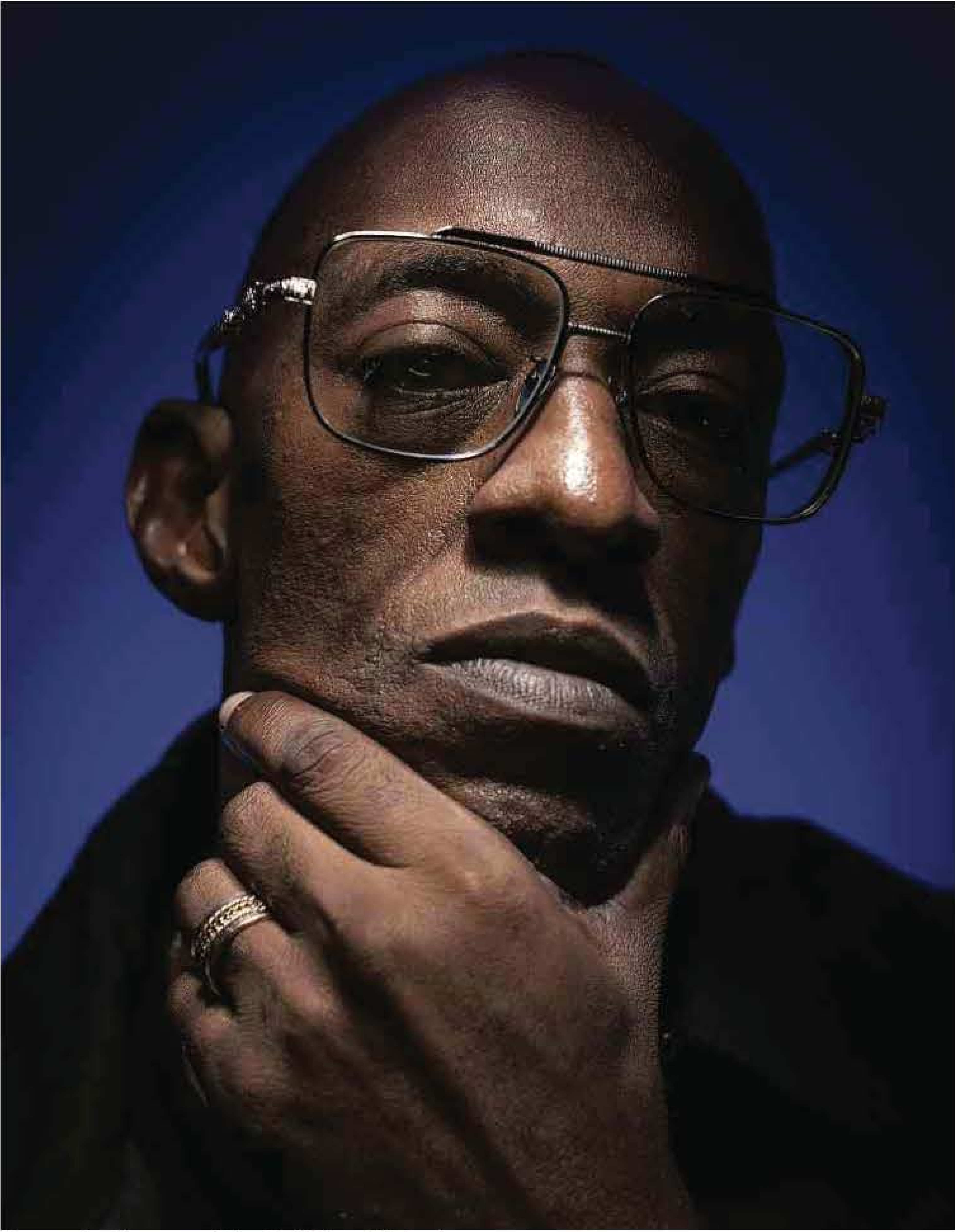
Ilustração
Adams Carvalho

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Ice Blue
Funk deu liberdade e pessoas periféricas ficaram milionárias

[RESUMO] Integrante do Racionais MC's fala sobre seu trabalho como vice-presidente na maior produtora de funk do país, defende a vertente 'ostentação' do gênero, afirma que as críticas às letras 'putaria' são hipócritas e conta que o próximo álbum do grupo de rap terá contribuições de artistas como Hariel e Criolo: 'Queremos fazer as coisas do modo atual'

Por ***Manoella Smith***



O rapper Ice Blue nos estúdios da GR6, em São Paulo Bruno Santos/Folhapress

"Quando as pessoas começam a falar de revolução, quando as pessoas te colocam como um revolucionário, você tem que ter cuidado com a energia que você vai transmitir", diz o rapper Ice Blue, integrante do Racionais MC's, ao se recordar de um incidente que ocorreu em um show do grupo em Bauru, no interior de São Paulo, em 2005.

*

No meio da apresentação, o corpo de um homem morto foi jogado aos pés do grupo — formado por ele, Mano Brown, KL Jay e Edi Rock. O jovem foi assassinado a tiros após uma confusão na plateia.

*

Com letras que denunciavam a vida permeada por violências na periferia de São Paulo, os Racionais se tornaram um marco não só na cena do rap, mas também na cultura nacional. "As pessoas nos colocaram nesse lugar de incentivar [a violência], de fazer apologia, mas eles não sabem o tanto que a gente ponderou", afirma.

*

"Tem música que o Brown escreveu [naquela época] e que a gente deixou de gravar. Está lá [guardada] até hoje. Ali tem revolta. A gente tinha consciência de que, se a gente lançasse, poderia dar um problema muito sério. É uma coisa que a gente sempre conversou entre nós. Sempre um ponderando com o outro, porque era muita raiva e indignação."

*

Paulo Eduardo Salvador, nome de batismo do rapper, não sabe explicar como o grupo chegou ao tamanho que chegou. Mas agora busca passar sua experiência para a geração mais nova, que é hoje quem ocupa o topo das paradas musicais. Além de ser empresário, ele assumiu neste ano o cargo de vice-presidente da GR6, a maior produtora de funk do país.

*

A gravadora tem em seu catálogo mais de cem artistas, incluindo nomes do gênero como MC Livinho e Hariel. E tem investido no trap, com artistas do momento como Vulgo FK. "A rapaziada é uma máquina de fazer música. Eles têm uma facilidade que é uma coisa que a gente dos anos 1990 [não tinha]. O processo era mais elaborado", afirma Ice Blue.

*

"A internet chegou para ser um braço do movimento urbano, que não tinha distribuição. O acesso foi democratizado. Sem a internet, ainda estaríamos na mão dos caras da televisão, do rádio e das grandes gravadoras. Hoje, eles procuram a gente para que nossos artistas participem dos programas deles. A lógica foi invertida."

*

Ice Blue recebeu a coluna para uma entrevista na sede da GR6 Explode, localizada na zona norte da capital paulista. O espaço possui 12 estúdios de gravação de voz, além de um complexo para a filmagem de trabalhos audiovisuais. A gravadora diz lançar, em média, 150 produções por mês, e 15 videoclipes por semana.

*

"Você faz a música, daqui a pouco está do outro lado [dos estúdios] fazendo um clipe. Isso pode acontecer em horas. Com essa rapidez, os artistas acabam fazendo muita música, mas não desenvolvendo um projeto. Sempre falo para a rapaziada: 'Você quer ser um artista passageiro ou você quer deixar um legado?'. Com a minha vinda pra cá, os moleques estão valorizando mais as entregas de shows. Estão entendendo o que é ter um set, um álbum, uma produção elaborada", explica.

*

O seu principal objetivo na GR6 é o que ele descreve como "profissionalização do funk".

"O gênero está no topo das paradas musicais. O canal do YouTube da GR6 tem mais de 40 milhões de inscritos e 10 milhões de acessos diários. Agora, a gente quer implantar qualidade", diz. "Quando um gringo olha pra cá, ele respeita nossos números, mas ainda coloca defeitos [na parte profissional]. O mercado europeu está vendo. A gente tem que melhorar a nossa qualidade para não perder o timing."

*

Questionado sobre a exportação do gênero, encabeçada por Anitta, que está em turnês no exterior com seu CD mais recente, "Funk Generation", Ice Blue diz que a carioca "elevou a carreira para outro nível".

*

"A Anitta aprendeu a falar outras línguas. Ela tem meu respeito por levar essa sigla de 'eu sou funkeira' para o mundo. É uma abertura de portas. Não tem como negar. Agora, quem tem a expertise dela? Quem está pronto para esse jogo?"

*

Em entrevista à **Folha** em agosto de 2023, KL Jay falou que o rap virou "meio fábrica de bolacha", com "todo mundo usando do Auto-Tune [um programa que altera a voz]". "Isso é uma visão dos caras dos anos 1990", rebate Blue Ice ao ser questionado sobre a declaração do seu companheiro de Racionais.

*

"Aprendi que o Auto-Tune é um estilo do funk, do trap. Para o KL Jay, quem usa Auto-Tune não sabe cantar. Entendi que está dentro do conceito. Eu briguei no começo do meu rap, quando o técnico [de gravação] queria tirar o ruído do meu som e eu não queria."

*

"A 'fábrica de bolacha' talvez seja pela agilidade. Mas é um movimento livre, diferente do nosso [do Racionais], que tinha esse compromisso com a conscientização. O compromisso deles é fazer música para dançar, namorar, é outra parada."

*

"'Ah, é putaria'", diz ele, citando as críticas às letras sensuais e explícitas das canções. "O Tchan era putaria nos anos 1990 e passava na Rede Globo. Quantas meninas não dançavam na boquinha da garrafa?"

*

Ice Blue diz que o rap, lá nos anos 1990, trouxe "esse orgulho de ser preto, favelado, periférico". "Hoje, você vê um monte de cara, até playboy, com camiseta escrito: 'Eu sou favela'. Agora, a próxima página é o que o funk vem fazendo. Deixar a rapaziada rica", diz.

*

"Se você andar aqui no corredor [da GR6], é só tênis de R$ 20 mil, jaqueta de R$ 30 mil. Os caras falam em 'ostentação', mas não é isso. O funk deixou as pessoas periféricas milionárias, fazendo os moleques sonharem com coisas que na minha infância, não tinha o direito de sonhar. Não existia."

*

"O funk trouxe essa liberdade. Um monte de preto andando de carro [de luxo]. Isso aí é o meu orgulho. Quando eu comprei uma moto zero, cheguei no estacionamento do [estúdio dos] Racionais e meus três parceiros fizeram cara feia para mim. 'Cara, você comprou essa moto? O que você tem, você está louco?'", recorda. "Quando nós [Racionais] começamos a ganhar dinheiro, fomos criticados: 'O Brown se vendeu'".

*

O rapper diz que é preciso "jogar o jogo". "Não adianta eu me mudar para um condomínio de luxo e ficar empinando moto lá dentro. Se quer continuar com essas paradas, fica na quebrada. O cara ganha dinheiro e acha que isso é afrontar", afirma.

*

"Afrontar é você entrar no restaurante, saber pedir, saber usar os talheres, escolher o vinho certo e deixar quem está do seu lado em choque porque você tem esse conhecimento", exemplifica.

*

Ice Blue torce o nariz ao falar do movimento de artistas de outros gêneros historicamente mais distantes do funk, como o sertanejo, que agora buscam parcerias com MCs. "Eles vêm flertando e gravando com o funk pelos números. O movimento do funk é muito generoso. Na minha concepção, eles deveriam ser bloqueados por um tempo. E todo o preconceito que a gente passou? Quantos eventos de sertanejo que não tinham música urbana?"

*

Atualmente, a Polícia Federal investiga o sócio da GR6 Rodrigo Inácio de Lima Oliveira por supostamente orquestrar um esquema de lavagem de dinheiro para o PCC —ele nega. "Qualquer pessoa que tinha uma marca a proteger, correu da GR6 naquele momento. Não quis se associar. Foi exatamente no momento em que eu virei vice. Eu associei meu nome para, silenciosamente, mostrar que isso [as acusações] são uma mentira", defende Ice Blue.

*

Antes de chegar à sede da GR6 para esta entrevista, ele estava nos estúdios trabalhando no próximo álbum do Racionais, que tem previsão para estrear ainda neste ano. "O disco provavelmente vai ter mais de 20 faixas. É o primeiro trabalho que a gente faz com tantas participações." Entre os artistas convidados estão Seu Jorge, Hariel, Ed Motta, Criolo, Djonga e Falcão.

*

"É o jeito novo de fazer música. Você faz uma parte, chama um amigo, todo mundo entra no jogo. A gente quer fazer as coisas do modo atual", responde Ice Blue sobre o que levou o quarteto a chamar tantos artistas para o trabalho, que já tem quatro videoclipes gravados.

*

Questionado se a raiva, tão pulsante no início de sua carreira, diminuiu, Ice Blue não demora a responder: "Não. Ela continua. Não mudou nada. O racismo está aí. A polícia continua nos matando. A direita ficou mais à direita. A esquerda está menos à esquerda. Todos os setores têm dificuldade de falar com o movimento negro."

*

"Mas, hoje, a raiva é mais consciente, inteligente, estratégica. Quanto mais periférico, bem-sucedido, sabendo jogar o jogo, aí é que nós vamos quebrar esse paradigma."

Fundação Itaú APRESENTA Estúdio FOLHA

Fotos Divulgação


Ocupação Milton Santos, no Itaú Cultural


Leitura para crianças na cidade de Barcarena (PA)

Acesse o Relatório Anual 2023 da Fundação Itaú

União entre arte, cultura e educação acelera a transformação social

Fundação Itaú completa 5 anos e lança Relatório Anual 2023, com resultados de ações e projetos criados para impactar educação, arte e cultura - vetores de inclusão social, inovação e equidade

Em um mundo cada vez mais desafiador e conectado, a convergência entre arte, cultura e educação torna-se um poderoso acelerador de mudanças para gerar inclusão social, cidadania e diversidade cultural, enriquecendo o processo de aprendizagem, o diálogo com a natureza e o apoio ao desenvolvimento do país.

A intersecção entre arte, cultura e educação tem guiado as ações da Fundação Itaú, que desenvolve projetos de impacto, transversais a esses três segmentos, e que buscam potencializar a efetividade e o alcance dos investimentos. O objetivo é fazer com que educação e cultura atuem como vetores de transformação social, inclusão produtiva e redução de desigualdades.

Resultado da maior integração entre o Itaú Cultural, Itaú Social e Itaú Educação e Trabalho, a Fundação Itaú completou 5 anos em junho e lançou o Relatório Anual 2023, com o detalhamento das ações realizadas no período. O ano foi marcado pelo desenvolvimento de uma cultura organizacional, além de continuidade e aprofundamento na produção de estudos que contribuem para fundamentar políticas públicas, projetos de educação e iniciativas culturais.

"Em 2023, apostamos firmemente na sinergia entre arte, cultura e educação, sem perder as especificidades de cada segmento, convencidos de que, juntas, essas áreas podem acelerar progressos em um Brasil que anseia por inovação e inclusão", afirma Eduardo Saron, presidente da Fundação Itaú. "É importante reafirmar que somos uma organização privada, mas com espírito público, guiada por um forte caráter colaborativo junto ao ecossistema do terceiro setor, universidades e poder público", conclui Saron.

Foram investidos, com recursos próprios, R$ 284 milhões pela Fundação Itaú em 2023. Com parcerias estratégicas, a instituição realizou 13 pesquisas nacionais e anunciou a criação do Observatório Fundação Itaú, com o objetivo de apontar tendências, realizar pesquisas em escala e oferecer soluções para melhorar a educação e fortalecer a cultura.

CULTURA E CONHECIMENTO

Na área de produção de conhecimento, foi lançado o PIB da Economia da Cultura e das Indústrias Criativas. O levantamento mostra que essa área movimentou R$ 280 bilhões em 2020, o equivalente a 3,11% do PIB do país. Essa é uma informação que pode impactar diretamente a criação de políticas públicas, além de ampliar a compreensão da sociedade sobre a relevância do setor.

Segundo Jader Rosa, superintendente do Itaú Cultural, ao produzir estudos para os setores cultural e criativo, a instituição contribui com a geração de indicadores para uma área historicamente carente de dados. "Essa lacuna dificulta a eficiência dos investimentos, sejam públicos ou privados, e a defesa do valor intrínseco da cultura. Posso dizer que 2023 foi um marco para o Itaú Cultural pela relevância dos estudos conduzidos", afirma.

Outro levantamento realizado foi a quarta edição da pesquisa Hábitos Culturais, em parceria com o Datafolha. Ela mostrou que os brasileiros se reconectaram com a cultura em 2023, motivados pelo desejo de convívio, diversão e conhecimento. O Itaú Cultural também vivenciou essa retomada, com 450.980 visitas, quase o dobro do público registrado em 2022.

Entre diversos projetos, a Ocupação é um marco na atuação do Itaú Cultural. A iniciativa traz à tona a força da arte, cultura e o pensamento intelectual brasileiro. Ao longo dessa jornada, o projeto recebeu nomes como Cartola, Sueli Carneiro, Nize da Silveira e Ilê Aiyê. Em 2023, tivemos Milton Santos, Machado de Assis, Mário Pedrosa e Dona Onete.

Historicamente o Itaú Cultural é marcado por uma forte ação no campo digital. A Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, a Escola Itaú Cultural e o canal de streaming Itaú Cultural Play são marcos na difusão do conhecimento e produção da arte e cultura brasileira.

AÇÕES QUE TRANSFORMAM A EDUCAÇÃO

É consenso entre especialistas que educação para todos e de qualidade é o caminho para um país mais justo e desenvolvido. Buscando traçar ações que transformem a educação, o Itaú Social direcionou então seus esforços para a pré-escola, na Educação Infantil, e aos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º). "Essas etapas da educação básica são momentos críticos da trajetória educacional, que marcam as experiências e o futuro de milhões de crianças e adolescentes brasileiros", diz Patricia Mota Guedes, superintendente do Itaú Social.

Em 2023, a instituição avançou no desenvolvimento e adaptação de metodologias para o ensino de matemática nos anos finais, já que apenas 15% dos estudantes brasileiros chegam ao 9º ano com aprendizagem adequada nessa disciplina. Já o projeto Leia Com Uma Criança chegou a 916 municípios, com a distribuição de kits de livros para turmas de creche e pré-escola.

Novas parcerias foram firmadas com o poder público em diferentes projetos educacionais que beneficiaram diretamente 2,5 milhões de estudantes. Apoiou ainda 90 secretarias municipais de Educação.

O Itaú Social acredita na educação integral como determinante para desenvolver as oportunidades de aprendizagem e promover uma educação mais abrangente, que incorpore arte, cultura e esportes, sempre reforçando o papel central da Base Nacional Comum Curricular e o diálogo entre profissionais da educação, famílias e territórios. Dentro desse enfoque, a sanção da lei 14.640/23, que cria o programa Escola em Tempo Integral, fortalece tal implementação.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Ampliar as matrículas em educação profissional e tecnológica (EPT) para a inclusão produtiva dos jovens é um dos principais objetivos do Itaú Educação e Trabalho. "O ano de 2023 trouxe um avanço muito positivo, com a aprovação da lei que representa o marco legal do ensino técnico. A EPT ganha um lugar real na política pública nacional e se consolida como parte da educação básica", afirma Ana Inoue, superintendente do Itaú Educação e Trabalho, que apoiou, no ano passado, 16 estados para a inclusão da educação profissional e tecnológica, com a abertura de mais de 353 mil vagas.

Ana Inoue destaca que essas vagas precisam ser de qualidade, com aderência às novas economias do século 21, para possibilitar, entre outras questões, um primeiro emprego digno e o crescimento profissional dos jovens. Por isso, o Itaú Educação e Trabalho forneceu apoio técnico ao poder público e produziu estudos que contribuíram para o debate sobre a importância da ampliação da EPT com excelência, colaborando com gestores educacionais e promovendo o diálogo com o setor produtivo.

Em parceria com os estados, a instituição colaborou com o desenvolvimento de currículos que aprimoram as capacidades técnicas dos estudantes e suas competências gerais para o mundo do trabalho, apoiou a avaliação e o monitoramento das políticas estaduais de educação profissional e auxiliou na construção de programas de formação de docentes. São iniciativas que contribuem para qualificar melhor os jovens e conectá-los com boas oportunidades de trabalho.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Em 2023, a Fundação Itaú iniciou um intenso trabalho de formação em IA para seus colaboradores para compreender o momento contemporâneo em relação às transformações digitais. Houve especial atenção às oportunidades de buscar soluções para a equidade a partir do uso de IA no universo educacional e, por outro lado, ao risco de ampliação das desigualdades.

Ainda em 2023, a Fundação Itaú iniciou a aplicação de ferramentas de IA para aprimorar a base de dados da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, que reúne mais de 220 mil verbetes sobre expressões artísticas. Em 2023, a Enciclopédia teve mais de 41 milhões de acessos. Neste ano, o Conselho Curador da Fundação Itaú definiu a Inteligência Artificial como prioridade estratégica na atuação da Fundação.

Essas e outras ações da Fundação Itaú são conduzidas sempre por uma governança sólida e ética, liderada pela superintendência de Governança e Transformação Digital. "Estou otimista que, com a dedicação e o talento dos times, continuaremos a promover mudanças significativas para a sociedade, impactando positivamente educação e cultura", afirma Valéria Breslin, superintendente da área.

Cada uma das ações detalhadas no Relatório Anual faz parte de um conjunto de iniciativas da Fundação Itaú com o propósito de criar condições para que todo brasileiro seja um cidadão capaz de transformar a sociedade.

Ocupação Machado de Assis, exposição com recorde de público, vista por 88 mil pessoas

Curso técnico de energias renováveis em Natal (RN)

FUNDAÇÃO ITAÚ EM NÚMEROS

Dados do Relatório Anual referentes a 2023

R$ 284 milhões
Investidos em projetos do Itaú Cultural, Itaú Social, Itaú Trabalho e Educação e Espaço Itaú de Cinema

43,5 milhões
Foram os acessos únicos aos sites do Itaú Cultural, Itaú Social, Itaú Trabalho e Educação e Fundação Itaú e 26 milhões os acessos aos canais do YouTube

450.980
Visitas à sede do Itaú Cultural, quase o dobro do registrado em 2022

435
Ações presenciais, online e híbridas foram realizadas pelo Itaú Cultural

442.850
Livros infantis distribuídos

101 mil
Novos inscritos nas plataformas online de formação da Escola Itaú Cultural e Polo Itaú Social

49 mil
Certificados de formação foram emitidos pela Escola Itaú Cultural e Polo Itaú Social

Fonte: Fundação Itaú Relatório Anual 2023



O instituto da consciência

[RESUMO] Bill Linton, empresário de Wisconsin (EUA), fundou o Instituto Usona, iniciativa sem igual que mescla, no objetivo de fomentar pesquisa clínica com psicodélicos, fornecimento de substâncias para outros pesquisadores e instalações para futuro tratamento de doenças. Outro desafio é decifrar o enigma do pensamento consciente, para o qual recrutou psiquiatras, químicos e os organoides cerebrais do neurocientista brasileiro Stevens Rehen

Por ***Marcelo Leite***
Colunista da **Folha** e autor de livros como "Psiconautas – Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (Fósforo, 2021) e "No Reino Encantado de Jurema", no prelo pela mesma editora

Ilustrações ***Adams Carvalho***
Artista visual

Visionário: o lugar-comum aplicado a empresários encontra sua melhor expressão literal em Bill Linton. O senhor de cabelos brancos, calça jeans, camisa branca e paletó azul marinho que tira os sapatos para entrar na ala terapêutica do Instituto Usona passaria por pessoa comum, não fossem as visões que o tornaram um protagonista na atual renascença psicodélica.

Linton fundou em 1978 a Promega, empresa de 2.100 funcionários que fatura US$ 750 milhões anuais (R$ 4,2 bilhões) com insumos para laboratórios biomédicos, como enzimas. Ele tirou do bolso os recursos para erguer na cidade de Madison, no estado de Wisconsin (EUA), o instituto que combina infraestrutura de spa com laboratórios avançados de alteração da consciência, contando com apoio financeiro de nove fundações e famílias doadoras.

O Usona está à frente do maior teste clínico em curso para tratar depressão com psilocibina, composto psicoativo de cogumelos "mágicos". Um estudo de fase 3 vai comparar resultados de 240 voluntários tratados com duas doses da substância (5 mg e 25 mg) ou com placebo, em seis estados dos EUA, e os acompanhará por 12 meses.

Os dados servirão para embasar pedido de licença dessa terapia psicodélica à FDA, agência de fármacos dos Estados Unidos. Se não houver percalços, a aprovação deve sair em 2027. Antes disso, quase certamente, a empresa britânica Compass Pathways obterá sua autorização para tratamento semelhante.

"Às vezes é melhor não ser o primeiro", diz Linton. "Queremos fazer direito. Não estamos nisso para pagar dividendos a investidores. Há muitas pessoas que podem se beneficiar. Mesmo que haja muitas organizações, não será o bastante."

Estima-se que 1 bilhão de pessoas sofram com depressão, ansiedade e outros transtornos de humor no mundo. Desses, mais de 100 milhões manifestam a forma refratária de depressão, que não melhora com os antidepressivos existentes.

A fixação do empresário com psicodélicos começou em 1967, o ano do Verão do Amor, quando estudava química na Universidade da Califórnia em Berkeley. Ali tomou LSD uma dúzia de vezes, mas deixou de lado os psicodélicos, que se tornaram ilegais na década seguinte.

Essas drogas reapareceram em seu radar quando a vizinha Betty foi tragada pela depressão após diagnóstico de câncer terminal. Ela participou de experimento com psilocibina na Universidade Johns Hopkins e retornou transformada, livre da sensação de desgraça iminente e agradecida por viver cada dia nos poucos meses que lhe restavam.

O episódio reacendeu o interesse de Linton, e ele passou a estudar substâncias alteradoras da consciência, buscando contato com pesquisadores da área. "O fato de uma molécula, uma vez apenas, poder alterar a visão de vida e morte de uma pessoa é em si mesmo notável", disse numa entrevista de 2022.

Em 2014, ele e a médica Malynn Utzinger fundaram o Usona, organização de pesquisa médica sem fins lucrativos para acelerar a pesquisa com psicodélicos, patrocinando testes clínicos e fornecendo esses compostos para outros neurocientistas.

O prédio do Usona de 8.600 m² ficou pronto em 2023. Logo na entrada, uma instalação com dois andares de altura reúne centenas de discos de resina sustentados por fios pendentes do teto, uma das dezenas de obras de arte encomendadas para compor o ambiente em que predominam pisos, vigas e forros de madeira.

O saguão se abre para um átrio amplo, com lareira de pedra ainda mais alta rodeada de sofás e poltronas. À direita, cozinha e copa comunitárias que já acomodaram uma centena de visitantes. Mais comuns são grupos pequenos de participantes em treinamentos, como terapeutas, enfermeiros e assistentes sociais que se preparam para o advento de tratamentos psicodélicos.

A sala contígua para projeção de apresentações tem mesas encimadas por luminárias de LED cujas hastes formam hexágonos, pentágonos e linhas do esquema da molécula de psilocibina. A substância, originalmente obtida de fungos do gênero Psilocybe, é produzida por síntese com alta pureza no Usona e fornecida também para pesquisadores de fora.

Além de três salas equipadas para futura realização de psicoterapia apoiada por psicodélicos, as instalações incluem recintos para "trabalhos somáticos", como descreve Linton no papel de cicerone: banho turco, massagem, sauna seca e úmida, ducha "experiencial" com combinações variadas de jatos, luzes e aromas.

A cada novo ambiente, o empresário se adianta para operar a tela sensível ao toque e demonstrar controle de luz artificial e natural. O mobiliário segue inspiração oriental, pontuada por estilos primitivistas ou abstratos nos quadros.

Há um jardim interno com plantas tropicais, alcunhado Amazônia. Seu propósito é a prática do conceito japonês de "shinrin-yoku" (banho de floresta), mesmo em dias de inverno —em Madison, em um inverno ruim podem acumular-se 2 metros de neve.

O ápice de sofisticação surge em um salão de pé direito alto onde se encaixa uma escultura ou megalustre com 75 mil pontos de LED. O enxame de diodos emite ondas de cores cambiantes, a acompanhar a música de longos acordes. O efeito é lisérgico.

No começo de maio, quando se deu a visita, o Usona estava um tanto deserto. São 28 funcionários, vários trabalhando de casa. O instituto já recebeu cerca de mil visitantes desde a inauguração, mas não investe em marketing. Quem aparece vem por divulgação pessoa a pessoa.

Isso deveria mudar a partir do segundo semestre, quando se esperava que a FDA aprovasse tratamento com MDMA para transtorno de estresse pós-traumático. No entanto, no início de junho um comitê consultivo independente considerou insuficientes as evidências de eficácia e segurança apresentadas pela empresa postulante, Lykos.

Se e quando vier esse precedente, tenderão a multiplicar-se demanda e oferta por terapias psicodélicas legalizadas, hoje restritas a injeções do anestésico dissociativo cetamina, ou ketamina, para depressão.

A visita termina na biblioteca ao estilo europeu do século 19 em que Linton coleciona objetos de boticários e antiquários. Ele chama a atenção para uma escultura guatemalteca de cogumelo, em pedra, relíquia milenar que lhe foi oferecida por Paul Stamets, dublê de pesquisador e guru celebrizado no documentário "Fungos Fantásticos".

Na biblioteca, a situação se inverte, e o empresário passa a entrevistar o jornalista sobre a ciência psicodélica no Brasil e os cultos em torno da jurema-preta (Mimosa tenuiflora), árvore da caatinga que contém dimetiltriptamina (DMT) e é objeto do livro "No Reino Encantado de Jurema", no prelo pela editora Fósforo.

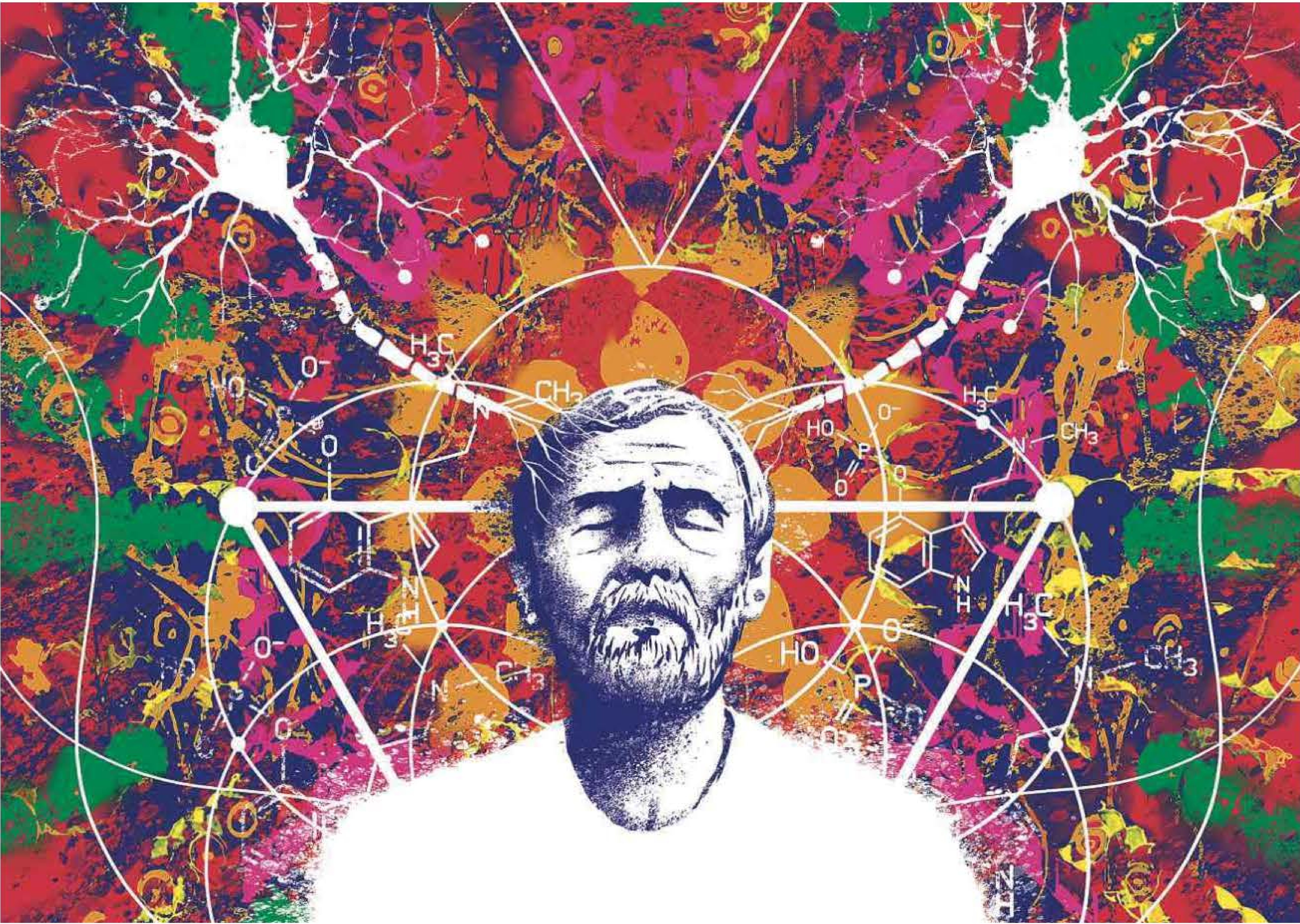
Fica evidente que o empresário conhece bem as substâncias. Além da psilocibina, ele se mostra interessado em 5-MeO-DMT, psicodélico presente no veneno do sapo-do-rio-colorado (*Incilius alvarius*) e em rapés de indígenas da Amazônia, hoje sintetizado e estudado inclusive no Usona. Pergunta sobre os testes com a substância realizados pelo neurocientista brasileiro Stevens Rehen, utilizando organoides cerebrais.

Rehen ocupa um dos vértices do triângulo de pesquisa no complexo Promega/Usona, ao lado do químico Alexander Sherwood e dos médicos Mike Davis e Charles Raison, responsáveis pelos testes clínicos com psilocibina. O brasileiro e Sherwood estão na base do triângulo, pode-se dizer, porque se ocupam da ciência mais fundamental.

Foi depois de ler artigos de Rehen sobre organoides e psicodélicos, em 2018, que Linton encasquetou de conhecer o neurocientista do Idor (Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino) e da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Convidou-o para palestras no Fórum de Consciência que ocorre anualmente no campus da empresa.

Chegou a voar para o Rio de Janeiro, pilotando o próprio jatinho, para visitar o laboratório no Idor. Propôs-lhe sabático de um ano em Madison, mas a pandemia e a doença da mãe de Rehen, que morreria algum tempo depois, adiaram tudo. O brasileiro só baixou na Promega em agosto de 2022.

Continua na pág. C5



Continuação da pág. C4

A adaptação em Wisconsin caminhou tão bem que Rehen até se matriculou com o filho Gael para aulas de jiu-jitsu, em horários subsequentes, numa academia Gracie Barra. Aos 53 anos, é o mais velho da turma.

Rehen se declara aficionado por aparelhos de monitoramento de saúde, como um anel que se comunica com o celular. Quer se manter saudável e trabalhar por ao menos mais 30 anos no que considera sua missão.

"Hoje tenho clareza de meu compromisso: contribuir com pesquisas científicas sobre psicodélicos utilizando sistemas microfisiológicos que podem revolucionar o campo, ao mesmo tempo que reduzem o uso de animais em experimentos", diz, referindo-se aos organoides cerebrais. Até aqui, era mais comum sacrificar roedores para isso.

Seu grupo já publicou trabalhos mostrando quais proteínas se alteram quando os organoides, aglomerados de até 5 mm e milhões de células neurais, são embebidos com psicodélicos. Para verificar isso, é preciso destruir os minicérebros, mas no laboratório da Promega ele planeja dar um salto.

A empresa lhe permite usar ferramentas de ponta, como várias técnicas de bioluminescência, para etiquetar proteínas e acompanhar suas trajetórias e quantidades em tempo real nos organoides, sem dissolvê-los para análise proteômica. As esferas neurais poderão assim ser estudadas por vários meses, repetindo doses ou comparando os efeitos de substâncias, por exemplo.

Os organoides exibem atividade elétrica espontânea, o que se poderia comparar, com boa vontade e imaginação, a uma forma de "pensamento". Sendo possível reconhecer padrões nessa atividade e como eles variam sob efeito de psicodélicos (que a intensificam) ou de anestésicos (que a deprimem), a esperança é identificar os processos neurais mais básicos do fenômeno da consciência.

Mesmo com todos os recursos à disposição, Rehen não se considera um cientista expatriado ou exemplo de fuga de cérebros. "Hoje nossa ciência é transnacional", ressalva.

Ele dedica pelo menos três horas por dia a reuniões online e administração do laboratório no Idor. Passa três a quatro meses por ano no Rio, quando inverte o esquema para trabalho remoto com a equipe em Madison.

"Tenho muito orgulho do que estamos construindo", diz. "O que interessou ao Usona e à Promega foi nossa maneira de pensar e fazer ciência, toda forjada no Idor e na UFRJ, de 2005 a 2022, em colaboração com colegas da Argentina e do Chile."

Assim como nos EUA, ele vê seu futuro aqui ligado à pesquisa básica numa mescla de ambiente acadêmico e empresarial que combina múltiplos conhecimentos, algo incomum e até malvisto na terra natal.

"A universidade [pública] insiste em uma lógica anacrônica de manter e formar pesquisadores com perfil pouco flexível. Pesquisa, ensino, extensão e inovação poderiam abranger uma diversidade maior de habilidades, competências e possibilidades, o que atualmente não ocorre, ainda mais sem financiamento adequado", desabafa o pesquisador, especialista em levantar fundos da Finep, do BNDES e de empresas como a L'Oréal para manter os estudos da equipe.

A diferença, no ambiente privilegiado da Promega e do Usona, é que ele tem acesso imediato a insumos avançados de pesquisa sem precisar o tempo todo submeter pedidos de financiamento. Tampouco precisa preocupar-se com desenvolvimento de produtos. "A liberdade criativa é total. As equipes nos ajudam a transformar as ideias em prática."

Um dos parceiros entusiasmados com os organoides que Rehen cultiva no prédio Kornberg é Alex Sherwood. Seu laboratório de química médica fica do outro lado da rua, no edifício Feynman (as construções da Promega são batizadas com nomes de prêmios Nobel, como Roger Kornberg, agraciado em 2006, e Richard Feynman, em 1965).

Sherwood entrou no Usona em 2014, participando das primeiras reuniões. Ele conta ter sido ideia de Linton contratar um especialista em química médica. Já tinha em vista fornecer psicodélicos para pesquisadores de outros grupos e esmiuçar a complexa interação entre essas substâncias e receptores cerebrais.

Uma questão que intriga o químico é a capacidade de desencadear alterações profundas da consciência estar presente em substâncias tão diversas quanto o LSD (derivado de ergotaminas do fungo esporão-do-centeio), a DMT da ayahuasca e da jurema-preta (uma triptamina) e a mescalina (fenetilamina presente no cacto peiote).

Apesar das diferenças, todas atuam sobre receptores do neurotransmissor serotonina, às vezes chamado de hormônio da felicidade. O denominador comum é o receptor 5HT2A, mas elas agem também sobre demais membros da família 5HT e outros receptores que reconhecem dopamina e ocitocina, por exemplo.

"São compostos promíscuos", diz Sherwood, "mas isso não é um defeito, e sim uma característica". Ele acha que psicodélicos rompem o paradigma de que cada droga atua sobre um alvo específico, como apertar teclas isoladas de piano faz soarem notas distintas. Na sua visão, eles se parecem mais com acordes, notas simultâneas cuja combinação produz sonoridades peculiares sem perder o tom psicodélico.

Sua atividade no laboratório se assemelha à de um compositor que vai testando acordes, manipulando aspectos químicos dessas substâncias para verificar o que muda em seus efeitos. Aí entram os organoides de Rehen, plateias vivas para testar as diferentes respostas dos tecidos neurais.

A fixação do empresário com psicodélicos começou em 1967, o ano do Verão do Amor, quando tomou LSD uma dúzia de vezes. Essas drogas reapareceram em seu radar quando a vizinha Betty foi tragada pela depressão após diagnóstico de câncer terminal. Ela participou de experimento com psilocibina e retornou transformada, agradecida por viver cada dia. O episódio reacendeu o interesse de Linton, e ele passou a estudar substâncias alteradoras da consciência

"Não poderia imaginar uma confluência mais apropriada de entidades para começar a responder essas perguntas e desenvolver ferramentas para entender isso tudo", diz sobre os organoides. "É um lugar entusiasmante de se estar."

O vocabulário da neurofarmacologia se tornará mais sofisticado, acredita Sherwood, para quem os termos "psicodélico" (mescalina, LSD, DMT e psilocibina) ou "entactógeno" (MDMA) são tão genéricos quanto falar em vinho tinto ou branco. Sua expectativa é distinguir as diferenças varietais entre os compostos modificadores da consciência e o tipo de modulação que exercem sobre ela.

Em uma volta pelo laboratório, ele exibe o cofre em que guarda as substâncias controladas, em sua maioria sintetizadas ali mesmo, e o livro de registro de entradas e saídas, uma exigência legal. As bancadas repletas de frascos e resíduos se parecem pouco com laboratórios de biologia, voltados a observar e não fabricar coisas.

"É mais uma oficina que um laboratório", define. Precisou montá-lo do zero, no que contou com a ajuda da mulher, Chris. No começo sentia falta do equivalente à gaveta da bagunça numa cozinha, onde se encontra de tudo.

Sherwood reage em tom de piada à lembrança de Bruno Latour, o filósofo da ciência francês para quem nesses laboratórios se refogam conceitos com ninharias: "Nunca confie num químico que não goste de cozinhar", diz. O pesquisador conta que seu acordo com Linton prevê que a ciência básica sempre terá lugar no Usona. Não se trata só de aperfeiçoar a manufatura a cargo da Promega: "Ciência e exploração, mover o campo adiante".

Ele enxerga nos organoides um futuro menos reducionista para a neurofarmacologia molecular, uma estratégia para obter informações que possam equivaler a comportamentos. O reducionismo, afinal, não se presta bem a desvendar os segredos do sistema nervoso central.

"Talvez haja uma trilha pela qual a gente possa começar a desenrolar esses padrões de atividade [elétrica] e comportamento com esses feixes ordenados de neurônios humanos", afirma.

Por outro lado, mesmo se dedicando a otimizar moléculas psicodélicas, ele não vê muito potencial nos chamados psicoplastógenos, versões delas que prescindam do efeito subjetivo, a viagem, retendo só a propriedade de induzir novas conexões cerebrais. Como Linton e Rehen, acha que o significado pessoal da experiência psicodélica importa tanto quanto a neuroplasticidade para o benefício terapêutico.

"Psicoplastógenos poderiam mudar o indivíduo, mas não com uma direção clara para se pilotar o navio. Você só tira as mãos do leme. E pode apenas elevar o ruído no sistema", pondera. "A neuroplasticidade não é inerentemente benéfica. Cocaína também induz neuroplasticidade."

Opinião semelhante defende Charles Raison, psiquiatra do Usona que liderou o teste clínico anterior do instituto, de fase 2, com psilocibina para depressão. Mas o médico ao menos não descarta que possam funcionar os psicoplastógenos propostos em 2018 por David Olson, da Universidade da Califórnia em Davis.

"Se eles forem possíveis, vão dominar o campo. Eu admiro esse cara", diz. Uma pílula para tomar sábado à noite e acordar no domingo com vontade de se exercitar ou de ir à igreja se encaixaria perfeitamente no "american way", argumenta. Se tivesse muito dinheiro, afirma, investiria nisso pronto a perder tudo.

Raison só tem dúvidas de que o efeito terapêutico de longo prazo possa ser separado da consciência, objeto de toda sua carreira de pesquisador. Psicodélicos são apenas o componente mais recente dessa investigação, que começou com os benefícios da meditação e de procedimentos para aumentar o calor corporal.

Ao iniciar a vida acadêmica na Universidade Emory, em Atlanta (Geórgia), ele queria estudar a técnica de meditação Tummo, na qual praticantes conseguem elevar a temperatura do corpo. Mestres na modalidade, entretanto, não se dispuseram a servir de cobaias.

Raison diz que seu foco recaiu sobre os psicodélicos como ferramentas para atingir estados alterados apenas quatro anos antes de ser contratado pelo Usona em 2015. Era o elo que faltava em sua obsessão com o poder causativo da consciência, cultivado em quase todas as culturas antigas, que desenvolveram formas de meditação, aquecimento (banhos, saunas, temazcal) e uso de psicoativos.

O psiquiatra confessa ter um viés: ele prefere que a consciência seja requisito da cura de transtornos afetivos. "Não quero essa metáfora de máquina. Quero esse exemplo de que a consciência, a espiritualidade, importa. Veremos. A ciência é cruel, ela leva embora muito do que você acredita ser precioso." ←

O rei vai vivo

Enquanto Biden parecia ausente, Trump estava tragicamente presente no debate

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Para travar o combate decisivo contra uma perigosíssima ameaça à democracia e à liberdade, o Partido Democrata, nos Estados Unidos, escolheu um idoso de 81 anos.

O debate da última quinta entre o antigo presidente Trump e o atual Biden confirmou as minhas suspeitas: nutro aversão por ambos os candidatos.

O meu problema com Biden é que não entendo nada do que ele diz; o meu problema com Trump é que entendo tudo. Biden é velho e frágil, mas tendo em conta que Trump também tem 78 anos e é conhecido por ter proposto administrar uma injeção de desinfetante nos pacientes para curar a Covid, a fasquia para um debate deste tipo está, de partida, colocada muito em baixo.

O candidato que consiga fazer uma frase completa, dar a sensação de saber onde está, ou manter a boca fechada enquanto o outro fala, obtém uma vantagem importante. Infelizmente, Biden não foi capaz de cumprir nenhum desses objetivos. Resta agora aos democratas explicar-nos que o que vimos não aconteceu.

Como na história infantil, creio que vão tentar convencer-nos, não de que o rei vai vestido, mas de que o rei vai vivo. Enquanto Biden parecia ausente, Trump estava, tragicamente, mesmo muito presente. E expendeu argumentos como: "Neste momento há 10 mil milhões de guatemaltecos a atacar o memorial do Lincoln".

A eleição vai ser entre uma pessoa que parece ter abandonado o mundo dos vivos e outra que mantém alguma energia para dizer as coisas mais estapafúrdias, falsas, ou estapafúrdias e falsas. A certa altura do debate, Trump e Biden puderam expor ideias sobre uma das suas maiores clivagens ideológicas: qual deles é o melhor jogador de golfe. Biden alegou ser ele, mas Trump desmentiu-o categoricamente.

Costumo ser crítico da ideia de que deve haver mais mulheres na política porque elas exercem o poder de maneira diferente. Eu acho que deve haver mais mulheres na política porque elas têm tanto direito ao poder como os homens. E, como Thatcher, Le Pen, Meloni e Catarina, a Grande, entre outras, demonstram, elas exercem o poder do mesmo modo.

Mas aqui tenho de conceder que me é difícil imaginar um momento igual num debate entre duas mulheres.

Posto perante essa escolha, confesso que, se fosse americano votaria em Biden contra Trump. Mas devo acrescentar que até votaria num chimpanzé contra Trump. No caso concreto de Biden, creio que o fato de termos um presidente ininteligível traz vantagens no domínio da paz mundial. Para entrar em conflito com uma pessoa, primeiro é preciso entender o que ela diz.



Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)

Filme retrata surgimento da primeira rádio dedicada ao rock

Aumenta que É Rock 'n' Roll
Globoplay, 16 anos
O filme "Aumenta que É Rock 'n' Roll" retrata o surgimento de "A Maldita", como era conhecida a Rádio Fluminense FM nos anos 1980, quando o Brasil vivia a euforia da redemocratização política. Criada pelos jornalistas Luiz Antonio Mello e Samuel Wainer Filho, foi a primeira rádio brasileira dedicada só ao rock e com locução exclusivamente feminina. Estrelado por Johnny Massaro e George Sauma.

O Sabotador
Netflix, 12 anos
Doze participantes disputam provas que aumentam o prêmio em dinheiro que só um vai ganhar no final. Entre eles, no entanto, há um sabotador secreto contra os esforços do grupo. Para vencer, é preciso derrotar os outros e expor o sabotador. Segunda temporada do reality.

A Matriarca
ClaroTV+, 18 anos
Charlotte Rampling interpreta Ruth, uma famosa correspondente de guerra que está aposentada e com problemas com álcool. Seu neto, também autodestrutivo, volta para casa e se surpreende ao ver a avó lá. O encontro será transformador para os dois.

BET Awards 2024
MTV e Pluto TV, 21h, 12 anos
Transmissão do prêmio ao vivo direto de Los Angeles, nos Estados Unidos, que vai homenagear o cantor Usher e com participações de Shaboozey, Lauryn Hill & YG Marley. Karol Conká e BK representam o Brasil na categoria de melhor artista internacional.

Kafka
Arte1, 23h, 16 anos
Cem anos depois da morte de Franz Kafka, uma nova minissérie produzida na Alemanha tenta decifrar o enigmático escritor. Retrata a relação conturbada com o pai tirano e com seus amores Felice Bauer, Milena Jesenská e Dora Diamant, todas influências sobre sua escrita.

Canal Livre
Band, 23h30, livre
O programa recebe o economista Marcos Lisboa para discutir a situação econômica atual, o desequilíbrio fiscal, os ruídos na relação entre o governo e o Banco Central e o impasse entre cortar gastos ou aumentar a arrecadação.

QUADRÃO | Ricardo Coimbra

BOLETIM DE RECORRÊNCIA













| DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, **Angeli,** Laerte

'O Menino Marrom' voltará às escolas, determina Justiça

SÃO PAULO A Justiça de Minas Gerais determinou que o livro "O Menino Marrom", do cartunista Ziraldo, deve voltar a ser utilizado nas escolas de Conselheiro Lafaiete, município do interior de Minas Gerais a cerca de 80 quilômetros de Belo Horizonte.

A obra havia sido recolhida por decisão da Secretaria Municipal de Educação da cidade mineira. Em nota, a pasta afirmou ter recebido reclamações de pais que consideraram o livro agressivo.

No entanto, o juiz Espagner Wallysen Vaz Leite entendeu que a medida é inadequada e que ela compromete ensinamentos importantes para o desenvolvimento dos cidadãos de uma sociedade plural.

Morre Daniel Belleza, da banda Os Corações em Fúria, aos 50 anos

SÃO PAULO O cantor Daniel Belleza morreu, na última quinta, em decorrência de um câncer aos 50 anos. A informação foi confirmada pela mulher do artista nas redes sociais.

"Queridos amigos e familiares, é com profunda tristeza que escrevo para comunicar que o meu marido, Daniel Belleza, faleceu na noite de ontem. Como era sua vontade, ele se foi em paz, dormindo e com tranquilidade", escreveu Bruna Rodrigues. O velório foi realizado na última sexta-feira, no Cerimonial Pacaembu, em São Paulo.

O músico se notabilizou no início dos anos 2000 por liderar a banda de rock alternativo Daniel Belleza e Os Corações em Fúria, que fez parte da cena underground de São Paulo.

Festival SatyriCine Bijou homenageia a atriz Gilda Nomacce

SÃO PAULO O Festival SatyriCine Bijou, que celebra a produção audiovisual brasileira, será realizado do dia 11 de julho ao 21 de julho na Sala Patrícia Pillar do Cine Satyros Bijou, na região central de São Paulo.

O evento exibe dez longas e 12 curtas inéditos de cineastas emergentes em sua mostra competitiva. O júri deste ano será composto por Aimar Labaki, Jeferson De, Julia Bobrow, Luh Maza e Tuna Dwek.

A edição deste ano celebra a atriz Gilda Nomacce, que receberá o Troféu Helena Ignez e terá uma mostra com alguns de seus principais trabalhos. Ela tem 40 anos de carreira e fez cerca de cem personagens.

Os ingressos são gratuitos, distribuídos na bilheteria uma hora antes de cada sessão.

Os herdeiros de Kafka

[RESUMO] Morto há cem anos, Franz Kafka só se tornou um ícone da literatura mundial porque seu melhor amigo, Max Brod, desrespeitou seu pedido e publicou, após a sua morte, alguns textos inacabados, como "O Castelo" e "O Processo". O caso tornou-se emblemático em um debate ético cada vez mais comum desde então, envolvendo a vontade de escritores, o interesse público na difusão das obras e a responsabilidade de herdeiros, aspectos muitas vezes conflitantes entre si

Por *Alex Castro*
Escritor, é autor de 'Atenção.' e 'Mentiras Reunidas'



Ilustração de Lourenço Mutarelli para edição de "A Metamorfose", de Franz Kafka, publicada pela editora Antofágica Divulgação

Franz Kafka, que morreu há cem anos, é famoso não somente por sua obra literária, mas pelo fato de boa parte dela ter sido publicada a sua revelia.

Kafka, no leito de morte, pediu em carta que seu melhor amigo, Max Brod, queimasse seus diários e textos ficcionais inéditos, incompletos, rascunhados. Se Brod fosse um bom amigo, de fato, jamais teríamos lido "O Castelo", "O Processo" ou "América", e muito menos a "Carta ao Pai".

Por um lado, a qualidade das obras que Kafka publicou em vida —como "O Veredito", "Na Colônia Penal", "A Metamorfose", "Um Médico Rural" e, especialmente, "Um Artista da Fome"— já nos parece mais que suficiente para garantir seu nome na história da literatura. Por outro, sabemos que ele morreu como um ilustre desconhecido: nenhuma dessas obras foi recebida ou celebrada como um trabalho de gênio.

A verdade é que o Kafka que conhecemos, o grande autor da literatura universal, foi uma criação de Max Brod e só pôde começar a existir exatos cem anos atrás, quando o Kafka de carne e osso levou para o túmulo toda sua vergonha e timidez. Brod passou a vida vendendo, promovendo, divulgando seu amigo. O pedido de Kafka, porém, não foi para tornar-se famoso, mas para não ser exposto. Para não ser julgado por obras que não considerava à sua altura.

Até hoje, o debate sobre a atitude de Brod continua gerando novas questões éticas. A quem pertence uma obra literária? O público tem direito à obra, mesmo à revelia do artista? O artista tem direito de destruir sua obra, mesmo à revelia do público? O trabalho de um herdeiro literário, como Brod, é servir à obra, ao artista, à família, à humanidade, ao estado? A obrigação de um herdeiro é publicar o máximo, deixando o público decidir o que é bom e o que é ruim? Ou publicar o mínimo, respeitando os padrões de qualidade do artista? (Um excelente livro sobre o tema é "Os Testamentos Traídos", de Milan Kundera, publicado no Brasil pela Companhia das Letras.)

Brod nem imaginava, mas ao se recusar a queimar os papéis de Kafka, estava se constituindo em Santo Padroeiro de uma das confrarias mais problemáticas do século: a dos herdeiros literários.

O poema que Clarice nunca escreveu

Clarice Lispector nunca escreveu poesia. Ainda assim, em 2001, o poema "Mude" foi atribuído a ela em uma campanha publicitária da Fiat. Em resposta, o poeta santista Edson Marques prontamente processou a agência criadora da peça, Leo Burnett, argumentando que era ele o autor de "Mude".

A agência respondeu que comprou os direitos regularmente de Paulo Gurgel Valente, filho e herdeiro de Clarice, e que ele inclusive autorizou cortes no texto. Somente em 2017 poeta e agência fizeram um acordo para extinguir a ação. O herdeiro, que não quis falar com a **Folha**, embolsou R$ 40 mil para licenciar o poema, mas não há provas de que tivesse direito a ele.

Os sobrinhos da esposa de Borges

No mesmo ano em que faleceu, 1986, o escritor argentino Jorge Luis Borges se casou com sua secretária, Maria Kodama, quase quarenta anos mais jovem. Alguns anos antes, Borges já legara a ela todos os seus bens, inclusive seus direitos autorais.

Ou seja, foi decisão consciente: ele queria que Kodama cuidasse de sua obra e foi o que ela fez, no limite do razoável, inclusive processando escritores como Pablo Katchadjian, que tentaram fazer com a obra de Borges as mesmas brincadeiras que Borges fez com as obras de tantos outros.

Kodama, porém, morreu no ano passado sem deixar testamento e sem indicar um sucessor. Agora, uma juíza acaba de decidir que, pelos próximos 30 anos, até cair no domínio público em 2056, uma das obras literárias mais importantes da América Latina ficará nas mãos não de filhos ou da cônjuge do artista, mas de cinco sobrinhos distantes da mulher com quem ele se casou em seu último ano de vida. Deve o estado comprar esses direitos?, se perguntam os argentinos. Confiscá-los? Existe algo a se fazer?

A desapropriação de Machado de Assis

Machado de Assis, como se sabe, não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Mas legou sim, em testamento, a propriedade de sua obra literária ao livreiro H. Garnier, da rua do Ouvidor. Em 1935, , esses direitos foram comprados pela editora W. M. Jackson, que já em 1937 lançou a obra completa do autor em 37 volumes.

Por diversos motivos, essa edição foi rechaçada pela intelectualidade da época. Nas palavras do romancista Autran Dourado, quando se apontavam na imprensa "os seus erros" e "as imperfeições de seus textos", "lá vinha ela [a editora Jackson] com pareceres caríssimos de juristas de aluguel, provando que Machado de Assis era monopólio dela. E assim a coisa ia se passando e a Jackson enriquecendo."

Finalmente, em 1958, aos 50 anos da morte de Machado, Dourado, então secretário de imprensa de Juscelino Kubitschek , decidiu fazer justiça literária com as próprias mãos. Amealhou apoio de vários intelectuais, criou toda uma situação midiática, pediu um parecer jurídico do consultor-geral da República, redigiu ele mesmo um decreto-lei e Juscelino assinou sem nem ler. Dourado conta a história em seu "Gaiola aberta: Tempos de JK e Schmidt", publicado pela Rocco em 2000:

"Os jornalistas que faziam parte do complô providenciaram os fotógrafos para o dia seguinte, quando o presidente assinaria o ato. Levei comigo para o palácio o meu exemplar de 'Dom Casmurro', disse ao presidente que fingisse que estava lendo. 'O que você está me aprontando', me perguntou. 'Basta assinar aqui, amanhã o senhor vai ver que maravilha'. No alto do parecer estava escrito apenas APROVO. JK assinou sem me perguntar o que era. No dia seguinte foi fotografia de JK na primeira página de todos os jornais. Quando entrei no seu gabinete, ele disse 'isso, sim, é que é serviço'".

E foi assim, por meio de uma canetada obtida fraudulentamente, graças às mentiras de um mentiroso profissional, que a obra completa do nosso maior mentiroso foi desapropriada e passou ao domínio público. Fica a dica aos hermanos.

A apropriação de García Márquez

Acabou de ser publicada uma "nova" obra de Gabriel García Márquez, autor falecido em 2014: um romance inacabado, escrito quando já sofria de demência, com o qual estava manifestadamente insatisfeito e que mandou destruir.

Tudo isso o herdeiro confessa candidamente no prefácio. Ainda assim, publica. Quem poderia dizer se foi porque, como afirma, releu o livro dez anos depois e era "muito melhor do que lembrávamos", ou apenas porque queria, sei lá, comprar um sítio?

O exílio de Cecília Meireles

A poeta Cecília Meireles passou mais de dez anos fora do mercado editorial graças a uma briga entre um grupo numeroso de herdeiros. O impasse somente foi superado quando um subgrupo conseguiu se unir e formar a maioria necessária para autorizar a publicação de algumas obras à revelia dos outros. Recentemente, os herdeiros processaram —e perderam— uma editora que publicou sem autorização um poema de Cecília em um livro didático.

Patente literária

O caso de Machado de Assis abre um precedente interessante. Qual é o limite da autoridade dos herdeiros sobre um bem cultural considerado patrimônio de toda uma cultura, de todo um país?

Um projeto de reforma da Lei de Direito Autoral, de autoria da deputada Jandira Feghali (PCdoB/RJ), está atualmente esperando um parecer da Comissão de Comunicação da Câmara dos Deputados.

O artigo 52-B prevê que o estado poderá autorizar a utilização de uma obra quando os herdeiros excederem "manifestamente os limites impostos pela boa-fé, pelos costumes ou pelo fim econômico ou social do exercício dos direitos patrimoniais". Ou seja, uma licença de uso à revelia dos herdeiros, uma verdadeira quebra de patente literária.

Deveria o estado ter o direito de embargar a publicação do novo Gabo ou de forçar a reedição da velha Cecília, desrespeitando as decisões dos herdeiros? Quem é o dono de um texto literário?

O corpo do artista

Nós, como sociedade, temos um interesse público em mais doações de órgãos; ainda assim, mesmo em questões de vida ou morte, se não houver autorização expressa do potencial doador, preferimos errar em prol de deixar bons órgãos apodrecerem do que arriscar colher órgãos de quem não queria doar. Reconhecemos uma certa sacralidade no corpo humano que sobrevive à própria morte e que não ousamos conspurcar.

Não seria uma obra de arte parte do corpo de seu criador? Forçar um artista a nos mostrar sua obra é um pouco como abaixar suas calças em público. Pois, sim, artista é quem se desnuda em público. Mas só é arte se for um ato de vontade: o artista desnudado a revelia é vítima. ←



Visitantes na exposição 'Paris 1874', no Museu d'Orsay, em Paris; à esq., 'Campo de Papoulas', de Monet Fotos Miguel Medina - 22.mar.24/AFP

Inventando o mercado impressionista

[RESUMO] Exposição no Museu d'Orsay em comemoração dos 150 anos do impressionismo evidencia que, na falta de convergência estética, a busca por espaço no mercado de arte unia os pintores do grupo em seu início. O amadurecimento do movimento, sustenta autor, ocorreu sob uma reorganização intensa do trabalho artístico associada à consolidação do capitalismo financeiro, em que a expertise comercial de marchands se tornou imprescindível na consagração crítica e no sucesso comercial de artistas

Por ***Felipe Martinez***
Economista e doutor em história da arte pela Unicamp, com pós-doutorado pela USP e pela Universidade de Amsterdã. Autor de 'O Escolar, de Vincent van Gogh' e tradutor de 'Cartas a Theo'

Vista de perto, a história do impressionismo é imprecisa e tem contornos pouco nítidos. Pode-se mesmo duvidar que faça algum sentido falar em um movimento impressionista. É o que "Paris 1874: Inventando o Impressionismo", em cartaz no Museu d'Orsay até 14 de julho, evidencia.

A mostra celebra os 150 anos de outra exposição, realizada em 1874 pela Sociedade Anônima Cooperativa de Pintores, Escultores e Gravadores, grupo que incluía Paul Cézanne (1839-1906), Edgar Degas (1834-1917), Claude Monet (1840-1926), Berthe Morisot (1841-1895), Camille Pissarro (1830-1903) e Auguste Renoir (1841-1919).

Os artistas expuseram juntos pela primeira vez no ateliê do fotógrafo Nadar, localizado no boulevard des Capucines. Procuravam um lugar para expor e vender suas pinturas em uma cidade "repleta de quadros, que poderiam cobrir a distância entre a França e a América", como escreveu Émile Zola, e formavam, antes de tudo, um grupo heterogêneo em busca de espaço no concorrido mercado de arte francês do século 19.

Foi nessa exposição que o crítico Louis Leroy cunhou o termo impressionismo ao se referir pejorativamente ao quadro "Impressão, Nascer do Sol", de Monet. Nos anos seguintes, os jovens artistas aproveitaram a alcunha dada e passaram a se promover a partir dela. No entanto, as obras expostas no ateliê de Nadar eram tudo, menos homogêneas.

A exposição do Museu d'Orsay exibe as obras de 1874 em sua variedade. Estão presentes quadros muito conhecidos de Monet e Morisot, como "Campo de Papoulas" e "A Leitura", bem como obras que dificilmente poderiam ser identificadas com o que se conhece hoje como impressionismo.

É o caso, por exemplo, do "Retrato de Homem" pintado por Alfred Meyer a partir de uma obra de Antonello da Messina, que pouco tem a ver com as pinceladas rápidas e cores transparentes normalmente associadas ao grupo, ou mesmo algumas gravuras de Félix Bracquemond (1833-1914), muito distantes do que ele próprio faria posteriormente. As obras expostas em 1874 indicam que a única coisa que unia os artistas do grupo era a busca por um lugar ao sol no ambiente artístico parisiense da época.

Mudanças importantes estavam em curso na capital francesa, não apenas no campo da arte. Depois de quase duas décadas de império, o país voltava a ser uma república. Cortada por largos bulevares, tendo sobrevivido à Guerra Franco-Prussiana, Paris se tornava cada vez mais industrializada e moderna.

Pouco mais de dez anos antes, ainda sob o imperador Luís Bonaparte, Édouard Manet (1832-1883) havia chocado o ambiente artístico parisiense com seu "O Almoço sobre a Relva", exibido no Salão dos Recusados. Manet, aliás, não quis participar da exposição de 1874 e concentrou todos os seus esforços no Salão oficial daquele ano. Das três pinturas que enviou, apenas uma, "A Ferrovia", foi aceita.

Junto às obras do grupo impressionista, o Museu d'Orsay também exibe algumas pinturas do Salão oficial de 1874, que mostrou obras de artistas tão diferentes entre si quanto Camille Corot e Jean Léon-Gérôme. Essa diversidade revela que o Salão não era indiferente aos novos tempos e que as instituições artísticas francesas se adaptavam às mudanças, ainda que nem sempre na velocidade desejada por todos.

De qualquer modo, o Salão tradicional não dava mais conta da demanda, cada vez maior, de artistas que tentavam participar da competição oficial e construir suas carreiras pelos caminhos que haviam sido consagrados desde o começo do século. O ápice da trajetória de um artista bem-sucedido pelas vias usuais eram os prêmios oficiais e as encomendas do Estado, mas essa porta não estava mais aberta para todos.

> **Não se tratava apenas de uma estética nova, com cores intensas e pinceladas ágeis que buscavam representar a realidade como fenômeno, mas também da inauguração de práticas comerciais e expositivas que se repetiriam de modo semelhante nas primeiras décadas do século 20. Esse processo não pode ser bem compreendido sem considerar que esses artistas estavam associados a galeristas que sabiam transitar muito bem entre as questões artísticas e o mercado financeiro**

Pelo contrário: conforme o século avançava, cada vez menos artistas podiam ser absorvidos por esse sistema — e a demanda por participar dele só crescia, como bem mostraram Cynthia e Harrison White no clássico "Canvases and Careers" (telas e carreiras).

A exposição no Museu d'Orsay não se resume às obras expostas em 1874, tanto no ateliê de Nadar quanto no Salão. A mostra também traz as pinturas exibidas na terceira das oito exposições do grupo impressionista, realizada em 1877.

Se, antes, as obras eram muito diferentes entre si, dessa vez, quadros como "O Baile no Moulin de la Galette", de Renoir, ou a série de pinturas da estação Saint-Lazare, de Monet, provam que o estilo impressionista havia amadurecido e que os artistas haviam finalmente assumido uma identidade de movimento artístico.

Faltou, no entanto, que os organizadores da mostra dessem maior destaque para a segunda exposição do grupo, quando os artistas não eram nem tão homogêneos quanto em 1877 nem tão heterogêneos quanto em 1874. Essa segunda mostra, realizada em 1876 na galeria do marchand Paul Durand-Ruel (1831-1922), atesta o processo de amadurecimento do movimento. Foi nela que seu anfitrião, personagem central para a prosperidade do grupo, se ligou definitivamente aos principais artistas associados ao impressionismo.

Durand-Ruel não empunhou pincéis, mas foi o agente responsável pela articulação do circuito de arte com o mercado financeiro. O marchand aplicou táticas como a criação de estoques para influenciar os preços, a oferta de lances artificiais em leilões e a associação estreita com críticos para promover seus artistas, além de pressionar os artistas para que o impressionismo tivesse um estilo identificável pelo público.

Por volta de 1870, as pinturas de nomes ligados à Escola de Barbizon, como Corot, Jean-François Millet e Théodore Rousseau estavam entre os melhores investimentos disponíveis no mercado francês. Os preços eram altíssimos, e investidores das mais diversas áreas se tornaram players do circuito de arte.

Durand-Ruel soube fazer fortuna com os paisagistas de Barbizon, mas, à medida que os principais artistas do grupo envelheciam, encontrou no impressionismo seu novo nicho de mercado. Eram artistas pouco conhecidos e pouco aceitos pelo público e pela crítica, o que significava que

Continua na pág. C9











De cima para baixo, 'A Dançarina', de Renoir, 'Boulevard des Capucines', de Monet, 'A Ferrovia', de Manet, 'A Leitura' e 'O Berço', de Morisot; as obras estão em exibição na mostra 'Paris 1874', no Museu d'Orsay, em Paris

Continuação da pág. C8

tinham um amplo horizonte de valorização a longo prazo —era possível, portanto, comprar barato no presente para vender caro no futuro.

Com a quebra do banco Union Générale em 1882, o marchand cruzou o Atlântico em busca de colecionadores nos Estados Unidos, um mercado fundamental para o desenvolvimento do impressionismo. Enquanto isso, artistas como Monet procuravam alternativas. Em 1888, uma exposição de sua série de paisagens de Antibes foi montada no mezanino de uma das filiais da galeria Boussod e Valadon, a mais importante da época, por iniciativa de um jovem marchand chamado Theo van Gogh, irmão do famoso pintor. Apesar do sucesso da mostra, a parceria com Theo teve vida curta.

Pouco tempo depois, Durand-Ruel voltou dos Estados Unidos e retomou os negócios com os impressionistas. Naturalmente, não atendeu todos os artistas do mesmo modo, mas soube abrir o apetite do mercado para um estilo impressionista, criando um tipo de mercadoria relativamente homogênea e previsível, com grande potencial de valorização. É nesse momento que as coisas começam a melhorar para Monet, Renoir e Degas. Camille Pissarro, por outro lado, enveredou pelos caminhos do pontilhismo e pagou um alto preço comercial por isso.

A exposição de 1874 no ateliê de Nadar foi um fracasso de vendas e levou tempo até que os artistas do grupo encontrassem aceitação e estabilidade material. O fato de Monet ainda estar, em 1888, em busca de uma galeria para expor suas obras mostra que o caminho definitivamente não foi fácil.

Não entanto, apesar da demora, o sucesso chegou inquestionavelmente para os principais membros do grupo. Na velhice, Monet e Renoir eram celebridades internacionais e ninguém duvidava de que fossem grandes artistas. Suas pinturas, revolucionárias no início, estavam perfeitamente incorporadas ao gosto então corrente, como provam os painéis da série "As Ninfeias" doados por Monet ao Estado francês ao final da Primeira Guerra Mundial, hoje no Museu de l'Orangerie.

Refletir sobre a evolução do impressionismo demanda indagar de que maneira as condições de trabalho artístico se modificaram conforme a sociedade industrial avançava e o capitalismo financeiro se consolidava. A história do impressionismo é também uma história de reorganização do trabalho artístico na segunda metade do século 19, período em que artistas precisaram desenvolver novas estratégias para se inserir na divisão social do trabalho e no mercado da época.

Não se tratava apenas de uma estética nova, com cores intensas e pinceladas ágeis que buscavam representar a realidade como fenômeno, mas também da inauguração de práticas comerciais e expositivas que se repetiriam de modo semelhante com outros grupos nas primeiras décadas do século 20. Esse é um processo que não pode ser bem compreendido sem considerar que esses artistas estavam associados a galeristas que sabiam transitar muito bem entre as questões artísticas e o mercado financeiro, como Durand-Ruel ou nomes posteriores, como Ambroise Vollard e Daniel-Henry Kahnweiler.

Associados à crítica, esses marchands sabiam como direcionar o gosto e valorizar os pintores que representavam. Por isso, foram tão importantes quanto os próprios artistas na construção da história da arte moderna. ←

O conselho

Recomendação que recebi da minha orientadora nunca me abandonou

Juliana de Albuquerque

Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Durante o mestrado, recebi um conselho da minha orientadora: "Escreva a sua dissertação como se estivesse contando uma história".

Levei um susto. Será que aquilo era realmente possível? Afinal, eu estava lidando com a obra de pensadores indiscutivelmente complexos, como Hegel e outros alemães da primeira metade do século 19, cujos textos de difícil assimilação acabam convidando o intérprete principiante a partilhar do mesmo grau de abstração e acreditar que, ao assim proceder, estaria finalmente habilitado a se dizer filósofo.

O conselho da minha orientadora nunca me abandonou. Quando nos conhecemos em 2012, embora eu já me interessasse bastante pela relação entre literatura e filosofia, ainda não havia parado para pensar que poderia escrever seriamente sobre esse ou qualquer outro tema como quem conta uma história. Somente depois de muito tempo —e de outras leituras que me fizeram amadurecer e, consequentemente, encontrar a minha própria identidade enquanto pesquisadora—, finalmente compreendi o que minha orientadora quis dizer.

Não se trata de escrever filosofia como quem escreve um romance, um conto, uma biografia ou até mesmo um drama. Pois, ainda que isso seja também possível e que, por exemplo, ao longo do século 20, filósofos como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir tenham sido bem-sucedidos ao se empenharem em conciliar os seus respectivos projetos literários e filosóficos, o conselho da minha orientadora não tinha por objetivo fazer com que, além de estudar filosofia, eu também me aventurasse pelo universo da escrita literária.

Uma das coisas que a minha orientadora se preocupou em transmitir através daquele seu conselho foi de que eu aos poucos começasse a prestar mais atenção em como as ideias sempre surgem a partir de experiências.

Assim, por exemplo, do mesmo modo que a questão dos refugiados se tornou um tema para Hannah Arendt em virtude da sua experiência como judia alemã durante a ascensão do nazismo, ao escrevermos sobre algo também precisamos entender o motivo daquilo nos ter chamado tanta atenção a ponto de despertar em nós a necessidade de colocarmos as nossas próprias ideias no papel.

Por que você escreve sobre determinado assunto? Por que achou que seria interessante tratar desse tema a partir do estudo desse ou daquele autor? De que modo o que eles pensaram ajuda a realmente esclarecer aquilo que você está tentando dizer?

Para mim, o sinal de que estou finalmente começando a entender um pouco melhor as ideias sobre as quais me propus a escrever está, justamente, em conseguir responder a essas e a outras perguntas à medida que o meu texto vai ganhando corpo.

Hoje, acredito que esse processo esteja relacionado ao que minha orientadora quis dizer a respeito de tentar escrever uma dissertação como se estivesse contando uma história, pois de nada adianta acumularmos referências ou regurgitarmos conceitos se não conseguimos demonstrar que também somos capazes de compreender o que estamos dizendo.

Uma das passagens de que mais gosto em "Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister" (1795-96), de Goethe, talvez ajude a esclarecer um pouco melhor o que estou tentando comunicar. Em determinado momento da trama, o jovem Wilhelm, tomado de entusiasmo pela obra de Shakespeare, tece um longo comentário sobre "Hamlet". A sua interlocutora, no entanto, chama a atenção do herói para o fato de que, embora ele cause a impressão de saber tudo sobre Shakespeare, ainda assim, pouco conhece sobre os homens.

O comentário da personagem não deixa de ser irônico, já que o nosso maior ou menor entendimento de Shakespeare, bem como a nossa capacidade de apreciar as suas obras, não dependem exclusivamente do nosso grau de instrução. Estando, sobretudo, relacionado à amplitude da nossa compreensão do que significa ser humano. Isto é, para se entender Shakespeare, a educação ajuda, mas também é preciso ser gente, viver e ser capaz de refletir sobre essa experiência.

Escrever ou fazer filosofia como quem conta uma história significa estabelecer um diálogo, sempre que possível, entre o conhecimento adquirido através dos estudos e as nossas próprias ideias que, por sua vez, não dependem somente de manuais para existirem, pois são, em realidade, consequências da nossa experiência de mundo.

Acho que foi isso o que a minha orientadora quis dizer e é justamente sobre esse tema que tenho me esforçado para escrever nos últimos tempos, em um novo projeto de pesquisa sobre a relação entre filosofia e narrativa, cujo primeiro resultado será apresentado na próxima semana, em Cardiff, no País de Gales. Assim, nas próximas colunas, espero compartilhar um pouco mais sobre essa minha experiência com vocês na **Folha**.

[...]

Escrever ou fazer filosofia como quem conta uma história significa estabelecer um diálogo entre o conhecimento adquirido através dos estudos e as nossas próprias ideias, que não dependem de manuais

DOM. Bernardo Carvalho, Ailton Krenak, Juliana de Albuquerque, **Glenn Greenwald**

O psicólogo canadense Jordan Peterson durante palestra em São Paulo, no dia 18 de junho Greg Salibian/Divulgação/Fronteiras do Pensamento

Síndrome de Caim

[RESUMO] Ícone da direita, o psicólogo canadense Jordan Peterson já vendeu milhões de livros e arrasta multidões para vê-lo mundo afora. Em passagem por São Paulo na semana passada, atraiu políticos, milionários e celebridades da internet para ouvi-lo falar de Caim, Abel e sacrifício. Neste relato, autor descreve como a movimentada noite de palestra espelhou a nova cara da direita e o futuro político do Brasil

Por ***Martim Vasques da Cunha***
Doutor em ética e filosofia política pela USP, é autor de 'A Tirania dos Especialistas' (Civilização Brasileira) e 'A Poeira da Glória' (Record)

"E se alguém jogasse uma bomba aqui? Com certeza, a direita brasileira seria destruída para sempre." Sim, foi isso o que se ouviu na fila de espera, gigantesca, na frente do Espaço Unimed, em São Paulo, no último dia 18, enquanto cerca de 4.000 pessoas se preparavam para assistir à palestra do doutor Jordan Peterson, provavelmente o intelectual público mais pentelho do planeta.

"Pentelho? Como assim? Esses esquerdistas são foda. Ficam preocupados com essa história da Nubank, da Erika Hilton. Estamos pouco nos lixando com isso. Você não entende nada: Jordan salvou a minha vida", poderia responder algum fã ali presente. Naquele lugar, a voz do povo era de fato a voz de Deus.

Salvar é uma palavra meio forte, mas é a exata sensação que se respirava quando finalmente os portões do local se abriram e os que estavam ali há mais de uma hora começaram a entrar, prontos para enfim receber, via inspiração divina, o que o bom doutor tinha a dizer.

Porque Jordan Peterson é, de fato, o bom doutor. E não só isso: ele é o bom doutor que, graças ao seu talento, se tornou milionário. Com seus quatro livros —"Mapas do Significado", "12 Regras para a Vida", "Além da Ordem" e o próximo "We who Wrestle with God" ("Nós que Lutamos contra Deus"), previsto para novembro—, vendeu mais de 10 milhões de exemplares.

Mas havia outra coisa que se respirava ali na entrada, onde o público, que pagou no mínimo R$ 600 por ingresso, se espalhava em diferentes setores, divididos por fitas de cores que iam do azul ao preto, passando pelo amarelo. O que se respirava ali, além do tesão por uma bomba que pudesse destruir todos os presentes, era "a nostalgia do gulag".

A "nostalgia do gulag" é o seguinte: antes, durante e depois de Olavo de Carvalho, toda a direita brasileira — que simplesmente idolatra Jordan Peterson porque ele combate como poucos a política identitária, o comunismo e o ateísmo— sempre sonhou ir para uma Sibéria particular. No entanto, ela não tinha dinheiro para isso. Diferente da esquerda burguesa, a direita é pobre.

Então, para ter a Sibéria particular, a direita seguiu essa estratégia: acusou todo mundo de persegui-la. Universidades, imprensa, o Congresso, o Palácio do Planalto, mais recentemente o Supremo Tribunal Federal. Faça sua escolha. Com isso, conquistou um público que, humilhado por uma casta que não para de aumentar a morte e os impostos, resolveu se revoltar com protestos. Como consequência, Dilma Rousseff foi expelida do poder. Ainda assim, a direita continuava miserável, no bolso e na cabeça.

A solução foi apelar para as redes sociais e vender cursos. Mais do que isso: seus integrantes tornaram-se "influenciadores", os infames "coaches de vida". Foi quando o dinheiro passou a cair como maná. A esquerda alega que isso faz parte de uma conspiração internacional, mas também não hesitou em imitar sua competidora. Agora com a grana correndo a solta, a direita poderia ter o seu gulag. A diferença é que esse lugar era nada mais, nada menos que o próprio Brasil.

Com a pandemia, a direita brasileira entrou em sua fase mais recente: a de ser o contraponto à cultura oficial. Teve até um levante de velhinhos no famoso 8 de janeiro para marcar essa passagem. Mesmo com a morte de Olavo de Carvalho e a derrota de Jair Bolsonaro em 2022, ela não parou de crescer. Tornou-se, de fato, um país paralelo. Não à toa, a empresa que mais simboliza esse movimento —e é a encarnação suprema da "nostalgia do gulag"— se chama justamente Brasil Paralelo.

E também não por acaso, a empresa promoveu a visita de Jordan Peterson, junto com a produtora oficial do evento, o Fronteiras do Pensamento. O Brasil Paralelo, contudo, fez mais do que divulgar a vinda do bom doutor. Praticamente o sequestrou para seus próprios interesses.

O problema é que Jordan Peterson gostou disso, sofrendo da habitual síndrome de Estocolmo, ao tirar fotos festivas com gente do naipe de Eduardo Bolsonaro, em encontro intermediado por ninguém menos que o deputado federal Paulo Bilynskyj (PL-SP).

Se você, leitor, estivesse no Espaço Unimed no dia da palestra, iria respirar essa atmosfera nostálgica da direita. Mas, se estivesse nos camarotes, e não no gargarejo do palco, também iria respirar o cheiro salgado dos pastéis e das fritas (R$ 35 a porção), o odor doce dos fondues de chocolate, a fragrância dos vinhos que custavam, no mínimo, R$ 120, e ouviria o tilintar dos cubos de gelo em copos cujas doses milimétricas de uísque eram contabilizadas em R$ 45. Havia outras combinações, como hambúrger e cerveja, para pessoas menos "descoladas".

Entre uma música de Bach e outra que tocava antes da apresentação, só "descolados" circulavam ali. O elenco era vasto —e profundo: do pré-candidato à Prefeitura de São Paulo Pablo Marçal (PRTB) ao deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG), passando por Leda e Duda Nagle (mãe, jornalista, e filho, ator), a deputada federal Bia Kicis (PL- DF), o ator Juliano Cazarré, Marco Antonio Costa (ex-Jovem Pan), André Marinho (atual Jovem Pan), Caio Coppola (comentarista na CNN Brasil), o cientista político e ex-deputado Heni Ozi Cukier, o vereador de São Paulo Fernando Holiday (PL), Adolfo Sachsida (ex-ministro de Bolsonaro), até a influencer Lara Brenner , Gabriel Kanner (herdeiro da Riachuelo) e sua esposa, Marthina Brandt (miss Brasil 2015), ali estava a nostalgia do gulag transmutada no radical chique de direita (muito obrigado, Tom Wolfe).

E não eram apenas as celebridades deste Brasil paralelo. O economista Joel Pinheiro da Fonseca, colunista da **Folha**, também compareceu; Maria Homem, psicanalista e professora da FAAP, que cobra R$ 1.700 por sessão avulsa de terapia (via Skype), fez graça com Schopenhauer quando a palestra finalmente terminou.

"Finalmente" é um termo exato porque o show —foi um show mesmo, pois Peterson se tornou uma espécie de Taylor Swift do intelecto— durou quase duas horas. Quem prestou atenção no conteúdo ficou com torcicolo. Afinal, o tema não era nada leve: sacrifício, Caim e Abel, Abraão e Isaac. Enfim, o velho e conhecido problema do mal, o tema que obceca —já podemos chamá-lo assim?— "Jordan".

Portanto, "Jordan" começou com um sacrifício a ser imposto ao seu público tão querido: a abertura foi uma série de quatro músicas cantadas por um aluno seu, Victor Swift (nada a ver com Taylor, graças a Deus), o qual, com seu violão, simplesmente assassinou "Hallelujah", de Leonard Cohen (é melhor nem comentar as outras três).

Antes de Jordan entrar, veio sua esposa, "Tammy" (que o chama de "Dr. Peterson"), aplaudida efusivamente —afinal de contas, não é qualquer pessoa que consegue escapar de um câncer nos rins.

E eis que ele surgiu. Sozinho no palco, vestindo um terno que parecia figurino do longa "Coringa" (2019), "Jordan" foi celebrado como o sacerdote que todos esperavam. O show foi todo dele: por quase uma hora e meia, houve um passeio pelo "significado político" da história bíblica de Caim e Abel, mas sobretudo pelo fato de que "Deus é o juiz do sacrifício", sem que o bom doutor se importasse com a definição exata do termo "sacrifício" (a violência sagrada que molda o comportamento humano).

Na verdade, Abel não pratica rituais violentos para Deus, ao contrário do seu irmão homicida, e sim oferendas pacíficas (agradecemos esta distinção ao professor Maurício Righi), e isto também foi tratado de forma displicente. Mas quem está preocupado com rigor nessas horas, não é mesmo?

Uma jornalista que estava ali relatou a palestra de Jordan Peterson como uma 'reunião de reacionários'. Na realidade, era o futuro, o mesmo futuro caótico eleito em 2018, suspenso durante a pandemia e que agora, devidamente financiado, deixará de ser o Brasil paralelo e será o Brasil oficial por meio de uma única regra: o sacrifício em roupagem 'descolada'

No mundo do Brasil paralelo, o que importa é falar que "o maior descendente de Caim nos tempos atuais é o marxismo" —uma afirmação recebida pelo público com tamanha energia nos aplausos que era de se perguntar se o próximo sacrifício a ser feito pelo filho maldito de Adão e Eva não aconteceria na esquina ali ao lado.

É claro que aconteceria. Mas antes disso, o "gran finale": apertar as mãos de Jordan e conversar com ele por alguns minutos. Havia, porém, uma condição (feita sem o conhecimento prévio da produção): pagar US$ 250 (cerca de R$ 1.380).

Quem se habilitou? Várias pessoas, a julgar por outra fila longuíssima formada, desta vez com os radicais chiques da vez, entre eles Nikolas Ferreira —que não conseguia andar, tamanho o assédio das fãs, e depois escreveu no seu Instagram, como legenda de sua foto com a estrela da noite: "Pick your damn sacrifice" ("escolha o seu maldito sacrifício")— e Pablo Marçal, cuja forma de se aproximar do palestrante foi astuta: deu a impressão de que Jordan o conhecia há tempos; os dois se olharam como amigos, um apertou a mão do outro e até se abraçaram.

Este gesto foi a prova de que a palestra de Jordan Peterson simbolizou uma mudança no eixo de poder político do país. Os Bolsonaros não estavam mais no topo da cadeia alimentar da direita; Nikolas e Pablo eram, desta vez, a carne fresca.

E a imprensa, como sempre, desprezou o evento. Uma jornalista que estava ali chegou a relatá-lo como se fosse uma "reunião de reacionários". Na realidade, era o futuro, o mesmo futuro caótico eleito em 2018, suspenso durante a pandemia e que agora, amadurecido e devidamente financiado, deixará de ser o Brasil paralelo e será o Brasil oficial por meio de uma única regra: o sacrifício em roupagem "descolada", pleno da "nostalgia do gulag", criando uma terceira etapa na carnificina da nossa violência sagrada —a síndrome de Caim.

Como reflexo disso, o bom doutor afirmou à produção oficial do evento que não daria entrevistas. E não deu, exceto para um veículo de imprensa: a Jovem Pan, representada pelo humorista André Marinho.

A razão dessa proeza é que Marinho é amigo de Robert F. Kennedy Jr., o candidato independente à Presidência dos EUA e aliado de Jordan em causas mais do que polêmicas (guerra contra a cultura woke, oposição a vacinas). É óbvio que um jornalista qualquer jamais teria chance de trocar uma palavra com o palestrante. Afinal, quem pode competir contra Camelot?

Ninguém, especialmente se levar em conta que, na saída do evento, por volta das 22h30, três amigos, que ainda digeriam os insights sobre Caim e Abel, foram em direção ao metrô mais próximo, a estação Barra Funda, repleta de pessoas deitadas no chão e moradores de rua pedindo dinheiro.

Enquanto esperavam um táxi, um vendedor ambulante, chamado Douglas, se aproximou e perguntou se eles queriam comprar um kit "dieta balanceada" —na verdade, uma modesta caixa de brigadeiros caseiros (R$ 10). Desconfiados, recusaram a oferta. Mas Douglas foi insistente e soltou outra questão: "Quem estava ali dando show?". Não foi show, foi uma palestra, responderam. "De quem?" Jordan Peterson. "Jordan Peterson? Puxa, tão brincando? Sou fã dele! Li todos os livros."

O vendedor sacou o celular gasto pelo uso e mostrou, na tela, que de fato tinha a obra completa do bom doutor. "Eu aplico as 12 regras da vida dele todos os dias!" Sorridente, Douglas se despediu. Os três amigos estavam completamente surpresos. Era o Brasil verdadeiro a se sacrificar pelo Brasil paralelo (e, quiçá, oficial) que pagou uma fortuna para apertar a mão de um mero homem. ←

Ex-CEO da Americanas é solto e entrega passaporte

Executiva, também suspeita de fraude e que era procurada, tem prisão revogada

Ana Paula Branco, Deborah Lima e Douglas Gavras

SÃO PAULO E LISBOA O ex-CEO das Lojas Americanas Miguel Gutierrez foi liberado pelas autoridades espanholas neste sábado (29), após ter sido preso pela polícia local em Madri um dia antes.

Ele entregou o passaporte e terá que se apresentar a cada 15 dias.

Gutierrez foi um dos alvos de uma operação da Polícia Federal deflagrada na última quinta-feira (27), que investiga fraudes que resultaram em um rombo de R$ 25,2 bilhões na varejista. Outra ex-executiva da companhia, Anna Saicali, que também era procurada, teve o mandado de prisão revogado pela Justiça.

Em nota, a defesa do ex-CEO disse que ele está na capital espanhola, em sua casa, "no mesmo endereço comunicado desde 2023 às autoridades espanholas e brasileiras".

Além do inquérito pelos crimes de uso de informação privilegiada, manipulação de mercado e associação criminosa, Gutierrez é alvo de investigação sobre lavagem de dinheiro

Ao pedir a prisão preventiva do executivo, que também tem cidadania espanhola, a Polícia Federal afirmou que ele se desfez de bens, entre eles imóveis e veículos, e enviou valores a offshores sediadas em paraísos fiscais.

Segundo o comunicado da defesa do executivo, Gutierrez "sempre esteve à disposição dos diversos órgãos interessados nas investigações em curso" e " jamais participou ou teve conhecimento de qualquer fraude".

Enquanto isso, o juiz Marcio Muniz da Silva Carvalho, da 10ª Vara Federal Criminal do Rio de Janeiro, revogou o pedido de prisão da executiva Anna Saicali. A condição é que ela se apresentasse no aeroporto de Lisboa, em Portugal, e entregasse o passaporte à Polícia Federal assim que chegasse a território brasileiro. Saicali deixou o Brasil no dia 15 deste mês. O funcionário de uma companhia aérea afirmou à **Folha** que o nome da executiva estava na lista de passageiros de um voo que deixou Lisboa na noite deste sábado rumo a São Paulo. Procurada, a defesa dela não se pronunciou.

Segundo relatório com o parecer do MPF (Ministério Público Federal), a ex-diretora é uma das principais responsáveis pelos números falsos da Americanas, tendo "pleno conhecimento" e "ciência inequívoca da construção de resultados fraudulentos" da companhia.

Saicali foi diretora-presidente da B2W, braço digital da varejista, que surgiu a partir da fusão entre a Americanas.com e a Submarino, de 2013 a 2018, além de ter ocupado cadeira no conselho de administração dessa mesma empresa, de 2018 a 2021.

No momento em que as suspeitas de fraude foram reveladas pela primeira vez, em janeiro do ano passado, ela ocupava o cargo de CEO da AME (plataforma de inovação e fintech da Americanas)

O rombo nas contas da Americanas foi revelado no início de 2023, quando a empresa informou ao mercado inconsistências contábeis bilionárias, levando a varejista a entrar em um processo de recuperação judicial.

Estudos produzidos pela própria companhia apontaram que as inconsistências eram, na verdade, fraudes contábeis cometidas por ex-funcionários da varejista.

A investigação da PF mostrou que as práticas irregulares tinham como finalidade de alcançar metas financeiras internas e fomentar bonificações. Por outro lado, a ação dos investigados manipulava e aumentava de forma ilícita o valor de mercado das ações da companhia.

A investigação da Polícia Federal indica que o ex-CEO vendeu R$ 158 milhões em ações da empresa após saber que seria substituído do comando e que as irregularidades seriam descobertas.

No total, 11 ex-executivos da empresa venderam mais de R$ 250 milhões após o aviso de troca de comando na empresa.

A informação é utilizada pelos investigadores para enquadrar Gutierrez e outros investigados no crime de uso de informação privilegiada.

Esse tipo de crime se dá quando a pessoa usa uma informação relevante, ainda não divulgada ao mercado, para obter algum tipo de lucro, e a qual somente tem acesso devido ao cargo ou posição.

No caso concreto, como Gutierrez sabia que as ações iriam desvalorizar com a revelação das fraudes, diz a PF, ele usou essas informações para vender os papéis a um preço superior.

Gutierrez encabeça a lista de executivos que mais venderam ações.


Miguel Gutierrez, ex-CEO da varejista Reprodução/Americanas Summit


Anna Saicali em CPI na Câmara Vinicius Loures - 25.set.2023/Agência Câmara

Mensagens mostram pressão de executivos sobre bancos

Lucas Marchesini e Fabio Serapião

BRASÍLIA Os executivos da Lojas Americanas buscaram cooptar funcionários dos bancos Itaú e Santander para adulterar documentos enviados a auditorias externas que analisavam as contas da varejista, apontam mensagens coletadas pela Polícia Federal.

O material é um dos elementos da atuação da diretoria da empresa na fraude contábil que resultou no rombo de R$ 25,2 bilhões utilizados pela PF para deflagrar a operação Disclosure na quinta-feira (27).

Mensagens da diretoria mostram a pressão feita para que funcionários das duas instituições deixassem de fora o termo "risco sacado" das cartas enviadas para auditorias externas, conhecidas no jargão técnico como cartas de circularização.

O risco sacado é uma operação entre varejistas e bancos, que emprestam dinheiro para que as empresas paguem os fornecedores. Para a varejista, o benefício é uma melhor condição de pagamento, como prazo maior. Em troca, paga juros, de onde vem o lucro das instituições financeiras. A fornecedora recebe o valor previsto no contrato com a varejista. Americanas utilizava o recurso para ter fluxo de caixa condizente com o que afirmava ter em seus balanços fraudados. O problema é que eles não incluíam a dívida de risco sacado no balanço, aumentando o tamanho da fraude.

O Itaú negou qualquer participação direta ou indireta na fraude da Americanas. "O banco sempre prestou às auditorias e aos reguladores informações corretas e completas sobre as operações contratadas pela empresa", disse, em nota, a instituição financeira.

"Os informes enviados às auditorias sempre alertavam para a existência das operações de risco sacado. Os diretores da Americanas envolvidos na operação interagiram com representantes do Itaú no sentido de retirar os alertas. O banco nunca concordou com esse pedido e inclusive interrompeu, por mais de seis meses, as operações de risco sacado", afirma a nota.

O Santander repudiou "qualquer insinuação contrária à lisura de sua relação com a Americanas" e afirmou que o banco também é vítima da fraude.

"A instituição sempre informou integralmente os saldos das operações da Americanas no Sistema Central de Risco do Banco Central, que constitui uma entre as possíveis fontes de auditagem, além das cartas de circularização", acrescentou.

As cartas enviadas pelo Itaú e pelo Santander para as auditorias eram discutidas antes com a Americanas, que tentava encontrar formas de tirar o termo "risco sacado" do documento. Como a operação não constava no balanço oficial da empresa, a sua menção poderia levar as auditorias a descobrirem a fraude.

Em mensagens discutindo o balanço de 2016, o ex-diretor financeiro da Americanas, Fabio Abrate, diz que tinha chegado a uma solução com o Santander.

Dias depois, Abrate diz que "o assunto azedou" e afirma que o Itaú não vai se comunicar direto com o auditor e que enviará a carta no formato pedido pela companhia para um funcionário da Americanas. No corpo do email viriam as solicitações de mudanças. "O corpo do email não nos ajuda", resume.

"Agora é a hora! Vamos com tudo. Itaú não é Santander. Assunto azedou muito. Podemos ter efeitos colaterais", conclui Abrate. A partir daí, o ex-diretor relata como está fazendo para convencer o Itaú a enviar a carta nos moldes desejados pela Americanas.

Em um outro email obtido pela Polícia Federal, Abrate relata que funcionários do Itaú tinham pedido sugestões de texto para alteração das cartas de circularização que seriam enviadas às auditorias.

Sobre o episódio, o MPF (Ministério Público Federal) diz que os bancos, contrariando o desejado pelos executivos, "informaram à auditoria a existência das dívidas decorrentes das operações de risco sacado".

"A partir de então, foi realizada uma operação para obter outros documentos das instituições bancárias, de forma a iludir os auditores", aponta o texto.

Na quinta-feira, (27), a Polícia Federal cumpriu mandados de busca e apreensão contra ex-diretores e pessoas ligadas à Americanas. Além disso, a Justiça Federal determinou o sequestro de bens e valores destes ex-diretores que somam mais de R$ 500 milhões.

Não houve nenhuma ação envolvendo os bancos nessa operação.

Pressão sobre os bancos

Acabei de falar com o Itaú.

Vai nos dar trabalho, mas vamos ter que brigar até o fim.

Vamos ter que olhar para todo esse português e palavras e montar o melhor discurso.

Agora é a hora! Vamos com tudo. Itaú não é Santander. Assunto azedou muito. Podemos ter efeitos colaterais.

Auditoria 2016

2 de fev. de 2017

Flávia, estamos no 63602
Ligue aqui por favor.

Marcelo, preciso 30 min

Ok

Acabei de falar com o Itaú.
O melhor que eles conseguiram vira em 60 minutos. Vai nos dar trabalho, mas vamos ter que brigar até o fim.
1. Ele não vai mandar e-mail para o Auditor. Vai mandar e-mail para a Companhia em resposta ao e-mail que o Bruno encaminhou na terça-feira. O corpo do e-mail não nos ajuda.
2. A "nova" carta será o detalhamento que solicitamos e vai trazer em anexo a carta antiga e fazer referencia a ela.
3. No texto da "nova" carta vai vir algo do tipo .... "segue detalhamento das operações solicitadas pela Companhia."
Vamos ter que olhar para todo esse português e palavras e montar o melhor discurso.
Agora é a hora! Vamos com tudo. Itaú não é Santander. Assunto azedou muito. Podemos ter efeitos colaterais.

Murilo Correa
Fábio, vamos falar aqui na sala blindada

Remoção do 'risco sacado'

-----Mensagem original-----
De: Fabio Abrate [mailto:fabio.abrate@b2wdigital.com]
Enviada em: terça-feira, 15 de agosto de 2017 15:41
Para: Carlos Padilha; Diogo Carneiro; Henrique Albert
Cc: Luiz Saraiva; Christina Nascimento; Henrique Albert; Marcelo Nunes; Timotheo Barros; Marcio Cruz; Flavia Carneiro; Felipe de Mello Rodrigues
Assunto: RES: Comitê VNDR

Bom tarde.
Obrigado.

DOC 15 – Email Fábio Abrate e funcionários dos Bancos

Importante termos os assuntos dos contratos (Santander e Itaú) destravados até a reunião de sexta.
Importante vermos também as sugestões de texto solicitadas pelo Itaú.

CVM vê suspeitas para além de acusados pela PF

A CVM (Comissão de Valores Mobiliários) viu indícios de irregularidades em vendas de ações por outros ex-executivos da empresa, em investigações que ainda não chegaram ao fim.

Levantamento feito pela autarquia em 2023 aponta vendas de ações por pelo menos cinco ex-executivos não citados pela investigação Disclosure.

Segundo análise da área técnica da autarquia, todos eles teriam evitado prejuízos ao se desfazer dos papéis antes da divulgação de "inconsistências contábeis" estimadas em R$ 20 bilhões nos balanços da companhia, em janeiro do ano passado.

PAINEL S.A. | *Julio Wiziack*
painelsa@grupofolha.com.br

Fabiano Silva dos Santos
Correios buscam fintech financeira como sócia para virar banco digital

Fabiano Silva dos Santos recebeu de Lula a missão de transformar os Correios e, para isso, fez da estatal um braço de investimento em participações de empresas privadas. A inspiração veio do La Postale, hoje dono de um banco na França. A meta é gerar lucro para garantir a sobrevivência da empresa que, com o serviço postal, só perde receitas.

Os Correios terão seu próprio marketplace e meio de pagamento. É uma etapa para virar banco? Neste momento, a gente quer o meio de pagamento para lançar o marketplace até o fim deste ano. Para isso, fechamos parceria com o Sebrae, que vai capacitar quem quiser vender seus produtos em nosso site. A contrapartida será a formalização. Esse movimento é fundamental porque, desde a pandemia, os marketplaces que eram nossos clientes consolidaram rede logística própria.

Para isso, vai fechar sociedade com algum banco? Pode ser que seja com uma fintech.

A atual regulação do setor ajuda? Ela é menos exigente. Então, vamos, primeiro, nos tornar meio de pagamento e, depois, um banco digital. Já seguramos a movimentação de um banco.

Serão sócios minoritários? A ideia é sempre ser menor para diluir risco. Agora, de um negócio que é muito bom, quero 49,9%. Até porque quanto custa para uma empresa ter um balcão ativo em todos os municípios do país? Imagine todos os funcionários dos Correios, os 40 mil carteiros na rua vendendo um produto.



Raio-X
Doutor em Direito (PUC-SP) com mestrado em Direito Político e Econômico (Mackenzie) e MBA em gestão de empresas (Facamp). Foi um dos coordenadores do Prerrogativas. Já atuou no Ministério do Trabalho, na Fundação dos Economiários Federais e no Instituto de Previdência de São Paulo

Por que essa virada? Todos os Correios do mundo enfrentam a queda da mensageria. Na França, a postagem representa menos de 20% da receita dos Correios, que diversificaram os negócios. Hoje, o La Banque Postale é um dos onze maiores na França. Então, estamos prospectando parcerias e sociedades, porque temos de ganhar dinheiro. Queremos compartilhar os ganhos de receita que nossos parceiros têm conosco.

Então também devem entrar mais forte na telefonia? Pois é. Nisso quem ganha hoje é a Surf Telecom, com quem temos parceria. Só recebemos [um valor] por chip. A ideia é termos uma fatia de uma empresa para ofertarmos planos pós-pagos e internet. Seria a maior operadora nacional e serviria como braço de inclusão digital do governo.

Se tornarão sócios da Surf? No momento, três empresas estão em análise da diretoria, mas não posso revelar quais.

Governança não resiste se cúpula quer fraudar, diz advogado da Americanas

Celso Vilardi conduziu investigação interna e afirma que há mais envolvidos além dos alvos da PF

Fabio Serapião

BRASÍLIA O advogado Celso Vilardi, acostumado a atuar na defesa de alvos de grandes operações da Polícia Federal, amanheceu na quinta-feira (27) em uma situação diferente.

Com a operação Disclosure na rua, para cumprir buscas contra 14 ex-executivos e prender outros dois das Lojas Americanas, Vilardi se viu do outro lado do balcão no caso do rombo de mais de R$ 25 bilhões na companhia cujos maiores acionistas são os bilionários Jorge Paulo Lemann, Carlos Alberto Sicupira e Marcel Telles — nenhum deles alvo ou investigado na operação.

Agora como advogado do Conselho de Administração e da própria empresa, o criminalista aguardava os desdobramentos do caso para confirmar se os investigadores da PF seguiram o mesmo caminho da sua apuração interna, primeira a colocar o ex-CEO Miguel Gutierrez e outros ex-funcionários como responsáveis pela fraude.

Para ele, a investigação policial e do Ministério Público Federal mostrou algo do qual já estava convencido: "Não existia nenhum tipo de inconsistência contábil propriamente dita. O que existia era uma fraude de grandes proporções".

Em entrevista à **Folha** na sexta (28), poucos minutos após a notícia sobre a prisão de Gutierrez em Madri, Vilardi defendeu a operação e as conclusões dessa fase da investigação, eximiu o Conselho de Administração e acionistas de responsabilidade no caso, classificou a fraude como sofisticada e previu que ela entrará para a história.

*

O senhor foi contratado para a investigação interna na Americanas. Como foi isso e qual a relação com a operação da PF? Sou advogado do Conselho de Administração e da própria companhia, eu represento a Americanas S.A. Desde o início da crise, além do comitê independente, nós também estamos conduzindo essa investigação interna. Temos colaborado com as autoridades desde o primeiro momento. E, vou dizer, foi uma investigação primorosa da PF e do MPF.

O que o sr. encontrou quando começou a investigar? O material da PF mostra que a fraude vem há anos, envolvendo vários escalões. O que efetivamente está revelado pelas autoridades públicas é um pouco da confirmação do relatório que eu e o Luis Antonio [Sampaio Campos, do escritório Barbosa Müssnich Aragão, que também atua no caso] fizemos para a CPI [da Americanas] em junho do ano passado, quando nós já estávamos convencidos de que não existia nenhum tipo de inconsistência contábil propriamente dita.

O que existia era uma fraude de grandes proporções. Acho que essa fraude vai entrar para a história do Brasil e talvez do mundo, porque é uma fraude sofisticada, uma fraude de caixa e que, incrivelmente, contou com a participação de várias pessoas da Americanas, desde a cúpula central até, efetivamente, pessoas ali de segundo e até mesmo do terceiro escalão. É realmente inédita, uma fraude que se procrastina no tempo e com tantas pessoas envolvidas.

Um dos delatores disse que a fraude vem ao menos desde 2007... Eu não consigo, para ser muito sincero, verificar que essa fraude teve início em 2007, mas há pelo menos uns 10, 12, 13 anos a gente consegue verificar que ela era perpetrada.

E como foi possível uma fraude desse porte, com tantos envolvidos, durar tanto tempo? Não foi descoberta pelo conselho, pelas agências de rating, pelos analistas internacionais que recomendavam a aplicação nas ações da companhia como AAA, pelas auditorias e não foi descoberta pelos próprios bancos, que também eram partes envolvidas. E isso se deve, especificamente, a essa fraude de caixa. Quando você pega as demonstrações financeiras, elas são coerentes com uma companhia que parecia bem administrada, absolutamente rentável, e, quando você olhava o resultado, o dinheiro estava no caixa. O ponto é que o empréstimo [risco sacado] e o VPC [verba de propaganda cooperada] eram escondidos.

Como eles escondiam esses dois elementos, e eles cuidadosamente faziam efetivamente as linhas do balanço das demonstrações financeiras, tudo virava muito coerente. Não se esqueça, não tem ninguém mais esperto do que os analistas de banco. Tanto que, na verdade, sempre tem briga com empresa porque os bancos fazem uma crítica. Ninguém via isso porque quando você escondia esses dois elementos, você tinha uma demonstração financeira absolutamente coerente cuidadosamente preparada e você tinha um resultado real que estava no caixa. Então na verdade é por isso que ela se perpetuou por muito tempo.



Mastrangelo Reino - 6.dez.17/Folhapress

Celso Vilardi
Formado em direito e mestre em direito processual penal (PUC-SP), Vilardi publicou diversos artigos e o livro "Aspectos Atuais do Direito do Mercado Financeiro e de Capitais". Na Lava Jato, defendeu Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, entre outras. Integra o Chambers and Partners: Latin America

Mas eram muitas pessoas envolvidas, segundo a PF. A participação de tantas pessoas sem que tenha havido uma denúncia interna. A companhia tinha um canal de denúncias, que foi sendo aperfeiçoado por conta desse negócio de novo mercado. Era um dos mais modernos do mundo. Tive o cuidado de verificar, porque é inacreditável que não houvesse uma pessoa que [não] traísse, mas não houve uma só denúncia.

A sua apuração indicou Miguel Gutierrez como quem comandava a fraude? Eu sou advogado e tenho um respeito todo especial pela presunção de inocência, o processo penal serve para que as pessoas possam se defender. Mas todos os elementos que nós temos apontam para uma participação da diretoria e, portanto, dele próprio, que comandava a diretoria. Efetivamente parece que pelo menos os membros principais da diretoria participavam disso com o auxílio de outras pessoas que nem da diretoria eram.

> “Não encontrei nenhum elemento que gerasse um único indício da participação do conselho. Nós encontramos documentos em que existia preparação para enganar o conselho
>
> **Celso Vilardi**
> advogado da varejista

Em carta enviada à CPI, Gutierrez disse que conselho e acionistas tinham conhecimento de tudo e eram muito próximos da área financeira. Isso não se confirmou na investigação do sr.? Primeiro, como advogado do conselho, ao ser contratado eu pedi independência total e se a empresa fosse colaborar com as autoridades seria independentemente de quem estivesse envolvido. Eu não encontrei nenhum elemento que gerasse um único indício da participação do conselho. Ao contrário, nós encontramos diversos documentos em que existia uma preparação para enganar o conselho. Discussões sobre como mandar informações para não chamar a atenção do conselho.

Essas questões do Miguel Gutierrez, na verdade, é tudo uma cantilena muito mal explicada, porque ele diz: Eu não sabia de fraude e tudo o que eu sabia, o conselho sabia. Se ele não sabia, como tá dizendo que o conselho sabia?

Ele [Gutierrez] tinha conhecimento. Isso tá posto, tá posto que o conselho foi enganado e também tá posto que o mercado foi enganado. Assim como as agências de rating, os bancos e assim sucessivamente.

Foram 14 alvos da PF na operação Disclosure, a investigação do sr. identificou mais envolvidos? Eu não tenho dúvida que tem um número maior de pessoas. Eu consigo verificar aqui que uma pessoa de terceiro escalão, por exemplo, teve uma participação em algum fato criminoso. Se ela tinha consciência disso, se ela obedeceu uma ordem, isso é um trabalho que a polícia vai ter que fazer. Mas eu não tenho dúvida que o número é maior.

O sr. atuou muito na Lava Jato, quando os casos de corrupção trouxeram o debate sobre compliance. Na Americanas, onde estava o compliance? A Americanas tinha uma governança até onde eu consegui verificar muito elogiada, testada e parecia ser muito boa. Mas não há governança, não há compliance que resista a uma fraude quando a cúpula da empresa, parte do segundo escalão e até do terceiro resolve fraudar. Você tem aqui uma questão de uma falência geral em função de uma fraude organizada, com a participação de diversas pessoas de multiáreas. Não estamos falando de uma fraude localizada na presidência [da empresa] ou de uma fraude localizada na diretoria financeira. Não há governança que resista quando a cúpula da empresa decide efetivamente fraudar.

O sr. acredita então que a operação dessa semana reflete o que vocês haviam descoberto? A Polícia Federal foi muito cuidadosa, o Ministério Público também. Geralmente, a delação é apontada como a parte central do caso. Nesse trabalho feito pelo delegado, pelo MPF, verifica-se que a delação [premiada] é uma coadjuvante. A estrela [de casos como esse] é a prova documental.

Voltamos a 2014

Lula terá que liderar a sociedade na negociação do conflito distributivo

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Em 2013 as pessoas foram às ruas. Estava claro uma limitação do contrato social da redemocratização. Nosso contrato conseguiu melhorar a vida das pessoas. O consumo privado aumentou muito.

No entanto, nosso contrato social tem a limitação de não conseguir ofertar serviços de consumo coletivo. Como exemplos, temos infraestrutura urbana muito deficiente nos transportes públicos e na rede de saneamento básico.

A frase mais emblemática das manifestações de 2013 foi "em sociedades desenvolvidas o rico vai ao trabalho de transporte público. Em sociedades subdesenvolvidas, o pobre vai ao trabalho de carro". As obras padrão Fifa dos estádios sinalizavam a possibilidade da melhora. Quando queríamos, conseguíamos padrão Fifa. Adicionalmente, explicitava o desperdício de recursos públicos e a inversão de prioridades.

Das manifestações de 2013 fomos para as eleições muito agressivas de 2014, e dessas para a nossa grande crise de 2014-2016. Apareceu um déficit fiscal estrutural do governo central em 2014 de 1,8% do PIB, que está conosco até hoje.

Para mim sempre foi claro que uma das motivações para o centrão embarcar no impedimento de Dilma foi a necessidade de liderar o ajuste fiscal.

O centrão pensou: "Arrumamos o fiscal e esses caras voltam em 2018 com uma campanha como a 2014? Vamos para o impedimento. Ficamos com o ônus do ajuste fiscal mas teremos os bônus da presidência". Acho que foi mais ou menos isso que ocorreu.

Temer aprovou o teto dos gastos e Paulo Guedes, após o momento mais agudo da pandemia, passou o bastão para o ministro Fernando Haddad com um superávit primário estrutural da União, segundo a IFI (Instituição Fiscal Independente), de 0,2% do PIB.

Penso que a sociedade não aceitou a redução do gasto público promovida pelo ministro Paulo Guedes. A aprovação da emenda constitucional da transição, com amplo apoio do Congresso Nacional e da sociedade organizada, sugere que minha leitura está correta.

Andamos e voltamos para onde estávamos em 2014: em 2023, o déficit público estrutural do governo central foi de 1,6% do PIB, ante 1,8% de 2014. A dívida pública cresceu: 76% do PIB agora ante 56% em 2014.

Uma inspeção visual da série da IFI de primário estrutural é claríssima: o ajuste fiscal estrutural precede ciclos de crescimento. O motivo é muito simples: uma sociedade com um déficit fiscal estrutural é uma sociedade que vive um conflito distributivo aberto. Não há consenso na sociedade, o que dificulta muito o cálculo empresarial e eleva o prêmio de risco.

A bola está com o presidente Lula (PT). Ele tem liderança para conduzir o processo de construção de uma situação fiscal superavitária que estabilize a dívida pública.

Há um conjunto de medidas. Desde rever os indexadores do salário mínimo e do gasto mínimo constitucional em educação e saúde até uma maior tributação dos regimes tributários especiais, Simples e lucro presumido, além de continuar com a agenda de rever as desonerações. Por exemplo, o artigo sexto da medida provisória 1.247, que reduz inúmeras desonerações e o Congresso devolveu ao presidente há três semanas, no mérito está correto. Com alguma regra de transição, pode ser retomado pela Fazenda na forma de um PL. Há inúmeros outros caminhos, como pente-fino no gasto público, aumentar imposto sobre a herança, instituir o imposto sobre grandes fortunas, etc. A solvência do Estado brasileiro é o mais importante.

Lula imaginava que conseguiria voar em céu de brigadeiro até 2026. A arrumação fiscal ficaria para o quarto mandato. A revisão do cenário inflacionário americano antecipou o ajuste. Terá que liderar a sociedade na negociação do conflito distributivo e, a partir dessa negociação, encontrar o caminho do crescimento sustentável.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães, Lorena Hakak | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Buffet troca fundação de Bill Gates por filhos em herança

FINANCIAL TIMES Warren Buffett confirmou na sexta-feira (28) que planeja doar a maior parte de sua fortuna para uma nova fundação liderada por seus três filhos após sua morte, encerrando uma longa história de doações para a Bill & Melinda Gates Foundation.

O bilionário CEO da Berkshire Hathaway disse ao Wall Street Journal que seus filhos Susie, Howard e Peter Buffett serão os administradores da nova fundação, que receberá uma das maiores injeções de riqueza de todos os tempos quando ele morrer.

Buffett, que completará 94 anos em agosto, revelou que detinha aproximadamente US$ 130 bilhões (cerca de R$ 725 filhões) em ações da Berkshire nesta sexta. Ele reiterou que a Gates Foundation não será beneficiária em seu testamento. "A Gates Foundation não receberá dinheiro após a minha morte", disse Buffett. Ele doou aproximadamente US$ 43 bilhões (R$ 234 bi) para a fundação ao longo das últimas duas décadas, incluindo uma doação de US$ 4 bilhões (R$ 22,3 bi) anunciada na sexta.

As ligações de Buffett com a Gates Foundation remontam a 2006, quando anunciou que faria doações anuais para ela e quatro instituições de filantropia administradas por sua família. Mais tarde lançaria o The Giving Pledge em 2010, que convidava bilionários a doar pelo menos metade de sua riqueza para a caridade.

Suas doações foram estruturadas de forma que a cada ano 5% de suas ações da Berkshire seriam doadas para a Gates Foundation, o que garantia que Buffett nunca venderia totalmente a empresa antes da morte. O bilionário estabeleceu várias condições para continuar o compromisso, exigindo que Bill ou Melinda Gates permanecessem ativos na fundação, e que suas doações permitissem que a instituição gastasse pelo menos 5% de seu patrimônio por ano.

Buffett administrou a fundação de 2006 a 2021. Melinda Gates renunciou no início deste mês. Mark Suzman, CEO da Gates Foundation, disse que Buffett desempenhou "um papel inestimável em defender e moldar o trabalho da fundação".

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 151/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO INTENSIVISTA PARA AMÉRICO BRASILIENSE (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 01/07/2024 às 14h do dia 05/07/2024
As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação de **MÉDICO**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **MEDICINA INTENSIVA, CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA GERAL, INFECTOLOGIA OU ANESTESIOLOGIA** credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Medicina Intensiva, Clínica Médica, Cirurgia Geral, Infectologia ou Anestesiologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada;

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 12h/semanais.
Salário: **R$ 4.993,62**
(quatro mil, novecentos e noventa e três reais e sessenta e dois centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 15/07/2024 até as 17h do dia 16/07/2024 no site www.faepa.br
Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREVISTA *ON LINE*
(somente para os candidatos classificados)

DATA: 25/07/2024 às 09h
Os candidatos realizarão a **ENTREVISTA** por videoconferência por meio da plataforma utilizada para tal finalidade cujo link será enviado pela Unidade de Recursos Humanos e deverão acessá-la pelo menos **10 (dez) minutos** antes da hora marcada.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 152/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

REPARADOR GERAL PARA AMÉRICO BRASILIENSE (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 01/07/2024 às 14h do dia 12/07/2024
As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão do **ENSINO FUNDAMENTAL**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir experiência comprovada na função de **Manutenção Hidráulica, Elétrica, Mecânica e Reparos** na área de **Construção Civil**;
-Serão considerados documentos comprobatórios de experiência: contratos de trabalho, registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) ou Declaração em papel timbrado, descrevendo a atividade que exerceu, contendo CNPJ e assinatura do empregador com firma reconhecida.

Taxa: R$ 10,00 (dez reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.
Salário: **R$ 2.325,69**
(dois mil, trezentos e vinte e cinco reais e sessenta e nove centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A PROVA TEÓRICA
(somente para os candidatos inscritos)

DATA: 23/07/2024 –18h.
LOCAL: Hospital Estadual Américo Brasiliense – Avenida Aldo Lupo 1.260, Vila Cerqueira, Américo Brasiliense/SP.
Os candidatos deverão comparecer ao local da Prova Teórica **30 minutos antes** da hora marcada para o início, munidos do **documento de identidade original com foto**, comprovante de pagamento bancário da inscrição, caneta de tinta azul, lápis preto e borracha.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 153/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO NA ÁREA DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA PARA O CENTRO DE REFERÊNCIA DA SAÚDE DA MULHER DE RIBEIRÃO PRETO (CRSMRP-MATER) (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 01/07/2024 às 14h do dia 05/07/2024
As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação de **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA** credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em **Ginecologia e Obstetrícia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 24h/semanais.
Salário: **R$ 9.118,97 (nove mil, cento e dezoito reais e noventa e sete centavos)**

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 154/2024

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

COZINHEIRO PARA RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 01/07/2024 às 14h do dia 03/07/2024
As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão do **ENSINO FUNDAMENTAL**, expedido por escola oficial ou reconhecida, ou Declaração de Conclusão do curso fornecida pela escola;
c) Possuir experiência comprovada na função de **COZINHEIRO**;
-Serão considerados documentos comprobatórios de experiência: registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) ou declaração em papel timbrado emitida há menos de 30 (trinta) dias, contendo o cargo/função e descrição da atividade que exerceu, período trabalhado, CNPJ e assinatura do empregador com certificado digital ou firma reconhecida.

Taxa: R$ 10,00 (dez reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.
Salário: **R$ 2.489,10**
(dois mil, quatrocentos e oitenta e nove reais e dez centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A PROVA PRÁTICA
(somente para os candidatos inscritos)

DATA: 10/07/2024 –17h.
LOCAL: Hospital Estadual de Ribeirão Preto – Avenida Independência, 4.750, Jardim João Rossi, Ribeirão Preto/SP.
Os candidatos deverão comparecer ao local da Prova Prática **30 minutos antes** da hora marcada para o início, munidos do **documento de identidade original com foto**, comprovante de pagamento bancário da inscrição, caneta de tinta azul, lápis preto e borracha.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

SEST SENAT | Serviço Social do Transporte | Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte

UNIDADE C 105 – Limeira/SP

AVISO DE LICITAÇÃO
CONCORRÊNCIA Nº 012/2024

O SEST – Serviço Social do Transporte comunica aos interessados que realizará concorrência para contratação de empresa para manutenção preventiva e corretiva de bebedouros de água. O recebimento dos envelopes contendo a documentação de habilitação e a proposta comercial será no dia 16.07.2024 (terça-feira) às 09h00. Para retirada do edital e acesso às demais informações: licitacao.c105@sestsenat.org.br

Juliana dos Santos Silva
Presidente da Comissão de Licitação

SIEMACO - ABC SINDICATO DOS EMPREGADOS EM EMPRESAS DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE ASSEIO E CONSERVAÇÃO, LIMPEZA URBANA E MANUTENÇÃO DE ÁREAS VERDES PUBLICAS E PRIVADAS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, DIADEMA, SÃO CAETANO DO SUL, SANTO ANDRÉ, MAUÁ, RIBEIRÃO PIRES E RIO GRANDE DA SERRA - Edital de Convocação - Pelo presente Edital, o Presidente do **Siemaco - ABC - Sindicato dos Empregados em Empresas de Prestação de Serviços de Asseio e Conservação, Limpeza Urbana e Manutenção de Áreas Verdes Publicas e Privadas de São Bernardo do Campo, Diadema, São Caetano do Sul, Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra,** no uso de suas atribuições legais e estatutárias **CONVOCA** todos os trabalhadores associados deste sindicato a comparecerem e participarem da **Assembleia Geral Extraordinária** que será realizada no dia 04/07/2024 às 15:00hs, em primeira convocação com a maioria da categoria ou às 16:00hs em segunda e última convocação com qualquer números de presentes, na Rua Principe Humberto, número 471, Vila Duzzi, São Bernardo do Campo - SP, para deliberarem sobre a seguinte **Ordem do Dia: a)** Alteração do estatuto social da entidade para melhor adequação do artigo, 13º do Regimento Eleitoral; **b)** Assuntos gerais. São Bernardo do Campo, 30 de Junho de 2024. **Roberto Alves de Silva -** Presidente.

= Leilão de Alienação Fiduciária =

1 Leilão: (Quinze de Julho de dois mil e vinte e quatro às dez horas); 2 Leilão (Dezoito de Julho de Dois de dois mil e vinte e quatro às dez horas) - Horários de Brasília.

JONAS COIMBRA, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1228, com escritório na Rua Marechal Bittencourt nº-1089-F, Vila Nova, Jau/SP CEP 17202-160 **FAZ SABER** a todos quando o presente **EDITAL** virem ou dele conhecimento tiver que levará a **PUBLICO LEILÃO**, de modo online, nos termos da Lei 9.514/97, art.º27 e parágrafos, autorizado pelo **credor fiduciário** CONTROLLER PEDERNEIRAS EMPREENDIMENTOS IMOBIIÁRIOS SPE LTDA, CNPJ 18.638.970.0001-82, nos termos do instrumento particular firmado em 31/03/2021 com o devedo fiduciante **GIULIA HELENA BONATELLI DUA, CPF 454.472.458-93, RG 40.939.877 SSP/SP, Solteira,** residente e domiciliados na cidade de Pederneiras/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO** 15/07/2024 e hora 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 57.848,32 (Cinquenta e sete mil oitocentos e quarenta e oito reais e trinta e dois centavos)** - atualizando conforme disposição contratual, **UM LOTE DE TERRENO**, de n 11, quadra Q (atual Rua Orestes Braz Pescara,), com área total de 250 M², melhor descrito na matricula de n 31.370 do Cartório de Registro de Imóveis de Pederneiras. Cadastro Municipal 01.02.215.0114.001.01, sem benfeitoria, Desecupado Venda em caracter ad corpus e no estado de conservação que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** 18/07/2024 e hora 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 74.851,65 (Setenta e Quatro Mil, Oitocentos e cinquenta e um Reais e Sessenta e cinco centavos)** nos termos do art.º27 §2 da Lei 9.514/97). Os interessados em participar deverão se **cadastrar na loja Coimbra Leilões** (www.coimbraleiloes.com.br), se habilitar com antecedência de 24 (vinte e quatro) horas de inicio do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NA LOJA COIMBRA LEILOES. Informações: 14-3418-5420/contato@coimbraleiloes.com.br

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA megaleilões

FERNANDO JOSE CERELLO G. PEREIRA, Leiloeiro(a) inscrito(a) na JUCESP sob o nº 844, com escritório à Alameda Santos, nº 787 – Conjunto 132, Bairro Jardim Paulista – São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100 – Torre Olavo Setúbal, em São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular nº 10175377903, datado de 28/08/2022, no qual figura como fiduciante **Priscila Inez de Souza**, brasileira, solteira, maior, bancária, CPF nº 385.074.038-24, residente e domiciliada na cidade de São Paulo – SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 08 de julho de 2024, às 15h00**, no endereço do leiloeiro, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 245.358,39 (duzentos e quarenta e cinco mil, trezentos e cinquenta e oito reais e trinta e nove centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do Credor Fiduciário, constituído pelo Apartamento nº 21, localizado no 2º andar do Bloco G – Edifício Tipuana do Condomínio Quinta do Bosque, situado à Rua Ronaldo Novaes Mattar, nº 43 – Bairro Jardim Peri, São Paulo/SP, contendo a área privativa de 51,270m², área comum de 22,071m², área real total de 73,341m², correspondendo-lhe a fração ideal no solo de 0,007194, cabendo o direito de estacionar 01 veículo de passeio, em 01 vaga individual e indeterminada, sujeita ao auxílio de manobrista, localizada no térreo ou subsolo do conjunto. **O imóvel encontra-se melhor descrito e caracterizado na matrícula nº 138.387 do 3º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo – SP.** Obs.: i) Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia **18 de julho de 2024, às 15h00**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 257.595,46 (duzentos e cinquenta e sete mil, quinhentos e noventa e nove reais e quarenta e seis centavos).** Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro www.megaleiloes.com.br, em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. [illegible] ... o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.megaleiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção **HABILITE-SE**, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

= Leilão de Alienação Fiduciária =

1 Leilão: (Quinze de Julho de dois mil e vinte e quatro às dez horas); 2 Leilão (Dezoito de Julho de Dois de dois mil e vinte e quatro às dez horas) - Horários de Brasília.

JONAS COIMBRA, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1228, com escritório na Rua Marechal Bittencourt nº-1089-F, Vila Nova, Jau/SP CEP 17202-160 **FAZ SABER** a todos quando o presente **EDITAL** virem ou dele conhecimento tiver que levará a **PUBLICO LEILÃO**, de modo online, nos termos da Lei 9.514/97, art.º27 e parágrafos, autorizado pelo **credor fiduciário** CONTROLLER PEDERNEIRAS EMPREENDIMENTOS IMOBIIÁRIOS SPE LTDA, CNPJ 18.638.970.0001-82, nos termos do instrumento particular firmado em 01/09/2021 com o devedo fiduciante **PETERSON DI CARLO DOS SANTOS, CPF 181.209.048-00, RG 25.635.774 SSP/SP, Solteiro,** residente e domiciliados na cidade de Pederneiras/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO** 15/07/2024 e hora 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 114.562,2 (Cento e Quatorze Mil quinhentos e sessenta e dois reais e vinte centavos)** - atualizando conforme disposição contratual, **UM LOTE DE TERRENO**, de nº 13, quadra I (atual Rua José Sebastião da Fonseca), com área total de 250 M², melhor descrito na matricula de n 31.191 do Cartório de Registro de Imóveis de Pederneiras. Cadastro Municipal 01.02.207.0134.001.01, sem benfeitoria, Desecupado Venda em caracter ad corpus e no estado de conservação que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** 18/07/2024 e hora 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 92.224,82 (Noventa e dois Mil duzentos e vinte e quatro reais e oitenta e dois centavos)** nos termos do art.º27 §2 da Lei 9.514/97). Os interessados em participar deverão se **cadastrar na loja Coimbra Leilões** (www.coimbraleiloes.com.br), se habilitar com antecedência de 24 (vinte e quatro) horas de inicio do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NA LOJA COIMBRA LEILOES. Informações: 14-3418-5420/contato@coimbraleiloes.com.br

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

DORA PLAT, leiloeira oficial inscrita na JUCESP nº 744, com escritório à Rua Minas Gerais, 316 – Cj 62 - Higienópolis, em São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário **BANCO BARI DE INVESTIMENTOS E FINANCIAMENTOS S/A,** inscrito no CNPJ sob nº 00.556.603/0001-74, situado à Avenida Sete de Setembro, nº 4.781, Sobre loja 02, Água Verde, Curitiba/PR, nos termos do Instrumento Particular de Contrato de Abertura de Linha de Crédito e Outras Avenças, nº 504411-1, Série 2023, de 26/04/2023, no qual figuram como Fiduciantes **ELAINE DE OLIVEIRA FERNANDES NEVES CARDIM DE SOUZA,** brasileira, funcionária pública, portadora do RG nº 26.618.167-3, inscrita no CPF/MF nº 256.016.438-81, e seu marido **FELIPE AMADEU CARDIM DE SOUZA,** brasileiro, funcionário público, portador do RG nº 29.216.267-4, inscrito no CPF/MF nº 275.615.318-42, casados pelo regime da comunhão parcial de bens, residentes em São Sebastião/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO,** de modo **On-line,** nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 23 de julho de 2024, às 11:00 horas, o leilão será realizado exclusivamente pela Internet, através do site www.portalzuk.com.br,** em **PRIMEIRO LEILÃO,** com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.087.666,42 (um milhão, oitenta e sete mil, seiscentos e sessenta e seis reais e quarenta e dois centavos),** o imóvel abaixo descrito, com a propriedade já consolidada em nome da credora Fiduciária, constituído por **Terreno lançado sob o n. 178 da Rua João Bernardino de Farias**, localizado no bairro Canto do Mar, no Município de São Sebastião/SP, [illegible] ... comunicação da homologação da venda, configurará desistência por parte do arrematante, ficando este obrigado a pagar multa equivalente ao valor da comissão devida ao Leiloeiro (5% - cinco por cento) e despesas (5% - cinco por cento) do valor de arremate no prazo de até 5 (cinco) dias após o término do Leilão. Poderá o Leiloeiro ou a Zuk emitir título de crédito (Conta) para a cobrança de tais valores, encaminhando-o a protesto, por falta de pagamento, se for o caso, sem prejuízo da execução prevista no artigo 39, do Decreto nº 21.981/32. O horário mencionado neste edital, no site do leiloeiro, catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação, consideram o horário oficial de Brasília/DF. **Pelo presente, ficam intimados os alienantes fiduciantes: ELAINE DE OLIVEIRA FERNANDES NEVES CARDIM DE SOUZA e FELIPE AMADEU CARDIM DE SOUZA,** já qualificados, ou seu representante legal ou procurador regularmente constituído, acerca das datas designadas para a realização dos públicos leilões, caso por outro meio não tenham sido cientificados. Este edital será regido pela legislação brasileira em vigor, ficando desde já eleito o Foro Central da Cidade de São Paulo/SP, como competente para dirimir toda e qualquer questão oriunda do seu cumprimento. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Grêmio Recreativo Cultural Esportivo Escola de Samba Boemios Da Vila.
(CNPJ: 64.030.521/0001-74)
Edital De Convocação De Assembleia Garel Extraornária

Convidamos Nossos Diretores e Associados em Geral a Se Reunirem Em Asembleia Geral Extraordinária, **Que Ocorrerá No Proximo dia 07/07/2024 (DOMINGO)** De Acordo Com os Artigos Previstos No Estatuto Em vigor Para deliberarem Sob as Pautas Que Seguem abaixo:
1- Eleição Quadrênio 19//12/2024 A 19/12/2028. 2- Nome Fantasia Da Entidade. 3- Alteração De Endereço Sede e Ensaios. 4- Alteração Do Periodo de Mandato De 2 Para 4 Anos. Com a Primeira Chamada As **17:00hr**, e a Segunda Chamada as 17:30hr Em Nosso Sede Provisória Na " Rua, Victor Bouquet, Numero 17 - Jd. Imbe - SP Capital, Convocado Por Seu Presidente Adilson Da Silva.

FRAZÃO leilões **EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA** itaú

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira inscrita na JUCESP sob o nº 836, com escritório Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de bem imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10178972304, firmado em 09/11/2022, no qual figura como fiduciante **MARISTELA PEREIRA MACHADO**, brasileira, solteira, maior, esteticista, RG nº 60.793.271-5 SSP/SP, CPF/MF nº 506.776.748-05, residente e domiciliada em São Paulo/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 15/07/2024, às 15h30min, na Rua Hipodromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP,** em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 767.030,58** (setecentos e sessenta e sete mil trinta reais e cinquenta e oito centavos), o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por: "Uma casa de seu respectivo terreno, situados à Rua Teresina, nº 282, no 33º Subdistrito Alto da Mooca, medindo o terreno 4,00ms. de frente, por 21,00ms. da frente aos fundos, de ambos os lados, tendo nos fundos a mesma largura da frente, confrontando pela frente com a Rua Teresina, do lado direito de quem a olha da rua, com a casa nº 280, do lado esquerdo com a casa nº 288, da mesma rua, e nos fundos com o pátio da vila que tem acesso por uma passagem que obedece ao nº 278 da Rua Teresina". **Inscrição Municipal:** 052.028.0008- [illegible] ... terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site **www.FrazaoLeiloes.com.br**, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site **www.FrazaoLeiloes.com.br**, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. (ABRAZ-2783-01)

= Leilão de Alienação Fiduciária =

1 Leilão: (Quinze de Julho de dois mil e vinte e quatro às dez horas); 2 Leilão (Dezoito de Julho de Dois de dois mil e vinte e quatro às dez horas) - Horários de Brasília.

JONAS COIMBRA, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1228, com escritório na Rua Marechal Bittencourt nº-1089-F, Vila Nova, Jaú/SP CEP 17202-160 **FAZ SABER** a todos quando o presente **EDITAL** virem ou dele conhecimento tiver que levará a **PUBLICO LEILÃO**, de modo online, nos termos da Lei 9.514/97, art.º27 e parágrafos, autorizado pelo **credor fiduciário** CONTROLLER PEDERNEIRAS EMPREENDIMENTOS IMOBIIÁRIOS SPE LTDA, 18.638.970.0001-82, nos termos do instrumento particular firmado em 31/03/2021 com o devedo fiduciante **GIULIANO BONATELLI DUA, CPF 459.296.278-86, RG 56.742.902-7 SSP/SP, Solteiro,** residente e domiciliados na cidade de Pederneiras/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO** 15/07/2024 e hora 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 57.848,32 (Cinquenta e sete mil oitocenstos e quarenta e oito reais e trinta e dois centavos)** - atualizando conforme disposição contratual, **UM LOTE DE TERRENO**, de nº 12, quadra Q (atual Rua Orestes Braz Pescara,), com área total de 250 M², melhor descrito na matricula de n 31.371 do Cartório de Registro de Imóveis de Pederneiras. Cadastro Municipal 01.02.215.0124.001.01, sem benfeitoria, Desecupado Venda em caracter ad corpus e no estado de conservação que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** 18/07/2024 e hora 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 75.768,55 (Setenta e Cinco Mil Setecentos e sessenta e oito Reais e Cinquenta e Cinco centavos)** nos termos do art.º27 §2 da Lei 9.514/97). Os interessados em participar deverão se **cadastrar na loja Coimbra Leilões** (www.coimbraleiloes.com.br), se habilitar com antecedência de 24 (vinte e quatro) horas de inicio do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NA LOJA COIMBRA LEILOES. Informações: 14-3418-5420/contato@coimbraleiloes.com.br

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA megaleilões

FERNANDO JOSE CERELLO G. PEREIRA, Leiloeiro(a) inscrito(a) na JUCESP sob o nº 844, com escritório à Alameda Santos, nº 787 – Conjunto 132, Bairro Jardim Paulista – São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100 – Torre Olavo Setúbal, em São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular com Força de Escritura Pública – SFH nº 10172094501, datado de 11/02/2022, no qual figuram como fiduciantes **Diego Agarinakamura**, analista de sistemas, CNH/SP nº 03002895593, CPF nº 287.176.758-04 e sua mulher **Giselle Dias Kayo Agarinakamura**, gerente, RG nº 325171750-SSP/SP, CPF nº 310.734.618-74, brasileiros, casados em 29/12/2007 pelo regime da comunhão parcial de bens, residentes e domiciliados na cidade de São Paulo - SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, **no dia 08 de julho de 2024, às 15h00**, no endereço do leiloeiro, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 358.805,66 (trezentos e cinquenta e oito mil, oitocentos e cinco reais e sessenta e seis centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do Credor Fiduciário, constituído pelo Apartamento nº 302, localizado no 3º Pavimento do 1º Prédio ou Torre A, integrante do Residencial Genova, situado na Rua Enéias Luis Carlos Barbanti, nº 120 – Nossa Senhora do Ó, São Paulo/SP, contendo a área privativa de [illegible]

FRAZÃO leilões **EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA** itaú

[illegible]

BIASI leilões **LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE**
1º Leilão: dia 08/07/2024 às 14h 1º Leilão: dia 17/07/2024 às 14h

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (**JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício**), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 30900727313, firmado em 04/10/2013, no qual figura como Fiduciante **LEANDRO GIANNASI SEVERINO FERREIRA**, brasileiro, divorciado, advogado, RG nº 27.757.374-9-SSP/SP e CPF/MF nº 213.975.738-64, residente e domiciliado na cidade de São Paulo/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 08 de julho de 2024, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.478.204,84 (Um milhão, quatrocentos e setenta e oito mil, duzentos e quatro reais e oitenta e quatro centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído pelo **APARTAMENTO Nº 102, localizado no 10º pavimento, do "EDIFÍCIO PIAZZA SOFFIATTI", situado na Rua Camé, nº 858, no 16º Subdistrito – MOOCA, com a área útil de 124,7200 m², área comum (inclusive 03 vagas indeterminadas de garagem) de 112,3020 m², perfazendo a área total de 237,0220 m², correspondendo-lhe no terreno uma fração ideal de 3,1250%. Matrícula nº 151.603 do 7º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP. Obs: Consta a existência de gravame noticiado na AV.06 (PENHORA), sendo que o banco providenciará a baixa**. Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 17 de julho de 2024, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ R$ 739.102,42 (Setecentos e trinta e nove mil, cento e dois reais e quarenta e dois centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões **EDITAL ÚNICO DE LEILÃO | PRESENCIAL E ON-LINE** RODOBENS
1º Leilão: dia 08/07/2024 às 10h 2º Leilão: dia 10/07/2024 às 10h

EDUARDO CONSENTINO, Leiloeiro Oficial, matrícula JUCESP nº 616 (**João Victor Barroca Galeazzi** – preposto em exercício), devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **RODOBENS ADMINISTRADORA DE CONSORCIOS LTDA**, CNPJ sob nº 51.855.716/0001-01, faz saber que, nos termos do artigo 27 da Lei 9.514 de 20 de novembro de 1997 e regulamentação complementar do Sistema de Financiamento Imobiliário, que institui alienação fiduciária de bem imóvel, fará realizar: **Primeiro Leilão: dia 08 de Julho de 2024 às 10:00 horas. Segundo Leilão: dia 10 de Julho de 2024 às 10:00 horas.** Local do Leilão: Avenida Fagundes Filho, 145 – conj. 22 – Vila Monte Alegre – São Paulo/SP e pela internet no site: www.biasileiloes.com.br. As demais condições de venda constarão no catálogo que será distribuído no leilão ou pela internet. **Descrição do Imóvel: UM TERRENO** compreendendo o lote nº 36, da quadra 12, do Loteamento **"FAZENDA SÃO SEBASTIÃO II"**, nesta cidade de Marília/SP, medindo 11,16m em curva, de frente para a Rua 08 (atual Rua Antonia Lenhari da Silva, nº 45); por uma face lateral e da frente aos fundos mede 25,00m, confrontando com o lote nº 35; por outra face lateral e também da frente aos fundos, mede 25,00m, confrontando com o lote nº 37; e finalmente na face dos fundos, confrontando com o lote nº 04, mede 10,58m; encerrando uma área de 271,92 m²; confrontando de um lado com o lote nº 05; de outro lado com o lote nº 07; distante 163,17m do início da curvatura existente na esquina da Rua 10; e localizado do lado par da numeração. Matrícula nº 60.333 do 1º Oficial de Registro de Imóveis de Marília/SP. **Valor de Venda do Imóvel acima descrito: 1º Leilão R$ 705.100,00. Valor de Venda do Imóvel acima descrito: 2º Leilão R$ 352.934,00**. Caso não haja licitantes ou não seja atingida a oferta mínima prevista, o bem será vendido em **2º Leilão Extrajudicial, no dia 10 de Julho de 2024, às 10:00 horas**, no mesmo local, pelo maior lance ofertado (§ 2º do Art. 27), desde que igual ou superior ao valor da dívida, das despesas, dos prêmios de seguro, dos encargos legais, inclusive tributos, das contribuições condominiais e honorários advocatícios. Para a participação online o Arrematante deverá se habilitar no site www.biasileiloes.com.br, até uma hora antes do leilão. **Obs: Eventuais débitos de IPTU, custas do leilão e quaisquer outros débitos que o imóvel possuir, estes serão por conta exclusiva do arrematante. Eventual regularização de área construída na matrícula, ficará a cargo do arrematante**. O pagamento, em qualquer dos [illegible] ... Pública, Imposto de Transmissão, Foro, débitos de luz e água, débitos de IPTU, taxas, alvarás, certidões, emolumentos cartorários, registros, averbações, etc. A escritura pública caso seja necessária será realizada em até 90 (noventa) dias. O imóvel objeto do leilão será alienado em caráter "Ad Corpus" e no estado em que se encontra inclusive no tocante a eventuais ações, ocupantes, locatários e posseiros. A vendedora não se responsabiliza por quaisquer irregularidades que porventura possam existir, seja por divergência de áreas, mudança no compartimento interno, averbação de benfeitoria, estado de conservação, localização, situação fiscal e ocupação do imóvel arrematado. Caso necessite de regularização da área construída, esta será por conta do arrematante. Conforme alteração da Lei 9514/97, artigo 27, pela lei 13.465/17 § 2-B, fica assegurado ao devedor fiduciante o direito de preferência para adquirir o imóvel por preço correspondente ao valor da dívida acrescido de 5% (cinco por cento) de comissão do leiloeiro, conforme esse edital. A vendedora não se responsabiliza por eventuais questionamentos que possam ser feitos judicialmente pelo(a) anterior proprietário(a). Na hipótese do imóvel arrematado estar ocupado ou locado, o arrematante assume total responsabilidade no tocante à sua desocupação, assim como suas respectivas despesas. O arrematante também exime a vendedora de quaisquer responsabilidades por eventuais ações judiciais impetradas pelos proprietários anteriores ou terceiros, com referência ao imóvel e ao procedimento ora realizado, bem como de danos morais, materiais, lucros cessantes, etc.

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br


Rubens Ricupero, então ministro da Fazenda, e Itamar Franco, presidente, mostram notas de R$ 1 e R$ 10 após trocarem cruzeiros na Caixa Sérgio Lima - 1º.jul.1994/Folhapress

Linha do tempo do Plano Real

Outubro/1992
Itamar Franco assume a presidência após afastamento de Fernando Collor

Maio/1993
FHC é nomeado ministro da Fazenda, o quarto a ocupar a pasta no governo Itamar

Maio/1993
Começa a ser criado o grupo de trabalho que elaborou o plano de combate à inflação

Julho/1993
Primeira fase - Plano de Ação Imediata para reorganização do gasto público

Agosto/1993
Mudança da moeda para cruzeiro real com corte de três zeros

Setembro/1993
Paulo César Ximenes é demitido da presidência do BC por Itamar, e FHC ameaça deixar o cargo. Pedro Malan assume comando da instituição »

1ª dia do real teve falta de troco, filas, prisões e autógrafo em novas cédulas

★ Plano lançado há 30 anos controlou inflação de quase 5.000% ao ano ★ Moeda exigiu adaptações ★ Equilíbrio fiscal ainda é dúvida

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO "Centavo agora é dinheiro", dizia a manchete do jornal Notícias Populares ao relatar o primeiro dia de vida do real, a nova moeda que começava a circular no país naquele dia 1º de julho de 1994, uma sexta-feira.

A edição da **Folha** de três décadas atrás mostrava ampla adesão da população ao Plano Real, mas também alguma confusão provocada pela troca do numerário.

Nos planos anteriores, bastava cortar três zeros para saber o valor da nova moeda. Desta vez, era necessário converter 2.750 cruzeiros reais, a moeda em circulação até o dia anterior, ou uma URV para R$ 1,00.

Apesar do inédito esquema de distribuição das novas cédulas e moedas em todo o país, houve falta de troco. Especialmente de centavos. Na época, dinheiro em espécie e cheque eram as principais formas de pagamentos.

Algumas pessoas esperaram até a zero hora do dia 1º para sacar as novas cédulas nos caixas eletrônicos 24 horas, mas muitos estabelecimentos abertos na madrugada ainda não tinham troco na nova moeda. Alguns comerciantes não sabiam como fazer a conversão, por isso, recusavam o pagamento em reais ou preferiam os cruzeiros.

A falta de moedas provocou filas naquele dia, por exemplo, no pedágio da rodovia Castelo Branco em Itapevi (SP). A tarifa era de R$ 2,60. Não havia tag de pagamento automático nos carros, nem maquininhas eletrônicas de cartão para aliviar o problema.

Outro problema foram as remarcações de preços, aquilo que se chamou de conversão abusiva. Gerentes de supermercados foram presos. O presidente Itamar Franco ameaçou interditar alguns estabelecimentos. Entre a população, o clima era de aprovação, como mostrou uma pesquisa Datafolha realizada naquele mesmo dia. Com um real se comprava um dólar. Com metade desse valor se pagava uma viagem de ônibus na capital paulista ou um litro de gasolina. Era possível comprar um quilo de açúcar ou um litro de leite ou uma dúzia de ovos com apenas uma moeda. E ainda havia troco. Os centavos. Ou pelo menos deveria haver.

> **"Fui ao cinema às 22h para gastar meus últimos cruzeiros. Esperei a meia-noite para retirar os reais e, agora, quero usar essas notinhas**
>
> **Domingos Carne Seca**
> funcionário público, na época com 37 anos, na madrugada do lançamento do real; segundo reportagem da Folha desse dia, ele tentou usar a nova moeda numa farmácia e no ônibus, mas a desorientação inicial fez com que os reais não fossem aceitos

Em Minas Gerais, o então candidato à presidência Fernando Henrique Cardoso (PSDB) autografava cédulas da nova moeda e era chamado de "pai do real". O futuro presidente, naquele momento, ainda estava atrás de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas pesquisas de intenção de votos.

Primeiro colocado nas pesquisas eleitorais até aquele momento, o petista passou o dia entre críticas ao Plano Real e explicações sobre denúncias contra o vice em sua chapa, José Paulo Bisol, que havia apresentado uma emenda ao Orçamento para financiar uma obra próxima a uma fazenda de sua propriedade.

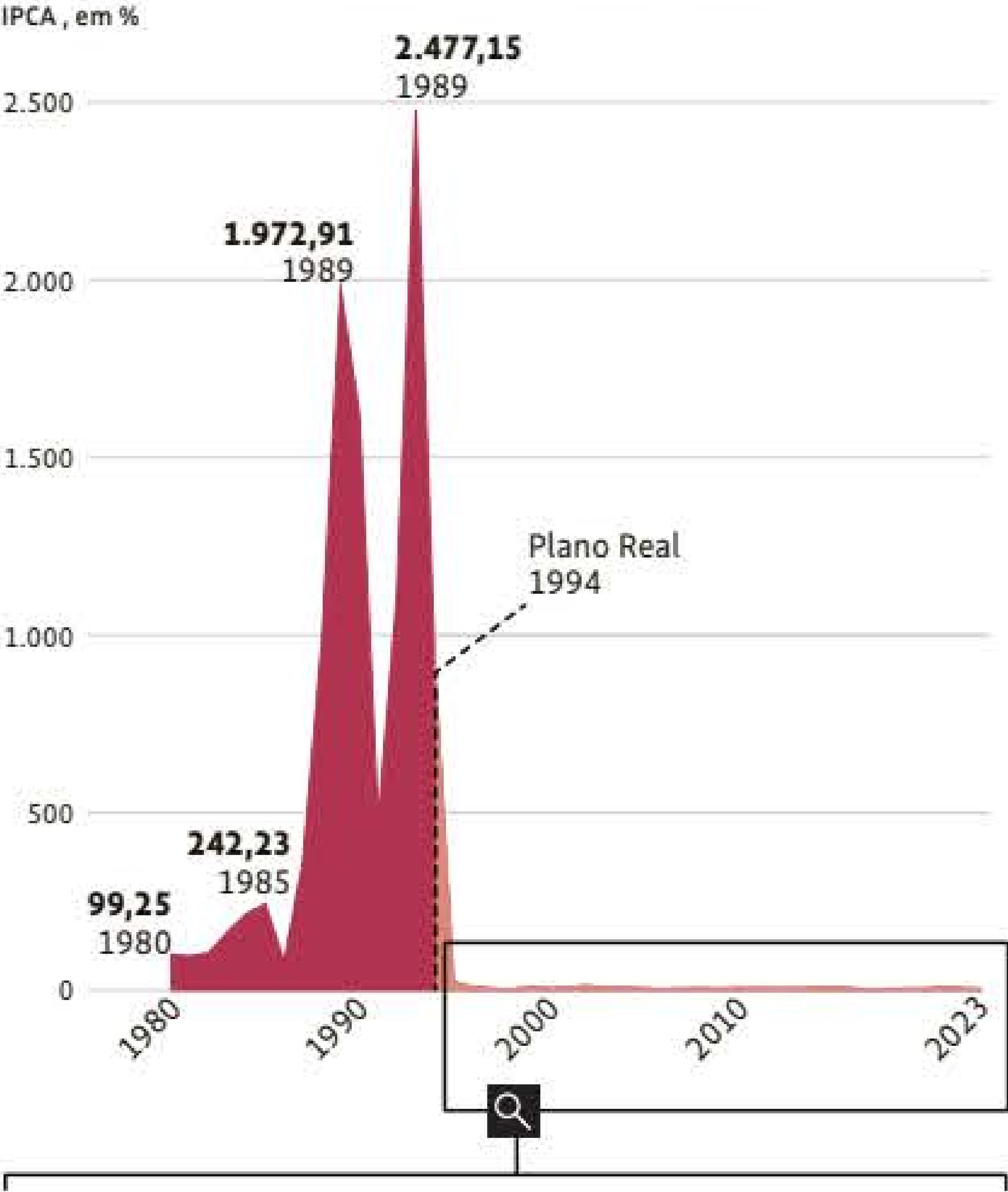
FHC era também o tema da charge do dia do cartunista Angeli na página 2 da **Folha**. O título "doping" fazia uma comparação entre a moeda que anabolisava a candidatura do tucano e a suspensão do jogador Diego Maradona, dois dias antes, pelo uso de substâncias proibidas em um jogo da Copa do Mundo dos EUA.

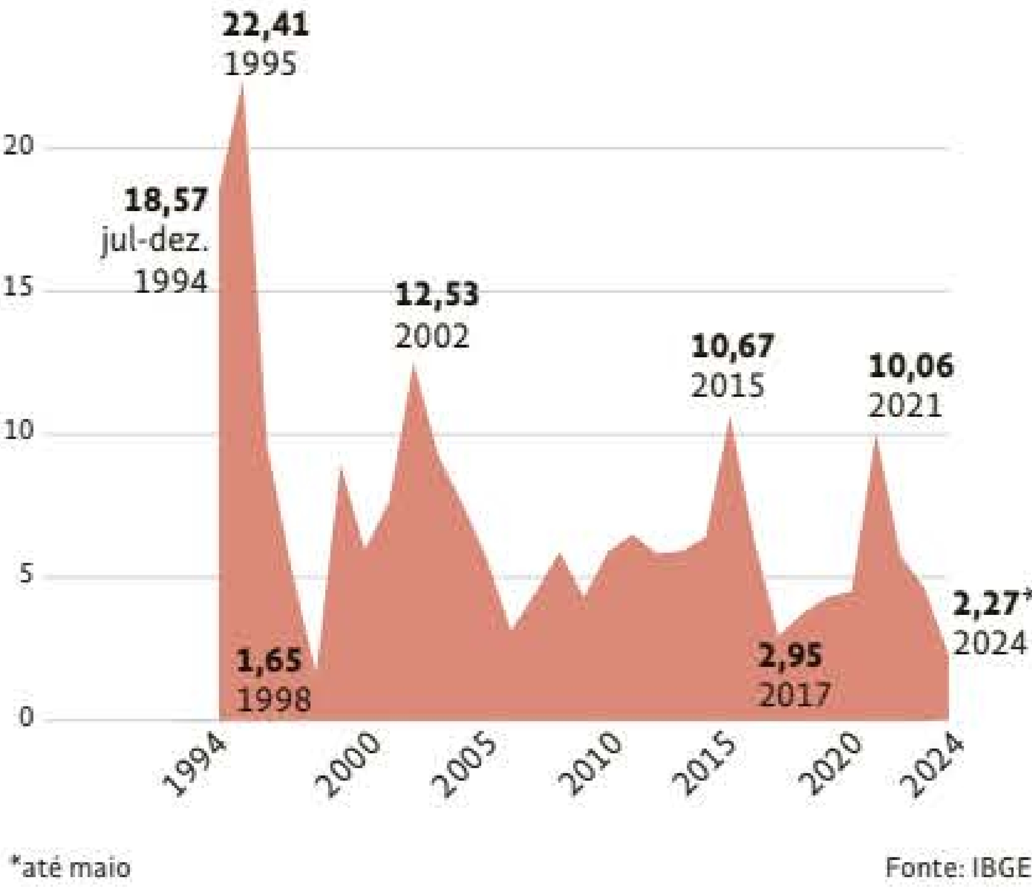
Na imagem, o tucano faz o "teste do xixi" diante dos fiscais da Justiça Eleitoral. A "prova" são as moedas do real.

A implantação do novo padrão monetário exigiu a troca integral do meio circulante em 1994, em um trabalho de curto prazo: a decisão de criar as novas cédulas aconteceu em 27 de fevereiro de 1994, e a entrada em circulação da nova moeda em todo o território nacional teve que ser feita em 1º de julho do mesmo ano.

Além da Casa da Moeda, que produziu todas as cédulas de R$ 1 e de R$ 100, foram contratados também três fornecedores estrangeiros —uma alemã, uma inglesa e uma francesa— para a produção de 260 milhões de cédulas de R$ 5, R$ 10 e R$ 50.

Inflação anual ao consumidor chegou a 2.477% antes do Plano Real



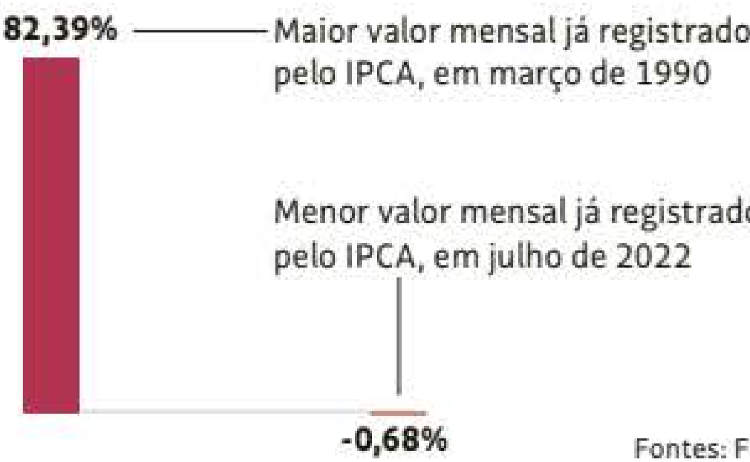


*até maio

Fonte: IBGE

1.142.332.741.811.850%
Inflação nos 30 anos anteriores ao Real, mais de 1 quatrilhão

708%
Inflação nos 30 anos depois do Real



Fontes: FGV e Banco Central


Mário Leite - 1º.mar.1986/Folhapress



Rogério Carneiro - 17.jul.1986/Folhapress

1 Clientes abandonam carrinho de compras em mercado em SP em 1986; Plano Cruzado previa congelar preços para tentar conter inflação **2** Fiscais da Sunab interditam loja no Rio por desrespeitar congelamento de preços **3** Com inflação galopante, funcionário remarca preços em mercado de SP em 1989


Masao Goto Filho - 16.jan.1989/Folhapress

Conheça os principais nomes da implantação do Plano Real em 1994

Mudança não foi apenas obra econômica, mas também política e jurídica envolvendo dezenas de pessoas

Gustavo Patu

SÃO PAULO Celebrado em 1º de julho, o Plano Real, que completa agora 30 anos, teve também outras datas cruciais para seu sucesso.

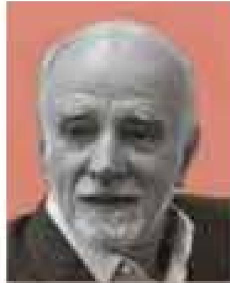
Naquele mesmo 1994, foi lançada em 1º de março a URV, o indexador destinado a promover uma convergência geral de preços e salários a uma mesma unidade de conta; na mesma data, o Congresso promulgou emenda constitucional para conter o déficit no Orçamento.

Em 15 de abril, concluiu-se a renegociação da dívida externa, espécie de gêmea não idêntica da superinflação brasileira —ambas se multiplicaram na década perdida de 1980.

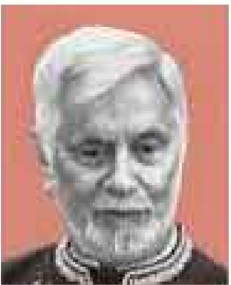
O Plano Real, como se nota, foi uma obra não apenas econômica, mas também política e jurídica. Consumiu o esforço de dezenas de pessoas, antes e depois de vir à luz.



Fernando Henrique Cardoso
Ministro da Fazenda, teve função política de resistir às pressões do Planalto por congelamento de preços e reajustes salariais, negociar com o Congresso e tentar ganhar a opinião pública após pacotes frustrados em anos anteriores. Eleito presidente, demorou a fazer os ajustes necessários e impopulares do plano.

Persio Arida e André Lara Resende
Publicaram em 1984 a célebre e heterodoxa proposta que embasaria os planos Cruzado e Real, que previa a convivência temporária de duas moedas para eliminar os efeitos da indexação sobre os preços. Dez anos depois, a ideia seria combinada a preocupações mais ortodoxas com solidez fiscal, rigor nos juros, reservas em dólar, amparo político e solidez jurídica. Ambos saíram do governo FHC em circunstâncias rumorosas. Arida deixou a presidência do BC em 1995, após passar um feriado com um banqueiro às vésperas de uma mudança no câmbio; Lara Resende renunciou ao comando do BNDES em 1998, na esteira de conversas grampeadas sobre a privatização da Telebras.



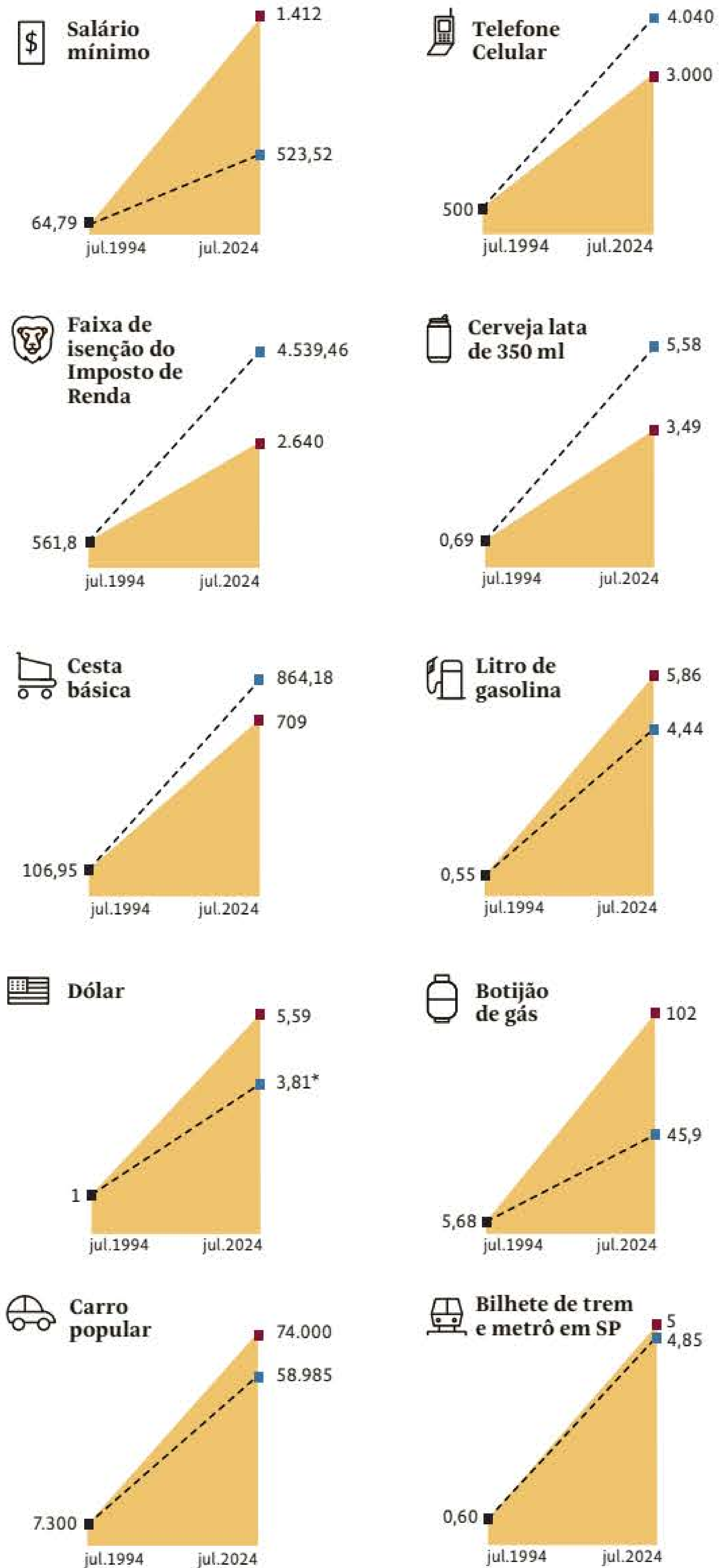
Edmar Bacha
Outro egresso do Cruzado, até a participação nos planos era mais conhecido por ter cunhado o termo Belíndia, misto de Bélgica e Índia, para descrever a desigualdade social brasileira no regime militar. Foi o encarregado de formular o ajuste orçamentário que precedeu o real e ajudar a negociar com o Congresso.

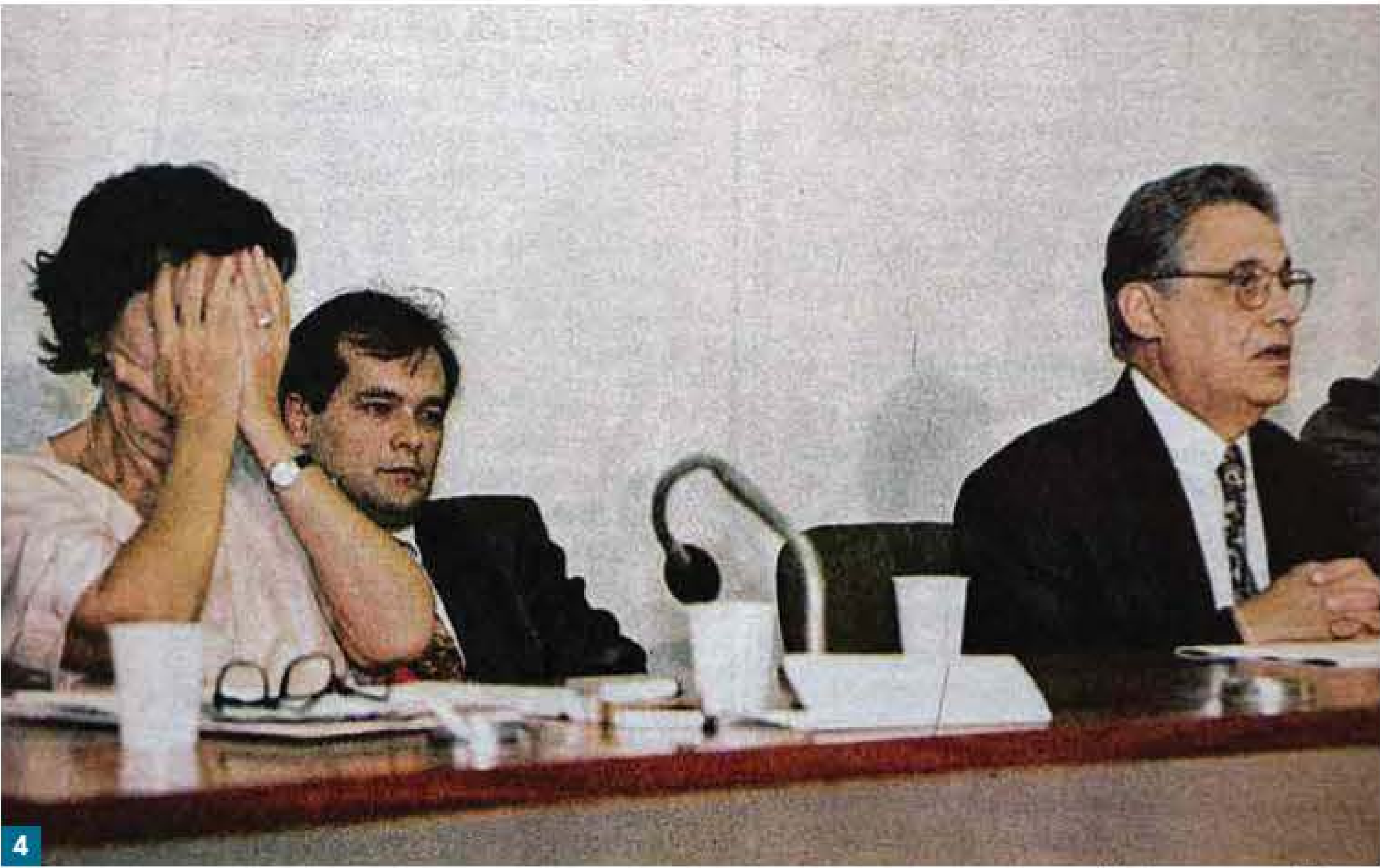


Pedro Malan
Ingressou na equipe de FHC ao assumir o BC em 1993, depois de mais uma demissão abrupta promovida por Itamar Franco. A altivez na defesa do plano e o cuidado nas declarações o credenciaram a comandar o Ministério da Fazenda nos dois governos tucanos, marca até então impensável desde a redemocratização.



Gustavo Franco
Apontado como o mais prático entre os teóricos do real, deu forma jurídica às medidas do plano. Foi presidente do BC no governo FHC e defendia a âncora cambial, a estratégia de manter o real sobrevalorizado ante o dólar para conter a inflação. Deixou o governo em 1999, quando a âncora se mostrava inviável.





Sérgio Lima 14.mar.1994/Folhapress



Mujica - 29.jun.1994/Folhapress



Helcio Nagamine - 1º.jul.1994/Folhapress

4 Maria da Conceição Tavares ouve explicação de FHC (então ministro da Fazenda) sobre Plano Real, ao lado de Gustavo Franco **5** Fila em açougue de Itaquera em 1994 para quem tinha moeda antiga **6** Painel mostra último valor para conversão da URV **7** Loja em SP promete crediário sem inflação



Eduardo Knapp - 15.mar.1994/Folhapress

Linha do tempo do Plano Real

Fevereiro/1994
FHC apresenta o Plano Real; Congresso aprova parcialmente Fundo Social de Emergência

Março/1994
Segunda fase. Lançada a URV (Unidade Real de Valor), valendo CR$ 647,50 (cruzeiros reais)

Abril/1994
FHC deixa Fazenda para se candidatar à presidência; Rubens Ricupero assume

Junho/1994
Inflação mensal bate recorde de 47,4% (quase 5.000% em 12 meses)

Julho/1994
Terceira e última fase. Real começa a circular, valendo CR$ 2.750 (cruzeiros reais) ou 1 URV. Inflação cai para 6,84%

Agosto/1994
Inflação do mês fica em 1,86% »

Pesquisar preço era um desafio para órgãos que aferem inflação

Taxa elevada provocou mudanças nos hábitos de consumidor, indústria e governo

Mauro Zafalon

SÃO PAULO O período de inflação acelerada no Brasil foi desafiador para a população, mas não menos difícil para as instituições que apuram os índices de preços.

Após o Plano Cruzado, em 1986, o setor produtivo aprendeu a driblar as exigências impostas nos planos, principalmente nos períodos de congelamento, dificultando a apuração real dos preços.

Heron do Carmo, que participou por 25 anos do Índice de Preços ao Consumidor da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), instituição que divulga toda semana um índice de inflação referente a São Paulo, viveu o período mais agudo dessa aceleração inflacionária no país.

Economista mais procurado naquele período para falar sobre o comportamento dos preços, Heron afirma que a inflação mudou não apenas o comportamento dos consumidores, mas também o das indústrias e o do próprio governo naqueles anos.

Maquiagem de produtos, ágio sobre preços tabelados, lançamento de itens novos com poucos detalhes de diferença em relação aos existentes, redução de embalagens, remédios novos com mínimas alterações nos princípios ativos e impostos compulsórios desafiavam os institutos de pesquisas a chegar a uma apuração real da inflação.

"Como lidar com isso?", pergunta o economista. A dificuldade nas comparações de preços de produtos com algum tipo de alteração para fugir do tabelamento tornava a pesquisa ainda mais complexa e até menos precisa se não fossem tomados cuidados adequados.

O óleo de soja teve redução de embalagem, os carros passaram a ter mudanças mínimas, as carnes tinham ágio. Tudo isso dificultava, diz ele.

Os índices de inflação começaram a apontar essas mudanças nos produtos e a alertar os consumidores. O resultado foi uma enxurrada de reclamações das indústrias.

Os tempos mais difíceis eram a passagem do período de safra para a entressafra agrícola e o de mudança de estação no setor de vestuário.

Na safra, com a oferta maior de alimentos, principalmente de hortifrútis, os preços caíam, e o governo elogiava a metodologia dos índices. Na entressafra, com menor oferta e alta de preços, o governo atribuía a aceleração da inflação à metodologia.

Um dos cuidados dos coordenadores de índice de inflação era com o vazamento das informações. Por isso, a Fipe antecipava ao máximo possível a divulgação dos resultados para que as informações não ficassem paradas na gaveta. Afinal, uma antecipação dos dados por uma instituição financeira rendia milhões.

Heron diz que essa pressão por antecipação vinha de governos, repórteres, empresas e sistema financeiro. Todos estavam de olho nos números. Telefonemas, convites para almoços e troca de ideias eram constantes.

Daí a Fipe divulgar os dados da inflação logo no dia seguinte ao do final da apuração. "Um número vazado e antecipado por alguma instituição do mercado financeiro renderia muito para eles", afirma o ex-coordenador do índice.

> "Vou estrear o real, uma moeda forte, com uma cerveja na hora do almoço
>
> **Fernando Carvalho de Mesquita**
> eletricista, na época com 23 anos, no dia de lançamento do real
>
> Teve um cliente que pediu para levar uma nota e uma moeda de cada valor para mostrar para os filhos
>
> **Cristina**
> caixa da agência nacional do Bradesco

A responsabilidade era grande, diz Heron. Os números mexiam com toda a economia, principalmente porque a Fipe era sempre a primeira a divulgar a taxa de inflação.

O ex-coordenador diz que, nos dias de divulgação, sua rotina de preparação começava logo cedo. Revia os pontos mais sensíveis destacados na semana, que seriam questionados pela dezena de jornalistas que estariam à sua espera.

O perigo eram as "manchetes terroristas", vindas principalmente de jornalistas não muito familiarizados com o índice, afirma ele. O tomate e o chuchu estavam sempre na berlinda. Suscetíveis a seca e chuva e a períodos de safra e entressafra, levavam toda a culpa pela inflação em períodos de alta de preços.

Heron afirma que a escalada inflacionária no país afetou todo o comportamento da sociedade. Os consumidores faziam dos supermercados a sua melhor aplicação financeira, antecipando compras.

As indústrias aumentaram significativamente as vendas de freezers, com a necessidade de estoques de carnes e outros congelados. Até a construção civil foi afetada, afirma ele. Os apartamentos passaram a incorporar despensa para estocar alimentos.

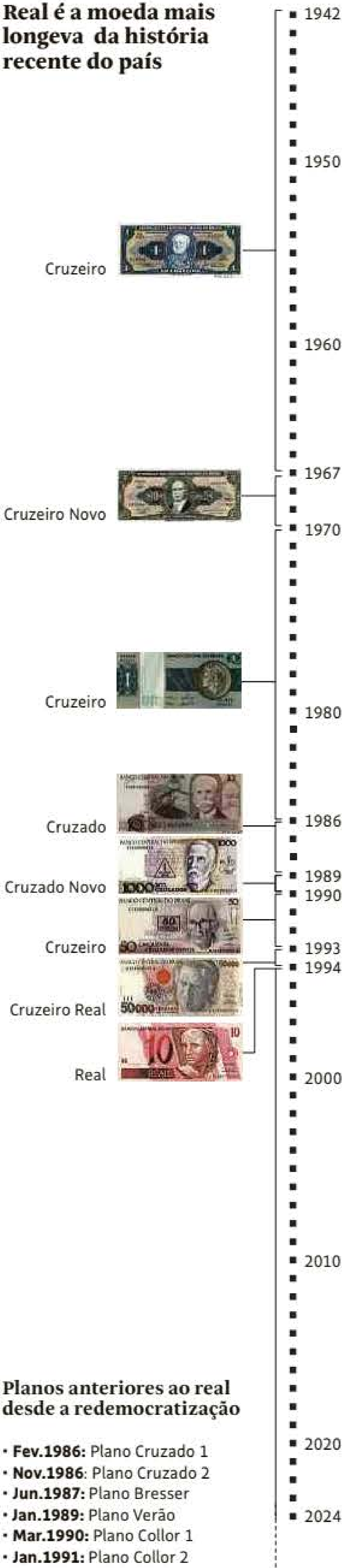
O governo não ficou atrás e passou a adotar medidas para minimizar os efeitos da inflação. Uma delas foi a criação de impostos compulsórios. O do combustível obrigava o consumidor a guardar um tíquete que seria resgatado anos depois, o que mascarava a inflação do momento.

Foi o período em que surgiram as grandes redes de varejo. Supermercados e hipermercados colocando todo tipo de produto à venda. Com a economia fechada e pouca concorrência de produtos externos, o varejo podia aplicar margens maiores, diz Heron.

Quanto vale hoje uma nota de R$ 100?



Real é a moeda mais longeva da história recente do país



Planos anteriores ao real desde a redemocratização

- **Fev.1986:** Plano Cruzado 1
- **Nov.1986:** Plano Cruzado 2
- **Jun.1987:** Plano Bresser
- **Jan.1989:** Plano Verão
- **Mar.1990:** Plano Collor 1
- **Jan.1991:** Plano Collor 2



Márcio Arruda - 30.jun.1994/Folhapress



Luiz Novaes - 30.jun.1994/Folhapress

8 O então presidente Itamar Franco, junto de ministros e lideranças do Congresso, anuncia a entrada em vigor do real em junho de 1994 **9** Funcionários do Bradesco abrem caixas eletrônicos para trocar notas de cruzeiro pelas de real **10** Cliente recebe notas e moedas de real após trocar cruzeiros em banco



Luiz Carlos Murauskas - 3.jul.1994/Folhapress

Linha do tempo do Plano Real

Outubro/1994
FHC é eleito presidente da República no 1º turno, com 54% dos votos

Janeiro/1995
FHC assume a Presidência da República

Novembro/1995
Governo lança o Proer, programa de reestruturação do sistema financeiro, para conter crise bancária gerada pela queda da inflação

Outubro/1998
FHC é reeleito presidente no 1º turno, com 53% dos votos

Janeiro/1999
Governo abandona paridade entre dólar e real

Junho/1999
Brasil adota regime de metas de inflação

Dezembro/2010
BC lança segunda família de cédulas e moedas do real

Equilíbrio fiscal era condição para estabilização

Inflação era 'expressão mais perversa' de uma crise crônica, diz medida provisória para implantar a nova moeda

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA Tema central das discussões econômicas atuais, o equilíbrio fiscal duradouro foi alçado a condição fundamental para a estabilização da economia brasileira e o desenvolvimento sustentado a longo prazo na exposição de motivos da MP (medida provisória) que oficializou o real como a nova moeda do Brasil.

O ajuste das contas públicas, retratado como "o verdadeiro alicerce" para o real, foi um dos pilares do Programa de Estabilização Econômica, Plano Real, implementado em três fases entre 1993 e 1994.

"Nosso país está mergulhado há muitos anos numa crise econômica crônica cuja raiz é fiscal, mas cuja expressão mais perversa é a inflação", diz o texto, assinado em junho de 1994 por sete ministros do então governo de Itamar Franco (1992-1994).

Naquele mês, a inflação alcançou os patamares recordes de 47,4% ao mês e 4.922% no acumulado em 12 meses.

O lançamento da moeda foi a etapa derradeira do plano concebido pela equipe coordenada por FHC quando comandou o Ministério da Fazenda. Nas duas primeiras fases, o governo criou o Pai (Programa de Ação Imediata), para reduzir e dar maior eficiência aos gastos, e lançou a URV (Unidade Real de Valor), para quebrar a inércia inflacionária que carregava os reajustes passados para os preços no presente e no futuro.

Após seis planos econômicos fracassados, havia a convicção, expressa na exposição de motivos, de que a vitória sobre a inflação não seria artificial ou efêmera.

"A partir de 1º de julho, com a entrada da nova moeda, os brasileiros começarão a sentir os efeitos da queda decisiva da inflação", diz o texto.

"A partir de agora a inflação passará a registrar uma trajetória de queda significativa e duradoura, sem que se tenha lançado mão, como no passado recente, de expedientes artificiosos ou de medidas discricionárias em flagrante desrespeito às regras contratuais."

Em julho de 1994, quando o real começou a circular, a inflação desacelerou para 6,84%.

O documento que fundamentou a MP 1.027/1995, convertida na lei n.º 9.069 do mesmo ano, foi guardado pelo arquivo do Ministério da Fazenda, em Brasília.

A **Folha** tentou ter acesso a outros registros históricos da época da concepção do Plano Real, mas a pasta disse que a exposição de motivos e os textos das leis são os únicos materiais disponíveis no órgão.

Parte dos registros se perdeu, como o papelzinho azul em que o economista Edmar Bacha esboçou um conjunto de pontos que balizariam as ações do governo —e que foi triturado no dia seguinte para evitar vazamentos à imprensa. Parte é mantida em acervos pessoais daqueles que participaram do plano.

Ainda assim, o texto dá uma ideia das condições em que o Real foi criado e dos preceitos seguidos em sua elaboração.

Logo na segunda página, a exposição de motivos cita brevemente a determinação com que o governo estava "resistindo às pressões pela expansão do gasto".

Em outro trecho, o texto cita a necessidade de promover a desindexação da economia brasileira —outra discussão atual. O diagnóstico era de que o uso disseminado de índices econômicos para corrigir preços e contratos de forma automática contribuiu para a espiral inflacionária que desaguou na hiperinflação no início dos anos 1990.

"Trinta anos de experiência com a correção monetária baseada em índices de preços demonstram cabalmente a necessidade de eliminar-se ou, ao menos, restringir este instituto para se alcançar a estabilidade monetária plena, sem prejuízo das atividades econômicas", diz.

O documento cita ainda a necessidade de dar sequência a reformas no sistema tributário, nas regras do Orçamento, na organização do funcionalismo e na Previdência Social —algumas delas aprovadas quase três décadas depois, como a tributária.

A exposição de motivos ainda destaca a importância da reforma no CMN (Conselho Monetário Nacional), responsável por definir as diretrizes das políticas cambial, monetária e de crédito.

Desde sua criação, em 1964, o CMN havia passado por sucessivas mudanças e chegou a ter entre seus membros representantes do setor privado, além de um número maior de membros do governo.

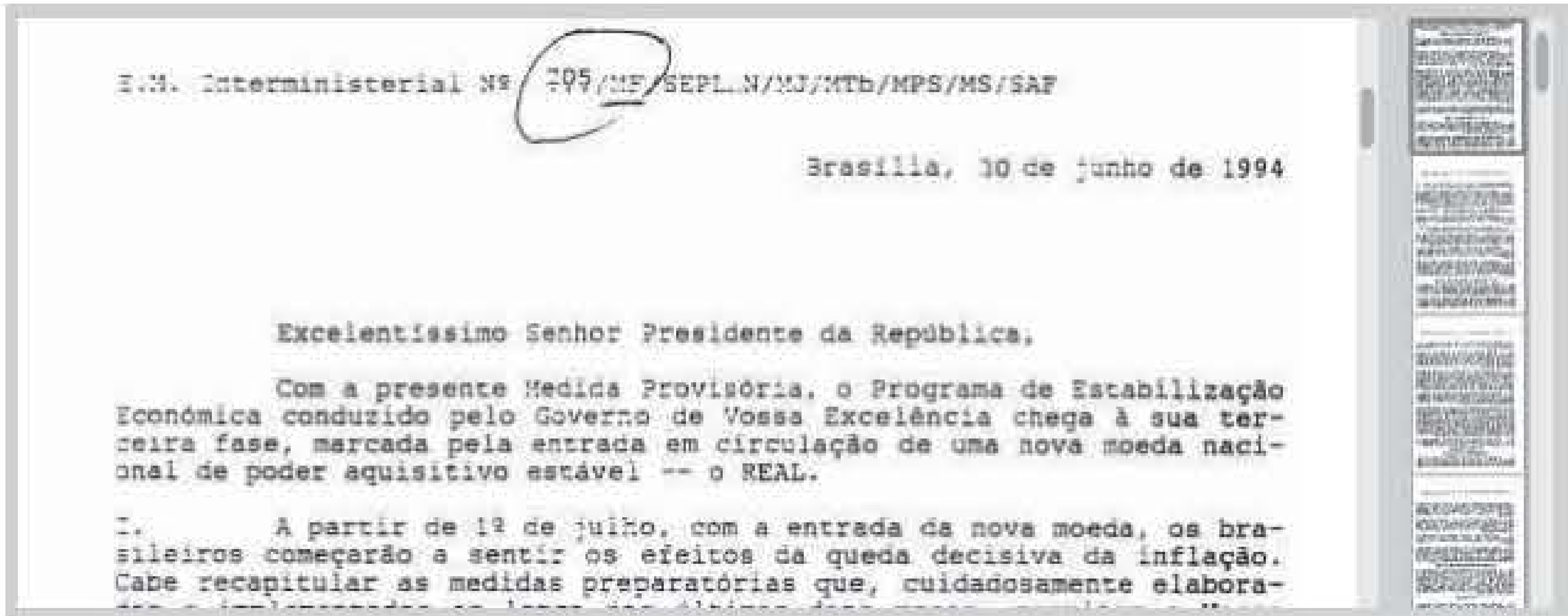
No texto de 1994, o governo da ocasião argumentou que, além de "distorcer o caráter de instituição pública do Conselho", as mudanças o tornavam "sensível a pressões advindas de outros integrantes do processo de decisão pública", o que nem sempre estava alinhado com a função de defesa da estabilidade da moeda.

A MP consolidou o desenho que está em vigor até hoje, com o CMN formado pelos ministros da Fazenda e do Planejamento e pelo presidente do Banco Central. O modelo foi alterado no governo Jair Bolsonaro (PL), com a extinção do Planejamento, mas foi retomado no atual governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Essa composição assegura ao CMN "o objetivo de priorizar a gestão monetária e proteger o real das pressões políticas e econômicas que possam pôr em risco a estabilidade do padrão monetário do país", diz o texto.

Documento que criou o real pedia estabilidade fiscal

Imagens reprodução



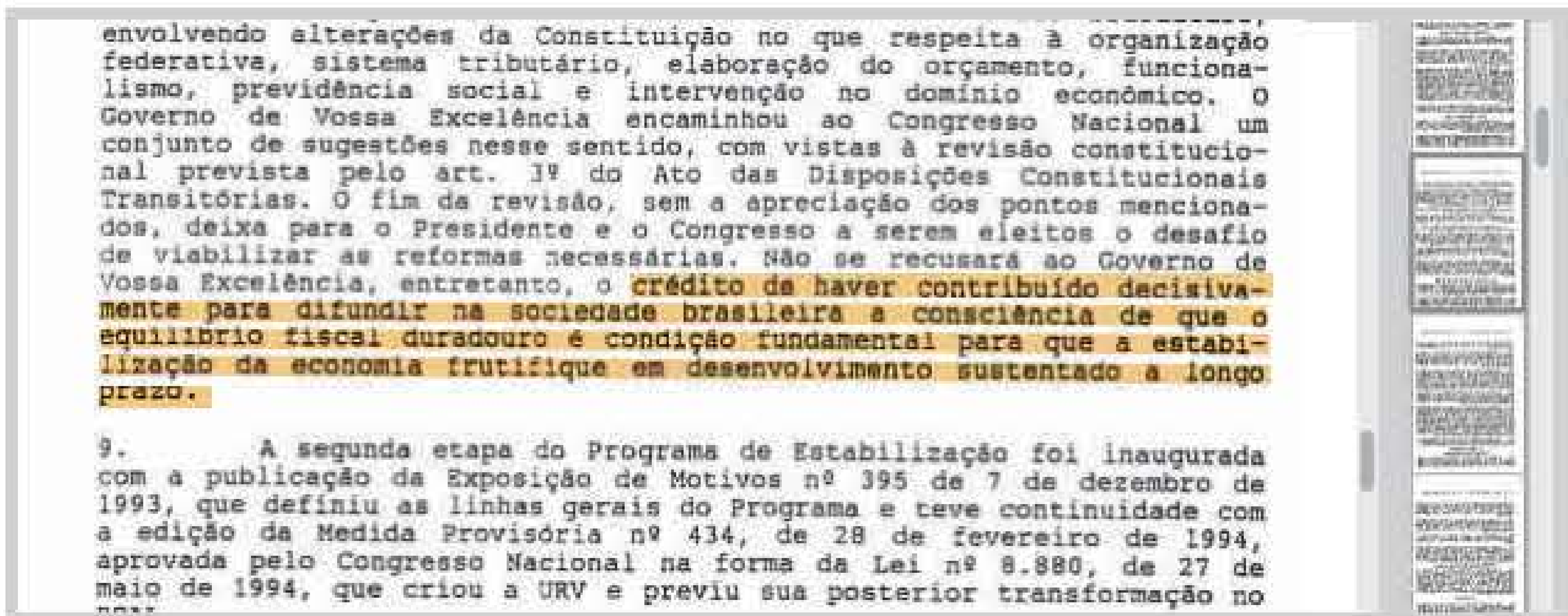
E.M. Interministerial Nº 205/MF/SEPLAN/MJ/MTb/MPS/MS/SAF

Brasília, 30 de junho de 1994

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

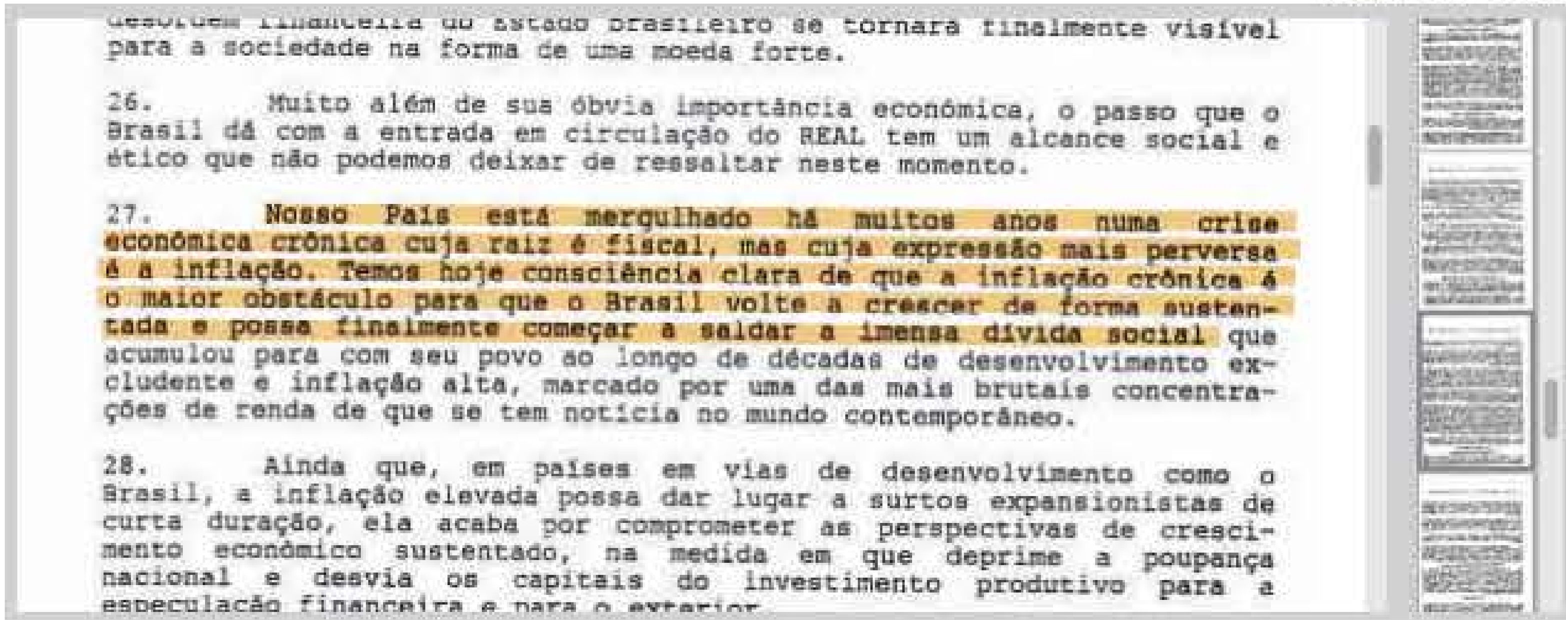
Com a presente Medida Provisória, o Programa de Estabilização Econômica conduzido pelo Governo de Vossa Excelência chega à sua terceira fase, marcada pela entrada em circulação de uma nova moeda nacional de poder aquisitivo estável -- o REAL.

1. A partir de 1º de julho, com a entrada da nova moeda, os brasileiros começarão a sentir os efeitos da queda decisiva da inflação. Cabe recapitular as medidas preparatórias que, cuidadosamente elabora-



envolvendo alterações da Constituição no que respeita à organização federativa, sistema tributário, elaboração do orçamento, funcionalismo, previdência social e intervenção no domínio econômico. O Governo de Vossa Excelência encaminhou ao Congresso Nacional um conjunto de sugestões nesse sentido, com vistas à revisão constitucional prevista pelo art. 3º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. O fim da revisão, sem a apreciação dos pontos mencionados, deixa para o Presidente e o Congresso a serem eleitos o desafio de viabilizar as reformas necessárias. Não se recusará ao Governo de Vossa Excelência, entretanto, o crédito de haver contribuído decisivamente para difundir na sociedade brasileira a consciência de que o equilíbrio fiscal duradouro é condição fundamental para que a estabilização da economia frutifique em desenvolvimento sustentado a longo prazo.

9. A segunda etapa do Programa de Estabilização foi inaugurada com a publicação da Exposição de Motivos nº 395 de 7 de dezembro de 1993, que definiu as linhas gerais do Programa e teve continuidade com a edição da Medida Provisória nº 434, de 28 de fevereiro de 1994, aprovada pelo Congresso Nacional na forma da Lei nº 8.880, de 27 de maio de 1994, que criou a URV e previu sua posterior transformação no



desordem financeira do Estado brasileiro se tornará finalmente visível para a sociedade na forma de uma moeda forte.

26. Muito além de sua óbvia importância econômica, o passo que o Brasil dá com a entrada em circulação do REAL tem um alcance social e ético que não podemos deixar de ressaltar neste momento.

27. Nosso País está mergulhado há muitos anos numa crise econômica crônica cuja raiz é fiscal, mas cuja expressão mais perversa é a inflação. Temos hoje consciência clara de que a inflação crônica é o maior obstáculo para que o Brasil volte a crescer de forma sustentada e possa finalmente começar a saldar a imensa dívida social que acumulou para com seu povo ao longo de décadas de desenvolvimento excludente e inflação alta, marcado por uma das mais brutais concentrações de renda de que se tem notícia no mundo contemporâneo.

28. Ainda que, em países em vias de desenvolvimento como o Brasil, a inflação elevada possa dar lugar a surtos expansionistas de curta duração, ela acaba por comprometer as perspectivas de crescimento econômico sustentado, na medida em que deprime a poupança nacional e desvia os capitais do investimento produtivo para a especulação financeira e para o exterior.



RUBENS RICUPERO
Ministro de Estado da Fazenda

BENEDITO CLAYTON VERAS ALCÂNTARA
Ministro Chefe da Secretaria de Planejamento, Orçamento e Coordenação

ALEXANDRE DE PAULA DUPEYRAT MARTINS
Ministro de Estado da Justiça

MARCELO PIMENTEL
Ministro de Estado do Trabalho

SÉRGIO CUTOLO DOS SANTOS
Ministro de Estado da Previdência Social

HENRIQUE ANTONIO SANTILLO
Ministro de Estado da Saúde

ROMILDO CANHIM
Ministro Chefe da Secretaria da Administração Federal

Os fracassos do centro liberal

Presidente da França queria reduzir esquerda e direita a extremos minoritários

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

A ultradireita deve ter perto de 37% dos votos no primeiro turno da eleição legislativa da França, neste domingo. A coalizão de esquerda, ecologistas e centro-esquerda teria 29%. A coalizão de centro, liderada pelo presidente da República, Emmanuel Macron, ficaria com 20%. O que restou da centro-direita, 7%. É o que diziam pesquisas (Ifop, Ipsos).

Suponha-se que viesse a ser essa a composição da Assembleia Nacional, o que é bem incerto, dado o sistema eleitoral. Seria o resultado, em parte, do fracasso político de Macron.

Seria também mais um capítulo dos fracassos de público dos partidos de centro. Isto é, dessa convergência de centro-esquerda e centro-direita no centrismo liberal-tecnocrático, evidente desde os anos 1990 no mundo rico.

Macron teria de chamar a ultradireita para formar um governo minoritário, a Reunião Nacional, de Marine Le Pen. Apenas por milagre haveria aliança do "Juntos" de Macron com a salada da esquerda (socialistas, ecologistas e "França Insubmissa", esquerdona tradicional, majoritária nessa coalizão).

Macron foi eleito presidente em 2017. Incentivou a eleição de deputados novatos. Pregava a oxigenação do sistema político, a reaproximação de governo e cidadãos, a modernização da França (liberalizar um pouco). Sentia o cheiro de queimado no sistema político.

Levava consigo parte das sobras da ruína do Partido Socialista (centro-esquerda); começou a sugar o sangue da centro-direita, que também minguou. Pretendia criar um grande centro, um "mundo novo", relegando esquerda e direita para extremos com votações minoritárias.

Parece que não deu certo.

O projeto de renovação política logo murchou. Macron viria a se tornar versão tardia da "Terceira Via", de líderes como Bill Clinton (presidente democrata dos EUA, 1993-2001) e Tony Blair (premiê trabalhista britânico, 1997-2007).

A Terceira Via era o nome fantasia de governos liberal-tecnocráticos, da indistinção de centro-esquerda e centro-direita. Sob vários aspectos, são o motivo político das crises socioeconômicas do século 20 e, pois, da atual crise antissistema, com derivas autoritárias.

Macron não soube lidar com a revolta popular dos "coletes amarelos", que começou como protesto contra um imposto verde sobre combustíveis, em 2019. Fez reforma trabalhista, baixou impostos sobre empresas. O povo miúdo e do interior ficou meio na mesma.

Reeleito em 2022, abraçou de vez a centro-direita. Endureceu leis para imigrantes. Enfiou pela goela dos franceses, por decreto, uma reforma da Previdência que causou protestos de rua gigantescos (2023). Sua aprovação desceu então a 26% (está em 30%). No começo do governo, em 2017, passava de 60%. Na epidemia, ficou em torno de 40%.

Foi do Partido Socialista. É quadro da cúpula intelectual, cultural e política da França. Graduou-se em filosofia, formou-se no ninho da elite executiva, na Escola Nacional de Administração, fez mestrado em políticas públicas, foi executivo do banco Rotschild.

Pouco depois de eleito, ficou conhecido como "presidente dos ricos", arrogante, imperial, "Júpiter". O crescimento do PIB per capita desde 2017 foi de 5%. Melhor que os 3% da Alemanha, pior do que Itália, Espanha, Portugal e da média da eurozona.

Já houve "coabitação" (presidente de um partido, primeiro-ministro e ministério de outro). Mas são raras as coalizões ideológicas mistas na França. A exceção maior foi na Quarta República (1946-58), que teve 22 governos em 12 anos, em contexto político muito diferente, instável e na iminência de revolução, que não cabe rememorar aqui, hoje.

Ora não há diálogo possível no "tripartismo", como até houve no pós-guerra (Macron chama os programas adversários de ameaça de "guerra civil").

Há limites políticos, econômicos, institucionais e internacionais para os planos da esquerda e da ultradireita. O plano macronista de criar um centro grande, dominante e renovado, não dá conta das crises sociais e de outras insatisfações do eleitorado.

O mandato de Macron vai até 2027. Até lá, governos parlamentares podem cair em série e paralisar o país. Em meados de 2025, pode haver outra eleição parlamentar.

Difícil é achar saída para a crise do século 21.

Calor de data centers pode aquecer chuveiros e piscinas

Tecnologia é usada na Europa e no Canadá durante períodos de inverno

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Pedro S. Teixeira

SÃO PAULO Essenciais para o funcionamento de uma gama de serviços digitais disponíveis nos smartphones, computadores e na internet, os data centers geram um desafio ambiental: o alto custo energético para processar dados.

Uma planta de grandes dimensões, de 30 megawatts, gasta sozinha, em média, a mesma energia do que 16,3 mil casas brasileiras, de acordo com estimativas do Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica da Eletrobras. E esse consumo deve aumentar com a ampla adoção de inteligência artificial.

Uma das empresas do setor, a Equinix, propõe uma solução: reaproveitar o calor gerado pelas máquinas para esquentar piscinas, casas e outros ambientes. O mecanismo é parecido com o de um "boiler", usado para esquentar chuveiros com energia solar.

Os data centers geram de 25° C a 30°C de calor, que podem ser usados para aquecer serpentinas de água corrente.

Essas reservas aquecidas, então, são levadas a uma placa de troca de calor, cujo objetivo é redirecionar a energia térmica para uma segunda tubulação de água, que atinge de 60° C a 90° C.

Depois de passar pela placa de troca de calor, a água está pronta para uso doméstico, seja em calefação, piscinas aquecidas ou chuveiros.

A Equinix planeja exportar, a partir de julho, calor de uma de suas plantas em Paris, na França, para o Centro Aquático Olímpico, que sediará eventos durante os Jogos Olímpicos de 2024. A empresa já implementou iniciativas de exportação de calor em toda a Europa e nas Américas, com projetos na França, Finlândia, Alemanha, Irlanda, Suíça e Canadá. Agora, quer trazer a tecnologia para o Brasil.

O país teria uma reserva de calor gerado por data centers relevante, já que conta com 130 unidades de processamento em seu território, de acordo com o levantamento colaborativo Data Center Map. "O projeto de exportação de calor é uma oportunidade de reaproveitar a eletricidade já gasta", diz o presidente da Equinix no Brasil, Victor Arnaud.

Há, contudo, um desafio, segundo o executivo. Os municípios brasileiros não têm infraestrutura de distribuição de calor, já instalada em cidades de países com clima temperado em função da demanda de calefação durante o inverno rigoroso.

"Em locais do Brasil onde faz muito frio, já existe alguma estrutura, mas onde não é tão frio, não há redes públicas de calefação. Mas nada impede a criação de uma rede de distribuição de calor, o que não é tão complexo", diz Arnaud.

Para isso, contudo, seria necessário haver vontade dos formuladores de políticas públicas para construir as redes ou facilitar a execução dessas obras, segundo o executivo.

No Brasil, a empresa mantém plantas em São Paulo, Barueri, na Grande SP, Santana do Parnaíba e Rio de Janeiro.

"Ainda é preciso muita conversa para colocarmos o projeto em prática, mas eu acredito ser possível implementar projetos de exportação de calor em São Paulo, no Rio de Janeiro e também em outros países da América Latina", afirma Arnaus.

O desafio de minimizar uma enorme pegada energética paira sobre toda a indústria de data centers.

A AIE (Agência Internacional de Energia) estimou, em relatório do início deste ano, que o consumo de energia elétrica nas plantas industriais por trás do mundo digital possa passar dos 460 terawatt-hora (TWh) registrados em 2022 para 1.050 TWh em 2026. Para se ter uma ideia, o consumo total de energia no Brasil no ano passado foi de 509 TWh.

A alta de gasto de eletricidade seria puxada, majoritariamente, pela ampla adoção de inteligência artificial, já que a tecnologia exige grande volume de dados e cálculos computacionais complexos.

Além da Equinix, outras empresas do setor de datacenters, como Elea, Ascenty e Scala correm para apresentar à sociedade medidas para diminuir a dependência de combustíveis fósseis como fonte de eletricidade e usam a infraestrutura de energia limpa brasileira para melhorar números globais. Quase 90% da matriz energética brasileira é livre de carbono, segundo dados da AIE.

No Brasil, as quatro provedoras de data centers citadas afirmam usar 100% de energia limpa. Arnaud, da Equinix, diz que a matriz energética brasileira facilita seu trabalho nesse sentido.

"Eu poderia me acomodar com esse número, mas implementar um projeto de transporte de energia nos traz a chance de reaproveitar energia elétrica já utilizada e diminuir consumo total das cidades em que estamos instalados", afirma o executivo.



Vacas em Tjele, norte da Dinamarca Ritzau Scanpix/via Reuters

Dinamarca quer taxa de R$ 600 a vaca por emissões

FINANCIAL TIMES A Dinamarca pode começar a cobrar em breve de seus pecuaristas cerca de R$ 600 por ano pelas emissões de gases de efeito estufa de cada uma de suas vacas, na primeira taxação sobre carbono na agricultura do mundo.

Após meses de negociações com entidades comerciais e grupos ambientais, a coalizão governista do país chegou a um acordo nesta semana sobre um tributo de 120 coroas dinamarquesas (R$ 96) por tonelada de emissões de CO_2 da pecuária, incluindo vacas e porcos.

Países ao redor do mundo estão lutando para reduzir as emissões de poluentes na produção de alimentos —que representam quase um quarto das emissões globais— enquanto garantem a segurança alimentar.

A vaca dinamarquesa média produz seis toneladas de CO_2 equivalente por ano, de acordo com o think-tank ambiental Concito. Assim, cobrando a taxa de 120 coroas dinamarquesas por tonelada, o imposto sobre cada animal seria de cerca de 720 coroas, ou cerca de R$ 578.

Animais ruminantes, como vacas e ovelhas, produzem metano por meio de seus sistemas digestivos. Os fertilizantes nitrogenados sintéticos na grama que eles comem também produzem gases de efeito estufa.

A pecuária representa cerca de 11% das emissões globais, com quase dois terços disso proveniente das vacas.

Mette Frederiksen, primeira-ministra de centro-esquerda da Dinamarca, disse que espera que o imposto "seja referência regional e global" para iniciativas semelhantes.

A organização de agricultores Bæredygtigt Landbrug, que não participou das negociações, criticou o acordo.

"Acho que é loucura", disse Peter Kiær, presidente do Bæredygtigt Landbrug, acrescentando que isso dificultaria o investimento em tecnologia tão necessário em um país que já é um dos maiores produtores verdes do mundo. "[O governo] não está ouvindo os agricultores".

Lars Aagaard, ministro do clima do país, disse que a agricultura é o maior emissor de gases de efeito estufa da Dinamarca. "Isso não pode continuar", afirmou. "A agricultura deve contribuir e fazer parte do futuro verde."

Peder Tuborgh, CEO da cooperativa de laticínios Arla Foods, com sede na Dinamarca, disse que o regime de impostos pode afetar injustamente alguns agricultores, incluindo produtores orgânicos, que já estavam fazendo tudo o que podiam para reduzir as emissões, e pediu aos políticos que examinassem o tema mais a fundo.

A Comissão Europeia está estudando como poderia estabelecer um sistema comum em toda a UE, analisando opções como exigir que os agricultores e proprietários de terras paguem diretamente por suas emissões.

Kristian Hundebøll, CEO do DLG Group, uma das maiores agroindústrias da Europa, afirmou que é "crucial" que o imposto seja "ancorado na Europa" em vez de a Dinamarca agir unilateralmente.

CAMARA MUNICIPAL DE PALMITAL
Extrato de publicação
CONCORRÊNCIA ELETRÔNICA - 01/2024 – Nº PROC. ADM. 36/2024

Extrato de publicação gerado automaticamente pelo sistema BLLCOMPRAS torna público para conhecimento dos interessados que o órgão PALMITAL CAMARA MUNICIPAL, de acordo com a regulamentação Lei nº 14.133/21, Art. 28, inc. I realizará CONCORRÊNCIA ELETRÔNICA sendo conduzido por ADRIANO BACHETTA MEIRA e tendo como autoridade CRISTIAN RODRIGO ALVES NOGUEIRA. PUBLICAÇÃO: 28/06/2024 11:43. INÍCIO REC. PROPOSTA: 02/07/2024 08:00. FIM REC. PROPOSTA: 18/07/2024 07:59. INÍCIO DISPUTA: 18/07/2024 09:00. TIPO DE LANCE: MENOR LANCE. TIPO ENCERRAMENTO: ABERTO. EXCLUSIVO ME: NÃO. VALOR TOTAL DO PROCESSO: R$ 490.800,4100. OBJETO DO PROCESSO. CONTRATAÇÃO DE EMPRESA ESPECIALIZADA PARA REALIZAR REFORMA E AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO SEDE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PALMITAL/SP - 2ª ETAPA, CONFORME INSTRUÇÕES CONTIDAS NAS PLANILHAS, CRONOGRAMA E PROJETOS, QUE SEGUEM ANEXO. OBSERVAÇÕES DO PROCESSO. Será exigida garantia adicional do licitante vencedor cuja proposta for inferior a 85% (oitenta e cinco por cento) do valor orçado pela Administração, equivalente à diferença entre este último e o valor da proposta. Conforme cláusula 10.11 do Edital. Para demais informações contato via e-mail: licitacao@palmital.sp.leg.br, telefone: 1833511214 ou acesso pelo link: https://bllcompras.com/Process/ProcessView?param1=%5Bgkz%5D9CCGQs4ul9PAY0k5kzZ2QzGLrRxqkSnhIZoI6IYJFE5bcPRcjI7cTEJV%2FjiAmNz%2FCysUiXIrw4QDdu3gjhvUK1%2Fay%2FVGw96d16mzmxtAn0c%3D
ADRIANO BACHETTA MEIRA - PALMITAL-SP - 28/06/2024


Lavoura de soja na zona rural de Luis Eduardo Magalhaes, no oeste da Bahia Lalo de Almeida/Folhapress

China troca soja americana pela brasileira, diz consultoria

AgResource, dos EUA, vê comércio global impactado pelo cenário político

Nelson de Sá

PEQUIM A China estaria deixando de comprar soja americana, podendo se voltar quase inteiramente para a commodity brasileira. Foi o que concluiu, em tom de aviso, um relatório da consultoria americana AgResource, publicado pelo site da Bolsa de Mercadorias de Chicago.

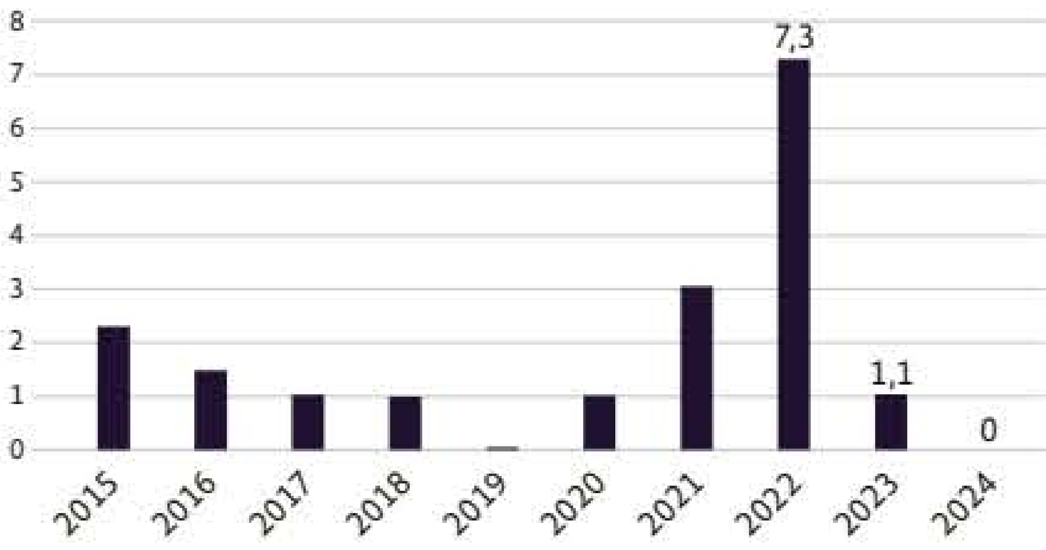
"Em meados de maio, a China já teria normalmente garantido pelo menos 1 milhão de toneladas de soja dos Estados Unidos para entrega no ano comercial seguinte", afirma o texto. "Neste ano, os EUA não venderam uma tonelada à China para entrega no ano comercial 2024/25."

Com isso, "é possível que a China, em 2025 e além, consiga obter quase toda a sua soja do Brasil". O "white paper" da AgResource recorre a dados do Departamento de Agricultura dos EUA para sustentar sua avaliação.

De imediato, para este ano, o quadro dependeria da safra brasileira, se consegue ou não confirmar um volume capaz de suprir a demanda chinesa a ponto de Pequim prescindir da soja dos EUA. Seja como for, "não parece que a China vá importar uma tonelada sequer dos EUA acima do que absolutamente precisar".

Exportação de soja americana para a China

Vendas da nova safra em meados de maio, nos últimos dez anos, em milhões de toneladas



Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos/AgResource

Daí para a frente, o relatório se diz preocupado que o comércio mundial de soja seja "impactado pela política" devido às relações abaladas entre Washington e Pequim. Não haveria perspectiva de melhora "não importa quem seja presidente em janeiro de 2025", se Joe Biden ou Donald Trump.

O relatório foi recebido com ceticismo no Brasil, apontando-se para o risco de dependência ainda maior do país frente à China, mas sobretudo na direção contrária.

Para o ex-presidente da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), hoje coordenador do Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, Guilherme Bastos, a projeção da AgResource não é factível, sublinhando que a China evitaria depender tanto do Brasil.

"Eles fazerem o suprimento de apenas uma fonte é muito pouco provável, eles não são loucos", diz o engenheiro agrônomo.

"Quando começou a primeira guerra comercial do Trump com a China, de fato, houve desaceleração nas compras, tanto que abriu oportunidades para o Brasil. Mas parar completamente, não."

Ele lembra que no início de junho, diante da medida provisória brasileira que restringia uma compensação de tributos no setor, a China voltou imediatamente a comprar soja nos EUA. A MP foi abandonada pouco depois.

Bastos acrescenta que "sempre tem a questão de preço", como evidenciado no próprio levantamento. No momento, o Brasil tem os preços mais competitivos, enquanto os EUA estão na entressafra, "plantando agora a próxima safra".

Por outro lado, ele avalia que "o Brasil tem excedente exportável para atender a demanda chinesa" por soja. Ela estaria entre 105 milhões e 106 milhões de toneladas, e o excedente brasileiro, pouco abaixo disso, em 101 milhões e 102 milhões de toneladas.

Para ele, a China só deixaria de importar dos EUA se o quadro geopolítico mudasse: "Ela pode [fazê-lo ao] ver complicações lá na frente, retaliações em termos comerciais".

Questionado sobre o risco de dependência do Brasil em soja, na saída de um evento com o setor agrícola brasileiro em Pequim, o chefe do Departamento Internacional do Partido Comunista, Liu Jianchao, respondeu: "Como disse o presidente Xi Jinping, temos que segurar a tigela de arroz em nossas próprias mãos".

"Somos capazes de abastecer nosso povo com nosso próprio campo produzindo alimentos", disse. "Mas garantimos, em relação à segurança alimentar, a cooperação de que precisamos com outros países, inclusive o Brasil, um parceiro muito forte e importante."

Acrescentou que a China tem boas relações, para tanto, "com países como a Rússia, como o Vietnã, como os Estados Unidos também. Precisamos ter essa colaboração, para garantir a segurança alimentar".

Cotado para ser o próximo chanceler chinês, Liu disse que o forte vínculo sino-brasileiro em agricultura, que no evento abordou desde a produção de pequenos tratores chineses no Nordeste até a cooperação entre as principais faculdades da área, serve de modelo para outros países em desenvolvimento.

E que, "diante do consenso entre ambos os líderes [Xi e Lula], há uma boa oportunidade para levar adiante" essa relação. "Haverá algumas ações de Estado muito importantes, paralelamente à cúpula do G20 no Brasil", afirmou.


Amigas em trajes típicos chamados "hanbok" em frente ao palácio Gyeongbokgung, em Seul Anthony Wallace/AFP

Ter poupança conjunta com amigos é comum na Coreia do Sul; conheça os 'gyemoim'

Krissi Driver

THE NEW YORK TIMES No final de 2023, Jina Kim e duas amigas esbanjaram em uma estadia de duas noites no Ananti at Busan Cove, resort de luxo em Busan, na Coreia do Sul. Com quartos a partir de US$ 369 a diária (cerca de R$ 2.060), o complexo tem spas, oito restaurantes, trilhas e praias privativas e uma piscina coberta de 4.600 metros abastecida com água termal.

"Nós passamos o dia inteiro no resort, nadando, comendo e bebendo", disse Kim, 32, ex-professora e hoje mãe em tempo integral.

Ela e suas amigas não estavam preocupadas com o preço da viagem. Isso porque haviam passado mais de uma década economizando em um "gyemoim", um termo coreano para pessoas que formam grupos de planejamento financeiro para guardar dinheiro para despesas futuras —uma poupança compartilhada.

Os gyemoim podem ajudar amigos ou famílias a dividir os custos de viagem igualmente para que todos possam participar, independentemente do orçamento pessoal.

Cada membro contribui com uma quantia, geralmente entre US$ 10 (R$ 55,90) e US$ 50 (R$ 278) por mês. Conforme o saldo aumenta, os participantes discutem como gastá-lo juntos.

"Se não tivéssemos feito o gyemoim, teria sido muito difícil organizar esse tipo de viagem", disse Kim. "Teria custado muito caro, e não queríamos que outros membros se sentissem pressionados."

O planejamento financeiro coletivo acontece também em outros lugares. "Não é algo exclusivo da Coreia do Sul", disse Euncheol Shin, professor associado de economia na Kaist College of Bussiness em Seul.

"A prática se desenvolveu a princípio porque não havia mercado financeiro disponível, e, se você quisesse pegar algum dinheiro emprestado, precisava fazer algum autofinanciamento."

Ele exemplifica com uma vila no século 19 que precisava comprar sementes para cultivar arroz. As estruturas financeiras para pegar empréstimos ainda não existiam em muitos lugares, então as vilas juntavam dinheiro, compravam os suprimentos e dividiam o que colhiam.

Com o tempo, essa prática evoluiu para uma forma de manter amizades fortes e comunidades unidas.

Kim formou seu primeiro gyemoim com duas amigas depois de se conhecerem em um clube em 2014. As três frequentavam faculdades diferentes e acreditavam que o gyemoim permitiria que se encontrassem regularmente.

Inicialmente, concordaram em contribuir com 15 mil wons (R$ 60) por mês. Ao todo, economizaram mais de 3 milhões de wons (cerca de R$ 12,5 mil) antes de decidirem viajar para o resort.

Na época, as três amigas estavam ocupadas com suas próprias carreiras e famílias, mas permaneceram próximas, em parte, por causa do gyemoim, dizem.

Young-hoon Lee, 35, faz parte de um grupo que consiste em duas mulheres e quatro homens, todos contribuindo com 50 mil wons (cerca de R$ 200) por mês.

"Nós ficamos amigos durante o ensino médio, e permanecemos amigos na vida adulta", disse. "Inicialmente, nos reuníamos apenas para nos divertir, mas quando todos começaram a trabalhar, começamos a pensar mais no futuro. Também decidimos nos apoiar mutuamente em eventos importantes da vida, como casamentos ou funerais."

Os grupos de gyemoim funcionam na Coreia por causa da natureza das interações sociais e da cultura de confiança do país. É possível, por exemplo, entrar em um café, deixar sua mochila, notebook e carteira cheia de cartões de crédito e dinheiro na mesa e ir ao banheiro sem precisar se preocupar se tudo continuará lá quando voltar —embora, é claro, ocorram golpes e fraudes como em qualquer lugar.

Formar um grupo para poupar é tão comum na Coreia do Sul que um banco está se adaptando ao costume.

O KakaoBank, um braço do app de comunicação mais popular do país, o KakaoTalk, agora oferece uma conta bancária compartilhada e gerenciada por um titular escolhido.

Lee e Kim começaram seus grupos de gyemoim antes da existência do KakaoBank, e confiaram seus fundos a um membro de seus círculos. Alguns grupos, como o de Lee, ainda preferem esse método antigo de juntar dinheiro. O responsável por gerir o montante foi escolhido por voto.

Os grupos de gyemoim de Kim agora usam a opção do KakaoBank porque ela permite que todos os membros vejam como o dinheiro arrecadado é movimentado.

Esses grupos, no entanto, não duram para sempre. As circunstâncias mudam, os amigos podem se desentender, alguém pode não querer mais participar ou uma nova pessoa pode querer se juntar. Quando isso acontece, cabe ao coletivo decidir como lidar com a situação.

Embora tenha havido uma separação pacífica no gyemoim de Kim, desacordos são comuns. Uma amiga, contou, fazia parte de um gyemoim que acabou quando seus membros não conseguiram chegar a um acordo sobre uma viagem.

Para um grupo ter sucesso, os membros precisam compartilhar interesses e valores semelhantes.